U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Quinta do Tanque em Ponta Delgada, desígnios de projeto entre gerações:

(de)composição de uma intervenção próxima

VOLUME I

Mariana Soares de Albergaria Ivens Brandão

M

2020

U.PORTO

Mariana Soares de Albergaria Ivens Brandão. Quinta do Tanque em Ponta Delgada, desígnios de projeto entre gerações: (de)composição de uma intervenção próxima

Quinta do Tanque em Ponta Delgada, desígnios de projeto entre gerações: (de)composição de uma intervenção próxima

Mariana Soares de Albergaria Ivens Brandão

M.FAUP **2020**

FACULDADE DE ARQUITETURA

QUINTA DO TANQUE EM PONTA DELGADA, DESÍGNIOS DE PROJETO ENTRE GERAÇÕES

(de)composição de uma intervenção próxima

Mariana Soares de Albergaria Ivens Brandão

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
sob a orientação das docentes Carla Garrido de Oliveira e Filipa de Castro Guerreiro

Porto, 2019/2020

Nota à edição:
O texto presente nesta dissertação foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico, porém, poderão existir exceções, como no caso de transcrições, onde se opta por manter a grafia original.
Todas as citações presentes aparecem em itálico, traduzidas livremente pela autora. Quando não integrantes no corpo de texto, mas relevantes num reforço de uma ideia descrita, encontram-se em nota de rodapé na língua em que foi lida a bibliografia.
As fotografias, desenhos e mapas produzidos pela autora são referenciados segundo o código MB0119 (Mariana Brandão, mês, ano), enquanto que os restantes elementos, de outros autores, são referidos na lista e créditos de imagens.
A numeração das notas de rodapé recomeça em cada capítulo.
A presente dissertação foi desenvolvida para que as folhas desdobráveis que se encontram no lado esquerdo (paginação par) do documento permaneçam abertas para um acompanhamento contínuo do capítulo onde se inserem - p. 26, 44 e 144. Pelo contrário, as que se encontram no lado direito (paginação ímpar) referem-se ao momento pontual do texto que os acompanha.

Ao Avô Eugénio

"Em casa do Avô Eugénio e da Avó Lélé?
... é o que a gente quiser."

Agradecimentos

Às docentes orientadoras da presente dissertação, Prof. Doutora Carla Garrido de Oliveira e Prof. Doutora Filipa de Castro Guerreiro, pelo inegável e constante apoio, pelas enriquecedoras conversas, partilha de conhecimento, opiniões e sugestões que tornaram possível este trabalho.

Aos meus pais, pilares da minha vida, a quem palavras me faltam para proferir tamanho agradecimento perante o apoio incondicional e presença assídua em todas as etapas e em todos os momentos.

Ao Avô Eugénio, pela generosidade de aceitar fazer parte deste meu percurso e caminhar comigo na partilha de informação, conhecimento e experiência, que vai muito além da definição deste trabalho.

Aos meus irmãos, que são presença fundamental e suporte da minha existência.

À família que o Porto me deu: à Bruna por todas as mais diversas conversas que sempre me aquecem o coração e especial apoio neste momento final; à Daniela, pela presença em todas as horas e companhia neste percurso do início ao fim - o meu norte no desnorte; ao Luís, pela incansável predisposição e paciência, troca de ideias e especial brilho nos olhos que me contagia o entusiasmo projetual; por fim, mas não por último, à Maria, pela amizade, pela partilha, pelo equilíbrio perfeito entre a razão e a diversão.

Ao António, à Mariana, ao Henrique pelo ombro amigo, apoio incondicional e paciência em todos os momentos.

A todos aqueles que fizeram parte deste percurso e que o influenciaram e guiaram das mais diversas formas.
A todos expresso um sincero obrigada.

Resumo

A presente dissertação tem como ponto de partida uma inquietação pessoal que representa uma preocupação geracional no seio familiar da autora que, perante um futuro que se adivinha incerto, propõe-se refletir quanto a uma possível intervenção na Quinta do Tanque em Ponta Delgada, com o principal intuito de proporcionar uma fonte de rendimento à propriedade a partir da sua requalificação. A intervenção, apesar de propor uma nova dinâmica, visa preservar o património em família e, em simultâneo, continuar a permitir a vivência quotidiana regular dos proprietários, pelo que se opta por um programa de uso pontual, capaz de albergar diversos momentos sociais ou festivos.

Pelo conhecimento de que o objeto de estudo subsiste com um caráter inacabado pela incompletude do projeto original, e pela inexistência de uma encomenda objetiva à partida, o nosso projeto pretende refletir e atuar sobre a composição volumétrica e, em simultâneo, motivar o programa, isto é: operar a forma a par da função.

A proposta - inicialmente movida por um conjunto de desígnios e princípios equacionados pelas várias gerações que habitaram a propriedade ao longo do tempo - é norteada por uma exploração e consequentes respostas a temas de composição, cujo principal foco é o reequilíbrio da volumetria pré-existente e a qualificação do espaço.

Assim, através de um objeto de estudo particular e um propósito de intervenção específico, que desperta aspetos arquitetónicos pertinentes e prementes quanto à realidade do trabalho de um arquiteto - permite-se um pensamento e ação projetual críticos para um exercício de projeto que procure e formule o desafio a par da sua resolução.

Palavras chave: arquitetura; quinta de recreio; ponta delgada; história da casa e da família.

Abstract

The present dissertation began as a personal restlessness which represents a generational concern within the author's family, who in face of an uncertain future, proposes to think over a possible intervention in Quinta do Tanque in Ponta Delgada, with the main purpose of giving a source of income to the property with its requalification. The intervention, in spite of proposing a new dynamic, aims to preserve the family's heritage and simultaneously to enable the family to live within the estate on a regular basis. Thus, the author opted for a program of specific use, capable of enclosing several social and festive moments.

Knowing that the study object remains unfinished as the original project was never complete, and as there was not an objective order or contract, the project aims to reflect and act over the volumetric composition and simultaneously to motivate the program, that is, to operate the form as well as the function.

The proposal – initially driven by a set of intentions and principles considered by the several generations who inhabited the estate throughout the time – is guided by an exploration and consequent responses to composition issues, whose main focus is the pre-existing volumetric rebalance and the space qualification.

Thus, with a particular study object and a specific intervention purpose, which arouses relevant and pressing architectural aspects as for the real work of an architect – allowing a critical project thought and action – the author proposes a project exercise which formulates the challenge as well as its resolution.

Key words: architecture; villa; ponta delgada; family's heritage.

Agradecimentos 7
Resumo 9
Abstract 11

Sumário

00. Introdução 17

I. Quinta do Tanque: a circunstância

01. O Momento 22
02. O Lugar 26

II. Desígnios entre gerações: aproximação ao problema

01. Análise e Interpretação retrospetiva entre gerações 44
01.1 1ª geração: Morgado Laureano 46
01.2 2ª geração: Eduardo Soares de Albergaria 66
01.3 3ª geração: Eugénio Soares de Albergaria 78
02. Pré-existência - transformação e tempo 86

III. (De)Composição do problema: premissas, princípios, programa

01. Construção do problema
01.1 Reconhecimento dos gestos percursores de projeto 94
01.2 Atribuir função aos gestos: O Uso-proposição do programa 98
02. Exploração projetual: aproximação à proposta 104

IV. Projeto: desígnio de uma intervenção próxima

01. Intervenção
01.1 Síntese Desenhada 128
01.2 Percurso 144
01.3 Materialidade, Vãos, Coberturas 158
02. Faseamento 169

"***concluída que esteja a casa***" 175

Apêndice (s) e Anexos .....Volume II

Referências Bibliográficas 178
Créditos de Imagens 180

"De há muito nos conhecíamos... Mas só comecei a conhecê-la melhor quando, juntos iniciamos o romance da sua – e nossa – transformação. Havia que tocar-lhe e tocar-lhe foi um ato de amor, longo e lento, persistente e cauteloso, com dúvidas e certezas, foi um processo sinuoso e flexível e não um projecto de estirador, foi um método de homem apaixonado e não de frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho de papel. (...) De há muito que nos conhecíamos. Porém agora conhecemo-nos melhor e ambos estamos diferentes."

Fernando Távora, "A casa da Covilhã, Guimarães, 1973-1976" in *Fernando Távora* (ed. Luiz Trigueiros), Lisboa, Blau, 1993, p.128-130

00. Introdução

Objeto
Objetivo
Motivação

Propõe-se, com a presente dissertação, desenvolver uma aproximação a uma resposta concreta face a um desafio de projeto em contexto real. Deste modo, e através de um objeto de estudo particular - assinalado por uma inquietação pessoal - procura-se que o desafio introduza e responda a argumentos arquitetónicos relevantes para uma consciencialização individual de uma ação projetual crítica.

O objeto de estudo sobre o qual nos debruçamos diz respeito à propriedade da Quinta do Tanque: localizada na cidade de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, pertencente ao arquipélago dos Açores. A Quinta remete ao século XIX e contrai relevância no meio territorial onde se insere, pois surge no seguimento de um grande desenvolvimento económico de influência inglesa, que marca o contexto insular, propiciado pela "*produção de laranja, destinada à exportação,* [que] *viria a enriquecer os proprietários micaelenses, em particular, e a população açoriana, em geral, durante mais de cem anos.*"[1] A propriedade, pertencente a familiares da autora, é atualmente marcada pela influência dos sucessivos tempos e gerações, caracterizando-se, assim, pela contínua e incessante procura de resposta às necessidades correntes, que motiva diversas modificações ao longo dos anos da sua existência.

É neste sentido, e consequente seguimento, que surge a motivação inerente ao desenvolvimento deste trabalho: pretende-se responder a uma inquietação pessoal - adquirida e representativa de uma preocupação geracional no seio familiar - de, perante um futuro que se adivinha incerto, refletir quanto a uma possível intervenção na propriedade, com o intuito de lhe permitir uma fonte de rendimento para que se preserve o património em família, sem que se exclua a vivência quotidiana dos proprietários na Quinta.

Assim, perante um propósito projetual definido, e um desafio de desenho por definir – tendo em conta que não é facultada uma encomenda objetiva – aspiramos, com o conhecimento à priori que detemos da propriedade, posicionarmo-nos de forma crítica, enquanto estudante de arquitetura, perante as transformações realizadas na Quinta, de modo a, consequentemente, colmatar os problemas existentes com a incorporação de um novo uso. O objetivo é, assim, o de construir e definir o problema de projeto em paralelo com a sua resolução, nutrindo uma posição crítica, informada quanto ao tema da intervenção posta em causa.

1. DIAS, Fátima Sequeira, "A importância da "economia da laranja" no Arquipélago dos Açores durante o séc. XIX". Sep. da revista *Arquipélago-história*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1955, vol. II, p. 189

A presente dissertação, cujo principal foco é o projeto e o processo a ele inerente, divide-se em duas partes que funcionam em complementaridade: a primeira corresponde ao corpo de texto principal, onde se desenvolve a estruturação do discurso que constrói e responde ao desafio projetual; a segunda, a um apêndice, que reúne textos e elementos gráficos produzidos pela autora - referentes ao aprofundamento de temas relevantes no processo de trabalho e de estudos realizados no seu desenvolvimento. A primeira parte reúne todas as informações imperativas que criaram e que, consequentemente, permitiram formular uma resposta ao propósito projetual, enunciando uma proposta-solução de projeto. A segunda parte convoca reflexões formuladas na consciencialização dos estímulos, que foram surgindo na evolução do trabalho, e que permitiram a síntese de ideias invocadas na primeira parte.

Perante um propósito desprovido de encomenda, como já referido, é necessário um prévio exercício de construção do problema de projeto, de modo a que o mesmo possa enunciar elementos que construam a fundamentação das opções tomadas na proposta a desenvolver. Desta forma, optou-se por apresentar a estrutura desta dissertação à semelhança do processo realizado, visto que o resultado final está integralmente vinculado a esse mesmo processo, de reconhecimento prévio e consequente definição dos argumentos inerentes ao exercício, que, por sua vez, justificam a defesa da proposta.

Determina-se, então, ao longo de todo o trabalho, uma estrutura dividida em quatro momentos, cada qual subdividido em duas partes, à exceção do último momento tripartido, que expõem diferentes assuntos dentro de um mesmo tema. Sendo que no início de cada capítulo procedemos à exposição dos assuntos tratados de forma objetiva e particular, introduzimos à priori e de forma breve a estrutura geral da presente dissertação.

_ O primeiro capítulo, **Quinta do Tanque: a circunstância**, realiza uma primeira aproximação ao contexto onde se insere o objeto de estudo; introduz o mote que impulsiona o desenvolvimento da presente dissertação; e apresenta a propriedade na sua totalidade, propondo dar a conhecer a quinta e, ao mesmo tempo, criar um filtro de distanciamento - que procura uma possível libertação da própria autora de um olhar viciado pela proximidade afetiva com o lugar.

_ O segundo capítulo, **Desígnios entre gerações: aproximação ao problema**, realiza, num primeiro momento, uma análise, reflexão e interpretação sobre os desígnios referentes a cada geração e às transformações efetivas realizadas na propriedade desde 1835 até aos dias de hoje. Este ponto pretende reconhecer os sinais da pré-existência a par de encontrar a definição do argumento arquitetónico.

Num segundo propõe-se realizar uma reflexão em torno da posição crítica sobre o tema teórico despertado - o desafio de projeto de *construir no construído*[2] .

_ O terceiro capítulo, **(De)Composição do problema: premissas, princípios, programa**, reúne, numa integral dependência com a análise realizada, argumentos projetuais que informam o exercício de projeto, a par da atribuição de função a esses mesmos gestos. Neste momento, definem-se as condicionantes necessárias a considerar para uma proposta-solução e inicia-se a exposição da vasta exploração de hipóteses e extensa consideração de temas na procura por uma resposta adequada.

_ O quarto capítulo, **Projeto: desígnio de uma intervenção próxima,** expõe à priori a síntese desenhada da proposta-solução, para um primeiro reconhecimento projetual. Num segundo momento explicita a resposta às condicionantes impostas no capítulo anterior, apoiada nas leituras bibliográficas e arquitetónicas de obras de referência, para sustentação da proposta. Num terceiro momento, e de um ponto de vista conclusivo, considera-se o estudo de duas possíveis linhas de ação, tendo em vista uma execução faseada da proposta.

2. Título da obra de Francisco de Gracia: *Construir en lo construído: la arquitectura como modificación*

I. Quinta do Tanque: a circunstância

01. O Momento

- O Contexto
- O Mote

02. O Lugar

- Levamentamento
- Visão Geral
- Visitas: Sul - Norte
  Norte - Sul

- Decomposição (inquietações)

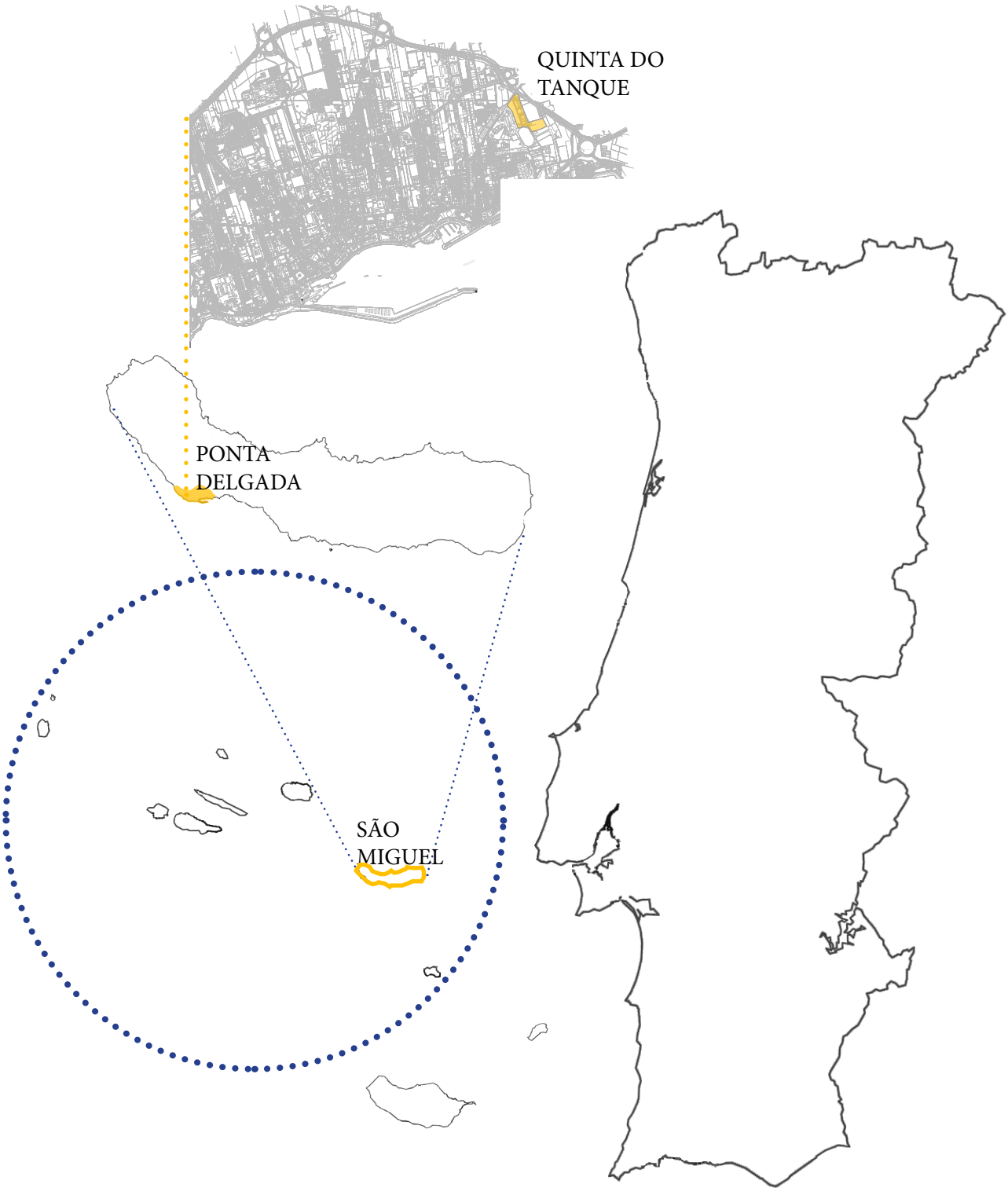
"A criação arquitectónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar. O projecto, e a construção, exigem dos autores que se libertem dessa emoção, num progressivo distanciamento - transmitindo-a inteira e oculta. A partir daí, a emoção pertence ao(s) outro(s). (...) Esse parece ser o caminho único para qualquer síntese, compacta como que para que se torne Forma, isto é, compreensível e funcional: bela."[1]

Interessa-nos primeiramente apreender que a criação arquitetónica se inicia movida pela existência de dois fatores: um ***momento*** – circunstância que impõe inquietações e exige respostas – e um ***lugar*** – área que limita o espaço de ação.

Tomando como certa a nossa proximidade com o objeto de estudo e com a causa que motiva o objet(iv)o desta dissertação, reforçando o estado de ***emoção*** envolto neste processo projetual, parece-nos importante, num primeiro momento, criar um exercício de ***distanciamento*** no (re)visitar e (re)conhecer do local.

Neste sentido, propomo-nos neste primeiro capítulo a expor ***ao(s) outro(s)*** as inquietações que motivam a intervenção, apresentando o objeto de estudo, e evitando os pré-conceitos de quem sempre habitou aquele espaço, com o intuito de ganhar espírito crítico na análise do problema e consequente proposição de uma prática de projeto.

1. SIZA, Álvaro, "Prefácio" in *01 Textos*, Civilização Editora, Porto, 2009, p.109



1. Localização: Representação de Portugal Continental com as duas regiões insulares: Madeira e Açores. Em destaque um progressivo foco à localização do nosso objeto de estudo.
Planta de Ponta Delgada, escala 1.50000. MB0120

I. 01. O Momento

CONTEXTO

Iniciamos esta viagem localizando-nos no arquipélago dos Açores, região insular de Portugal, mais especificamente na ilha de São Miguel, cidade de Ponta Delgada, local onde se insere o nosso objeto de estudo, a propriedade da Quinta do Tanque.

> *"Em S. Miguel a propriedade será, a seguir à morfologia da ilha com as inerentes limitações edafo-climáticas, a condicionante mais importante na arquitectura da paisagem e, como tal, a primeira matriz humana da paisagem, permanecendo estruturante até grande parte do séc. XX."*[2]

A ilha de São Miguel, marcada pela presença de propriedades rústicas ligadas ao cultivo, destaca uma sucessiva evolução do desenho e desenvolvimento do território ao longo dos anos.

Quando falamos em propriedades rústicas definidoras do traçado urbano, referimo-nos a dois conjuntos que formalizam duas morfologias distintas: um primeiro, ligado exclusivamente à produção de cereais, leguminosas, fruteiras ou de linho[3], que se denominam por *fazenda, lavoura e/ou granjearia* [4]; e um segundo, que estando também ligado à atividade produtiva de cultivo no geral, detém ainda um carácter recreativo, ao qual é associado o termo *quinta*.

Aqui, gostaríamos de destacar este último grupo, que compõe:

> *"um conjunto organizado de núcleos distintos, a que correspondem diversas funções: a casa de habitação com capela anexa e as dependências dos trabalhadores, os celeiros e os estábulos; o pátio da criação; a horta e o pomar (que se funde com o jardim); a vinha, com lagar próximo; e finalmente os campos de cultivo, divididos pelos carrais entre as folhas."*[5]

As quintas, muito características do ambiente urbano em particular de Ponta Delgada, são exemplo da transformação necessária inerente à evolução de uma sociedade, onde a contínua adaptação às necessidades impostas pelos desenvolvimentos económicos da região estabelece novos modos de viver.

Esta constante e sucessiva mudança é visível pelo próprio desenvolvimento da definição do termo quinta. Ao longo do século XVIII o termo quinta é associado às quintas de veraneio, que antecedem as quintas periurbanas ao longo da segunda metade do mesmo século. Consequentemente, a partir do primeiro terço do séc. XIX, surgem as quintas da laranja que viriam a culminar nas chamadas quintas de regalo na primeira metade de oitocentos.

---

2. BORGES, Pedro Maurício, *O desenho do território e a construção da paisagem na Ilha de S. Miguel, Açores, na segunda metade do século XIX, através de um dos seus protagonistas,* Coimbra, 2007. p.35
3. *"produção de cereais (trigo e milho, sobretudo), leguminosas (com destaque para as favas e feijões), fruteiras (de que citrinos e a vinha constituem a maior parte do bolo) ou de linho"* ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000. p. 11
4. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel, 2000,* p. 21
5. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel, 2000*, p. 21

Esta constante adaptação, para além da mudança do sentido do termo, confere alterações na definição do território e nos elementos integrantes destes conjuntos, de modo a responder às necessidades de uma época, convocando o sintoma de que:

> *"Correm tempos velozes, de crenças contraditórias, de ideias que nascem e morrem quase simultaneamente. São tempos de mudança constante que têm como veículo de expressão os traçados urbanos, sinais que nos falam das inquietudes, convicções e valores das sociedades de uma época."*[6]

Assim, no seguimento de uma breve constatação da existência de uma evolução e transformação sucessiva do traçado urbano de Ponta Delgada[7], caracterizado pelo redesenho das propriedades com foco nas quintas, verifica-se uma constante adaptação da arquitetura às necessidades do Homem, sendo que o caso particular da Quinta do Tanque não é exceção.

A Quinta do Tanque, desenhada no século XIX, é marcada pela influência dos sucessivos tempos e gerações, sendo sua característica uma incessante procura de resposta às necessidades correntes, motivando diversas modificações ao longo dos anos. Contudo, não consideramos a mudança como algo negativo:

> *"Aceitar a dimensão temporal da arquitetura, tanto no uso como na prática projetual, significa reconhecer o inevitável processo de modificação através do tempo, não só por intermédio de processos de entropia e de uso ou de mudança de função, se não também sobre toda a mudança de significado dentro do contexto."*[8]

Neste sentido, é no cruzamento entre duas perspetivas com foco no "Eu" - autora desta dissertação -, que surge a motivação deste trabalho: uma enquanto habitante e usuária da Quinta do Tanque, que retém e propõe inquietações inerentes a um passado, presente e futuro; e outra enquanto estudante de arquitetura que constrói uma visão crítica no que diz respeito à constante atualização e mutação da arquitetura da Quinta, e detém a vontade de dar respostas a inquietações pessoais, através da disciplina.

---

6. "*Corren tiempos veloces, de creencias contradictorias, de ideas que nacen y mueren casi simultáneamente. Son tiempos de cambios constantes que tienen como vehículo de expresión los entramados urbanos, signos que nos hablan de las inquietudes, convicciones y valores de las sociedades de una época."* ARÍS, Carlos Martí, "Prólogo" in *Las formas de la residência en la ciudad moderna : vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, 2ª ed . Barcelona : Ed. UPC, 2000.
7. Desenvolvido na página 47 e em apêndice na página 41.
8. *"Aceptar la dimensión temporal de la arquitectura, tanto en el uso como en la prática proyectual, significa reconocer el inevitable proceso de modificación a través del tiempo no sólo por medio de procesos de entropía y de usura, o de cambio de función, sino sobre todo de cambio de significado dentro del contexto."* Sebastiano Brandolini y Pierre-Alain Cset *apud* GRACIA, Francisco de, *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, 3ª ed. rev. . Madrid : Nerea, 2001. p.178

O MOTE

Realizando um breve contexto que confira o mote de uma prática projetual, iniciamos esta caminhada pela perspetiva do eu habitante, cujo principal desassossego que, por sinal, verifica a primeira motivação desta dissertação, relaciona-se com uma preocupação geracional onde se coloca uma inquietação de rentabilização futura da propriedade.

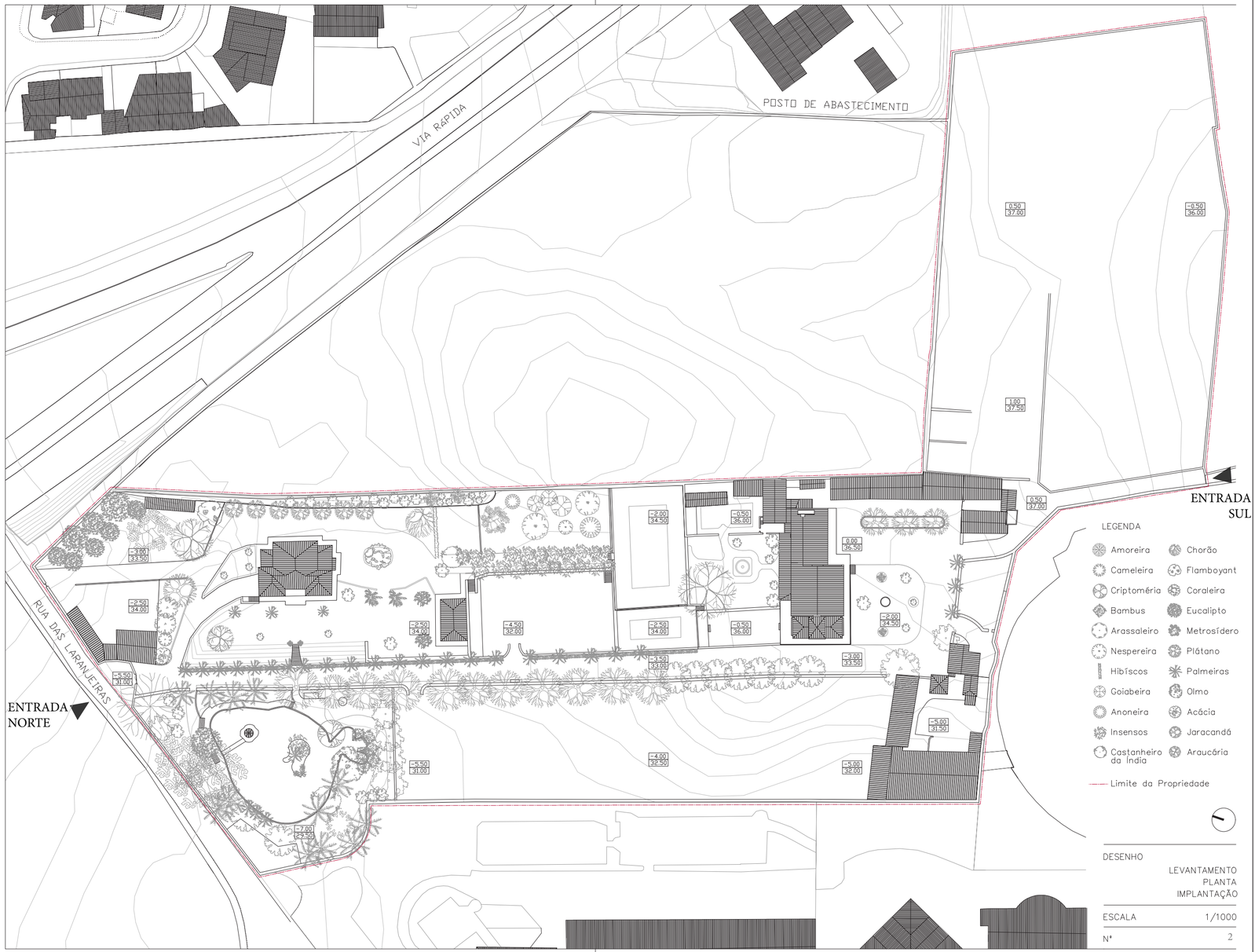
Atualmente, na propriedade subsistem duas habitações de estadia permanente. Não figurando qualquer fonte de rendimento, é inegável a preocupação de como, num futuro próximo, sustentar e manter uma propriedade de tão vasta dimensão. Desta forma, perante um futuro que se adivinha incerto, apelamos à visão do eu, estudante de arquitetura, a refletir quanto a uma hipotética forma de intervir e rentabilizar a Quinta do Tanque, para que, se necessário, se produza alguma fonte de rendimento futura e, consequentemente, se preserve o património em família.

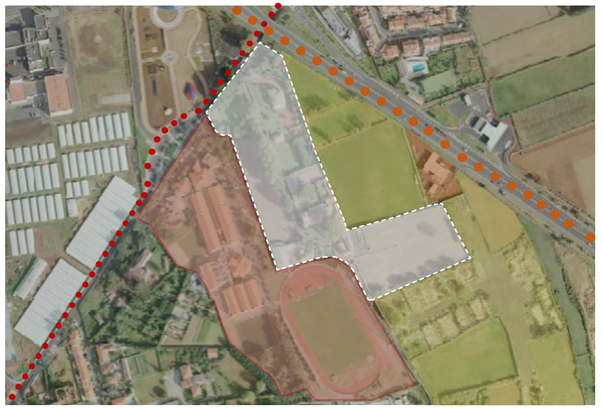
Posto isto, convoca-se desde logo a experiência à priori da propriedade para se ajustar e restringir as diretrizes e linhas guias de um exercício de projeto, uma vez que nos colocamos na posição de auto-proposição de um programa que responda à questão colocada. Vemos assim como mais pertinente a ação projetual ter como foco a área que envolve a habitação do século XIX existente na propriedade, uma vez que, o que foi construído não corresponde à totalidade do que foi projetado originalmente, conservando um desequilíbrio compositivo até aos dias de hoje, que faz dele um relevante objeto de estudo.

Perante a breve identificação das lacunas que se imprimiram na habitação pela incompletude do projeto original, o nosso intuito é o de colmatar de forma arquitetónica os problemas existentes com a introdução de novo(s) uso(s) na propriedade, tendo em atenção a possível rentabilidade da proposta. O que se procura é a definição do problema em paralelo com a sua resolução, nutrindo uma noção crítica quanto à intervenção posta em causa.

> *"Da vida dos edifícios pouco se ocupam aqueles que escrevem sobre arquitectura. E, no entanto, as obras de arquitectura vêm-se afectadas pela passagem do tempo de maneira bem característica, singular e específica. (...) O tempo não é apenas patine sobre a obra de arquitectura e, com frequência, os edifícios sofrem ampliações, incorporam reformas, substituem ou alteram espaços e elementos, transformando, quando não perdendo, a imagem que na sua origem tiveram. A mudança, a contínua intervenção, é o destino, quer se queira ou não, da arquitectura."*[9]

9. *"De la vida de los edificios se ocupan hoy poco quienes escriben de arquitectura. Y, sin embargo, las obras de arquitectura se ven afectadas por el paso del tiempo de manera bien característica, singular y específica. (...) El tiempo no es tan sólo pátina para la obra de arquitectura, y con frequencia, los edificios sufren amplianciones, incorporan reformas, sustituyen o alteran espacios y elementos, transformando la imagen, cuando no perdiéndola, que en su origen tuvieron. El cambio, la continua intervención, es el sino, se quiera o no, de la arquitectura*." MONEO, Rafael, "La vida de los edifícios. Las ampliaciones de la Mezquita de Córdoba" in *Arquitectura, no256*, Madrid, Septembro- Outubro 1985, p.26





3.

Norte: Rua das Laranjeiras
Nascente: Via rápida (R1-1A)
Poente: Escola Secundária das Laranjeiras e Complexo Desportivo.
Sul e Nascente: Terrenos privados
Nascente: Posto de abastecimento



4.



5.



6.



7.

3. Ortofoto da propriedade da Quinta do Tanque com sua envolvente.
4. Fotografia aérea que capta a envolvente a poente da propriedade. MB0119
5. Fotografia aérea que capta a envolvente a norte da propriedade. MB0119
6. Fotografia aérea que capta a envolvente a nascente da propriedade. MB0119
7. Fotografia aérea que capta a envolvente a sul da propriedade. MB0119

I. 02. O Lugar

"O lugar está sempre na espectativa; à espera do momento que o vai permitir ter um papel ativo no curso dos eventos ... Arquitetura pertence ao lugar. Isso explica porque a arquitetura deve ser apropriada, o que significa que deve reconhecer os atributos do lugar. Compreender o que são esses atributos, compreender como eles se manifestam, deve ser o primeiro passo do arquiteto quando começa a pensar sobre um edifício." [10]

LEVANTAMENTO

Iniciamos este processo de reconhecimento e apreensão do lugar com a execução de um levantamento. O levantamento é o primeiro ato analítico do processo projetual e constitui matéria específica da disciplina arquitetónica. O desenvolvimento do seu desenho já é ele próprio um ato de projeto e nós, conferindo-nos a obrigação de desenhá-lo por falta de bases rigorosas, ainda reforçamos a atenção com que olhamos o espaço para reconhecer ao pormenor as suas características e para que elas se reflitam em desenho.

Primeiramente, temos de olhar o lugar com objetividade a partir de uma "*posição de frontalidade face à realidade nua e crua*"[11] materializando um reconhecimento topográfico, construtivo e botânico do existente - descrito em apêndice[12] -, que nos confira uma visão mais abrangente, distanciada e objetiva da totalidade do objeto de estudo, a Quinta do Tanque. Acreditamos que um levantamento métrico detalhado e uma consequente análise sobre o existente poderão suscitar inquietações pertinentes que, juntamente com uma reflexão teórica, poderão orientar estratégias de intervenção de um ponto de vista pessoal crítico.

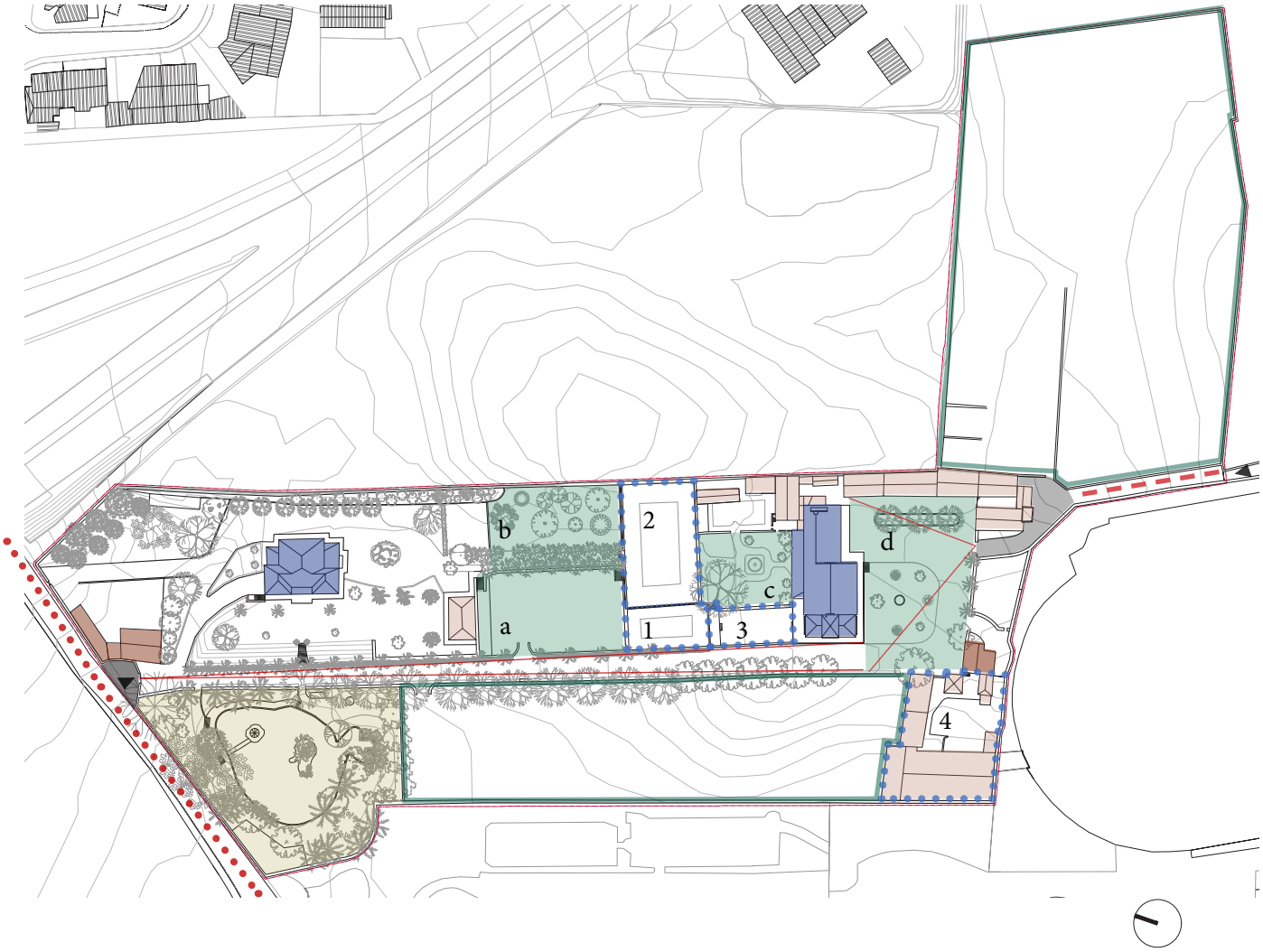
Neste sentido, o reconhecimento atento das estruturas pré-existentes inicia um processo bivalente: permite no geral uma comunicação a terceiros transversal de entendimento do objeto em estudo através do desenho objetivo do que existe, ao mesmo tempo que, em particular, alerta para questões e alimenta uma memória reflexiva que informa um início projetual.

VISÃO GERAL
envolvente

Assim, a propriedade da Quinta do Tanque, pertencente à freguesia de São Pedro, é delimitada: a norte (noroeste) pela Rua das Laranjeiras; a poente (noroeste) pela Escola Secundária das Laranjeiras; a sul (sudoeste e sudeste) pelo Complexo Desportivo das Laranjeiras (pertencente à escola) e por terrenos privados; e a nascente (nordeste) por um prédio rústico privado balizado pela via rápida (R1-1A) que circunda a malha urbana da cidade de Ponta Delgada.

---

10. *"The site is always expectant; waiting for the moment that will allow it to play an active role in the course of events ... Architecture belongs to the site. That explains why architecture should be appropriate, which means it should recognize the attributes of the site. To understand what these attributes are, to understand how they are manifest, should be the architect's first step when starting to think about a building."* Rafael Moneo *apud* MONEO, Rafael, *Remarks on 21 works*, New York : The Monacelli Press, 2010, p.377
11. Pedro Gadanho *apud* REBELO, António Pedro Santana, *Do contraste à analogia : intervenção numa ruína em Mondrões*. Porto : Faup, 2016. Ano lectivo 2015/2016. p. 37
12. Consultar em apêndice: Texto I - Levantamento: Síntese do processo + Desenhos. p.12-21



Rua das Laranjeiras
Estrada Regional da Ribeira Grande
Caminho de servidão aos terrenos contíguos
Sinalização da entrada
Espaço de preparação a entrar
Espaço de recepção e distribuição após entrar
Amplitude de visão do ponto de entrada
Habitações de vivência permanente
Habitações de menor dimensão
Dependências associadas às habitações e de apoio à realização de actividades.

Núcleos dinâmicos
1. Piscina
2. Campo de ténis
3. Campo de croquet
4. Núcleo hípico

Recinto do Tanque
Pastos arrelvados de grandes dimensões
Recintos verdes de desenhos e ambiências diferentes
a. recinto relvado
b. pomar
c. jardim nobre fronteiro à fachada norte da habitação
d. recinto de chegada e distribuição fronteiro à fachada sul da habitação

8. Esquema de usos e sequência dos momentos de entrada. Planta escala 1.2000. MB0219

Numa primeira análise, começamos por constatar que a quinta de aproximadamente 3,7 hectares de área, no contacto com a envolvente, detém duas entradas opostas entre si, a primeira a sul e a segunda a norte.

A entrada a sul - realizando-se por mediação de um portão - localiza-se no culminar de um caminho de servidão que dá acesso aos terrenos a ele adjacentes, pertencentes a diferentes proprietários, que conflui na Estrada Regional da Ribeira Grande, próxima do mar. Já a entrada norte, igualmente mediada por um portão, situa-se num recuo de forma semicircular existente na Rua das Laranjeiras, uma das vias que une Ponta Delgada à Fajã de Baixo.

Estas duas entradas, na formalização do espaço interior da quinta, presenteiam um cenário que envolve movimentos de apreensão do espaço díspares, sendo que a entrada sul se desenvolve na chegada a um espaço estável, amplo, que distribui várias ações, enquanto a entrada norte promove uma ideia de percurso com uma amplitude visual direcionada a um só foco. Estes dois momentos são os pontos iniciais de reconhecimento dos elementos compositivos inerentes à Quinta do Tanque.

Assim, numa visão total da propriedade começamos por identificar as principais estruturas existentes na quinta, as habitações de vivência permanente, que por sua vez denotam tempos diferentes inerentes à sua construção: a primeira, mais antiga, localizada na cota mais elevada da propriedade (construída algures entre 1850-1856); a segunda, mais recente - localizada junto à entrada norte (construída entre 1996-1998).

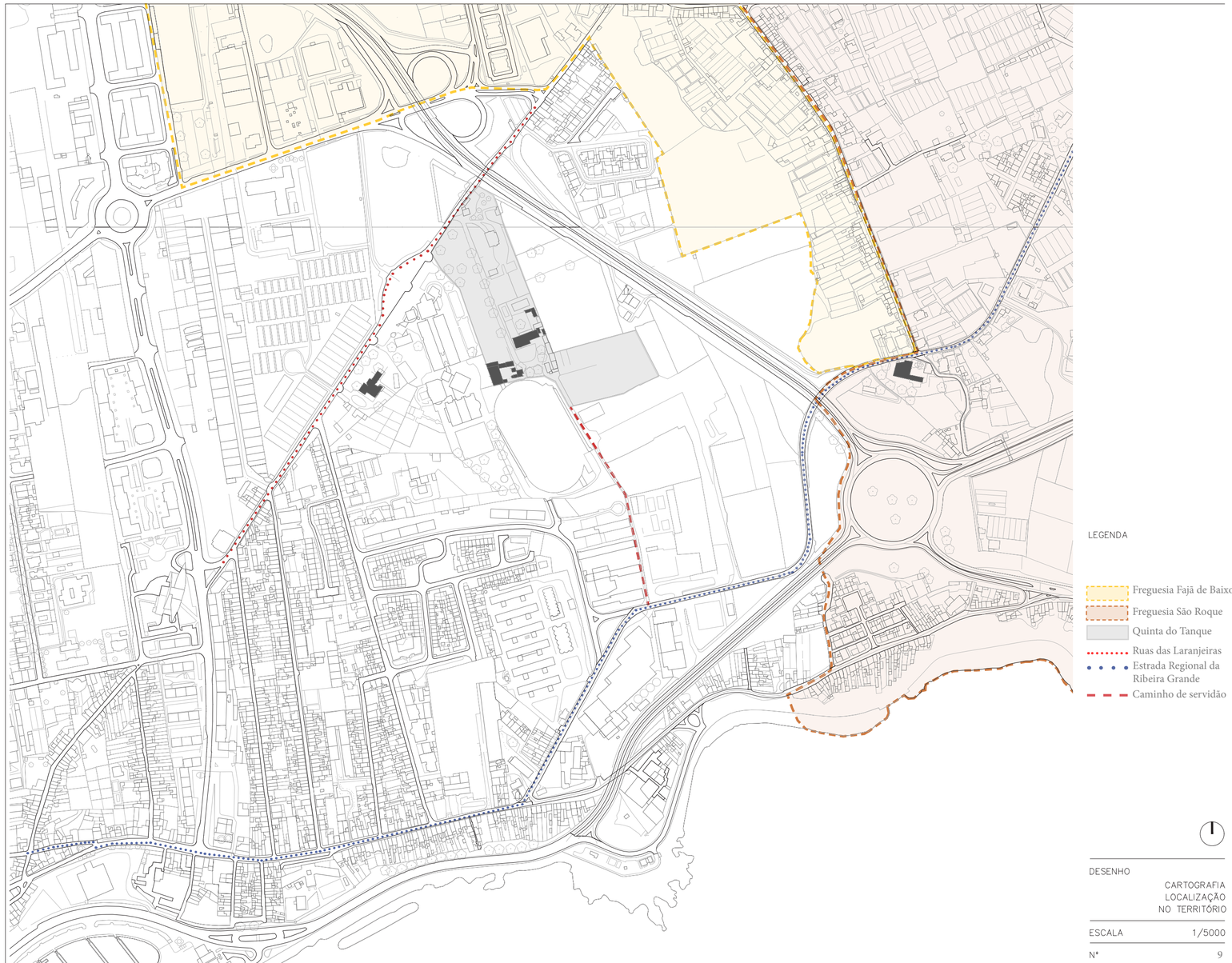
Para além destas duas habitações mais relevantes existem outras duas de menor dimensão, desocupadas de momento, que se situam exatamente nos limites que definem as extremidades da alameda. Ambas reúnem as condições necessárias inerentes à habitação, detendo os requisitos para uma futura ocupação.

Para finalizar o mapeamento de construções, a propriedade detém ainda alguns dispositivos que servem dependências associadas às habitações e outras que dão apoio à realização de atividades. Neste sentido, são diversos os núcleos dinâmicos existentes na quinta contando com uma piscina, um campo de ténis, um campo de croquet e um núcleo hípico com picadeiro, para além da diversidade de espaços verdes.

Estes espaços verdes são compostos por: áreas relvadas de 5 000 e 10 000 m^2; pequenos recintos com diversidade de desenho paisagístico, com canteiros relvados, variedade de espécies arbóreas e percursos pedestres; um pomar; um terreiro fronteiro à fachada sul da habitação do século XIX; e por fim o ponto de maior interesse da propriedade, o tanque com toda a sua cenografia e elementos inerentes que lhe associam o gosto pitoresco.

A Quinta do Tanque, enquanto objeto relevante pela sua diversidade compositiva de elementos e de interesse arquitetónico, considera-se perante as inquietações já referidas um bom exemplo que motiva a ideia projetual de que: "*intervir equivale a actuar conscientemente no processo dinâmico* [em que o objeto] *é património do passado a ser transferido para o futuro e se possível, melhorado pelo presente*."[13]

13. GRACIA, *Construir en lo construido, 2001*, p.179



DESENHO
CARTOGRAFIA
LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

ESCALA 1/5000

Nº 9



10.



11.



12.



13.



nascente



sul

14.



15.



16.

10. Entrada sul, após o atravessamento do portão, com ponto de referência no torreão da laranja que marca a entrada. MB0219

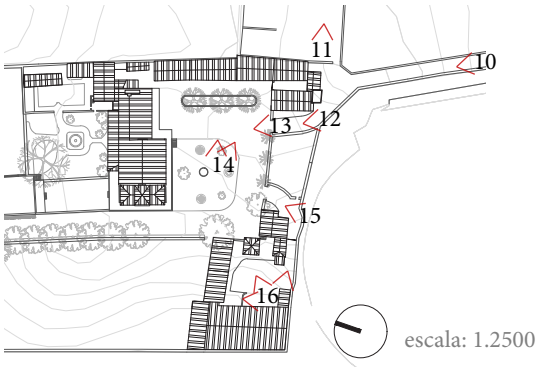
11 e 12. Somos recebidos num pequeno alargamento que nos distribui à direita para o pasto relvado de vasta dimensão (img 11) ou à esquerda para o caminho que nos direcciona à habitação (img 12). MB0219

13. Chegada ao terreiro fronteiro à habitação do século XIX. Vista frontal (fachada sul). MB0219

14. Montagem sequencial do limite nascente e sul do terreiro fronteiro à habitação. MB0219

15. Portal de ligação entre o terreiro e o núcleo hípico (mudança de cotas). MB0219

16. Montagem sequencial do núcleo hípico a uma cota inferior. O limite deste recinto conforma o limite poente do terreiro fronteiro à habitação. MB0219



VISITAS

"Começo um projecto quando visito um sítio"[14]

"O movimento é (ou, pelo menos pode ser) um impulsionador dos pensamentos: andar pode ser entendido, e é-o de facto para algumas pessoas, como o combustível necessário para essa máquina de produzir ideias começar a funcionar."[15]

Após uma visão aérea geral e a tomada de consciência dos elementos que a compõem, damos continuidade ao reconhecimento do local ao realizarmos e descreverrmos uma visita à Quinta do Tanque. Desta forma, pretendemos começar a reconhecer o território e a identificar ambiências e características dos espaços e elementos que a ele pertencem.[16]

Como já referido, devemos reconhecer primeiramente que existem duas entradas na quinta e que ambas nos apresentam os espaços compositivos da propriedade de forma diferente. Com o movimento do percurso, o reconhecimento espacial e a apreensão sequencial dos elementos difere.

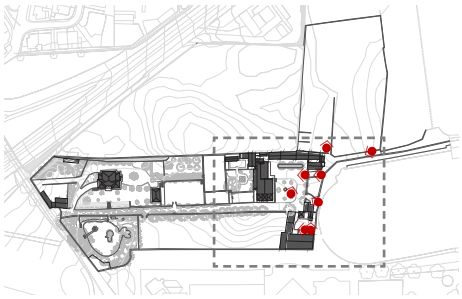
Neste sentido, consideramos relevante uma abordagem ao lugar a partir das duas entradas posicionadas opostamente entre si, para um reconhecimento que desperte a relevância e a importância tanto das estruturas existentes pelo seu valor próprio, como pela posição onde se encontram relativamente ao espaço.

a partir da entrada sul para norte

Assim, iniciamos a nossa visita a partir da entrada sul ingressando na propriedade através de um portão no culminar de uma canada já referida que, após o seu atravessamento, nos recebe num pequeno alargamento delimitado por muros e pelo torreão da laranja, que nos encaminha a dois pontos: a um vasto pasto relvado à direita e a um percurso direcionado ao terreiro fronteiro à habitação que data o século XIX - um dos pontos de maior interesse na propriedade - à esquerda.

Este terreiro é um espaço central na composição da propriedade, uma vez que é um espaço de receção que acolhe o visitante, que realiza a mediação de cotas existentes na propriedade e unifica as partes integrantes deste núcleo habitacional, distribuindo um diversificado número de atividades nas construções que delimitam o seu desenho.

Neste sentido, o limite do seu desenho norte corresponde à fachada sul da habitação, a principal, implantada na cota mais acentuada da propriedade. O limite nascente é composto por uma sucessão de dependências de apoio à habitação (casas de despejo[17]), que podemos considerar uma faixa de serviços. O limite sul é conferido por uma valência, entre pequena construção (fachada da habitação do caseiro e



14. SIZA, "Oito Pontos" in *01 Textos*, 2009, p.27
15. TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do corpo e da imaginação : teoria, fragmentos e imagens,* Alfragide : Editorial Caminho, 2013, p.246
16. Consultar em apêndice: Quadros de apresentação. Visita: Levantamento fotográfico. p.22-37.
17. *"Uma designação comum aos Açores (...) para as arrecadações anexas à casa, é a de "casa de despejo"*. FERNANDES, José Manuel, *Cidades e casas da Macaronésia : evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*, 2ª ed . Porto : Faup Publicações, 1996, p.232



17.



18.



19.



20.



21.



25.



22.



23.



24.

17. Limite poente do terreiro. Enuncia construções a uma cota inferior. MB0119

18. Limite poente do terreiro. Perspetiva da habitação e da alameda. MB0119

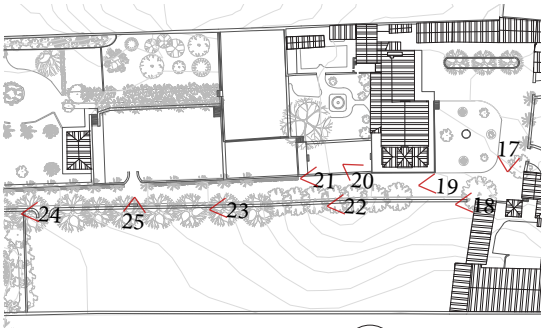
19. Balcão contínuo e contíguo às três frentes da habitação. MB0119

20. Jardim fronteiro à fachada norte. Araucária centenária e campo de croquet. MB0119

21. A uma cota intermédia entre a implantação da casa e a cota da alameda a piscina e o campo de ténis. MB0119

22, 23 e 24. Percurso sequencial da alameda nos três momentos apresentados de diferentes contenções viuais à direita. MB0119

25. Momento de quebra onde se avista um espaço relvado e o pomar ao fundo. MB0119



Escala: 1.2500

dependências de apoio) e um muro com duas aberturas (portais) em que o primeiro realiza a entrada descrita e dá acesso ao pasto tardoz, e o segundo corresponde a uma ligação de cotas com o núcleo hípico. O limite poente é conformado por um muro que dá notícia de construções implantadas a uma cota inferior, que se referem ao já exposto núcleo hípico existente na quinta.

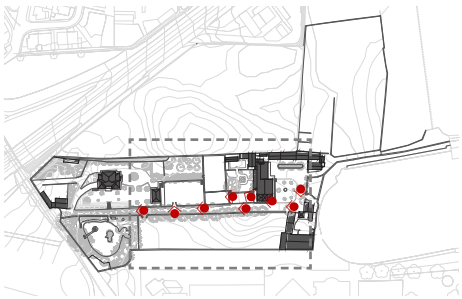
Deste centro distributivo podemos ser encaminhados em dois sentidos: ou ingressamos na habitação – interior – e a partir daí (ou do balcão contínuo e contíguo que a envolve em três lados: sul, poente e norte) exploramos o jardim nobre localizado em frente à fachada norte da habitação, onde nos deparamos com um pequeno tanque circular ao centro, canteiros desenhados em volta, um campo de croquet e, a uma cota intermédia inferior, a piscina e o campo de ténis; ou continuamos a explorar o espaço exterior e percorremos, no seguimento da linearidade dada pelo muro no limite poente, uma longa e vigorosa axialidade proposta por uma alameda ladeada por diversas espécies arbóreas.

Este eixo definidor da propriedade caracteriza-se por deter diferentes espaços com diferentes características a ele adjacente, que promove diferentes sensações no percorrer do seu espaço.

Este percurso é, assim, caracterizado por um contraponto entre plano próximo opaco – muro e vegetação – e plano próximo filtrado – vegetação rasteira e pontuação sequencial de árvores – em que o primeiro bloqueia a visão em certos pontos denunciando mudanças de cotas do terreno e o segundo avista um espaço amplo, vazio, relvado, com um denso volume arbóreo no seu remate norte.

Assim, iniciamos este percurso passando ao lado da construção torreada da habitação do século XIX que, por se implantar numa cota superior, se caracteriza neste alçado e nesta cota por um contínuo muro de pedra de contenção que formaliza o embasamento da casa - revestido com vegetação - que acompanha este início de percurso numa massa opaca à nossa direita e delimita este primeiro núcleo habitacional desde a casa até às atividades que lhe são associadas (os referidos núcleos dinâmicos: campo de croquet, piscina e campo de ténis).

Num segundo momento há um respiro na contenção visual da alameda em que o muro alto é substituído por contínuos arbustos e palmeiras pontualmente distribuídas no delimite deste eixo que escondem a existência de um muro baixo de pedra. Este momento permite através de uma quebra neste alinhamento avistar um miolo relvado à mesma cota e visualizar ao fundo uma área de densa vegetação a uma cota mais alta, correspondente ao pomar.



Num terceiro momento há uma comunhão entre estas duas ambiências descritas, uma vez que se retoma uma circunstância de contenção visual com a existência de um muro de pedra de suporte que delimita o espaço ajardinado e a dependência anexa do núcleo habitacional mais recente. Contudo, de seguida, atinge-se novamente um respiro visual delimitado por arbustos baixos e pontualidade de palmeiras que denunciam visualmente a habitação do século XX.



26.



27.



28.



29.



30.



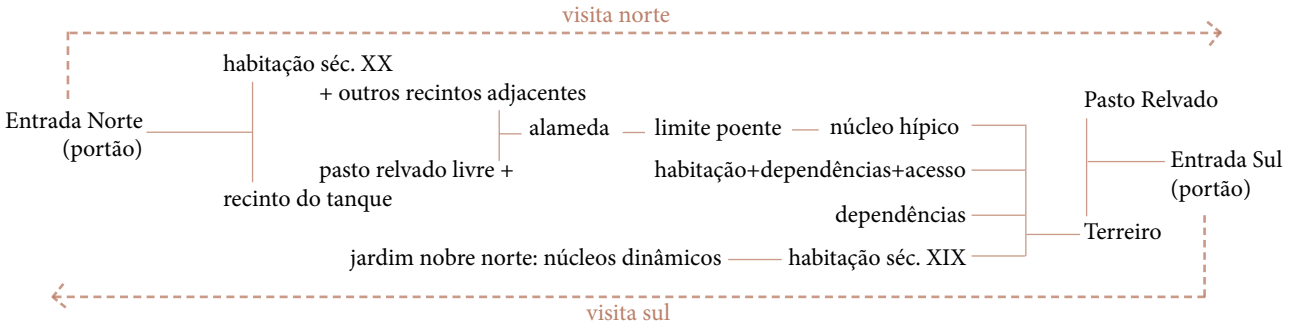
32.



31.



33.



26. Percurso sequencial da alameda. Momento à esquerda de mudança das espécies arbóreas - de olmos implantados na própria alameda, para plátanos plantados na área relvada. MB0119

27. Pasto relvado amplo, livre, que ladeia a alameda. MB0119

28. Percurso sequencial da alameda. Momento à esquerda que dá sinal do recinto do Tanque com mais amplitude visual. MB0119

29. Momento da presença à esquerda da entrada no recinto do Tanque e à direita do núcleo habitacional do século XX. MB0119

30. A habitação do século XX. MB0119

31 e 32. Duas perspetivas do recinto do Tanque com vista para as duas ilhotas. MB0119

33. Limite norte da propriedade - portão entrada/saída. MB0119



Descrito o que nos acompanha no lado direito - sentido sul norte - ao percorrer a alameda, não nos esqueçamos do lado oposto, o limite esquerdo, que simultaneamente nos cria a ambiência característica deste eixo . Neste limite, somos encaminhados na linearidade do sequente muro baixo de pedra solta que conforma o extremo poente do terreiro fronteiro à habitação do século XIX a observar, numa contínua visão, uma área relvada de pasto, por entre agapantos, jarros (plantas com flor) e a implantação sequencial de árvores que a interrompem pontualmente.

Este lado, mais constante e regular nas características que apresenta ao longo do percurso, destaca apenas uma subtil mudança de espécies arbóreas e da sua linha de implantação, que se altera de olmos implantados na própria alameda, para plátanos plantados na área relvada, criando um homogéneo filtro visual, mas conferindo uma diferente sensação de pertença.

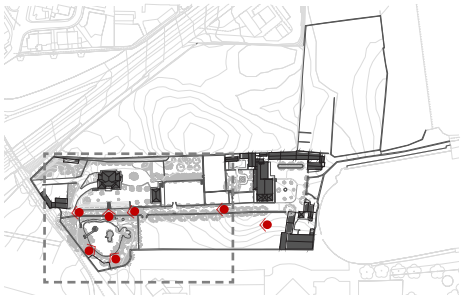
Assim, continuando a percorrer a alameda com foco neste lado e após passarmos o limite norte deste pasto relvado amplo e nos localizarmos em frente ao núcleo habitacional do século XX, damos notícia, por fim, do recinto de maior interesse da propriedade, o tanque.

Percorrendo os caminhos delineados neste diversificado espaço ajardinado, somos atraídos a olhar o particular lago de *"formato irregular, onde se implantam duas ilhotas de desigual tamanho e de aspecto contrastante"*[18], ladeado por uma grande variedade de elementos de grande impacto pictórico e uma vasta variedade de flora tropical. Ao percorrermos o perímetro deste recinto pitoresco ajardinado, através do passeio que se desenha por *"entre as margens "arrelvadas", interrompidas, aqui e ali, pelas banquetas de encosto, o fontanário e os pavilhões(...)"*[19] vamos detetando estes elementos que conferem a este espaço *"um forte sentido cenográfico"*[20].

Este percurso termina num retomar à alameda num ponto de cruzamento em que, tanto podemos seguir ao acesso à habitação do século XX, como podemos ingressar na casa do portão, como nos dirigir ao remate deste percurso que contém no seu extremo um segundo portão – entrada/saída norte da Quinta do Tanque.

a partir da entrada norte para sul

Invertendo os papéis e pensando em ingressar na propriedade através da entrada norte, verificamos que a ordem em que os dispositivos são apresentados é sequencialmente inversa à descrita na visita pelo sul, o que nos dá uma diferente perspetiva sobre a forma como apreendemos o espaço e as estruturas compositivas da propriedade.



18. *"a maior assume uma forma alongada e povoa-se de bambus, canas índicas e outras exóticas da flora tropical; a segunda, muito mais pequena, faz assentar, sobre base circular, um pagode chinês de planta octogonal, cujos alçados se acham inteiramente preenchidos por rendilhados de madeira, assinalados nos oito ângulos por campainhas terracota que pendem do beiral."* ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel, 2000,* p. 75
19. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel, 2000,* p. 75
20. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel, 2000,* p. 75



34.



35.



36.



37.



39.



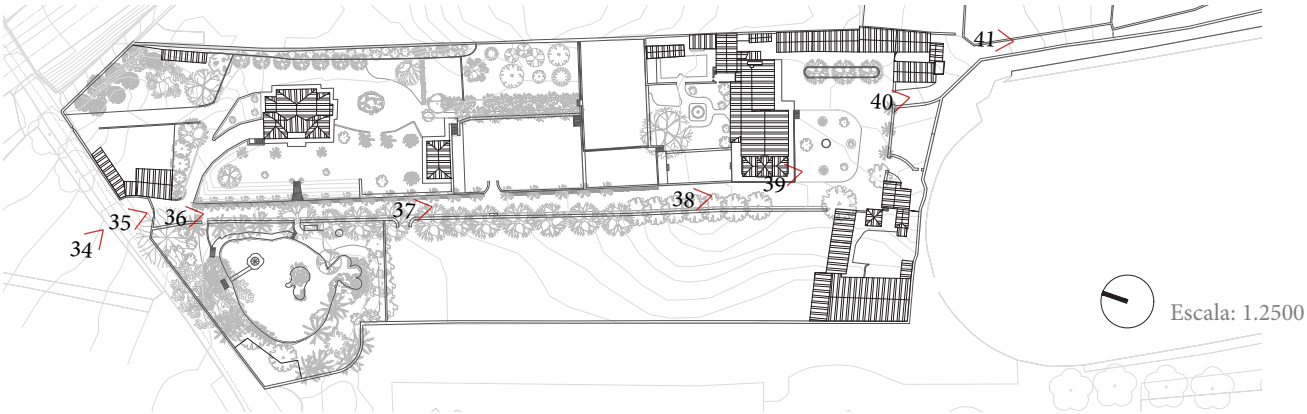
38.



40.



41.



34 e 35. Alargamento semicircular da Rua das Laranjeiras: espaço de mediação exterior-interior da Quinta do Tanque. A entrada norte. MB0119

36, 37 e 38. Percurso sequencial da alameda. 1ª Primeiro ponto de vista ao ingressar na propriedade: à esquerda a habitação do séc. XX e à direita o recinto do Tanque. 2ª Aproximação e no horizonte a construção torreada da habitação do séc. XIX. 3º Chegada ao terreiro fronteiro à fachada sul da habitação. MB0119.

39. Fotografia panorâmica sobre o terreiro adjacente à fachada sul. MB0119

40. Acesso ao torreão da laranja, ao pasto relvado tardoz e ao portão sul. MB0119

41. Limite sul da propriedade - portão entrada/saída. MB0119

Pela entrada norte somos encaminhados a ingressar na propriedade através de um alargamento de desenho semicircular situado na Rua das Laranjeiras, limite norte da quinta, cujo recuo confere um espaço de preparação e de transição exterior-interior, por mediação de um portão.

Ao entrarmos deparamo-nos imediatamente com a alameda o que confere um sentido de amplitude e grandeza inerente ao momento de entrada diferente do vivido no acesso sul. Enquanto o terreiro fronteiro à habitação do século XIX apresenta uma formalização estável de espaço de chegada e permanência que distribui para diversas ações, a alameda incita imediatamente uma vontade de percorrer e reconhecer o espaço numa linearidade que não questiona para onde vai.

Assim, após o atravessamento da barreira física dada pelo portão, dispomos imediatamente do nosso lado esquerdo do núcleo habitacional mais recente na propriedade. Contudo, o nosso olhar é instantânea e instintivamente encaminhado a observar o nosso lado direito, o recinto do tanque, que permanece sendo o ponto de maior interesse da quinta, apresentado à priori a partir deste ponto de entrada.

Por entre plátanos, arbustos, plantas rasteiras e palmeiras continuamos a percorrer a alameda, tendo como plano de fundo a fachada de uma pequena habitação (casa do caseiro) que, numa gradual aproximação pelo movimento do percurso, nos encaminha a notar a construção torreada que se destaca no horizonte espacial referente à habitação do século XIX.

Após percorrermos este eixo de ambiências diversificadas, num sentido inverso ao descrito anteriormente, somos recebidos, por fim, no amplo terreiro fronteiro à fachada principal da habitação de estadia permanente do século XIX. Neste centro somos distribuídos aos vários serviços a ele adjacentes, culminando o percurso no atravessamento do portal rumo ao torreão da laranja e ao pasto tardoz, cujo seu remate é dado pelo portão de entrada/saída sul.

A partir destas duas formas de percorrer o espaço somos sensibilizados a reconhecer que os dois pontos de maior interesse da propriedade, o recinto do tanque e a habitação do século XIX, situam-se, conforme o ponto de entrada, no início ou no fim do percurso, sendo ponto de partida ou remate da propriedade.

Desta forma, confirma-se relevante analisar estes dois modos de viver o espaço, tanto por uma apropriação cuidada do espaço da Quinta do Tanque, como para entender as dinâmicas (circulações, pontos de vista, espaços de interesse) existentes na propriedade, cuja nova intervenção pode - deve - orientar, reforçar ou transformar para uma valorização consciente com vista no futuro.

"Começar (...); Ver pela primeira vez (...); Percorrer o terreno, experimentando a sucessão de fragmentos de um corpo inteiro (...). Ver a matéria que me envolve e olhar para além dela (...) Voar e aperceber-me de que tudo o que a vista alcança pertence àquele corpo"[21]

Com a conjugação entre o levantamento, a visão geral da totalidade da propriedade da Quinta do Tanque e as visitas *in loco,* colocamo-nos numa posição inquieta de redescobrir *"a singularidade das coisas evidentes."*[22]

Como refere Rafael Moneo:

conhecer o lugar não produz *"uma relação causa-e-efeito. Conhecer o lugar, analisá-lo, escrutiná-lo, não produz uma resposta imediata.* [... O lugar considera-se] *o primeiro material, a pedra de fundação, a moldura onde projetamos os nossos pensamentos arquitetónicos."* [23]

Neste sentido, num início de análise e interpretação que visam o lugar com foco na habitação do século XIX, começam a surgir algumas questões e curiosidades inerentes aos elementos compositivos da propriedade e suas circunstâncias, assim como a ser detetadas algumas fragilidades no desenho e desenvolvimento das peças compositivas do espaço que nos despertam os *pensamentos arquitetónicos*.

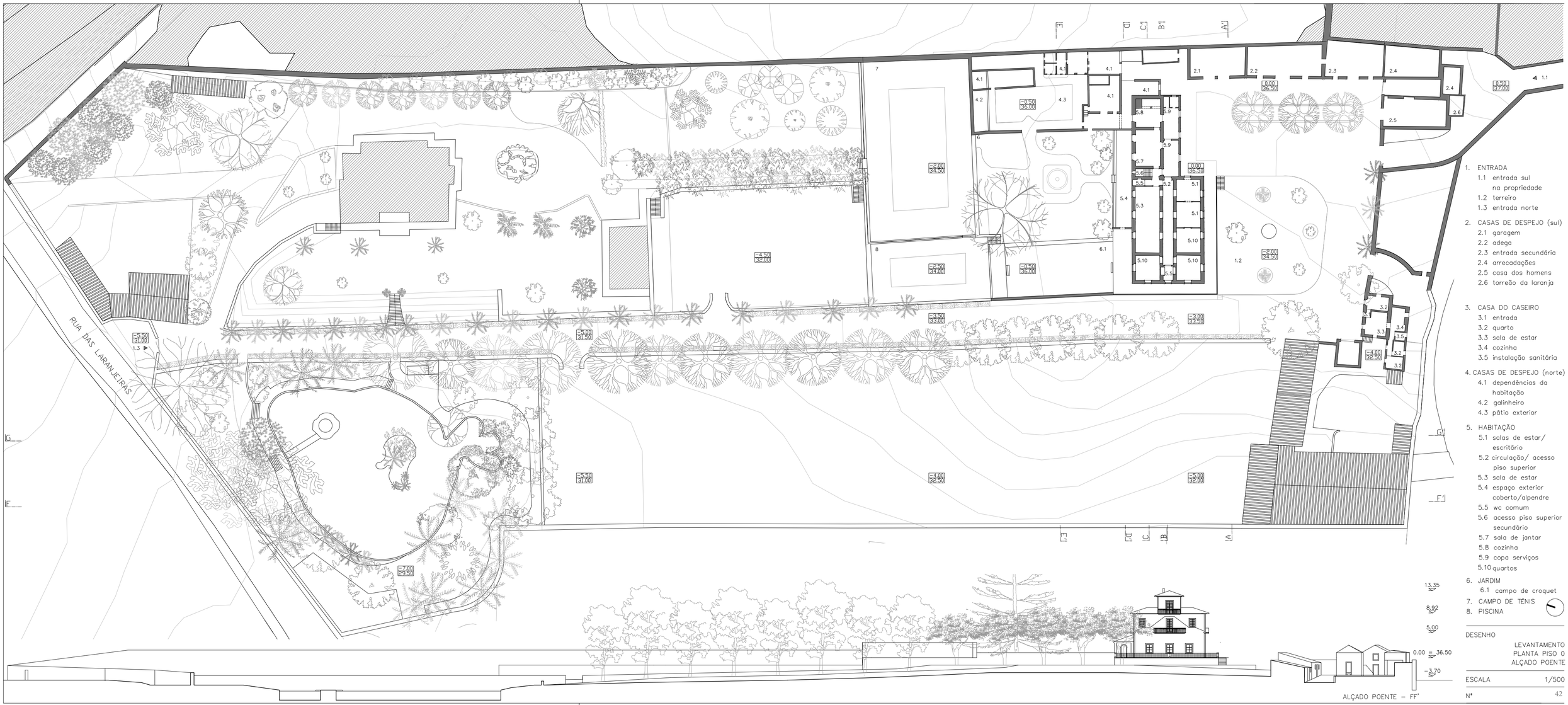
Entre inúmeras questões/curiosidades suscitadas pelo interesse inerente ao objeto de estudo destacam-se algumas, cuja compreensão nos sugere um possível entendimento da circunstância do lugar onde nos propomos intervir.

Assim: porquê a escolha de implantação na cota mais acentuada da propriedade? Existindo um recinto pitoresco de vasto interesse na quinta, porquê a habitação distanciar-se e tomar pouco partido dele? O que motiva a construção torreada e é movida para que função? A incisão abrupta em que termina o remate poente da habitação não denuncia fragilidade? A habitação, como ponto de referência na propriedade, não deveria ou poderia conferir uma maior presença na alameda, ou seja, no quadrante norte e poente?

Estas primeiras questões, que são suscitadas por uma análise objetiva inicial sobre o que vemos, são também potenciadas pelo nosso conhecimento à priori de que esta é uma obra de arquitetura inacabada, não tendo sido cumprido na construção o seu desenho projetual original. Sendo a obra de arquitetura silenciosa, que não faz nem responde a perguntas, cabe-nos a nós ir ao encontro da matéria disponível, na tentativa de estabelecer um diálogo entre o passado e o presente.

---

21. SIZA, "Arquitectura: Começar-Acabar" in *01 Textos*, 2009, p.365
22. SIZA, "Oito pontos" in *01 Textos*, 2009, p.28
23. *"There is no cause-and-effect relationship. To know the site, to analyze it, to scrutinize it, does not produce an immediate answer. I am inclined to consider the site as the first material, the foundation stone, the frame on which to project our architectural thoughts."* Rafael Moneo apud MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.377



1. ENTRADA
   - 1.1 entrada sul na propriedade
   - 1.2 terreiro
   - 1.3 entrada norte
2. CASAS DE DESPEJO (sul)
   - 2.1 garagem
   - 2.2 adega
   - 2.3 entrada secundária
   - 2.4 arrecadações
   - 2.5 casa dos homens
   - 2.6 torreão da laranja
3. CASA DO CASEIRO
   - 3.1 entrada
   - 3.2 quarto
   - 3.3 sala de estar
   - 3.4 cozinha
   - 3.5 instalação sanitária
4. CASAS DE DESPEJO (norte)
   - 4.1 dependências da habitação
   - 4.2 galinheiro
   - 4.3 pátio exterior
5. HABITAÇÃO
   - 5.1 salas de estar/ escritório
   - 5.2 circulação/ acesso piso superior
   - 5.3 sala de estar
   - 5.4 espaço exterior coberto/alpendre
   - 5.5 wc comum
   - 5.6 acesso piso superior secundário
   - 5.7 sala de jantar
   - 5.8 cozinha
   - 5.9 copa serviços
   - 5.10 quartos
6. JARDIM
   - 6.1 campo de croquet
7. CAMPO DE TÉNIS
8. PISCINA

DESENHO

LEVANTAMENTO
PLANTA PISO 0
ALÇADO POENTE

ESCALA 1/500

Nº 42

II. DESÍGNIOS ENTRE GERAÇÕES: APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA

01. Análise e Interpretação retrospectiva entre gerações

01.1. 1ª geração: Morgado Laureano
01.2. 2ª geração: Eduardo Soares de Albergaria
01.3. 3ª geração: Eugénio Soares de Albergaria

02. Pré-existência - transformação e tempo

"'a arquitectura é sempre experiência' e (...) 'quando o que te rodeia é a tua realidade, aproximas-te para conhecer os problemas do sítio onde vives'."[1]

Após o reconhecimento da oportunidade - o propósito projetual e a apresentação do lugar - somos desafiados a refletir sobre a propriedade como forma de realizarmos uma aproximação à proposta, solução de projeto.

O processo projetual não é um método linear e objetivo no seu desenvolvimento. Um arquiteto enquanto criador de espaços, para resolver o problema a que se propõe - promovido predominantemente pela existência de uma encomenda - é confrontado com um lugar e um programa[2], a matéria factual, com a qual dá início o seu processo conjugando com os seus conhecimentos adquiridos pela sua formação, com a sua aprendizagem enquanto habitante de espaços e com as vontades do cliente.

É-nos importante esclarecer, em relação ao nosso processo de projeto, que podíamos partir de forma empírica para a proposição de hipóteses que dessem resposta ao problema de projeto criado, confiando nas nossas intuições. Contudo, seria empobrecedor não acrescentar e admitir uma desorientação inicial sentida com o pensar de um gesto intuitivo de ação sobre o território.

Efetivamente, este desnorte inicial advém de fatores como: a auto-proposição do programa definidor de projeto que não adquire o carácter acima referido de matéria factual; o sentimento de insegurança sobre a validade das nossas intuições num momento, ainda que conclusivo, de aprendizagem do fazer arquitetura - essencialmente por reconhecermos um contexto de intervenção que remete para o problema do *"construir no construído"*[3] - ; o conhecimento à priori da história que caracteriza a propriedade, que nos foi passado desde que nos conhecemos; e ainda a proximidade afetiva com o objeto de estudo, que nos dificulta o distanciamento necessário à intervenção.

Na verdade, a intuição, apesar de poder ser vista como uma condição nata relacionada com o instinto, é mais vigorosa quando resulta do constante e consequente estudo sobre um determinado assunto, que vai conferir às transformações que propõe uma maior segurança na resposta.[4]

---

1. MENDES, Manuel, "Terra quanto a vejas, casa quanto baste", in *Só nós e Santa Tecla,* Porto: Dafne Editora, 2008, p.124-125
2. Uma obra de arquitetura *"Está determinada tanto por el objetivo al que debe servir como por el lugar que ha de ocupar en el conjunto de un determinado contexto espacial. Todo arquitecto debe contar con ambos factores."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.177
3. Título da obra de Francisco de Gracia: *"Construir en lo construído – la arquitectura como modificación"*
4. A intuição "*was not something we were born with but rather the end result of a long apprenticeship (...) is nothing other than the habit of focusing one's thoughts on a particular goal, the result of long, unremitting studies (…).*" Charles Garnier *apud* LUCAN, Jacques, *Composition, non composition : architecture and theory in the nineteenth and twentieth centuries*, Oxford: Routledge, 2012, p.84

Álvaro Siza Vieira em "*Textos 01*" refere:

> *"É certo que um projecto parte sempre de uma ideia intuída, independentemente do conhecimento mais ou menos profundo de objectivos e de condicionantes."*[5] *Contudo, "vale a pena reestudar esta forma de construir. E é urgente: a intuição não explica nem ensina."*[6]

Assim, na reunião dos factores anteriormente referidos[7] sentimos necessidade de recorrer à história, não num sentido de relato cronológico e histórico que nos restrinja a ação projetual, mas sim no sentido de *"deixar falar o edifício por si mesmo e crer que no mesmo já exista uma lógica que de algum modo tem em potência a sua possibilidade de conclusão e plenitude."*[8]

A vontade é a de realizar um prévio exercício: observar o existente e questionar as preocupações e/ou condicionantes que o levaram a ser assim; desvendar enunciados e premissas idealizadas no desenho original, caídas no esquecimento quer pelo uso ordinário do espaço, como pelo eventual desinteresse pela arquitetura enquanto objeto formal; considerar que as pré-existências *"registam a história e o arquiteto está obrigado a interpretá-las, como se de uma operação prévia ao projeto se tratasse."*[9]

Parece-nos que todos estes são fatores determinantes que nos podem ajudar a informar as motivações de um futuro projeto como forma de superar um bloqueio inicial e de investigar princípios de desenho, numa abordagem reflexiva e crítica perante o que o objeto nos oferece.[10] Invocar as vozes do passado e equacionar que:

> *"toda a interpretação acerca da lógica formal do edifício antigo, apoiando-se no conhecimento histórico, facilita os instrumentos para a intervenção* [... e, ao] *falar do edifício, o conhecimento da sua lógica formal necessita de uma interpretação que só é possível mediante a análise e o conhecimento."* [11]

---

5. SIZA, Álvaro, "Pedem-me para falar do Chiado" in *01 Textos*, 2009, p.53
6. SIZA, Álvaro, "Brasil" in *01 Textos*, 2009, p.51
7. Com o conhecimento que temos à priori da propriedade advindo da nossa proximidade afetiva que confere relevância à análise do objeto de estudo, reforçado por uma inquietação de ganharmos segurança na nossa posição projetual enquanto arquitetos.
8. *"dejar hablar al edificio por sí mismo y creer que en el edificio ya hay una lógica que de algún modo tiene en potencia su posibilidad de terminación y plenitud"* SOLÀ-MORALES, Ignasi, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006. p.23
9. *"las tramas registran la historia y el arquitecto está obligado a interpretarlas, como si de una operación previa al proyecto se tratase."* MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporâneos*, Barcelona : Actar, 2004, p.180
10. *"dotar o desenho de reflexão e segurança íntima para que as transformações, apoiadas no meio, sejam serenas, delicadas, intemporais."* MENDES, *Só nós e Santa Tecla*, 2008, p.137
11. "*hablar del edificio, el conocimiento de su lógica formal necesita de una interpretación que solamente es posible mediante el análisis y el conocimiento. (…) Pues bien, todo hermenéutica acerca de la lógica formal del edificio antiguo, ayudándose del conocimiento histórico, facilita los instrumientos para la intervención, debiéndose formular ésta siempre desde la condición esencialmente arquitectónica de tal operación."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.183

Neste sentido, pretendemos uma aproximação à realidade, cuja perceção do contexto e suas transformações determine uma tomada de consciência crítica quanto às condições que influenciaram o momento atual, para que se procure um entendimento da circunstância enquanto lugar de oportunidade e, consequentemente, se responda adequadamente à inquietação de conferir uma fonte de rentabilidade e um novo equilíbrio volumétrico à Quinta do Tanque.

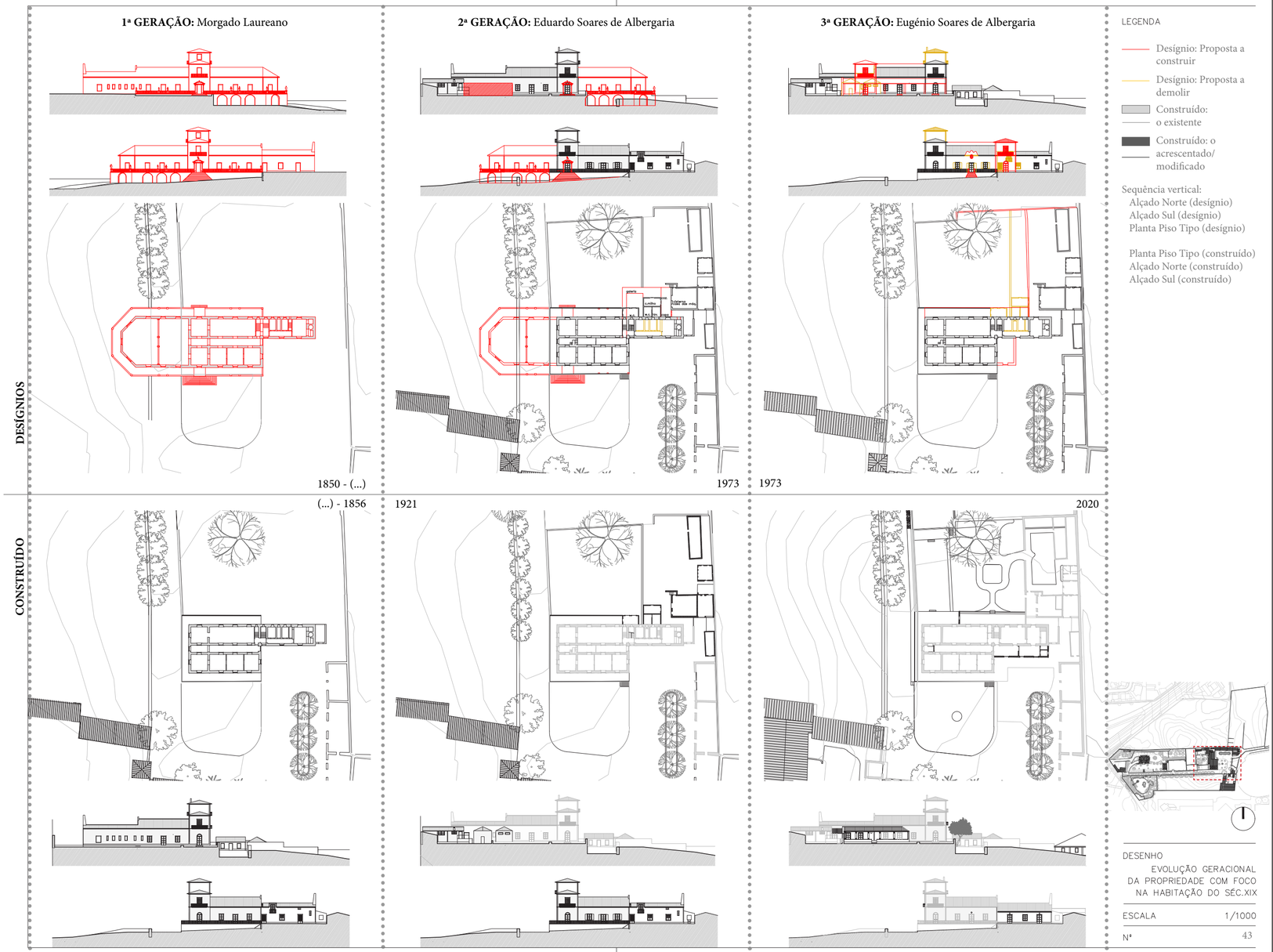
•

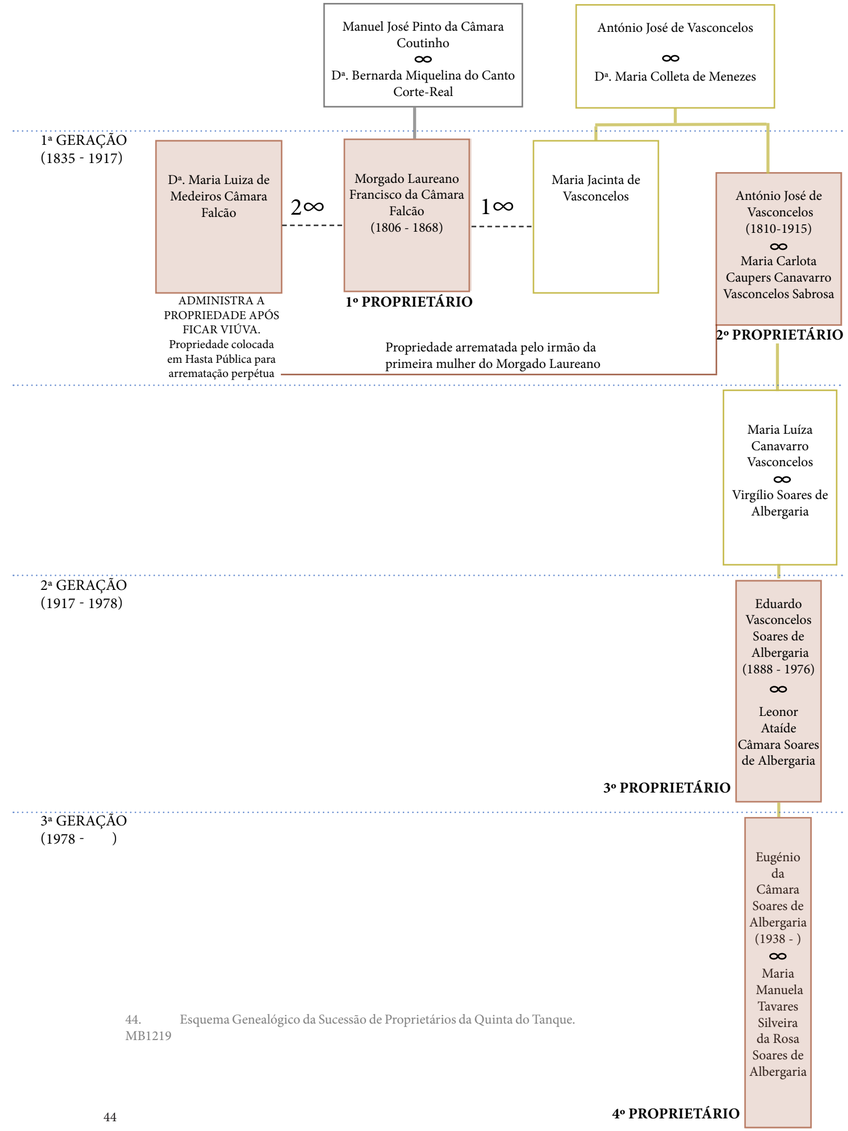
Este capítulo subdivide-se então em dois subcapítulos que reúnem os argumentos necessários a informar uma posição instruída de intervenção sobre a Quinta do Tanque e sobre o *construir no construído*.

Um primeiro que tem como foco o lugar, numa bivalência entre desígnio – intenções de ação no território por parte dos proprietários que não chegaram à execução – e construído – modificações concretas realizadas na propriedade – que, respondendo de diferentes formas segundo a evolução dos tempos, servirão como meio de despertar a exploração de uma procura pela solução projetual contemporânea.

Um segundo que, a partir da análise, formula uma reflexão consciente de que a intervenção que implica *"definir uma forma num lugar que já tem forma"*[12] é, por si só, complexa, e nós, enquanto estudante de arquitetura, pretendemos compreendê-la de forma a nos posicionarmos de forma crítica perante o desafio proposto.

12. *"acción de concretar una forma arquitectónica donde ya existe una organización previa creada por el ingenio humano. (...) equivale a definir una forma en un lugar que ya tiene forma"*. GRACIA, *Construir en lo construido,* 2001, p.11





44. Esquema Genealógico da Sucessão de Proprietários da Quinta do Tanque. MB1219

II. 01. Análise e interpretação retrospetiva entre gerações

O presente subcapítulo subdivide-se, então, em três momentos que correspondem à vivência de três gerações que habitaram, modificaram e pensaram sobre a propriedade da Quinta do Tanque, com especial foco na habitação do século XIX.

Enquanto estratégia de intervenção é oportuna a análise da origem da propriedade, assim como as mudanças/transformações físicas realizadas ao longo das gerações, para o entendimento do que a casa queria ser, do que foi, sem confundir com a oportunidade do que pode vir a ser. Segundo Manuel Mendes citando Jorge de Sena *""a única via que leva a alguma parte é esta: ver, estudar, observar o que há, as razões de 'o que há' ser como é, e as outras pelas quais difere""*.[13]

Será, todavia, importante referir e reforçar que este exercício retrospetivo que consideramos relevante na tentativa de perceber a motivação por detrás do desenho, não pretende ser exaustivo e limitador do processo projetual, mas sim despertador de argumentos relevantes inerentes aos elementos constituintes da propriedade, importantes a considerar para uma intervenção informada.

Assim, desenvolvido um breve contexto histórico[14] e uma cronologia evolutiva da propriedade[15] em apêndice de forma pormenorizada, expomos no corpo de texto a informação que consideramos fundamental nesta consciencialização do passado e no argumento dos factos relevantes relativos às pré-existências, que sejam úteis ao nosso pensamento de projeto.

13. Jorge de Sena *apud* MENDES, *Só nós e Santa Tecla*, 2008, p.122
14. Consultar em apêndice: Texto II : Breve Contexto Histórico, p. 40-52
15. Consultar em apêndice: Texto III : Cronologia da evolução e transformação da propriedade. p.54-63



45. Planta da Cidade de Ponta Delgada, levantada e desenhada em 1831 por António Ferreira Garcia de Andrade. Mancha azul a aproximada futura localização da Quinta do Tanque.

1835

Dimensão da propriedade aquando a arrematação por parte do Morgado Laureano.

*"arremata perpetuamente em hasta pública a propriedade de 59 alqueires menos 6 varas de terra, sito às Laranjeiras subúrbios desta cidade"**



Extraído da cronologia desenvolvida em apêndice p. 54

* Excerto das actas de arrematação presentes nos documentos da coleção privada da família Soares de Albergaria.

II. 01.1 1ª geração – Morgado Laureano

Como referido anteriormente, a casa que hoje conhecemos não cumpre integralmente o desenho que foi traçado e pretendia ser executado – o 1º desígnio. O desequilíbrio hoje visível na composição, que é um tema central neste desafio de fazer projeto, advém da incompletude da obra – o construído - e torna-se importante a análise deste projeto original para compreender as linhas de ação pretendidas que se perdem com o processo inconclusivo da execução.

Assim, necessitamos recuar ao século XIX, época em que surge a primeira referência à propriedade da Quinta do Tanque que, em 1835, é arrematada em hasta pública pelo Morgado Laureano Francisco da Câmara Falcão, proprietário responsável pelas primeiras campanhas de obras na propriedade.

Os séculos XVIII e XIX no contexto insular são marcados por um grande desenvolvimento económico de influência inglesa dado pela "*produção de laranja, destinada à exportação,* [que] *viria a enriquecer os proprietários micaelenses, em particular, e a população açoriana, em geral, durante mais de cem anos.*" [16]

Neste período, o desenvolvimento do traçado urbano de Ponta Delgada dá-se pela existência de uma poderosa classe de proprietários de terras ligados à produção agrícola, situados à volta da urbe, e pela existência dos comerciantes e mercadores que exploram o tráfego europeu e colonial (com foco na laranja), situados no núcleo urbano junto à zona litoral por onde se escoam os produtos.[17]

Esta dualidade entre o mundo rural e a atividade mercantil começa a atrair as camadas mais favorecidas da sociedade, os morgados[18] e os comerciantes ricos, a instalarem-se na cidade, levando a *"um considerável adensamento do parque construído."*[19]

Neste sentido, o conjunto de propriedades denominadas de quintas detêm um papel importante no entendimento da evolução sequencial nos padrões de vida, sendo que o seu desenho demonstra as diferenças das necessidades de uma sociedade que vai enriquecendo e se desenvolvendo com a evolução da situação económica.

---

16. DIAS, Fátima Sequeira, "A importância da "economia da laranja" no Arquipélago dos Açores durante o séc. XIX". Sep. da revista *Arquipélago-história*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1955, vol. II, p. 189

17. *"rígida e organizada malha rural, de marcada orientação N-S, e parte significativa da urbe orienta-se e dilui-se nesse sistema agrário* [... enquanto] *a zona mais litoral apresenta características urbanas muito marcadas, ligadas às necessidades portuárias e comerciais que o escoamento dos produtos exigiu*" Gaspar Frutuoso *apud* FERNANDES, *Cidades e casas da Macaronésia,* 1996, p.136

18. Morgado: *"O filho primogénito de família em que havia bens vinculados". Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XVII, Lisboa/Rio de Janeiro: editorial enciclopédia, limitada, p.885

O Vínculo era "a instituição jurídica ou condição de certos bens que devem andar perpetuamente anexos em uma família determinada, por uma forma especial de sucessão, sem poderem ser divididos, nem alienados." (...) dada a sua indivisibilidade, a maior parte da mobilidade da terra resultava de permutas ou heranças, e dotes em alianças matrimoniais." BORGES, *O Desenho do Território e a Construção da Paisagem na Ilha de S.Miguel, Açores*, 2007, p.35-36

19. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000. p.17



46. Fotografia do Parque Terra Nostra, Vale das Furnas.

1835 - 1840

Primeira campanha de obras na propriedade.

"A quinta é um perfeito paraíso e o sítio mais encantador que tenho visto. Contém (...)cinco lindas avenidas, que o atravessam."

*O "tanque é mais belo e muito amplo, contendo duas ilhotas" **

Relato de 1847: excerto do diário em apêndice p. 55 e 57

Extraído da cronologia desenvolvida em apêndice p. 54



* NYE, Eliza Williams, "Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro "Slyph", em Julho de 1847", in *Insulana XXIX--XXX* (1973-1974), p.62-64

- - - - - - - Proposição da localização das avenidas de laranja com base nos relatos históricos e desenho da propriedade.

A Quinta do Tanque integra-se, assim, no conjunto associado às quintas de regalo, que surgem na primeira metade do século XIX, e são consideradas a *última fase das quintas ajardinadas* [20], que encerram a sequência iniciada pelas quintas de veraneio, quintas periurbanas e quintas da laranja. [21]

Após o enriquecimento dos morgados e comerciantes da ilha devido à produção e comercialização da laranja, estes abraçam *"o novo programa ideológico e cultural do liberalismo, colocando-se em posição de poder avançar com propostas estéticas inovadoras no quadro das suas quintas de luxo."*[22] Há por parte dos morgados e comerciantes ricos uma vontade de introduzir, nas suas quintas, investimentos para *"embelezamento, ostenteção e deleitamento, capazes de a transformar em objecto de fruição estética"*[23].

É, então, muito provável ser este o mote que motiva o desenvolvimento da construção da Quinta do Tanque e que, por sua vez, leva a que as primeiras campanhas de obras realizadas na propriedade, entre 1835 e 1847[24] a pedido do Morgado Laureano, se centrem na construção do recinto do tanque e não na execução de uma habitação, como seria habitual.

Assim, não sendo o tanque uma pré-existência do terreno, o que motiva a vontade do proprietário ter este elemento na sua propriedade?

Parece-nos que poucas serão as dúvidas de que a principal referência e influência que levam ao pedido da realização deste recinto tenha sido o atualmente denominado Parque Terra Nostra, localizado no vale das Furnas. Este Parque, do qual a primeira referência descritiva data de 1785, caracterizava-se, já nessa altura, por incluir:

> *"a casa, uma avenida de buxos que a ela conduzia partindo da entrada e um grande tanque circular (...). Ao centro deste tanque, ficava uma ilhota onde crescia um chorão, ligada à margem por meio de uma pequena ponte."*[25]

Este elemento era considerado o centro formal e funcional desta propriedade, onde era habitual a reunião dos habitantes da aldeia para passearem, dançarem, bordarem e pescarem em volta dele.[26]

Consideramos que a convergência de vontades, entre querer ostentar o poder e querer conferir ao jardim uma fruição estética, levem o Morgado Laureano, ou o projetista, a refletir sobre esta influência que despertava por excelência um sentido de

---

20. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.73
21. Termos e conceitos desenvolvidos em apêndice no Texto II. Consultar p. 43-49
22. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel,* 2000, p.64 :
O liberalismo deu-se essencialmente pela permanência do estado maior do Duque de Bragança em São Miguel que levou a uma transformação social que incutiu nos micaelenses um sentimento de pertença a mundo maior, que ao multiplicar as viagens de negócios e de recreio trazem influências e perspectivas culturais a todos os níveis.
23. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*,2000, p.53
24. Justificação de como chegamos a esta constatação em apêndice no Texto III. Consultar p. 55-57
25. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.41
26. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.44



47.



48.



49.



50.



51.



52.



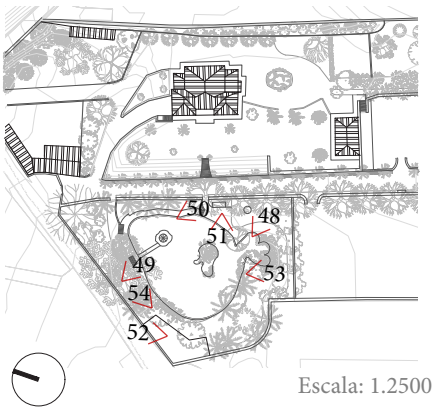
53.



54.

Os vários elementos que conferem um programa iconográfico ao recinto do tanque na Quinta do Tanque:

47. Fotografia aérea do recinto do tanque. MB0119
48. Vista para o tanque de um espaço recortado irregular circundado por bambus. MB0119
49. Banquetas de pedra decoradas com azulejos de fabrico local. MB0119
50. Coreto, ou pavilhão chinês implantado na ilhota de menor dimensão. MB0119
51. O fontenário, situado no percurso sinuoso que circunda o tanque. MB0119
52. Terraços do pavilhão de sugestão militar no extremo sul do recinto, correntemente chamado de castelo. MB0119
53. Embarcadouro no extremo poente do recinto, ao fundo a ilhota de maior dimensão. MB0119
54. Vista térrea do castelo que conforma um espaço interior. MB0119



Escala: 1.2500

convívio e embelezamento dos jardins na ilha, detendo uma ideia de centro atrativo, que motivava nos proprietários a ambição de, à semelhança, ter um nas suas quintas.

> *"Rapidamente, o Tanque converte-se no centro de interesses para os habitantes e visitantes* [com] *sua vocação especial, no âmbito da convivialidade e dos hábitos de recreio público".*[27]

Para além do tema arquitetónico-paisagístico em si, muito provavelmente influenciado pelos "fishpounds" característicos nos jardins ingleses do século XVII[28], ao tanque acompanham-no elementos como banquetas de pedra decoradas com azulejos de fabrico local, um coreto, dois embarcadouros, um fontanário, pavilhões, para além das duas ilhotas no seu centro, elementos reveladores de um certo gosto pitoresco, associação plausível pela influência e presença inglesa ativa na ilha.

Na verdade, o jardim inglês caracterizava-se por:

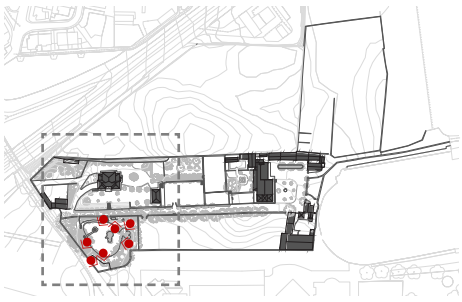
> *"esconder a regra que determina a disposição da composição; a descoberta vinha pouco a pouco e pretendia revelar uma série de surpresas por diversos e distintos pontos de vista. O jardim à inglesa pretendia ser uma manifestação de liberdade"*[29].

Conseguimos verificar no local a correspondência desta descrição, uma vez que ao ingressarmos neste recinto somos encaminhados a percorrer um caminho que privilegia a linha curva, e ao longo do qual vão sendo gradualmente expostos diferentes elementos arquitetónicos que incitam o fator surpresa e conferem diferentes pontos de vista.

Ao sair deste recinto percorriam-se três avenidas no sentido longitudinal da propriedade e duas na transversal[30], ladeadas por plantações de laranja, à exceção de uma central delimitada por árvores exóticas, formando uma alameda. Através de uma fonte contemporânea a esta época - data de 1847 - detemos o conhecimento de que já se previa uma construção na cota mais acentuada do terreno, onde veio a ser inserida a habitação.

> *"De um lado avista-se o mar, tencionando o proprietário construir ali um pequeno forte numa colina, donde se disfruta a vista do oceano, intentado outrossim edificar um vasto salão de baile no terminar de uma das avenidas, com pequenas lâmpadas suspensas das árvores de um lado e doutro."*[31]

Com esta nota em mente, passamos à evidência de que, em 1850, o Morgado Laureano pede a José de Torres que realize um levantamento do recinto do tanque[32]



27. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel,* 2000, p.45
28. *"A origem deste tipo de elemento de jardim é, de facto, anterior ao século XVIII e insere-se, quanto a nós, numa tipologia muito popular nos jardins ingleses do século XVII: os fishpounds, essencialmente destinados a uma pesca de recreio."* ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.44
29. *"Wheras the English garden hid the rule determining the ensemble's disposition; discovery came bit by bit and was meant to reveal a series of surprises that were so many distinctive points of view. The garden à l'anglaise meant to be the manifestation of freedom that would always be refused by the garden à la française."* LUCAN, *Composition, non composition,* 2012, p. 318
30. Consultar página 57 em apêndice.
31. NYE, Eliza Williams, "Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro "Slyph", em Julho de 1847" in *Insulana XXIX-XXX (1973-1974)*, p.62-64
32. Consultar o desenho de levantamento em apêndice p. 56.



55.



57.



56.



58.

55. Fotografia da Quinta das Necessidades a partir do jardim fronteiro à fachada principal.
56. Fotografia da Quinta do Tanque, objeto de estudo, a partir do terreiro fronteiro à fachada principal.
57, 58. Fotografia do Solar dos Faria e Maia e do Solar de Santa Catarina respetivamente. Chamada de atenção para a volumetria recuada do torreão à semelhança com o nosso objeto de estudo.

1850 - 1856
Proposta do projeto para a habitação.

Integração da proposta do projeto na propriedade.



Extraído da cronologia desenvolvida em apêndice p. 54

que consideramos, com base no estudo de Isabel Soares de Albergaria[33] , teria sido pedido pelo proprietário por haver a *"intenção de se empreender novas obras na quinta"*[34].

Assim, em data que não podemos precisar entre 1850 e 1856, realiza-se um projeto de uma habitação, cujos desenhos, sem estarem datados nem assinados, não correspondem integralmente ao que conhecemos da casa atualmente. Em primeiro lugar, apesar dos desenhos não nos informarem sobre a envolvente próxima, sabemos, a partir do existente, que a habitação foi implantada na cota mais proeminente do terreno, concretizando o interesse em intervir, como já atrás demonstrado.

Acreditamos que esta vontade, inerente a uma relação visual ampla sobre a paisagem e de avistar o mar, seja influenciada em especial pela Quinta das Necessidades, integrada no conjunto das quintas periurbanas. Esta quinta introduz uma dicotomia interior - exterior até então inexistente: implantada numa zona de acentuado declive - junto à fachada principal desenvolve-se um balcão *"que por sua vez estabelece um domínio visual sobre o plano do jardim e os terrenos em volta, estendidos até à costa."*[35]. Integrando o projeto original da habitação da Quinta do Tanque no seu contexto, verificamos a semelhança deste propósito.

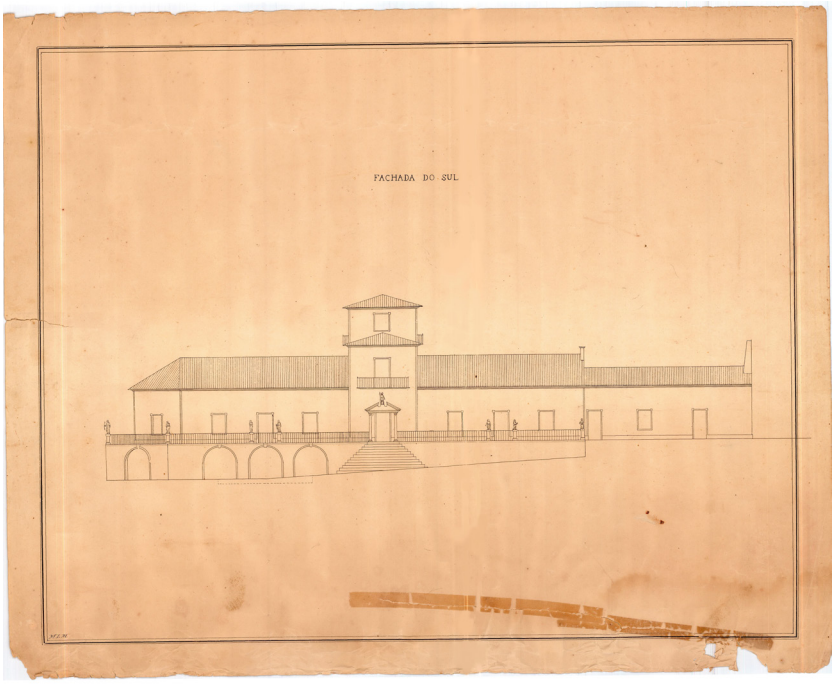
Contudo, para além da intenção inerente à implantação, este desejo de relação visual com a paisagem é também acentuado pela proposição de uma habitação torreada, que caracteriza o:

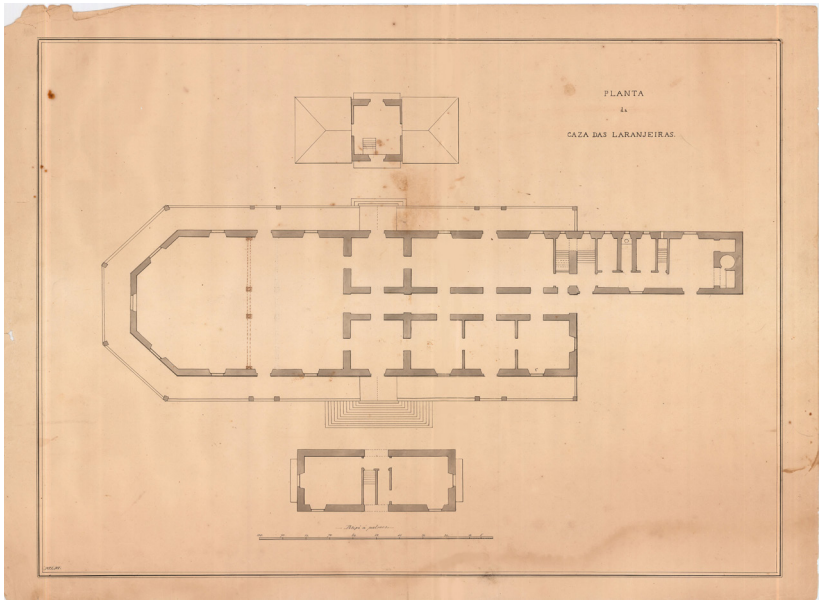
> *"desejo de quebrar o isolamento característico da vida insular, dada a relação que naturalmente permitem estabelecer com uma paisagem urbana de vistas mais amplas, mas sobretudo pela ligação visual com o oceano, meio de transporte e de ligação ao "exterior" fundamentalmente na época analisada."*[36]

Será de destacar que sobretudo na região norte de Portugal há, a partir do século XVIII, a predominância da tradição da *casa-torre* por *"desempenhar papel de relevo como afirmação senhorial"*[37]. Neste sentido, é natural também no meio insular encontrarmos habitações torreadas como é o caso, por exemplo, do Solar dos Faria e Maia e do Solar de Santa Catarina, em particular em Ponta Delgada.

> *"os "torreões", mais simples e de menores dimensões* [que as torres, são] *cobertos com telhado de 3 ou 4 águas, tendo um piso apenas acima da cobertura, recuados ou no plano da fachada, por vezes no enfiamento de arruamentos fronteiros"*[38]

33. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*, Lisboa: Quetzal, 2000.
34. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel,* 2000, p.74
35. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel,* 2000, p.30
36. FERNANDES, *Cidades e casas da Macaronésia,* 1996, p.187
37. AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses : introdução ao estudo da Casa Nobre,* Lisboa : Horizonte, 1969, p.79
38. FERNANDES, *Cidades e casas da Macaronésia,* 1996, p.187-188





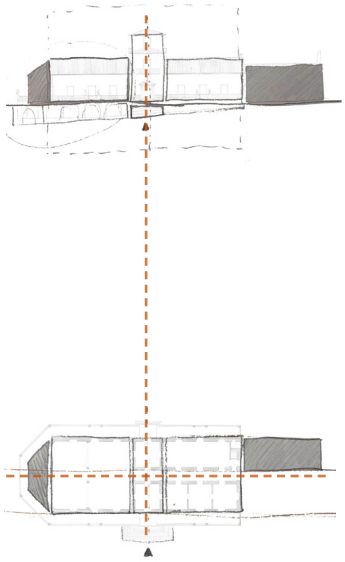
59.

59. Desenhos do alçado sul e de uma 1ª planta da proposta encomendada pelo Morgado Laureano Francisco da Câmara Falcão. Sem autor, sem data, acedidos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

"Os desenhos de projecto são representação exclusivamente técnica: informam o estritamente necessário à compreensão do edifício construído – uma representação directa da proposta, omissa qualquer referência às características do local para além do necessário à representação do suporte, volumetria e programa; da modelação do terreno e encastramento do edifício ao solo. Ausente qualquer suplemento gráfico para lá do estritamente necessário à representação do objecto a construir. Omissa qualquer informação sobre o processo como se atingiu o resultado exposto – comunica-se um propósito e uma decisão."[39]

Tendo consciência de que os desenhos recolhidos que representam o projeto original não transmitem o processo e as preocupações do cliente e/ou projetista em questão, mas sim uma resposta/solução final, avançamos para a análise deste primeiro desígnio com o propósito de refletir sobre as decisões tomadas na tentativa de entender e extrair as premissas ponderadas para a qualificação do espaço e da habitação nesta época.

Numa primeira análise objetiva resultante da observação dos desenhos recolhidos como forma de compreender a composição volumétrica proposta, somos induzidos a considerar à partida uma ideia de centralidade e de dupla simetria conferida pelo volume vertical em destaque na composição e pelos dois corpos mais baixos de proporções idênticas que o ladeiam.



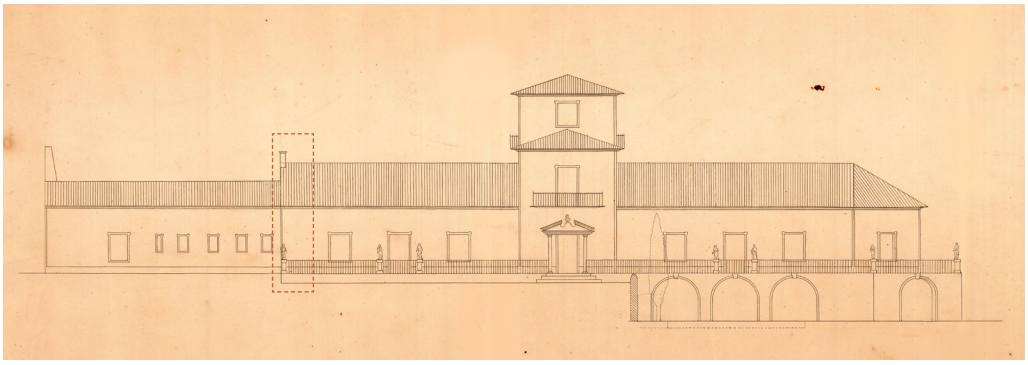
1ª geração: o desígnio alçado sul e planta simetria, destaque do núcleo principal na composição, diferente remate nos topos

Contudo, esta ideia de simetria é quebrada por três fatores: pelo díspar remate dos topos; pelo distinto contacto dos volumes com o solo; e pela diferente forma de apreender o alçado norte e alçado sul no confronto com os desenhos em planta.

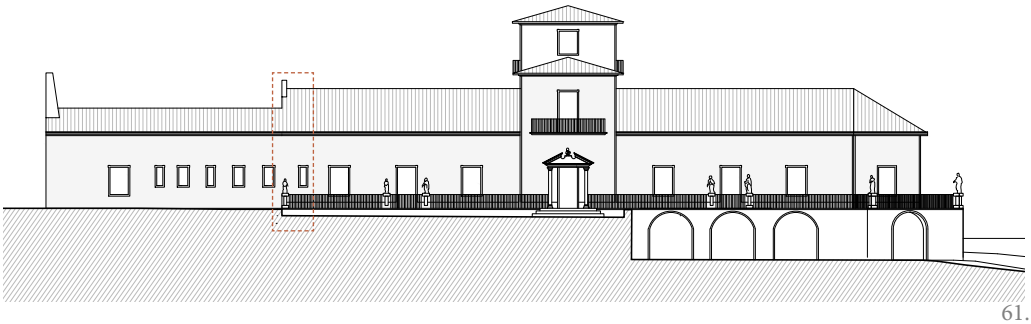
A diferente solução no desenho dos topos é clara na observação dos alçados, assim como da planta. O extremo poente apresenta em planta uma mudança de direção em relação ao plano frontal da fachada, formando uma configuração semi-hexagonal, que em alçado também é sugerida pela linha de quebra e pela mudança de inclinação da cobertura. O extremo nascente adquire claramente uma secundarização pelo recuo relativo à fachada sul, assim como em alçado se identifica uma mudança de altura da cobertura.

É neste diferente remate dos topos que, ao confrontarmos os desenhos em planta com os alçados (fachadas), reconhecemos uma diferença na apropriação da simetria no alçado sul e no alçado norte, essencialmente pela colocação do volume nascente. Este, ao implantar-se à face da fachada norte e recuado em relação ao alçado sul, salienta e reforça a simetria neste último, pois destaca o referido núcleo central da composição, acentuando o seu eixo pelo elemento arquitetónico da escada, que articula o terreiro com a plataforma-varanda do edifício.

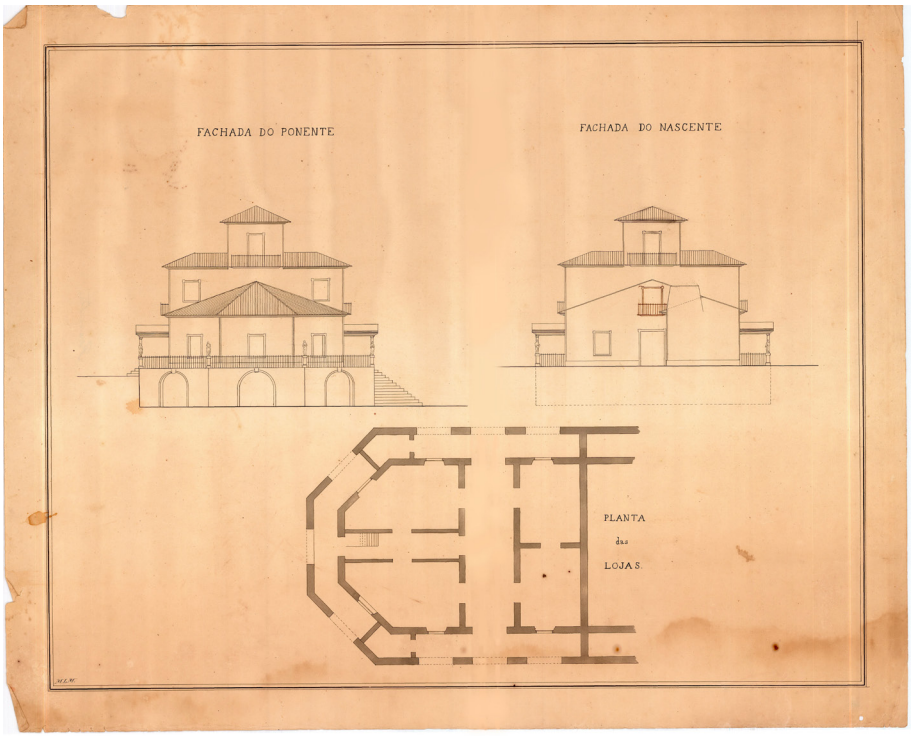
39. MENDES, *Só nós e Santa Tecla*, 2008, p.119



60.



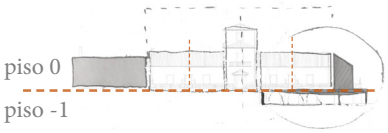
61.



62.

60,61. Desenhos da proposta do alçado sul, respetivamente o desenho de época e o desenho por nós concebido, pela constatação de se detetar uma manipulção no desenho original para passar uma ideia de simetria que pode não refletir a realidade apreendida. Escala 1:500

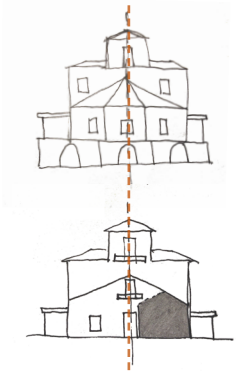
62. Desenhos da proposta do alçado poente, nascente e da planta do piso -1, espaço de lojas, à cota da alameda. Sem autor, sem data, acedidos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.



1ª geração: o desígnio
alçado norte
diferente apreensão

Ao observarmos o desenho do alçado norte, o mesmo sugere-nos a quebra e a mesma leitura de simetria do núcleo central visíveis no alçado sul. Contudo, no confronto do desenho do alçado com a planta, notamos que o volume nascente sendo complanar em relação ao lado norte remete, desde logo, para que a leitura seja mais contínua e que a linha assinalada (img. 60) não se refira a uma mudança de plano, mas apenas a uma sinalização que ajuda a salientar a simetria. Por outro lado, detetamos que o mesmo desenho ignora, no confronto com a planta, a colocação de um vão que ilumina o vão das escadas que, da mesma forma, vai interferir na leitura desta simetria.

Ainda, podemos afirmar que, permitindo em alçado uma leitura simétrica do núcleo central do piso 0, este não se prolonga para o piso -1 no contacto com o solo. Enquanto que o lado a nascente do volume vertical assenta numa plataforma embasada no terreno, o lado poente assenta sobre uma arcaria que permite uma continuidade da cota da habitação e cria um espaço de lojas a uma cota inferior. Esta diferença permite-nos também considerar dois eixos de simetria secundários definidos por estas duas massas que ladeiam o volume vertical.



1ª geração: o desígnio
alçado poente
e alçado nascente
diferentes sentidos de
simetria

Mantendo esta linha de pensamento, é igualmente pertinente referir um claro eixo de simetria visível no alçado poente e de certa forma no alçado nascente, sendo que o volume de remate se localiza num dos lados do eixo e não se replica. Na verdade, simetria:

> *"é às vezes confundida com equilíbrio (...) Um Homem ao não fazer o mesmo gesto com ambos os braços é, na mesma, uma composição simétrica, assim como uma árvore, cujos ramos possam parecer distribuídos aleatoriamente, não dá menos impressão de um equilíbrio perfeito."*[40]

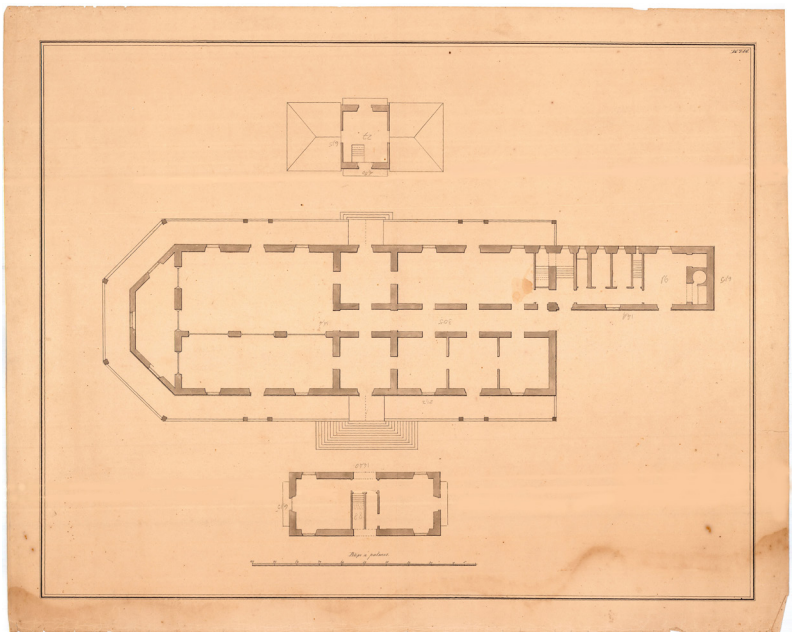
Contudo, dada a exceção do volume nascente na composição projetual, que recorre persistentemente a esta ideia de simetria, parece-nos adequado equacionar - em comunhão com uma ideia despertada pela obra de Isabel Soares de Albergaria - que este volume correspondesse a uma pré-existência no terreno.[41]

Esta evidência justificaria: a dissemelhança deste volume em relação à composição central da composição, a posição avançada que é conferida a este núcleo central em relação ao alçado sul, o principal, como forma de se destacar; e a ideia da implantação se desenvolver assente numa plataforma, uma vez que se associa à pré-existência e se desenvolve à mesma cota.

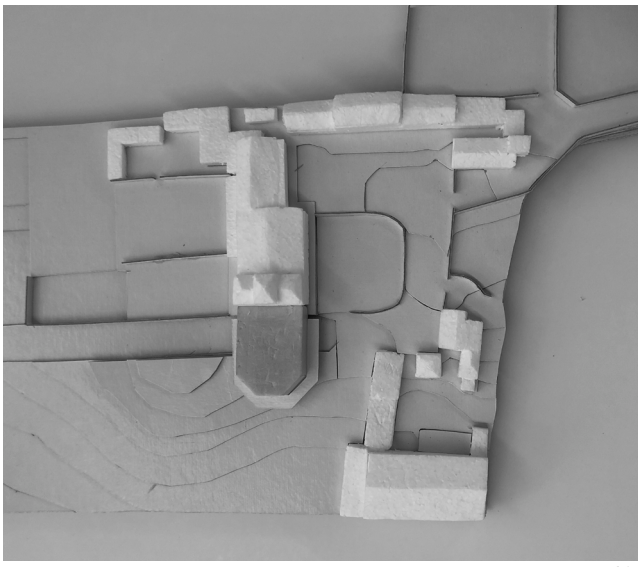
Em planta esta ideia de eixos de simetria está igualmente presente, apesar da compartimentação interior introduzir dissemelhanças. Neste sentido, é importante

40. *"Symmetry (...) is sometimes confused with equilibrium and is, all told, nothing but intelligent regularity. A man not making the same gestures with both arms is a symmetrical composition all the same, just as a tree whose boughs would seem to be distributed haphazardly gives no less the impression of perfect equilibrium.""* LUCAN, *Composition, non composition*, p. 300

41. *"É possível que tenha existido no local uma modesta habitação"* ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.73



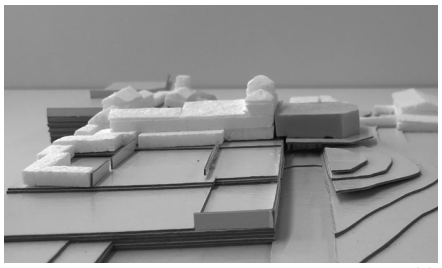
63.



64.



65.



66.

63. Desenho da 2ª proposta da planta para a habitação encomendada pelo Morgado Laureano. Diferença das duas plantas prende-se com a organização interior do salão poente. Sem autor, sem data, acedidos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

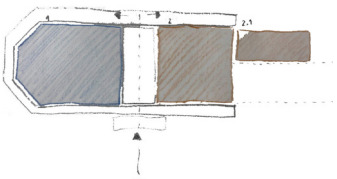
64. Maquete que estuda a conclusão do projeto original (desígnio) numa base que representa o terreno da propriedade como se encontra atualmente (2020). Vista em planta. MB0719

65, 66. Vista em maquete do alçado sul e norte, respetivamente. MB0719

para o entendimento destas soluções compositivas relacionarmos os volumes com os usos interiores inerentes. [42]

Não podemos ignorar que, aquando desta encomenda, o projetista foi deparado com um sítio e um programa ditado pelo proprietário/cliente. Assim sendo, parece-nos clara a relação forma-função presente nesta proposta.[43]

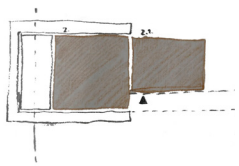
O ponto mais visível da casa, pela sua verticalidade, marca a entrada e serve como ponto de distribuição entre dois momentos: um de vivência esporádica e solene (a poente) e outro de vivência permanente (a nascente). A ala a poente é tomada como de uso ocasional por se saber que se destinava a um grande salão de baile encomendado pelo proprietário, falando-se também na possibilidade de deter uma biblioteca e uma sala de orquestra. Talvez seja pela dúvida das funções a integrar que nos chegam hoje duas plantas que propõem uma diferença na organização interior desta área.



1ª geração: o desígnio eixo de simetria e centralidade da entrada divide momento de vivência esporádica e de vivência quotidiana

Querendo o Morgado ostentar a sua riqueza e mostrar as suas possibilidades, era natural ser conferida a esta ala a conotação mais nobre e exuberante da casa. Este aspeto pode justificar tanto o remate formal do topo, como também o carácter monumental adquirido pelo atravessamento da alameda e possível relação visual com o tanque. Nesta ala poente também não podemos ignorar que existe um piso de lojas, no nível da alameda que segue dois eixos de simetria, transversal e longitudinal.

A ala a nascente, de vivência permanente, continha, e contém, os compartimentos necessários às necessidades quotidianas - quartos e salas – assim como, num volume adjacente, se resolve o núcleo dos serviços essenciais à rotina diária. Este concentrar das funções que são necessárias no dia a dia a nascente denota uma lógica funcional, mas não descura a hierarquização dos usos.[44]



1ª geração: o construído compartimentos de vivência quotidiana + interior reorganiza-se

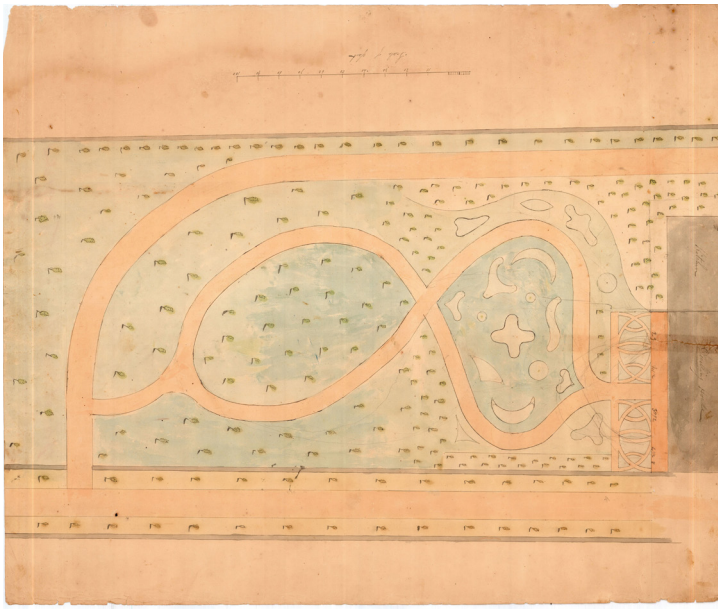
A um nível volumétrico há uma notória secundarização do volume dos serviços pelo seu recuo em relação à fachada sul – a principal. Parece haver uma preocupação em minimizar a sua presença no alçado, pelo seu uso alegar uma função mais quotidiana e de serviço.

---

42. *"Connecting rooms by enfilades went hand in hand with the symmetrization of each individual room: "By symmetry" wrote Blondel, "we broaden the respective regularity of bodies set up in opposition to each other. A suitably commodious apartment therefore would often be based on a plan structuring rooms of varied but regular geometrical configurations (squares, rectangles, circles, hexagons, etc) in accordance with axialities that might be of great complexity."*." LUCAN, *Composition, non composition*, 2012, p. 13

43. *"If distribution bearing upon exterior appearance would tend to go hand in hand with decoration and beauty, distribution bearing upon interior divisions would certainly go hand in hand with commodity (in the sense of functionality and convenience). Blondel spelled out the Vitruvian triad as follows: solidity=construction; commodity=distribution; beauty=decoration"* LUCAN, *Composition, non composition*, 2012, p. 13

44. *"The most important parts of an edifice – the most essential organs of the body which is to be created – will make themselves apparent on the outside by the way they are positioned or by extending their height or the length of their projections, detaching themselves from the rest of the composition whose detail we will limit in order to avoid unnecessary confusion."* LUCAN, *Composition, non composition,* 2012, p.90



67.



68.



69.

67. Desenho que propõe um projeto paisagista para o espaço fronteiro à fachada norte da habitação que incentiva o percurso e a permeabilidade exterior. Sem data nem autor

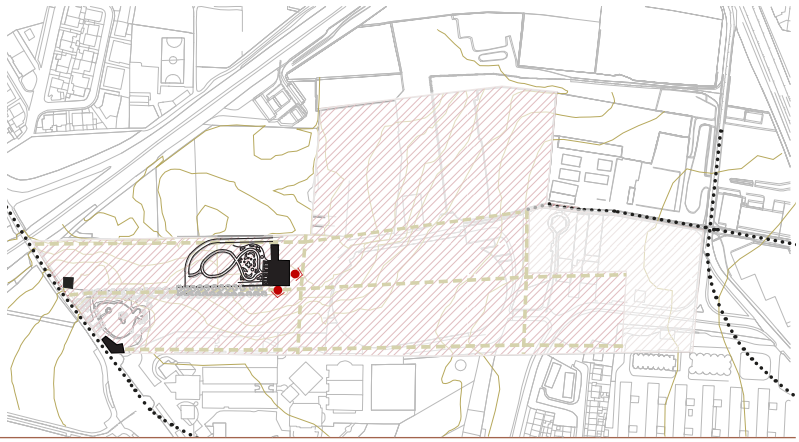
68, 69. Fotografias de 1980. Conferem uma ideia dos diferentes pontos de vista permitidos pelo balcão onde se verifica a falta de relação visual com o Tanque, a partir da volumetria efetivamente construída. A primeira fotografia vira-se para sul com o mar ao fundo, a segunda para poente com uma visão ampla sobre pastagens.

1856 -1869

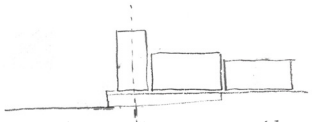
Proposta de um jardim fronteiro à fachada norte da habitação.

Desenho encomendado a um paisagista inglês, provavelmente a Peter Wallace.

Este desenho de jardim, denota um claro gosto de desenho inglês e demonstra a construção da habitação e a presença da alameda.



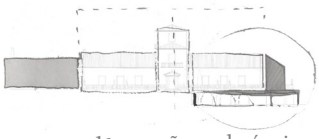
Extraído da cronologia desenvolvida em apêndice p. 54



1ª geração: o construído
alçado sul: o desiquilíbrio

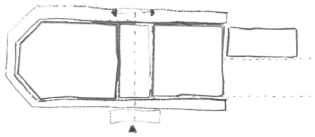
No seu aspeto global a composição volumétrica, apesar de não ser exatamente simétrica, mostra um equilíbrio formal que se perdeu na construção da casa que conhecemos hoje, pela inexistência da ala poente. O facto do volume vertical ao nível do piso 0 não pretender ter três frentes, mas sim duas, visto que encostaria com o pavilhão poente, denota a não conclusão da obra.

Tendo sido analisada e esclarecida de forma global a proposta original na sua forma e função, foquemos em temas pontuais inerentes ao projeto, numa tentativa de informar esta procura por estratégias de intervenção.



1ª geração: o desígnio
alçado norte, embasamento
contrabalança o cheio confe-
rido pelo volume nascente

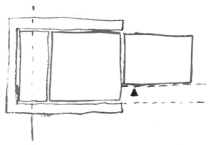
É de notar que a proposta de implantação da casa sobre uma plataforma que atravessa a alameda e resolve o desnível suportado por uma sucessão de arcos é uma solução arquitetónica que dá um certo carácter monumental à composição, ainda que venha num sentido de bom senso e/ou economia de meios dada a adjacência à possível pré-existência. Contudo, não deixa de ser uma solução que contrai um equilíbrio volumétrico e uma vantagem de novos eixos visuais, reforçada por um percurso em varanda que se desenha em volta da volumetria.



1ª geração: o desígnio
balcão contínuo
promove relações visuais
favoráveis

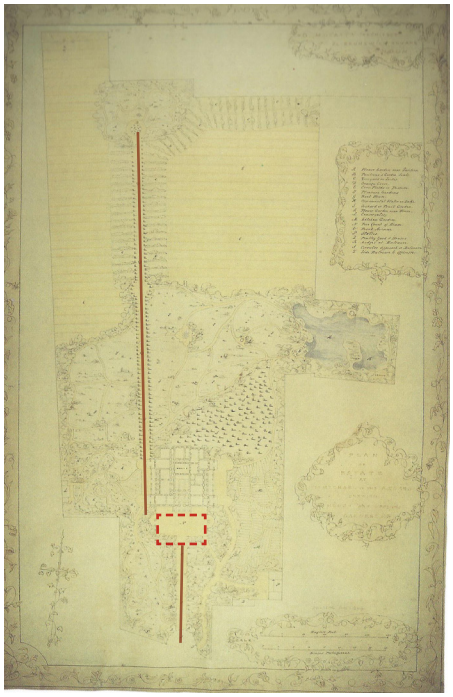
Esta varanda/balcão, junto à fachada sul, observa o mar e o espaço de entrada fronteiro à habitação; junto à fachada poente observa os campos de cultivo da Quinta das Laranjeiras, adjacente à nossa; e junto à fachada norte cria uma relação visual com o recinto do Tanque, seguido pela visão sobre a alameda, que culmina na abertura sobre o jardim. Este elemento, que em parte pode ter sido influenciado pela Quinta das Necessidades (img. 55), formula uma relação entre o interior e o exterior e, inclusive, uma ideia de passagem, permeabilidade e uma variação extensa de pontos de vista, que deve ser valorizada.

Será de referir que foi projetado um desenho de jardim que nunca foi concretizado para este espaço fronteiro à fachada norte da habitação. Em todas as quintas e solares é característica a presença de um jardim ornamental, mais ou menos rico, que também denota um gradual desenvolvimento do seu desenho ao longo dos tempos.



1ª geração: o construído
balcão contínuo - sem rela-
ções visuais favoráveis

Assim, a obra inacabada - sem a construção do pavilhão poente que atravessa a alameda - faz com que estas relações visuais se percam, ainda que o tema do balcão contínuo e contíguo aos três lados da habitação se mantenha, demonstrando vontade de manter a permeabilidade exterior. Consideramos que a relação com o tanque que deduzimos inicialmente pretendida se quebra integralmente, tanto por deixar de ser possível avistá-lo pela parte construída da habitação, como por não ter sido executado o desenho de jardim que encaminhava e incitava esta relação através do percurso (img 67).



70.



71.



72.



73.



74.

70. Desenho de um projeto paisagista para a propriedade de José do Canto em 1845.
71. Fotografia aérea do Solar de Santa Catarina.
72. Fotografia aérea da Quinta das Necessidades.
73. Fotografia aérea da Quinta das Laranjeiras.
74. Fotografia aérea da Quinta do Tanque.

Legenda:

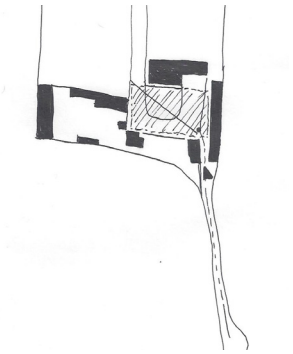
- Pátio de entrada
- Jardim nobre
- Alameda
- Proposição da localização das avenidas de laranja.



75. Esquema de relação de entradas aquando a projeção do projeto original. Vivência pretendida para a quinta. MB0710

Outro tema importante a referir, prende-se com a aproximação e realização da entrada na propriedade, que se pode realizar através de dois pontos opostos entre si: um a sul e outro a norte.

Com a análise realizada a outras quintas concebidas anteriormente à formalização do nosso objeto de estudo - já referenciado em apêndice - , somos levados a reparar num modelo comum de entrada que se caracteriza por um pátio delimitado por uma fachada da habitação, sem ser obrigatoriamente a principal, em que em seu redor se dispõem dependências anexas como: habitações dos trabalhadores, cocheiras, estábulos, lagares, entre outras. Este modelo é visível tanto no Solar de Santa Catarina, como na Quinta das Laranjeiras e, inclusive, na Quinta das Necessidades.

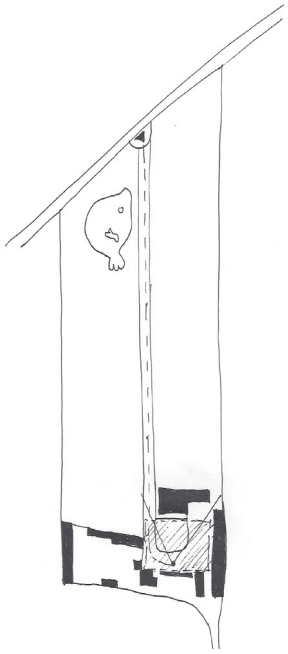


1ª geração: o construído entrada na propriedade por sul - terreiro de receção

Desta forma, somos levados a equacionar que a entrada principal na nossa propriedade outrora fora considerada a entrada sul que, através do caminho de servidão - ou de um caminho que existiria a eixo, antes da divisão da propriedade - ligava a propriedade ao mar e conferia este modelo de entrada recorrente de um pátio de receção que apresentava a casa e se delimitava pelas dependências anexas.

Contudo, não podemos descurar a entrada norte e em relação a esta gostaríamos de destacar em particular que em 1845 na Quinta de José do Canto, o proprietário encomendou um desenho de jardim a um inglês que:

> *"prevê a implantação da casa "junto a um amplo terreiro de onde parte uma longa alameda (a "vistas") que atravessa o jardim até à zona dos campos de cultivo; na parte reservada ao jardim, uma rede de arruamentos define canteiros destinados a flores junto à estufa e áreas para a plantação de arbustos e árvores; algumas construções, como o edifício das cocheiras, a estufa, o tanque pequeno, o lago e o templete situado no cimo da vista, completam o quadro."*[45]



1ª geração: o construído entrada na propriedade por norte - alameda + terreiro de receção

Parece-nos clara a relação destes modelos de entrada com a nossa propriedade. Contudo, na Quinta do Tanque, a alameda referida no projeto do Jardim de José do Canto que seria uma mediação ao jardim é, também, uma entrada na propriedade.

Esta dualidade entre estes dois pontos de entrada permite-nos considerar que a forma hexagonal que remata o topo poente do projeto original da habitação, para além de conferir uma exceção para valorizar o uso mais nobre da composição, pode também ser interpretado como um momento de rotação que resolve a ambiguidade das duas entradas, rematando ambas e atribuindo-lhes igual importância.

45. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel,* 2000, p. 115

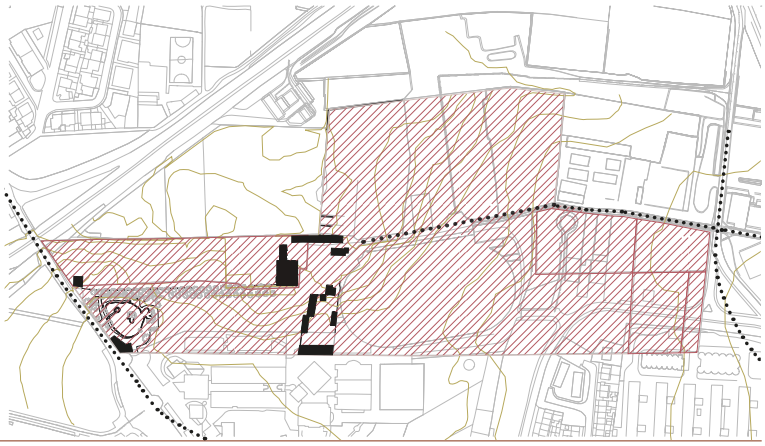


76. Fotografia atual da fachada sul, principal, da habitação.Volumetria construída. MB0119

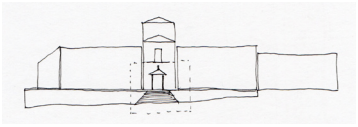
1869

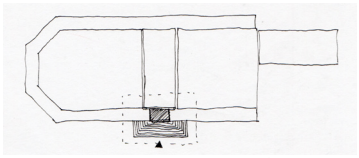
Composição da propriedade descrita no inventário realizado após a morte do Morgado Laureano

Com a morte deste primeiro proprietário realiza-se um inventário dos seus bens, o que nos permite saber com mais precisão a dimensão da propriedade, chegando nesta data a conferir 77 alqueires e meio e 44 varas, num algomerado de diversas partes.

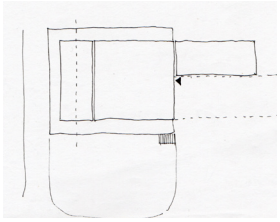


Extraído da cronologia desenvolvida em apêndice p. 54





1ª geração: o desígnio
o momento de entrada
centro da composição



1ª geração: o construído
o momento de entrada
impercétivel na aproximação

Particularizando, o caso do momento de entrada na habitação no projeto inicial também não pode ser ignorado. Ao fazermos a aproximação a uma edificação devemos ser atraídos a um momento da composição *"tradicionalmente desenhado para apresentar a casa"* e *"dar as boas vindas"*[46]. Neste caso, a escadaria nobre projetada em frente ao ponto de referência da composição, marca visualmente a chegada, acompanhada por um alpendre no topo da sua ascensão que articula um momento de transição interior-exterior .

Este carácter imponente que tem o momento de entrada no projeto inicial é perdido na sua totalidade no que hoje existe. Ao fazermos a aproximação à casa e ao apreendermos o alçado sul, não somos atraídos de imediato a nenhum ponto que convide a entrar, e não é claro por onde este se realiza.

> *"Está claro que nisto de habitação, como noutros casos de etnografia, não devemos contar só com a tradição; as circunstâncias locais, como já disse, motivam as necessidades, que se reflectem em tudo, tudo alterando."*[47]

46. *"The front door was traditionally designed to present the house to the world at large, to welcome others."* BUSCH, Akiko, *Geography of home : writings on where we live*, New York : PAP, 1999. p.35
47. VASCONCELOS, José Leite de; PAVÃO JÚNIOR, José de, *Mês de sonho,* 2ªed. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1992, p.239



77. Núcleo central, lado sul. Fotografia por volta de 1978.

1917

Composição da propriedade quando Eduardo Soares de Albergaria a herda por parte do seu avô.

No seguimento do óbito de António José de Vasconcelos, em 1917 os documentos inerentes às partilhas demonstram que nesta data a propriedade compreende à volta de 65 alqueires, que são herdados pelo seu neto, Eduardo Soares de Albergaria.

Extraído da cronologia desenvolvida em apêndice p. 54



II. 01.2 2ª geração – Eduardo Soares de Albergaria

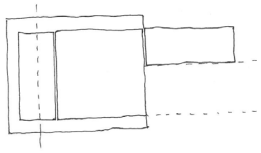
"Em demasiadas ocasiões, o discurso que se faz sobre a casa no âmbito arquitetónico destaca a imensa quantidade de alterações recentes nos usos e costumes da nossa sociedade em relação às atividades domésticas – e as consequências que elas supõem na conceção de vivendas especializadas em programas muito específicos -, como se a mudança constante não fosse um estado natural de uma casa."[48]

O segundo desígnio que incide sobre a habitação é construído por Eduardo Soares de Albergaria, terceiro proprietário da Quinta do Tanque, que sucede a seu avô António José de Vasconcelos.[49]

Herdando a propriedade em 1920, Eduardo intervém no contexto da quinta de duas formas distintas: uma de natureza efetiva, outra de natureza propositiva.

A primeira, mais urgente, consiste na realização de diversas alterações no terreno que englobam modificações na habitação e respondem às necessidades quotidianas da evolução dos tempos.

A segunda, que advém de uma maior maturidade na experiência de vivência na casa, consiste num documento redigido em 1973 denominado *"Casa das Laranjeiras" Memorial*, que identifica problemas, propõe soluções e sugere e orienta possíveis alterações que se possam realizar na propriedade, a serem levadas a cabo pelas futuras gerações.



1ª geração: o construído
a fração construída da habitação:
estado aquando a herança

Em primeiro lugar é importante referir que após a campanha de obras referentes à casa a cargo do Morgado Laureano, não existem registos que nos informem de qualquer alteração realizada na quinta até às intervenções de Eduardo Soares de Albergaria.

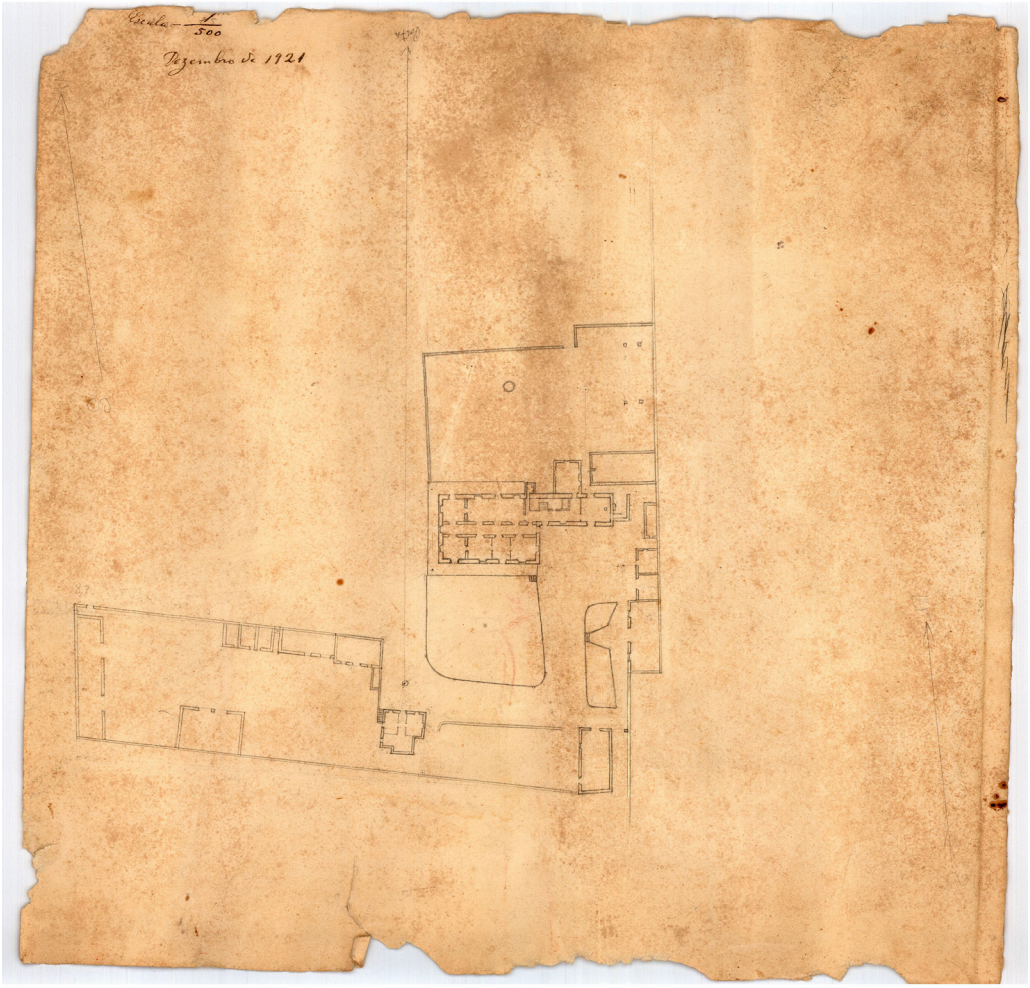
"Meu Avô tomou posse da casa inacabada como estava e usava-a para passar alguns meses de verão. Avêsso a obras de qualquer espécie nada lhe fez para a tornar equilibrada contentando-se em adaptar-se dentro do que existia o melhor que pôde sem alterar a disposição interior dos aposentos. Deste são critério resultou a casa chegar até nós exactamente conforme os primitivos planos que possuímos."[50]

---

48. *"en demasiadas ocasiones, el discurso que se hace sobre la casa en el ámbito arquitectónico destaca la gran cantidad de cambios recientes en los usos y costumbres de nuestra sociedad en ralacion con las actividades domésticas – y las consecuencias que ello supone para la concepción de viviendas especializadas en programas muy determinados-, como si el cambio continuado no fuera un estado natural en la casa."* MONTEYS, Xavier, *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona : GG, cop. 2001, p.52

49. Consultar página 44, onde consta o desdobrável que acompanha o capítulo. Esquema genealógico.

50. SOARES DE ALBERGARIA, Eduardo, "Casa das Laranjeiras" in *Memorial,* 1973; em arquivo privado de Eugénio Soares de Albergaria

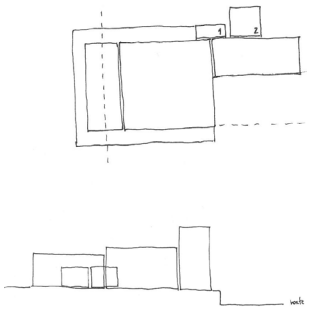


78. Planta desenhada da habitação e sua envolvente próxima em 1921.

Em segundo lugar é de referir que esta análise seguirá uma abordagem distinta da anterior, uma vez que não se baseia no estudo de um projeto de arquitetura através de desenhos técnicos, mas sim no reconhecimento efetivo das alterações feitas na quinta e na interpretação de um documento narrativo-descritivo-propositivo que reflete opiniões e vontades de um habitante e de uma época. Neste sentido, aborda e introduz o problema inerente à reflexão teórica de intervenção em estruturas pré-existentes, o *construir no construído*.

Em primeiro lugar, analisemos as alterações efetivas realizadas na quinta, com foco na moradia.

Assim o afirma Eduardo Soares de Albergaria [51] e para nós é claro, tanto pela experiência enquanto habitante, como pelas leituras realizadas, que as exigências funcionais de vivência doméstica com a distância temporal de cerca de 100 anos, são muito distintas, o que torna compreensível a transformação visível nas habitações.[52] Na verdade, toda a questão de intervir em edifícios existentes parte de um caminho natural do desenvolvimento humano e da arquitetura que impõe um avanço constante e simultâneo.



2ª geração: o construído
planta e alçado norte
volumes soltos acrescentados

Sendo que Eduardo Soares de Albergaria pretendia fazer da habitação a sua residência de permanência e não usufruir dela apenas como casa de veraneio - como optou por fazer seu avô - procedeu desde logo às alterações necessárias para tornar a moradia habitável.

Desta forma, é visível, num desenho de uma planta de 1921, que a principal mudança realizada na habitação consistiu na introdução de dois corpos adjacentes ao volume nascente de serviços, colocados a norte. Ambos volumes correspondendo a uma instalação sanitária e a uma despensa, não alteram a organização interna da habitação, uma vez implantados no exterior, porém alteram a composição volumétrica e a composição do alçado norte.

Parece-nos importante recorrer brevemente à história como forma de compreender as alterações referidas. No que diz respeito à evolução do espaço doméstico, sabemos que o maior contributo do século XIX foi a consciencialização do conceito de higiene e era comum que, nas casas existentes, esta nova imposição da maneira de viver e de habitar se resolvesse com construções no exterior da habitação, de forma separada ou adjacente ao alçado tardoz. Assim, não se alterava a organização interior da moradia, o que facilitava a instalação consequente das infraestruturas

51. *"Depois daquela longínqua data do século 19, o Mundo deu muitas voltas, as exigências são outras"*. SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial, 1973*

52. *"The house we live in was built in 1792 (…) yet, even with my strong preference for history, not a day goes by when I don't admit that our beautiful two hundred year old house makes little sense for how we live today."* BUSCH, *Geography of home*, 1999. p. 17



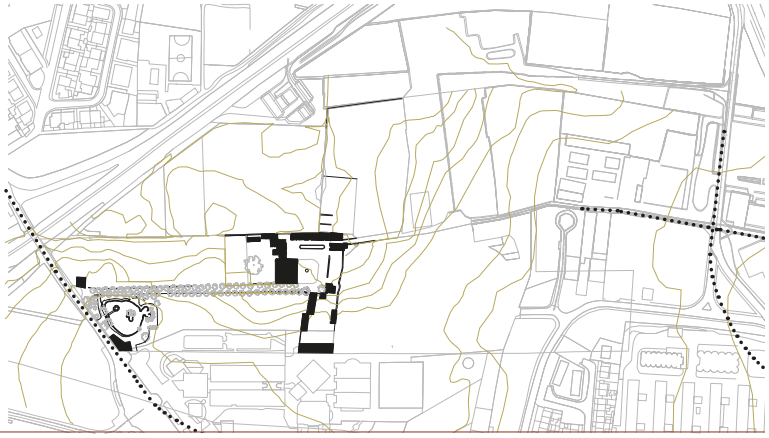
79. Fotografia referente à habitação no lado sul, anterior às modificações realizadas pelo atual proprietário, por volta de 1978. O momento de entrada.

1917 - 1978

Modificações realizadas por Eduardo Soares de Albergaria na propriedade.

"Em propriedades rústicas que lhe pertenciam, Eduardo Soares de Albergaria montou uma importante exploração agropecuária que tinha sua sede na "Quinta do Tanque" (...) Assim nasceu a Lacticínios loreto ltdª"
*"Ainda (...) criou uma indústria artesanal de charcuteria"**

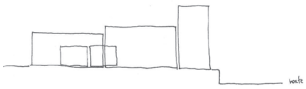
Extraído da cronologia desenvolvida em apêndice p. 54



* MOURA, Gustavo, "Recordar Eduardo Soares de Albergaria quando desaparece a Lacticínios Loreto", in *Correio dos Açores,* 10 Out. 2002, p.5

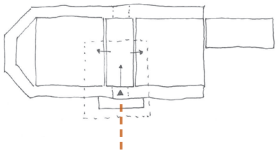


alçado sul- o construído

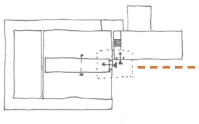


2ª geração: alçado norte- o construído

- alçado norte começa a perder clareza e limpeza de desenho



1ª geração: projeto original momento de entrada centro da composição



2ª geração: o construído momento de entrada resulta impercetível à apreensão

necessárias, porém modificava-se a composição deste alçado.[53]

Sendo que António José de Vasconcelos nada modificou, não é estranha a necessária introdução de instalações sanitárias[54] sentida por Eduardo Soares de Albergaria no início do século XX, assim como é comum a forma como as introduz.

Neste sentido podemos concluir que, nas alterações efetivas realizadas pelo terceiro proprietário, não há uma transformação na disposição interior dos compartimentos, mas há uma modificação na forma de ver e viver a habitação. Ganha-se uma liberdade de construir na sua envolvente, essencialmente para norte – traseiras da residência-, o que confere uma mudança na composição volumétrica que afeta a apreensão do alçado norte, devido aos acrescentos introduzidos por necessidades funcionais.

Devemos também tomar em atenção que, ao contrário da proposta original feita a pedido do Morgado Laureano, o facto da casa ter sido construída apenas parcialmente torna muito diferente a forma como nos movimentamos no espaço e usufruímos dele.

Fica claro que, para Eduardo Soares de Albergaria, o núcleo central da casa situa-se no ponto de desfasamento dos dois volumes construídos, onde se passou a situar a entrada, visto que o acesso inicialmente projetado passou a configurar um quarto e não um espaço de entrada.

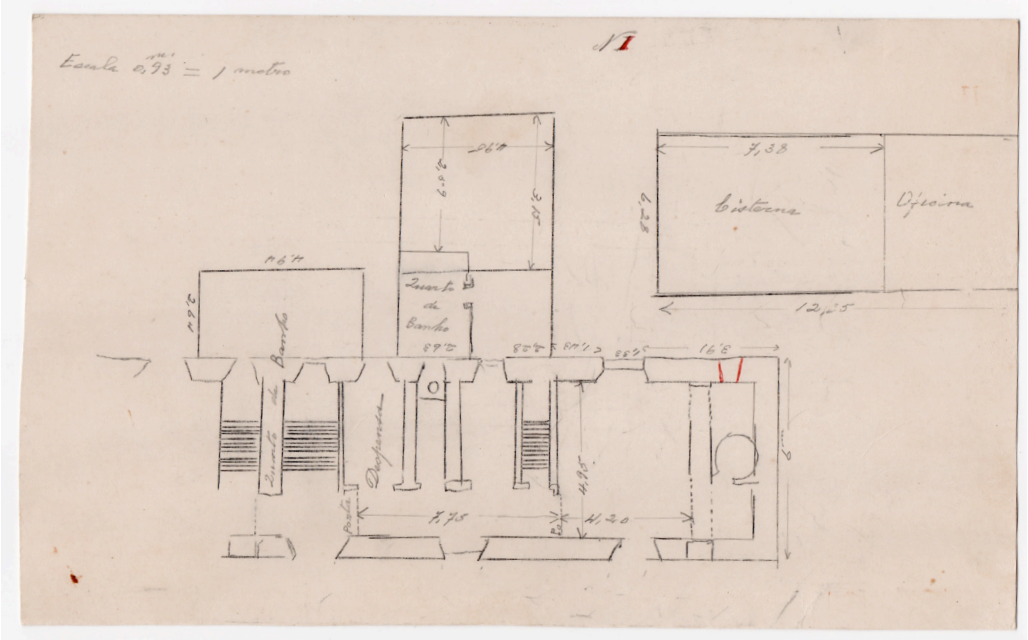
O facto do momento de entrada se situar neste ponto vai enaltecer este volume que inicialmente se considerava secundário, e que se manteve como de serviço aquando da permanência deste proprietário, mas que de momento sugere ganhar outra importância. Não deixa de se considerar que esta circunstância se formou por uma consequência do uso e não por uma lógica formal que marca a cerimónia da entrada. Apesar de deter lógica funcional, pois localiza-se no centro e na divisão de dois momentos (vivência e serviços), o seu valor compositivo é nulo, como já referido anteriormente.

Na verdade, a habitação vê-se como um organismo que se reequilibra perante pequenas ou grandes alterações, conduzindo persistentemente a uma reequação do sistema. Neste caso, um momento de entrada que seria secundário, pela incompletude do projeto original, requalifica-se como a entrada praticada, e a vivência quotidiana adapta-se a esta condição.

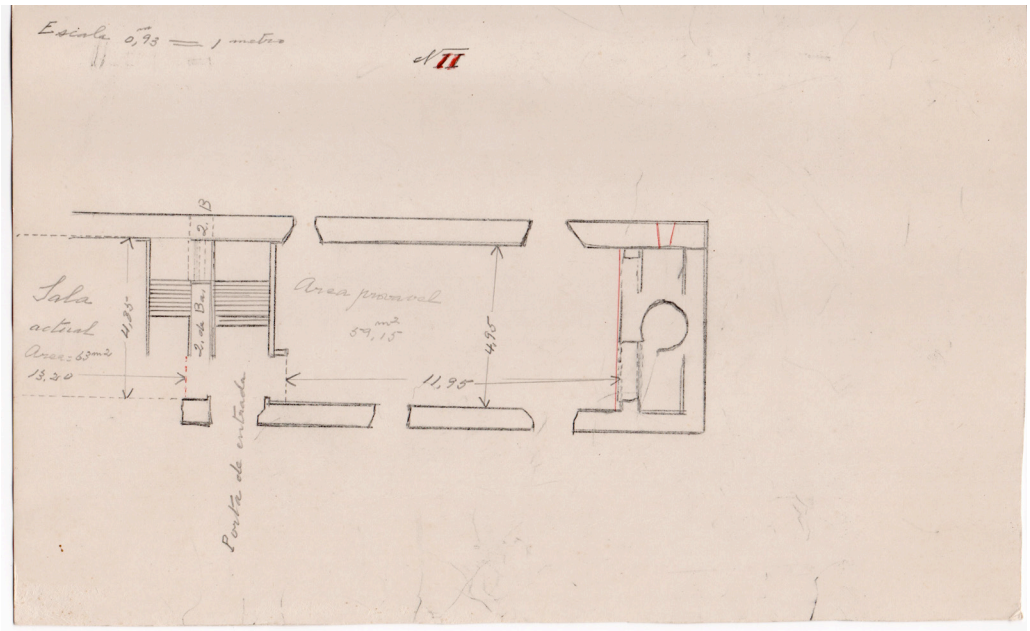
Procedendo à análise do *Memorial* de 1973, com ideias que não saíram do papel - desígnios -, Eduardo Soares de Albergaria considera duas fases de intervenção: uma primeira de resolução mais urgente que se prende com questões funcionais de

53. TEIXEIRA, Joaquim José Lopes, *"Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica : descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX"*, Porto : FAUP, 2004 p. 143

54. Sendo que é possível que já existisse uma retrete pela representação visível na planta número 1 que acompanha o *Memorial* de 1973.



80.

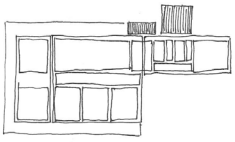


81.

80. Planta número I que acompanha o *Memorial* de 1973: "Casa das Laranjeiras"
81. Planta número II que acompanha o *Memorial* de 1973: "Casa das Laranjeiras"

vivência quotidiana, e uma segunda que remete para a questão formal do projeto inacabado.

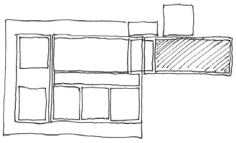
Assim, após a vivência e permanência no espaço, o proprietário ao considerar em falta uma sala de jantar, procede, primeiramente, à proposta de uma solução que pudesse responder a esta nova necessidade.



2ª geração: o construído volumes acrescentados "soltos" da composição

Para isso, realiza três desenhos que acompanham o *Memorial*: um primeiro onde desenha os anexos adjacentes à habitação, que consideramos na planta de 1921, e representa uma parte da casa como se encontra em 1973; um segundo desenho onde propõe uma localização e uma área para o compartimento da sala de jantar; e um terceiro desenho onde pensa uma proposta de reposicionamento da cozinha e circulações secundárias.

Sendo que em 1921 opta por uma atitude de resolver necessidades funcionais com a colocação de volumes exteriores à composição existente (img. 80), em 1973 não oferece resistência em modificar o uso e a organização interior do volume dos serviços (img. 81).

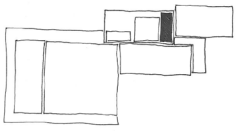


2ª geração: 1ª proposta localização sala de jantar alteração compartimentos interiores

Assim, realiza uma proposta para a localização da sala de jantar que se prende com o esvaziamento total deste pavilhão, *"desde a porta de entrada até aos arcos da chaminé completamente tapados a pedra e cal"*[55] deslocando a cozinha para norte, entre o volume da cisterna[56] e o volume da casa do milho (casas de despejo).

Esta atitude está novamente associada a uma mudança da vivência doméstica:

> *"Enquanto que a cozinha vitoriana era uma extensa sucessão de espaços dedicados a despensas, compartimento de refrigeração, copa e possivelmente, numa grande casa, separados estariam o fumeiro e a salga de carnes, a cozinha moderna é mais pequena. À medida que a comida processada se tornou mais acessível, a necessidade de todos esses espaços diminuiu, e as cozinhas e todas as áreas adjacentes que a serviam encolheram".*[57]

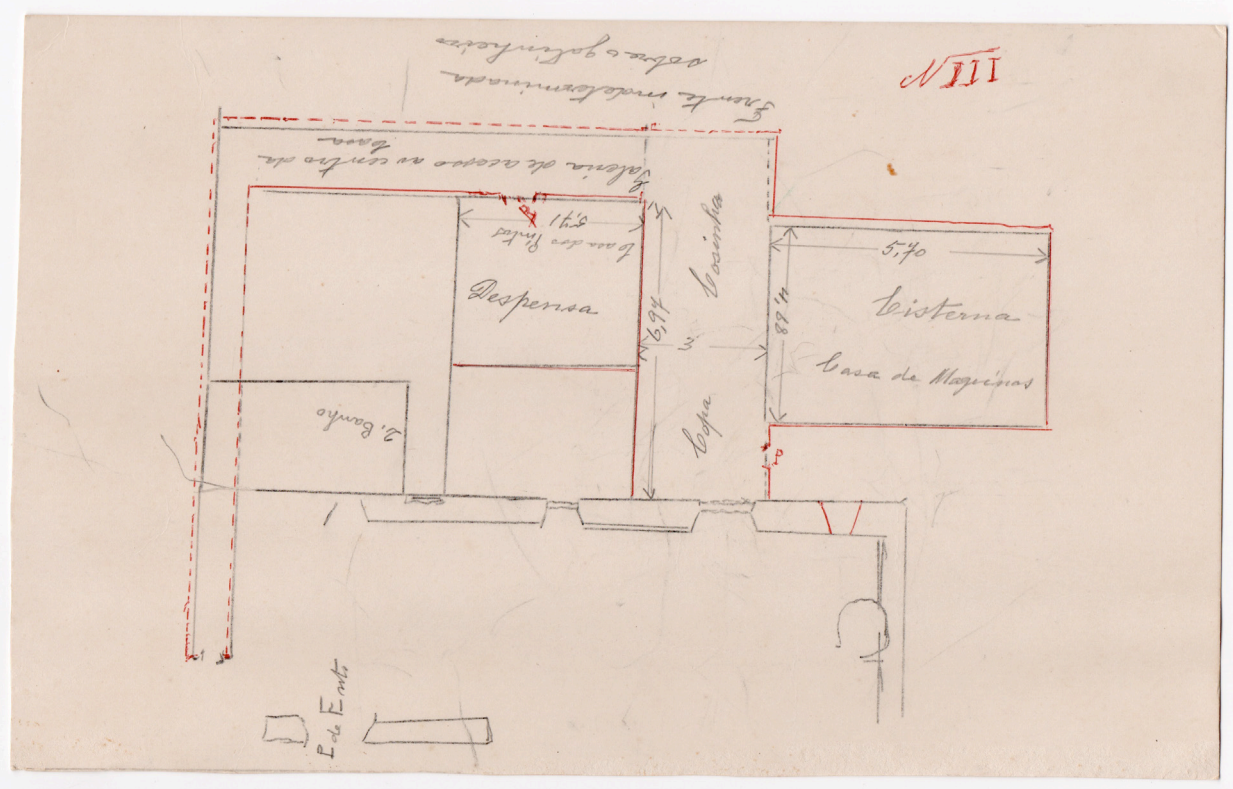


2ª geração: 2ª proposta reposicionamento da cozinha

Neste sentido, tendo em conta o século XX em que Eduardo Soares de Albergaria se encontra e as mudanças descritas, é natural que se quisesse repensar o uso destes espaços que se tinham tornado desnecessários para a vida quotidiana. Porém, a proposta do mesmo não propõe apenas a eliminação destes compartimentos de despensas, mas também a reformulação da própria cozinha. Este tema alerta-nos para dois pontos de vista que nos fazem considerar a importância do conceito de sala de jantar sobre o da cozinha.

---

55. SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973.
56. *"Sobretudo nos Açores (....), a cisterna (...) é uma construção frequente"*. FERNANDES, *Cidades e casas da Macaronésia*, 1996, p.316
57. *"While the Victorian kitchen was an expansive series of spaces dedicated to a pantry, a larder, an icehouse, a scullery, and possibly, in the grander house, separate facilities for smoking and salting meats, its modern counterpart grew smaller. As processed foods became more widely available, the need for all that space diminished, and kitchens and all their attendant areas shrank."* - BUSCH, *Geography of home,* 1999. p.45



82.

82. Planta número III que acompanha o *Memorial* de 1973: "Casa das Laranjeiras"

Durante os séculos XVIII e XIX, com a revolução industrial, a cozinha era considerada apenas uma área de serviço e, ao contrário das conceções primitivas que se mantêm na habitação rural até ao século XX em que o fogo representava o centro da casa, as cozinhas começaram a ser dispostas separadamente da habitação, tanto por uma questão de segurança, como pela ideia dos cheiros que eram considerados inapropriados.

Esta falta de necessidade de destacar a cozinha por deter um valor menos nobre[58] é exatamente o oposto do conceito e importância que se concedia à sala de jantar. *"As salas de jantar dos abastados substituíram as salas mais cerimoniais e com maior estatuto dos solares e mansões dos barões"* [59]. É desde então que prevalece uma ideia de necessidade perante este compartimento, talvez pela ideia de reunião a ela inerente, que mesmo podendo não ser de utilização constante, é objeto de maior interesse que a cozinha.[60]

Desta forma, não é estranho que a proposta de Eduardo Soares de Albergaria se centre em dignificar a sala de jantar, configurando-lhe um espaço dentro dos volumes existentes e que a cozinha seja deslocada para norte, sendo até uma prática comum a desassociação deste compartimento remetido para tardoz, incluindo no meio insular.

> *"A variação da relação da cozinha com o restante espaço da casa sempre foi assunto caracterizador do habitat, que os autores normalmente explicam por via de razões climáticas, culturais ou civilizacionais.*[61]

Analisando objetivamente a proposta de Eduardo Soares de Albergaria na planta nº III (img. 82) , o proprietário propõe que a copa e a cozinha se desenvolvam num volume exterior adjacente ao alçado norte, com acesso pelo vão localizado o mais a nascente possível. Este novo corpo preencherá o espaço entre a já existente cisterna, casa das máquinas, e o quarto de banho e despensas, conectando os dois volumes. [62]

---

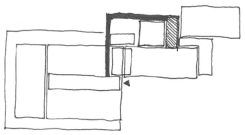
58. *"In the watercolors of the nineteenth century interiors, we rarely see kitchens – whereas bedrooms, drawing rooms, and assorted salons are all amply illustrated. In the rare event that the kitchen was portrayed, it represented a place where the lower classes labored."* BUSCH, *Geography of home,* 1999. p.42

59. *"The dining rooms of the wealthy replaced the more ceremonial and stately great rooms of baronial manors."* BUSCH, *Geography of home,* 1999. p.53

60. *"today's dinning room is nevertheless a holdover form an era more formal than our own. This evolution toward a casual lifestyle continues: We are more likely to grab breakfast at the kitchen counter or have pizza in front of the VCR than we are to sit at the dining table for leisurely meal. (…) And yet we hold on to the big table which, in turn, continues to demand a room of its own."* - BUSCH, Akiko, *"Geography of home : writings on where we live"*, New York : PAP, 1999. p.53

61. FERNANDES, *Cidades e casas da Macaronésia,* 1996, p.326

62. *"há várias hipóteses, digo, possibilidades, sendo que a que me parece a mim mais interessante o local da cisterna e da casa contigua. Fica próximo da porta da actual cozinha e próximo também de uma porta que terá de se abrir para dar entrada para o vão da chaminé e piais que possivelmente poderão vir a servir no caso de dificuldades de abastecimentos obrigando a retomar a feitoria de enchidos ou mesmo como dispensa á prova de rato."* SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973.



2ª geração: 3ª proposta união das volumetrias; sentido de integração

Indo mais além, o proprietário propõe uma galeria *"de acesso ao centro da casa"* que liga o núcleo central de distribuição diretamente à cozinha. Não podemos precisar a sua intenção ao propor esta nova circulação, mas parece válido deduzir que o pavilhão nascente, com o novo programa, ficou dotado de outra hierarquia, tornando-se, em termos de uso, equivalente às áreas nobres. Assim, é pertinente que se tenha sentido a necessidade de recorrer a um percurso secundário de serviço e, talvez, a uma tentativa de unidade de conjunto, de forma a perder-se a sensação de volumes soltos acrescentados.

É de ressalvar que não deixa de ser curioso que Eduardo Soares de Albergaria, mostrando alguma segurança nas suas ideias e nas suas propostas-solução, não proponha nem refira qualquer parecer sobre como resolver o alçado norte[63], mostrando uma clara predisposição em resolver assuntos funcionais, porém nem tanto de ordem formal.

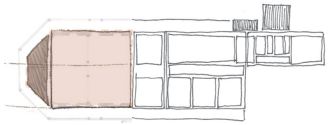
Pareceu-nos interessante a título de curiosidade, por se prender tanto com esta exposta realidade, tomarmos como nota a reflexão de Akiko Busch em relação à sua própria casa que vai de encontro à interpretação que fazemos em relação a este 2º desígnio e primeiro momento:

> *"A casa, como antigas casas em todo o lado, foi renovada, com vários pequenos acrescentos feitos ao longo dos anos. A certo momento o telheiro no quintal tornou-se na cozinha, e a grande cozinha com a grande lareira transformou-se em sala de jantar. Este é o primeiro compartimento na casa. Não existe um átrio de entrada, um "mudroom", apenas a sala de jantar."*[64]

No final da primeira fase do *Memorial* - a que temos vindo a reconhecer - o autor/proprietário reforça a ideia de que, na verdade, o que lhe interessa não é propriamente a solução, mas sim a preservação do alçado sul:

> *"Qualquer outra ideia que tenham, logo que seja planeada e construída do Lado Norte, onde há largo espaço sobre o galinheiro, é boa, não desfeia o Alçado Norte da casa pois que o Alçado Sul é de facto a frente da casa, onde nada realmente poderá e deverá ser construído."* [65]

63. Na planta nºIII encontra-se assinalado *"frente indeterminada sobre o galinheiro"*.
64. *"The house, like old houses everywhere, has been renovated, with various small additions made over the years. At one point the shed in the backyard became the kitchen, and the big kitchen with its massive fireplace was converted to a dining room. This is the first room in the house. There is no entry hall, no mudroom, just the dining room."* BUSCH, *Geography of home*, 1999. p.52
65. SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973



2ª geração: o construído
desígnio de finalizar
o projeto original

A segunda fase de intervenção exposta no *Memorial* não formula nenhuma proposta, apenas refere uma breve opinião sobre o reequilíbrio formal da composição, onde é apologista de finalizar a casa da forma como foi projetada originalmente. [66]

Nesta sequência demonstra dois pontos de vista: um que compreende a evolução técnica/tecnológica dos tempos - novos meios de conceção - [67], e outro que concorda com o programa proposto para o pavilhão em falta, o que motiva que este seja construído. Há assim um claro desejo de não perder uma espécie de conservadorismo de um mundo mais tradicional, mas há a consciência de um maior pragmatismo construtivo que incita a inovação.

Por fim, no seu *Memorial*, Eduardo Soares de Albergaria apela às gerações futuras:

> *"Não devemos perder de vista nem a vastidão do plano concebido pelo Morgado e muito menos deteriorá-lo, nem o espirito para a qual ela foi concebida, de Mansão destinada a Festas espectaculares que aqui talvez se darão concluída que esteja a casa ou pela minha geração, ou pela tua, ou pelas que forem seguindo.*
>
> *Compete porem, a estas, seguir as pisadas do Morgado, pioneiro da dita Grande Geração que nos precedeu e ir preparando para outras que seguirão aquilo a que hoje se chama infraestruturas para fechar com uma palavra da mais palpitante actualidade."*[68]

66. À semelhança da maquete apresentada na página 58.
67. *"Os materiais de que actualmente dispomos e a técnica moderna, facilitam enormemente a sua execução, que para o tempo se apresentava arrojada e dispendiosa, não sendo caso para se relegar para a classe dos impossíveis."* SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973 - "las nuevas tecnologías son útiles siempre y cuando sirvan para mantener el carácter del edificio existente y siempre y cuando no alteren ni adulteren ese carácter." MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006. p.27
68. SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973



37.

83. Vista Poente da habitação: o alçado voltado para a alameda.

II. 01.3 3ª geração - Eugénio Soares de Albergaria

"Deste conjunto de reflexões surge uma colagem, uma espécie de casa formada por distintas ideias e hipóteses que, inevitavelmente, não cabe a uma só casa. Esta casa colagem só cabe na cabeça de quem a imagina, e construí-la seria necessariamente construir apenas uma parte destes argumentos."[69]

O terceiro desígnio parte do atual e quarto proprietário da Quinta do Tanque, Eugénio Soares de Albergaria, filho mais novo de Eduardo Soares de Albergaria. [70]

Eugénio Soares de Albergaria herda a propriedade em 1978 e, a par das sugestões de seu pai de 1973 no *Memorial* referido, procede também à exploração de ideias que tivessem em atenção o reequilíbrio volumétrico e as modificações necessárias à evolução dos hábitos de viver.

Neste sentido, assim como o propósito anterior, esta terceira geração vai analisar, num primeiro momento, as propostas pensadas pelo atual proprietário em 1973 e, num segundo momento, as alterações efetivas por ele realizadas de 1978 até aos nossos dias, dando continuidade à circunstância de intervenção em estruturas pré-existentes, o "*construir no construído*".

Numa primeira apreciação dos seis desenhos recolhidos, que datam aproximadamente do ano de 1973, e com o testemunho pessoal do proprietário, podemos, desde logo, reconhecer que a finalização do projeto original, com a construção do pavilhão poente, não foi considerada por Eugénio Soares de Albergaria.

O mesmo acreditava que, por um lado, a habitação já detinha uma área de construção suficiente para não se sentir a necessidade de uma ampliação; por outro, o programa destinado ao pavilhão poente (um grande salão de festas), para a época que se vivia, não ia de encontro às necessidades práticas e funcionais. Neste sentido, o investimento necessário para acabar o projeto original não se verificava viável, o que excluiu desde logo esta hipótese como solução compositiva.

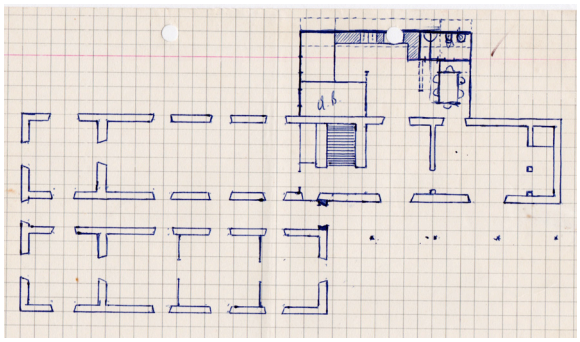
Contudo, a vontade do reequilíbrio da composição não desparece e as propostas de Eugénio Soares de Albergaria refletem essencialmente uma incessante busca por outras soluções que conferissem este equilíbrio volumétrico.

Não havendo uma certeza da sequência entre o primeiro e o último desenho, parece-nos correto admitir que a primeira proposta explorada pelo proprietário seguisse o volume proposto por seu pai e aproveitasse os volumes existentes a norte.

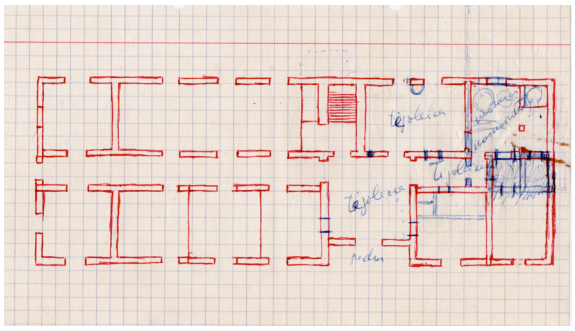
---

70. *"De este conjunto de reflexiones surge un collage, una especie de casa formada por distintas ideas e hipótesis que, inevitablemente, no cabe a una sola casa. Esta casa collage solo cabe en la cabeza de quienes la imaginan, y construirla sería necesariamente construir tan sólo una parte de estos argumentos."* MONTEYS, *Casa collage*, 2001, p.10

70. Consultar página 44, onde consta o desdobrável que acompanha o capítulo. Esquema genealógico.



84.



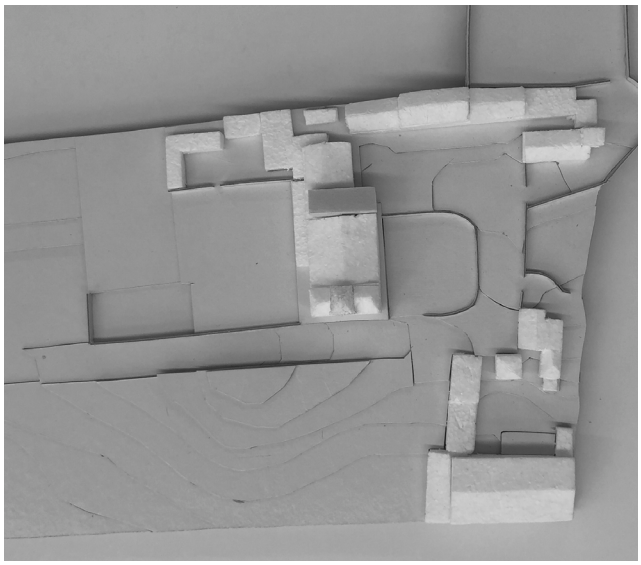
85.



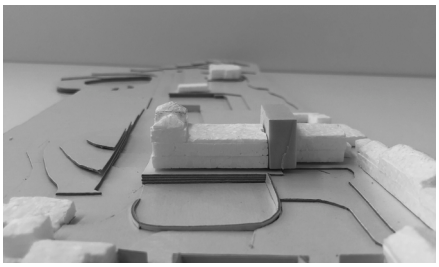
84.



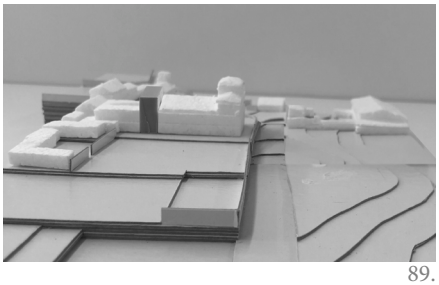
86.



87.

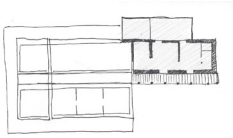


88.

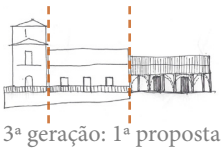


89.

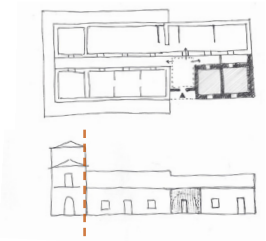
84. Primeira proposta: mantém a localização da casa de banho e estuda uma nova organização dos volumes construídos pela 2ª geração. Em relação ao momento de entrada propõe um espaço coberto de transição interior-exterior. Explorações de desenho de 1973.
85. Segunda proposta: planta retangular regular. Homogeneidade - confere ao alçado sul uniformidade, sem hierarquizar a apreensão dos volumes - principal/serviços.
86. Terceira proposta: integração de uma segunda torre idêntica à existente: retomar a ideia de simetria e um centro compositivo.
87. Maquete que estuda a terceira proposta (desígnio) numa base que representa o terreno da propriedade como se encontra atualmente (2020). Vista em planta. MB0719
88, 89. Vista em maquete do alçado sul e norte, respetivamente. MB0719



3ª geração: 1ª proposta reorganização interior + destaque do momento de entrada



3ª geração: 1ª proposta entrada - acolhimento (resulta tripartida)



3ª geração: 2ª proposta compacto, extensão modular uniformiza volume principal + volume serviços + isola torreão



3ª geração: 3ª proposta reequilíbrio alçado sul recentramento + destaque; entrada como centro

Assim, esta proposta mantinha a localização da casa de banho e estuda uma nova organização deste volume. Contudo, mostra desde logo uma preocupação inerente ao momento de entrada, que tem sido um tema que temos vindo a mencionar.

Realizando três diferentes desenhos, propõe um espaço coberto de transição interior-exterior que recebesse e abrigasse as visitas antes de ingressarem no interior da habitação pela porta lateral. Por sua vez, os seus desenhos demonstram uma vontade de encerrar o vão existente que dá acesso ao momento de distribuição vertical (escadas), reorganizando os restantes vãos de forma a criar um alçado simétrico.

Podemos considerar que esta solução tornaria a entrada percetível à aproximação da casa e ao visitante, ao mesmo tempo que cria um espaço útil de mediação. De certo modo, este alpendre fronteiro contíguo ao volume nascente dignificá-lo-ia, conferindo-lhe uma presença mais forte. Contudo, temos dúvidas se num sentido formal de composição configuraria melhorias.

Após esta primeira proposta, segue-se uma segunda em que se considera criar uma planta retangular regular, que uniformize a fachada sul e que confira uma composição mais linear e homogénea. O volume nascente perderia o seu carácter recuado e de presença secundária no alçado principal, tornando-se à face e contínuo.

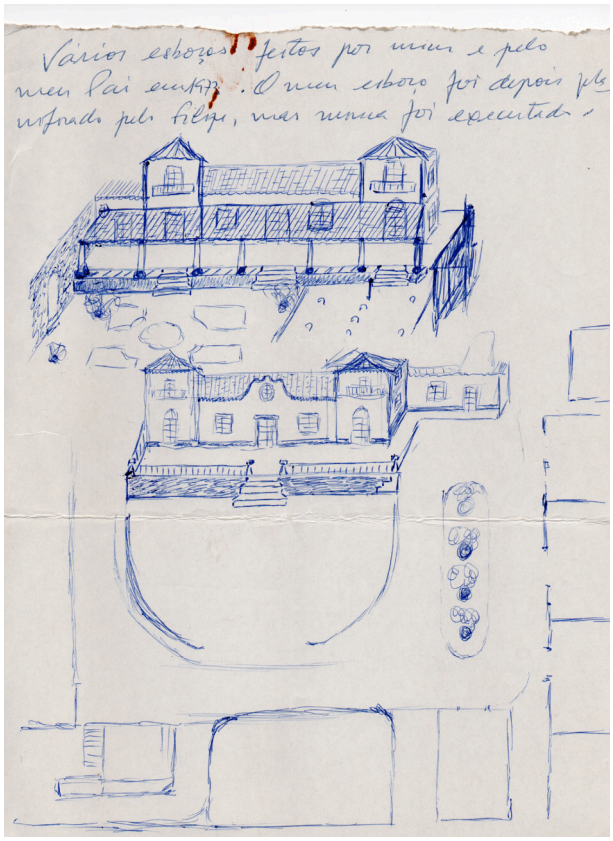
Esta solução vem propor uma nova forma de realizar o momento de entrada, criando um hall interior de distribuição. Nesta solução a cozinha mantém a sua localização, a sala de jantar integrava o espaço já considerado por Eduardo Soares de Albergaria e criavam-se dois novos compartimentos a sul.

Por fim, a terceira e última proposta demonstra uma solução mais equilibrada e lógica num sentido funcional-formal. Analisando objetivamente os desenhos, a proposta ensaia um segundo volume vertical com as mesmas dimensões e características do existente remetendo novamente para uma ideia de simetria, com uma diferente localização do eixo axial.

Desta forma propunha-se a demolição do torreão e criavam-se duas torres idênticas de cada lado do volume de forma a equilibrar a composição, mantendo o recuo do volume nascente. Repensando novamente o momento de entrada, este realizar-se-ia a eixo da composição com a criação de uma nova escadaria de acesso.

Estas alterações confeririam dois dos valores identificados no projeto original: um primeiro em que o volume nascente voltaria a deter uma menor presença no alçado sul, e um segundo em que o momento de entrada na habitação ganharia destaque pelo elemento vertical colocado em frente à composição.

A eixo, também se pretendia a abertura de uma trapeira que conferisse luz ao corredor de acesso dos compartimentos do primeiro piso que reforçava a particularidade do centro da volumetria e acentuava o centro da composição.



90. Desenhos de alçado norte e sul da terceira proposta pensada por Eugénio Soares de Albergaria. 1973

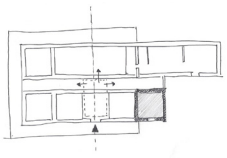
1978 - 2020

Modificações realizadas por Eugénio na propriedade.

Atualmente, a propriedade possui uma dimensão aproximada de 3,7 hectares de área, 26 alqueires e 112 varas, com duas habitações de residência permanente, duas outras de menor dimensão, diversas dependências anexas à habitação, dinâmica na diversidade de atividades e um extenso leque de espaços verdes diversificados.



Extraído da cronologia desenvolvida em apêndice p. 54



3ª geração: 3ª proposta recentramento - entrada como centro distribuitivo

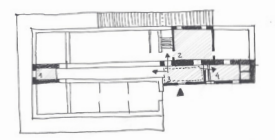
A nível de distribuição interior esta proposta também mudaria a forma como nos movimentaríamos no espaço. Teríamos um compartimento de hall interior que distribuía entre as salas de estar e os compartimentos de quartos e, a nascente, as áreas de serviços.

Podemos também verificar nos desenhos associados a esta terceira e última proposta que, desde 1973, havia a vontade de deter a norte um espaço coberto exterior, que, das propostas descritas, foi o único elemento que de facto foi concretizado e subsiste atualmente, realizado em 1996.[71]

Assim, não podemos deixar de notar que estas três propostas analisadas se prendem com um recompor do alçado sul, perdendo-se a ideia de que este, o principal, é intocável, como verificamos na opinião de Eduardo Soares de Albergaria. Há uma consciência de que o momento de entrada tem que ganhar relevância na composição e tenta-se associar a esta necessidade o factor formal de reequilíbrio volumétrico. Consideramos que começa a existir uma comunhão entre o funcional e o formal, não verificável até então.

Com o testemunho de Eugénio Soares de Albergaria sabemos que a terceira proposta do próprio só não foi levada a cabo apenas pelo momento social que se atravessava com a revolução do 25 de abril. Assim, optou-se pela realização de uma solução mais sóbria que resolvesse de forma objetiva e simples os problemas identificados de uma vivência corrente, tentando dentro do possível, colmatar os problemas de carácter formal/visual.

Neste sentido, aquando da herança da quinta em 1978, Eugénio Soares de Albergaria procede às alterações que lhe são consideradas mais urgentes para a vivência quotidiana da casa, que se prendiam com concretizar o espaço já pensado pelo seu pai da sala de jantar, a introdução das instalações sanitárias no interior da habitação, a introdução de um hall de entrada e de uma copa - que temos vindo a identificar como uma preocupação recorrente - e, por fim, o já referido espaço exterior coberto.



3ª geração: o construído necessidades funcionais integradas no volume e não acrescentos soltos

Assim, não se justificando uma ampliação e aumento do número de compartimentos na habitação, decide-se realizar uma nova fachada para o pavilhão nascente que confira um espaço de hall de entrada, assim como uma copa para a zona de serviços (cozinha). Este avanço do volume permite um espaço de distribuição entre áreas nobres (à esquerda), área de distribuição vertical (em frente) e área de serviços (à direita), assim como permite um repensar da composição bidimensional deste alçado de forma a criar mais coerência e propósito.

71. *"In rural areas, where houses are hidden in the woods, porches still function as gathering areas"; "During the warm months we use the porch as an outdoor room."* BUSCH, *Geography of home,* 1999. p.103 e 108

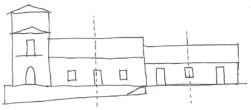


91.

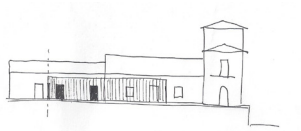


92.

91. Ampliação do volume nascente e reformulação do alçado. Estudo da colocação de ornamento que dignificasse o volume. Não foi levado a cabo, à semelhança do pensado para a proposta que envolve a construção de uma segunda torre. (1995-96)
92. Construção do alpendre permanente e redesenho do jardim fronteiro à fachada norte. (1996-97)



3ª geração: o construído alçado sul do volume nascente simétrico - percepção de unidade



3ª geração: o construído alpendre adjacente às salas principais + dignificação dos vãos

Com o acrescento para sul que dá lugar a uma nova conceção da entrada, há também uma nova definição do alçado. O valor da simetria, que já se sentia pela sua proposta de reequilíbrio da forma, nota-se no novo alçado – porta- janela- porta, passando o alçado original a ser interior.

As casas de banho no interior da habitação aproveitam o vão das escadas que já era um acesso à casa de banho exterior, assim como, no outro extremo, ocupam o final do corredor situando-se perto dos quartos.

A sala de jantar junto à cozinha, localizada na área anteriormente destinada às despensas, vai também, enquanto compartimento mais nobre, conferir alterações no alçado norte, rasgando dois vãos de janela-porta à semelhança do que serve a sala de estar.

Ainda num primeiro momento, de forma provisória e mais tarde numa construção permanente, cria-se um alpendre que faz a mediação interior-exterior para o jardim e cria um muro alto que separa a zona de jardim, de vivência nobre, da zona de dependências de serviços.

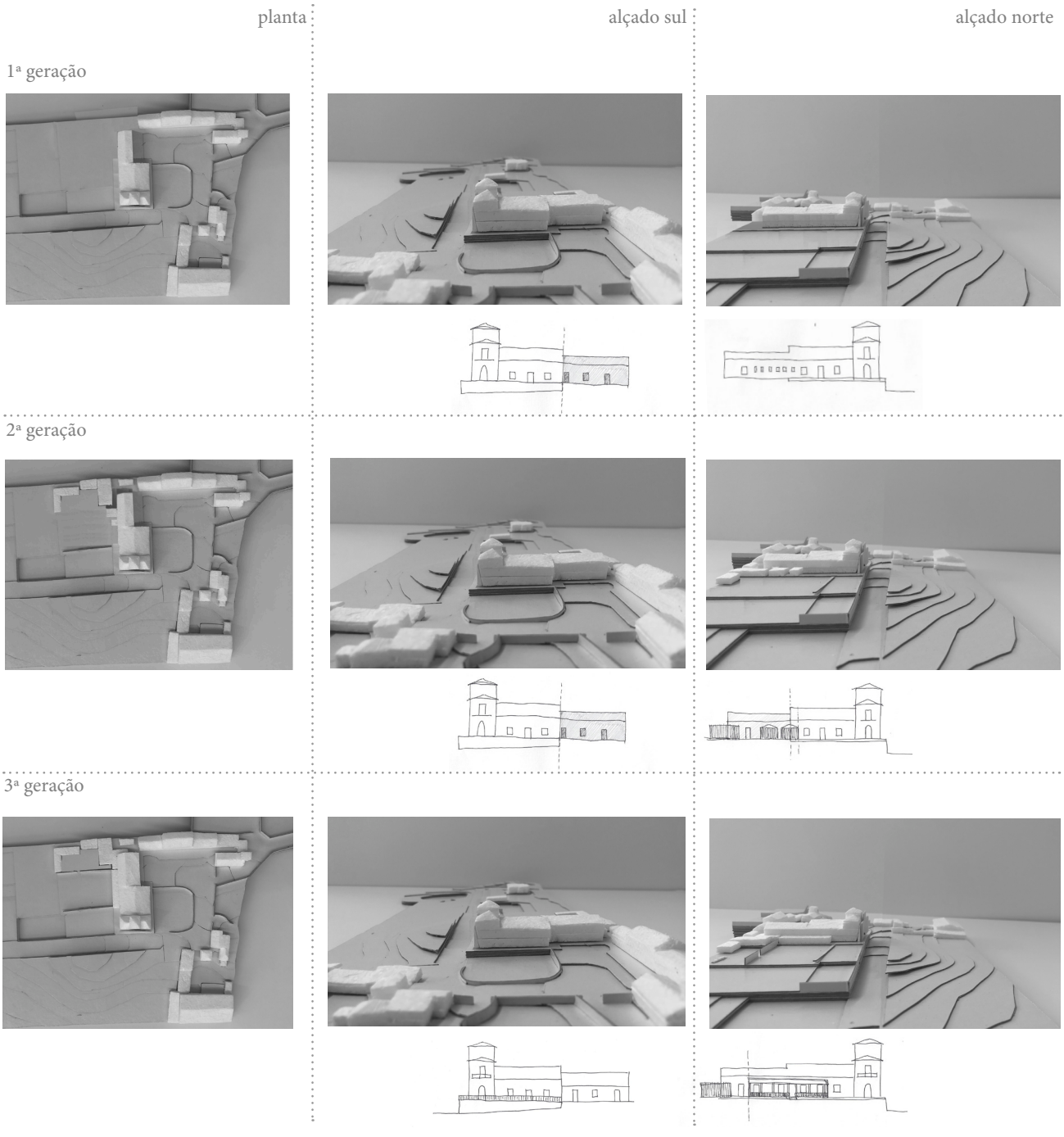
Não podemos negar que esta terceira geração demonstra uma maior atenção nas modificações que confere à habitação, numa simultaneidade entre dignificar e conferir melhoramentos na composição formal, assim como na organização interior e funcionamento da casa.

Introduz-se uma ideia de continuidade, uma ampliação que visa pertencer ao existente e não acrescentar-se como elementos soltos que se leiam exteriores à volumetria. Em paralelo, consideramos a introdução de uma ideia de que a arquitetura pode e deve responder de formas diferentes perante a diversidade de espaços a ela adjacentes.

Isto é, Eugénio Soares de Albergaria propõe para o alçado principal - o sul - uma leitura de unidade ao reformular a composição do mesmo, enquanto que, no alçado norte, ao introduzir o alpendre junto às salas de estar e jantar que termina no encontro com o muro, afirma uma clara separação entre a zona de serviços e a zona nobre, respondendo, assim, de diferentes formas às necessidades do espaço.

Denota-se um início de uma consciência de que *"a arquitetura é o resultado de responder a solicitações específicas e singulares, o que dá lugar a um edifício capaz de assumir a diversidade"*.[72]

72. *"la arquitectura es el resultado de responder a solicitaciones específicas y singulares, lo que da lugar a un edificio capaz de asumir una diversidad"* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual,* 2004, p.93



93. Maquete que estuda as modificações compositivas do construído ao longo das gerações. (Ressalva-se que a base representa o terreno da propriedade como se encontra atualmente - 2020). MB0719

II. 02 Pré-existência - transformação e tempo

A título de remate da análise realizada procedemos a um breve paralelo das ações levadas a cabo pelas três gerações, primeiramente de um ponto de vista mais prático e concreto, mas também procurando situá-las e posicionarmo-nos numa perspetiva teórica e reflexiva.

Após este reconhecimento torna-se claro que a incompletude do projeto original para a habitação imprime, desde início, um desequilíbrio compositivo que, por sua vez, se traduz numa inquietação transversal a todas as gerações, perante a qual cada proprietário se propõe resolver.

Contudo, por razões diversas, estes desígnios não são em nenhum momento levados a cabo, sendo que as modificações concretas realizadas na pré-existência acabam por assumir um caráter mais funcional no colmatar de carências da vivência quotidiana imediata.

Apesar do caráter aparentemente circunstancial das transformações realizadas, sendo mais cirúrgicas do que as vontades visíveis nos desígnios, estas não deixam de conferir alterações que contribuem para uma gradual melhoria geral (funcional-formal) da habitação, sendo manifestamente visíveis em alçado.

Atentando à primeira geração, a fração do projeto construída revela uma hierarquização no que diz respeito ao uso (função), visível na distinção entre o volume quotidiano e o volume de serviços. Esta diferenciação traduz-se, no alçado sul, pelo desfasamento existente na implantação de ambos e, no alçado norte, pela diferença conferida na dimensão e posição dos vãos. Contudo, a composição lê-se una, numa continuidade complanar que se abre sobre o jardim nobre fronteiro ao alçado norte da habitação.

Na segunda geração ganha-se uma liberdade de construir para norte, dada a necessidade de ampliação advinda de carências de vivência quotidiana, mantendo-se o alçado sul, o principal, inalterado. Estes novos volumes, adjacentes ao corpo existente, reforçam a distribuição hierárquica de uma zona de serviços e de uma zona nobre, incitando a uma divisão de espaços nesta área de jardim, ainda que por enquanto de forma ambígua, por não se definir com clareza um filtro que autonomize as zonas.

Por fim, na terceira geração nota-se uma maior preocupação em colmatar carências do modo de viver, em paralelo com o esclarecer e dignificar dos planos comunicantes (alçados), de forma a que a habitação, dentro do possível, possa ultrapassar o caráter inacabado de modo a apresentar uma maior unidade. Assim, no alçado principal a sul, com gestos de desenho cirúrgicos, procura-se equilibrar o volume nascente a partir da réplica de vãos existentes no volume em destaque, a poente. No alçado norte, com a adição do alpendre adjacente às salas principais e com a disposição de um muro alto que penetra o jardim, assume-se uma inquestionável divisão entre uma área nobre e uma área de serviços.

Há, assim, uma gradual e consequente aproximação à consciência de que: a arquitetura tem um papel formal e funcional, devendo responder em simultâneo a estas duas vertentes; a arquitetura pode e deve posicionar-se de diferentes formas perante as especificidades do lugar; e por fim, a arquitetura necessita de responder às necessidades dos diferentes modos de viver, permanecendo, por isso, em constante mutação.

Enquanto estudante de arquitetura, gostaríamos de nos concentrar brevemente neste último ponto refletindo sobre a constante atualização da arquitetura de um ponto de vista da atitude a tomar no *"definir uma forma num lugar que já tem forma"*[73].

É evidente que as transformações relativas à habitação, expostas anteriormente, envolvem a intervenção e modificação de uma pré-existência, assim como visa o nosso propósito projetual. Contudo, não é possível estabelecer um ensinamento linear ou definição que defenda com clareza um só caminho a seguir perante o problema de intervir em estruturas pré-existentes. *"Pelo contrário, só ao entender quais foram as conceções que se fizeram em cada caso, torna possível distinguir as distintas características que esta relação assumiu ao longo do tempo."*[74]

Assim, consideramos e constatamos uma mudança de atitude da segunda para a terceira geração, relativamente à forma de intervir no objeto de estudo.

Na segunda geração, o proprietário, ainda que proceda a transformações que respondam às carências de vivência quotidiana, revela uma atitude conservadora perante o objeto de estudo ao executar modificações que se desenvolvem fora da matriz do edifício e ao defender que o alçado sul, a frente da casa, é intocável.[75] Por outro lado, é também introduzida uma linha de pensamento ambígua, uma vez que, apesar do reconhecimento das novas técnicas construtivas que facilitam a execução - o que revela um maior pragmatismo construtivo que incita a inovação -, tal consciência traduz-se na defesa estrita da conclusão integral do projeto original, o que confirma um certo conservadorismo. [76]

---

73. *"acción de concretar una forma arquitectónica donde ya existe una organización previa creada por el ingenio humano. (...) equivale a definir una forma en un lugar que ya tiene forma"*. GRACIA, *Construir en lo construido,* 2001, p.11

74. *"Es un enorme engaño, pues, pensar que puede establecerse una doctrina permanente y, más aun, una definición científica de la intervención arquitectónica. Por el contrario, sólo entendiendo cuales han sido en cada caso las concepciones desde las que se ha actuado es posible discernir las distintas características que ha asumido esta relación a lo largo del tiempo."* SOLÀ- MORALES, Ignasi de, "Del contraste a la analogía. Transformaciones en la intervención arquitectónica." in *Intervenciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006. p.35

75. Parece-nos pertinente formalizar um paralelo com a síntese realizada por Camillo Boito no final do século XIX sobre a restauração de estruturas existentes, onde refere que, primeiramente, deve preferir-se a ideia de conservação a qualquer outra intervenção mais complexa. Contudo, no caso de não ser possível cumprir este critério, deve-se tentar conservar a matriz essencial do edifício. Reflexão desenvolvida em apêndice - consultar p.69.

76. Tema apresentado na Carta de Atenas dos Restauradores de 1931 onde se introduz a ideia de que as novas tecnologias são úteis quando servem para manter o carácter do edifício existente, ainda que as novas intervenções sejam defendidas numa atitude de afirmação por contraste. Reflexão desenvolvida em apêndice - consultar p.70.

Na terceira geração a atitude relativa à forma de intervir é diferente. Considera-se um desprendimento em relação ao projeto original, tanto na terceira proposta, como nas modificações efetivas realizadas na habitação. Existe, assim, um reconhecimento dos elementos existentes no edificado e uma proposta de reprodução e repetição dos mesmos, de forma a dar resposta à situação presente.

Parece-nos pertinente, nesta sequência, sugerir uma ideia convocada por Ignasi Solà-Morales de um predomínio de um conceito de analogia[77] que apresenta diferentes nuances quanto à forma de interpretar e de agir perante determinadas pré-existências. Inicialmente, esta primeira ideia de analogia relaciona-se com o que consideramos que Gracia refere como uma atitude que *"recorre, total ou parcialmente, a significados nostálgicos mediante significados miméticos"*[78]. Isto é, soluções que naturalmente se relacionam, num primeiro momento, com a reprodução ou imitação do existente, o que, em parte, parece relacionável com o observável na terceira geração.

Contudo, atualmente estamos em condições de saber que este dispositivo analítico e projetual não tem condições suficientes para formalizar um projeto por si só. A análise deve considerar-se como ponto de partida para a consequente intervenção, que deve *"desprender-se, transformar-se, metamorfosear-se através das relações estruturais. Esta estrutura linguística, que reconhecida sobre a trama dos objetos permite a sua libertação e jogo, é também a que define a situação presente no campo da intervenção arquitetónica."* [79]

Assim, consideramos, de acordo com as nossas leituras [80], que a atitude a tomar deve ser puramente arquitetónica e que a resposta deve partir do reconhecimento dos elementos e significados de importância existentes no edifício, para que nos possamos libertar, conformando uma relação de equilíbrio entre e para com os tempos.

Na verdade, parece-nos que a questão está precisamente na procura deste equilíbrio.

---

77. SOLÀ- MORALES, Ignasi de, "Del contraste a la analogía. Transformaciones en la intervención arquitectónica." in *Intervenciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006

78. *"que recurriera, total o parcialmente, a significados nostálgicos mediante significantes miméticos."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.288

79. *"La comprensión lingüística de los fenómenos artísticos, que tiene su origen en la lingüística formalista, ha permitido conocer con mayor precisión las condiciones por las que la significación puede desplazarse, transformarse, metamorfosearse a través de relaciones estructurales. Esta estructura lingüística, que reconocida sobre la trama de los objetos permite su liberación y juego, es también la que en el campo de la intervención arquitectónica define la situación presente."* SOLÀ- MORALES, "Del contraste a la analogía." in *Intervenciones*, 2006, p.50

80. Consultar em apêndice: Texto IV : Inquietudes Teóricas: Abordagem geral. p.64-75



37.

94. O recinto do tanque da propriedade da Quinta do Tanque. MB0119

Por um lado, procurar reconhecer e verificar sinais do passado que são importantes na ressalva de elementos representativos de uma época e de uma memória familiar entre gerações. Não por se defender uma postura de excessiva conservação, mas porque fazem parte do nosso presente histórico, e por conseguinte, não devem ser retirados da equação.

Por outro lado, perante os desafios da sociedade em constante mutação, o nosso principal foco enquanto arquitetos deve garantir a melhoria da qualidade de vida das pessoas que, por consequência, deverão trazer melhorias aos espaços e às dinâmicas entre arquiteturas, assumindo-se assim essencial a adequação da arquitetura à vida que contém.

> *"Parece-me que, se se deve formular hoje alguma orientação em relação ao tema da intervenção, dever-se-ia fazê-lo com base em duas coordenadas. Por um lado, reconhecendo que os problemas da intervenção na arquitetura histórica são, primeira e fundamentalmente, problemas de arquitetura e, neste sentido, a lição da arquitetura do passado é um diálogo com a arquitetura do presente e não de posturas defensivas, preservativas, etc. A segunda lição seria a do positivismo "post-hegeliano": consistiria em entender que o edifício tem capacidade de se expressar e que os problemas da intervenção na arquitetura histórica não são problemas abstratos, nem problemas que podem ser formulados de uma só vez, se não que se traçam como problemas concretos sobre estruturas concretas. Talvez, deixar falar o edifício é hoje a primeira atitude responsável e lúcida perante um problema de"*[81] *construir no construído.*

81. *"Me parece que si debe formularse hoy alguna orientación en el tema de la intervención convendría hacerlo bajo estas dos coordenadas. Por un lado, reconociendo que los problemas de intervención en la arquitectura histórica son, primera y fundamentalmente, problemas de arquitectura y en este sentido la lección de la arquitectura del pasado es un diálogo desde la arquitectura del presente y no desde posturas defensivas, preservativas, etc. La segunda lección sería la del positivismo post-hegeliano: consistiría en entender que el edificio tiene una capacidad para expresarse y que los problemas de intervención en la arquitectura histórica no son problemas abstractos ni problemas que puedan ser formulados de una vez por todas, sino que se plantean como problemas concretos sobre estructuras concretas. Quizás por ello, dejar hablar al edificio es aún hoy la primera actitud responsable y lúcida ante un problema de restauración."* SOLÀ- MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006. p.32

III. (De)Composição do problema:
premissas, princípios, programa

01. Construção do problema

01.1. Reconhecimento dos gestos percursores de projeto
01.2. Atribuir função aos gestos: O uso
proposição do programa

02. Exploração projetual: aproximação à proposta

- Estratégia
- Processo

"A intervenção como operação estética é a proposta imaginativa, arbitrária e livre na qual se tenta, não só reconhecer as estruturas significativas do material histórico existente, se não também utilizá-las como pauta analógica do novo artefacto edificado."[1]

Perante um reconhecimento do ponto de partida projetual e dos dados importantes existentes - representantes de um presente, de um passado e de uma memória familiar entre gerações -, introduzimos a identificação dos gestos percursores de projeto, como auxiliares e orientadores da resolução de uma intenção projetual que procura o equilíbrio entre o colmatar de problemas pré-existentes, em comunhão com a inquietação presente de uma rentabilidade futura. O objetivo é o de: perante a identificação de lacunas e carências no objeto de estudo, colmatar de forma arquitetónica os problemas existentes com a introdução de um novo uso na propriedade.

Consequentemente, informados por diretrizes de ação projetual advindas das linhas de ação das gerações no confronto com o programa proposto, expõe-se o percurso, o método, os temas de trabalho, enunciando as várias etapas do processo, desde o início da sua exploração, até à proposta-solução.

•

Assim, o presente capítulo divide-se em dois momentos.

Um primeiro onde reconhecemos os factos de entre os quais alguns, por juízo crítico inerente a uma pertinência e operatividade contemporânea, são destacados por nos informarem e guiarem sobre questões que se referem à colmatação de problemas das pré-existências e que, consequentemente, levam à atribuição de uma função a estes gestos de desenho com a proposição de um programa.

Um segundo onde, após a formulação da matéria factual dada por um lugar e por um programa - designações que referimos anteriormente como imperativas para dar início ao processo projetual[2] -, se expõe o processo de projeto na sua resposta às condicionantes identificadas, na sua diversidade de temas, pensamentos, considerações e investigações.

---

1. *"La intervención como operación estética es la propuesta imaginativa, arbitraria y libre por a que se intenta no sólo reconocer las estructuras significativas del material histórico existente, sino también utilizarlas como pauta analógica del nuevo artefacto edificado."* SOLÀ- MORALES, "Del contraste a la analogía." in *Intervenciones*, 2006. p.50
2. Um arquiteto enquanto criador de espaços, para resolver o problema a que se propõe, é confrontado com um lugar e um programa. Uma obra de arquitetura *"Está determinada tanto por el objetivo al que debe servir como por el lugar que ha de ocupar en el conjunto de un determinado contexto espacial. Todo arquitecto debe contar con ambos factores."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.177

PREMISSAS

Desequilíbrio Volumétrico

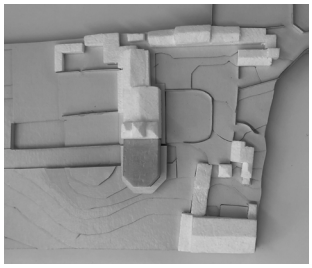
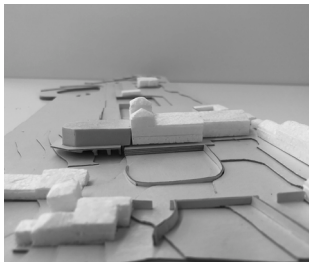
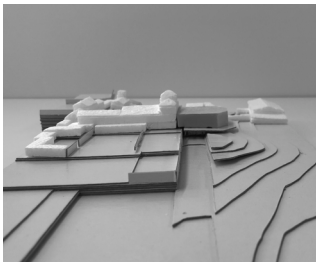
para colmatar visa **ampliação**

PRINCÍPIOS DE DESENHO

planta | alçado sul | alçado norte

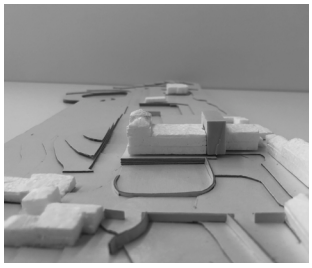
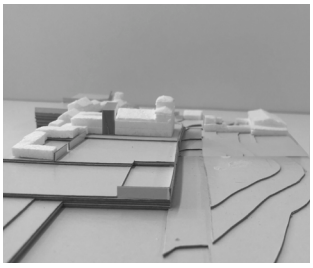
- acabar o projeto original (ampliar para poente)

2ª geração **: o desígnio**

- introdução de uma segunda torre (ampliar para nascente/sul)

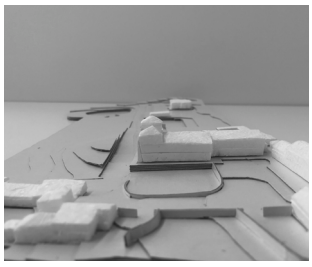
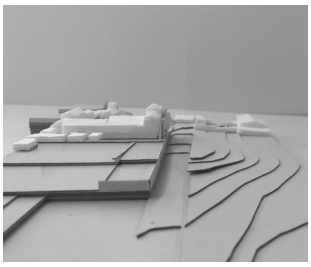
3ª geração : **o desígnio**

- liberdade de construção para norte, sem visar uma proposta de reequilíbrio volumétrico (ampliação para norte)

*"Qualquer outra ideia que tenham, logo que seja planeada e construída do Lado Norte, onde há largo espaço sobre o galinheiro, é boa, não desfeia o Alçado Norte"**

2ª geração : **o construído**

* SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973

III. 01.1 Reconhecimento dos Gestos Percursores de Projeto

Após a análise retrospetiva relativa à Quinta do Tanque reconhecemos, - para uma intenção projetual de colmatar os problemas pré-existentes em comunhão com a inquietação inicial de conferir uma fonte de rentabilidade à quinta - duas estratégias que visam considerar as vontades e os conceitos inerentes à ação dos proprietários: premissas e princípios de desenho.

As premissas, na presente dissertação e segundo o nosso entendimento, constituem factos provenientes de uma interpretação e análise crítica do objeto de estudo que se configuram ponto de partida para o nosso pensamento de projeto, detendo uma pertinência e operatividade de colmatação de problemas pré-existentes, que se assume imperativa face à solução contemporânea.

Os princípios de desenho constituem ideias em potência que podem provocar um primeiro impulso no pensamento projetual. Tais princípios não pretendem configurar uma posição para a colmatação dos problemas referidos, mas sim possíveis caminhos orientadores de soluções projetuais.

As premissas identificadas relacionam-se diretamente com a incompletude do projeto original da habitação do século XIX. Este fator provocou carências nas estruturas, nas relações exteriores pretendidas para a quinta, assim como no estatuto pretendido para a habitação como uma mansão para grandes festas. Não tendo, tais ausências, sido colmatadas pelas gerações seguintes, consideramos pertinente e relevante atribuir ao nosso papel um posicionamento ativo perante os aspetos identificados.

Assim, o primeiro ponto a considerar prende-se com o desequilíbrio volumétrico da habitação, assumindo-se como tema central e transversal às três gerações, inclusivamente à nossa, que o pretende solucionar. Esta premissa, conforme a geração que atua, é interpretada na sua solução de diferentes formas. Contudo, detém um ponto estável comum: toda a intervenção visa uma ampliação.

Neste sentido, as linhas de ação despertadas pelos anteriores proprietários levam-nos a considerar três possíveis estratégias de expansão: para poente - possibilidade procedente do primeiro e segundo desígnio; para norte - possibilidade sugerida e formalizada pela segunda geração; para nascente/sul - possibilidade introduzida pela terceira geração.

Contudo, como verificado, as sugestões de expansão não se definem apenas com uma orientação, mas sim com uma possível solução formal. Deste modo, é-nos sugerido, para um reequilíbrio volumétrico, duas possibilidades: a reprodução mimética e consequente finalização do projeto original (2º desígnio); ou, a introdução de uma nova torre semelhante à existente (3º desígnio). Será de notar que ambas as soluções funcionam numa relação de simetria da composição.

PREMISSAS

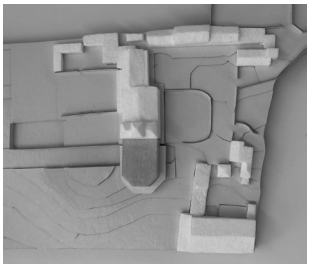
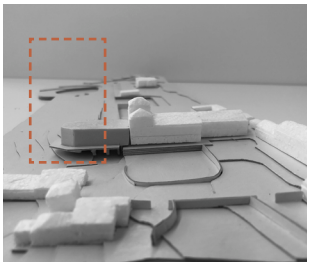
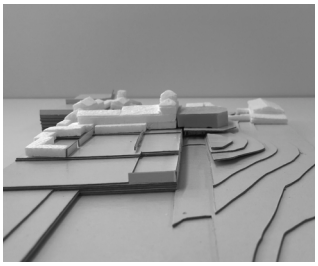
PRINCÍPIOS DE DESENHO

Relações exteriores

planta | alçado sul | alçado norte

- intervenções para poente que incentivem conexão habitação-recinto tanque

2ª geração : o desígnio

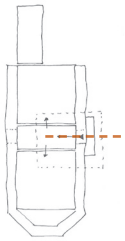
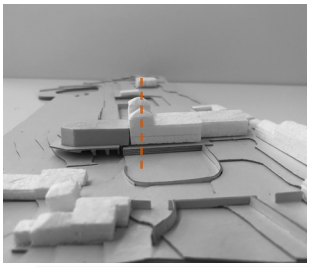




Momento de Entrada na Habitação

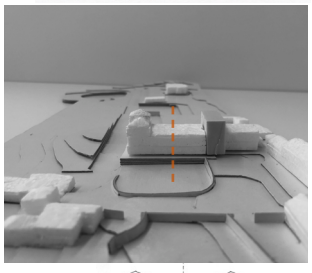
tema mais particular

- centro da composição volumétrica
- dispositivos exteriores que reforcem e apresentem a entrada

2ª geração : o desígnio


3ª geração : o desígnio


Mansão para grandes festas

*"o espirito para a qual ela foi concebida, de Mansão destinada a Festas espectaculares que aqui talvez se darão concluída que esteja a casa ou pela minha geração, ou pela tua, ou pelas que forem seguindo."**

Faseamento

*"Como a obra é de vulto, teremos de abordar por fazes."**

* SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973

O segundo ponto a considerar prende-se com a necessidade de conferir à propriedade um maior estímulo de relações visuais e permeabilidade para com o exterior, de forma a criar uma maior conexão entre as diversas estruturas existentes no espaço.

Parece-nos, na análise às gerações, que o princípio de desenho a considerar para resolver esta premissa prende-se com uma relação visual que o projeto original previa. Assim, a solução passaria por, a partir da introdução de elementos voltados a poente, permitir e potenciar essa mesma relação franca com o exterior.

O terceiro ponto diz respeito a um aspeto mais particular: o momento de entrada na habitação que, desde início, é um assunto recorrente inerente à análise.

Na verdade, quer o projeto original como a terceira proposta da terceira geração propõem, como solução do momento de entrada e através da definição de um ponto central na composição, introduzir dispositivos exteriores adjacentes à volumetria, como um alpendre ou uma escadaria, que o sublinhe e anuncie.

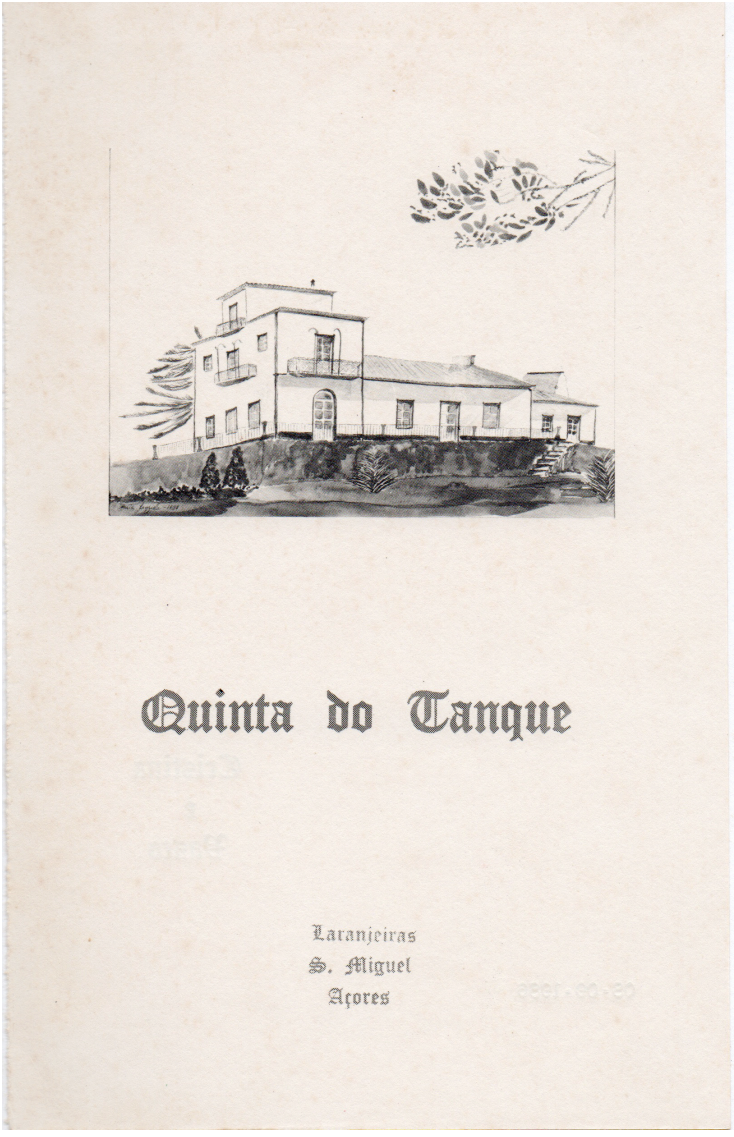
Importa ainda realçar dois aspetos que se revelam na segunda geração, e que, apesar de não constituírem resposta direta a uma premissa identificada, devem, pela sua relevância, ser interpretados como princípios de desenho.

Por um lado, a aspiração da propriedade a uma mansão para grandes festas - pretendida pelo Morgado Laureano e defendida por Eduardo Soares de Albergaria - parece-nos pertinente resgatar, uma vez que o propósito programático no nosso desafio projetual permanece indefinido até ao momento. Por outro lado, é necessário ter presente a ideia de faseamento despertada no *Memorial* de 1973, que, perante a possibilidade do projeto se vir a realizar, assume maior pertinência para o reconhecimento do que seria imperativo colmatar à priori, tendo em vista a abordagem inerente na retificação de aspetos em diversas frentes.

A presente síntese da análise dos desígnios e do construído ao longo das gerações foi fundamental numa identificação de problemas pré-existentes, de modo a que estes se possam evidenciar e, assim, ser colmatados com a intervenção futura. Ao mesmo tempo, permite o assimilar de ideias que nos podem conduzir, num primeiro momento, à exploração de soluções projetuais e consequentemente, a partir da experimentação e espírito crítico, nos aproximará a uma proposta.

"Depois de tu pensares eu tenho mais armas para continuar a pensar." [3]

3. TAVARES, *Atlas do corpo e da imaginação*, 2013, p.32



95. Capa de um convite realizado para um Evento na Quinta do Tanque em 1986.

III. 01.2 Atribuir função aos gestos: O Uso - proposição do programa

Reconhecidos os dados e ferramentas que nos são facultados pela análise da pré-existência, torna-se essencial definir o segundo ponto indispensável numa ação projetual: o programa - de forma a dotar as premissas e princípios de desenho identificados de um sentido prático e funcional.

Assim, devemos questionar: que programa se afigura mais adequado para servir as carências identificadas, tanto num sentido de respeito ao presente histórico, como à atribuição de uma fonte de rendimento à Quinta do Tanque?

Este exercício de projeto não apresenta, à partida, uma encomenda, todavia consideramo-nos no papel de cliente: um cliente heterogéneo que, simultaneamente, representa e é intermediário das gerações - quer do passado, quer do presente, e que visa o futuro.

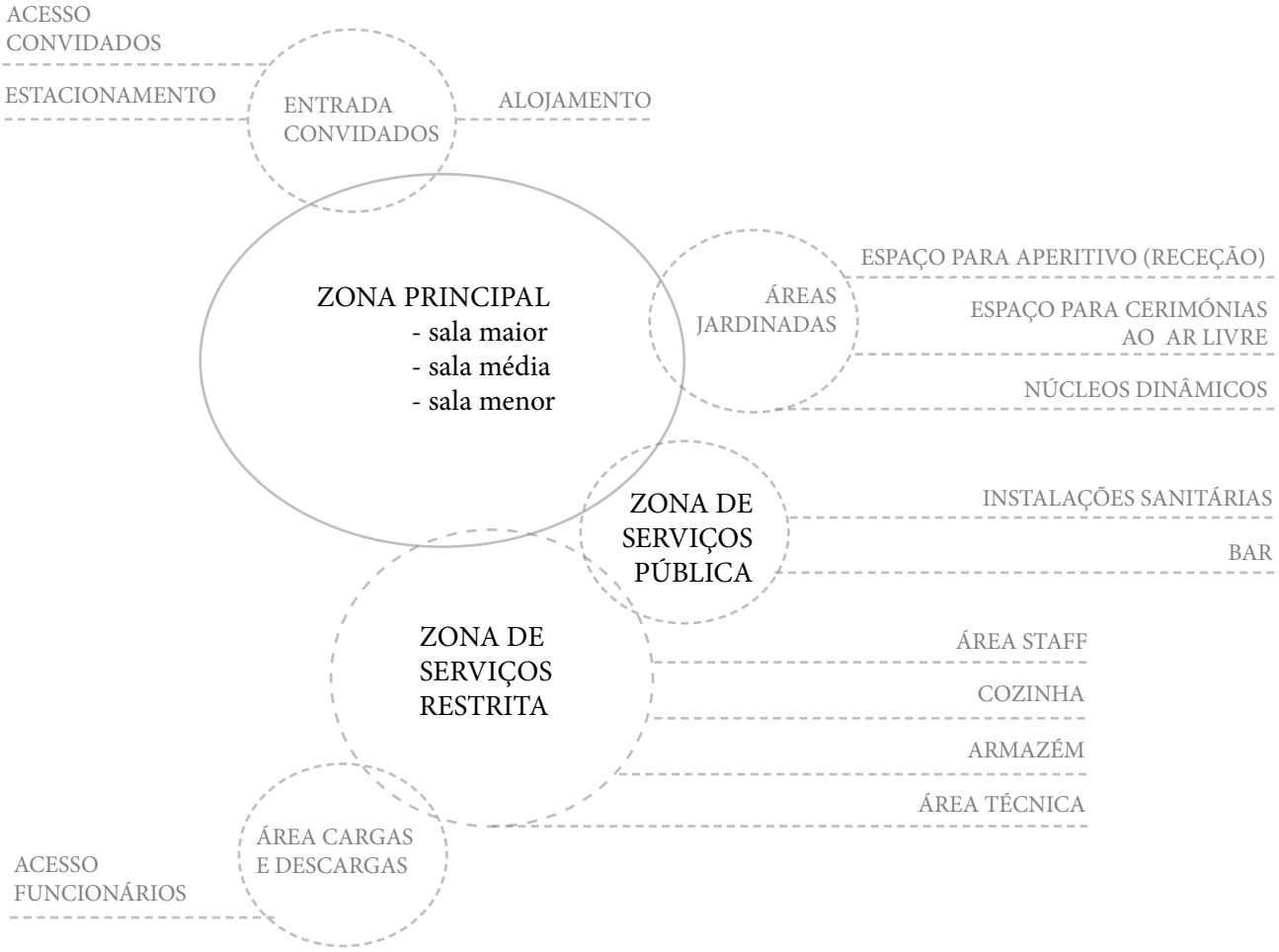
Neste sentido, e perante a densa discussão sobre um possível uso, dois aspetos ficaram claros como ponto de partida para a definição do mesmo. Por um lado, o principal objetivo da intervenção é criar condições de autossustento da quinta, sem excluir o usufruto pessoal da mesma pelos proprietários. Por outro lado, e perante a relevância projetual de atuar sobre a habitação do século XIX, não podemos descurar a existência de uma segunda moradia de estadia permanente na propriedade, pelo que o seu sentido de privacidade e dinâmicas quotidianas não devem ser alterados.

As condicionantes levam-nos a considerar um programa de caráter ocasional - que possa ser utilizado/alugado pontualmente conforme a vontade/necessidade dos proprietários - ao invés de um programa de uso constante, que modifique em permanência o quotidiano da quinta.

Após a consideração de diversos programas entre reflexões pessoais, debates com a família - diferentes gerações - e sessões de trabalho com a orientação, surge como mais pertinente a atribuição à Quinta do Tanque de um programa que receba reuniões festivas/sociais esporádicas. Deste modo, apontamos a reflexão para um espaço que possa albergar uma grande diversidade de ajuntamentos coletivos, entre os quais reuniões, conferências, palestras, exposições, aniversários, batizados, casamentos, bodas, etc. - qualquer atividade pertinente pela qual seja preciso recorrer ao aluguer de um espaço associado a um serviço que organize um evento social.

Quanto ao seu uso, a proposta advém de três requisitos: a capacidade do programa de responder às necessidades identificadas e a sua versatilidade quanto ao uso; a conciliação das vontades das diferentes gerações (presente-futuro) no mesmo programa; e, consequentemente, a restituição de um desejo perdido de que esta propriedade e, em particular, a habitação, se destine a uma *"mansão para grandes festas"*[4].

4. Como anteriormente referido: já pretendido pelo Morgado Laureano e defendido por Eduardo Soares de Albergaria.



96. Aproximação ao programa: rede de hierarquias, funções e acessos.



37.



37.

97. Os dois projetos arquitetónicos, respetivamente o Banqueting Pavilion, Restaurant Les Cols de RCR Arquitectes (2007-11) e a Quinta do Eirado de Álvaro Leite Siza (1998), que com a sua análise permitiram o aprofundamento do programa e o entendimento das dinâmicas de utilização dos espaços e do seu funcionamento. Ánalise desenvolvida em apêndice, p. 82 e 83.

Consideramos, a par do que refere Moneo que: *"se um apropriado novo uso é encontrado, a vida do edifício prossegue num caminho equilibrado"*[5] . Neste caso, o novo uso encontrado - partindo de condicionantes presentes - permite devolver *"o espírito para qual* [a habitação ...] *foi concebida"*[6]. Ainda que este não seja o mote que incentiva o uso, confere à proposta um importante significado para uma memória familiar.

O nosso programa para o projeto foi definido em maior detalhe perante a atenção a dois aspetos. O primeiro relaciona-se com a oferta existente na ilha de São Miguel, mais especificamente em Ponta Delgada, de forma a viabilizarmos a nossa proposta perante o mercado existente. Deste modo, munimo-nos de informação, tanto para detectar os primeiros requisitos necessários a integrar no programa, como para identificarmos as carências presentes no mercado de forma a que o projeto se possa destacar.[7] O segundo aspeto prende-se essencialmente com o recurso à análise de dois projetos arquitetónicos, o que por sua vez permitiu o aprofundamento do programa, em paralelo com um entendimento das dinâmicas de utilização dos espaços e do seu funcionamento. [8]

Sendo que pretendemos criar uma versatilidade de usos que cumpra a possibilidade de responder adequadamente ao maior número de diferentes ajuntamentos coletivos, concluímos que seria imperativo integrar três salas de diferentes ordens na nossa proposta. Uma primeira de grandes dimensões que cubra ocorrências sociais de grande ordem - com uma área aproximada de 500m2. Uma segunda intermédia que sirva cerimónias de menor ordem - com uma área aproximada de 150m2. E, por fim, uma terceira, menor, que se destine a pequenas reuniões - com uma área aproximada de 50m2.

Definidas as salas principais que integram o programa, não podemos descurar as áreas de apoio que garantem o eficaz funcionamento das circunstâncias. Contudo, é claro que, dependendo da dimensão do evento, as exigências funcionais requeridas diferem. Neste sentido, é nossa preocupação garantir que o programa responde, tanto a uma ocorrência social simples, com menores condicionantes, como a uma mais complexa, que envolve uma maior organização e partes integrantes.

---

5. *"If an appropriate new use is found, the life of the building continues on an even course, and therefore its architecture remains closer to what it had once been."* MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.531
6. SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial,* 1973
7. Consultar apêndice Texto V - O uso: Análises informativas na proposição do programa, p. 78
8. Consultar apêndice Texto V - O uso: Análises informativas na proposição do programa, p. 82 e 83

Zona	Espaço		Área/capacidade
Zona Exterior	Estacionamento		150 lugares
	Espaço para aperitivos		Espaços inerentes à propriedade
	Espaço para cerimónia ao ar livre		
	Núcleos Dinâmicos:	Centro Hípico	
		Campo de Ténis	
		Piscina	
		Recinto do Tanque	
Zona Principal	Átrio de distribuição		30 m2
	Sala maior		500 m2
	Sala média		150 m2
	Sala menor		50 m2
Zona Serviços			
Pública:	Instalações sanitárias		sala 500 m2 - 50m2 | sala 150m2 - 20m2 | sala 50m2 - 15m2
		Instalações sanitárias femininas	Divididas em núcleos conforme disposição das salas
		Instalações sanitárias masculinas	
		Instalações sanitárias para mobilidade condicionada	
	Bar		20 m2
		copa-bar	
Restrita:	Cozinha		150 m2
		copa limpa / copa suja	
		zona de preparação	
		zona de confecção	
		zona de sobremesas	
		áreas frigoríficas	
		armazenamento de géneros	
		lavagem de produtos	
		lavagem de trem	
	Staff		35 m2
		Balneários femininos (com i.s.)	10 m2
		Balnários masculinos (com i.s.)	10 m2
		Sala de estar	15 m2
	Áreas Técnias		
		Armazém de material	50 m2
		Áreas técnicas	
		Compartimento de lixo	5 m2
Zona Alojamento	Suítes/Apartamento		3 a 5 suítes

Tomando como referência os ajuntamentos sociais de maior ordem, que exigem uma logística mais complexa, é necessário que as áreas de serviço contenham: uma cozinha equipada, que sirva, tanto um catering próprio[9], como tenha capacidade para receber um serviço exterior[10]; instalações sanitárias quer de serventia aos convidados como aos funcionários; um bar; armazém para material; para além, e não descurando, das áreas técnicas.

Quanto às dinâmicas de circulação e de funcionamento constatamos, com a análise aos projetos referenciados, que deve ser garantida a independência dos percursos dos convidados e dos percursos dos funcionários. Assim, o momento de entrada de cada grupo deve ser pensado em localizações diferentes. Para além destes dois pontos de ingresso, deve também ser tido em atenção a necessidade de um ponto de cargas e descargas de serventia ao evento. Concluímos que um programa desta natureza necessita de configurar uma rede de hierarquias, funções e acessos, em prol de um bom funcionamento de diferentes ocorrências.

Assim, assumimos, a par das análises desenvolvidas em apêndice[11], quatro zonas distintas na formulação e proposição do nosso programa:

- zona exterior; constituída pelo estacionamento para os convidados, espaço para aperitivos, espaço para cerimónias ao ar livre, e pelo reforço da permeabilidade exterior que promova a relação dos núcleos dinâmicos existentes na propriedade: núcleo hípico, campo de ténis, piscina e o recinto do tanque.

- zona principal; composta por um átrio de distribuição/entrada e três salas de diferentes dimensões, para uma maior adequação a diferentes capacidades e eventos diversificados.

- zona de serviços; dividida entre uma área pública que serve os convidados - detendo instalações sanitárias e bar -, e uma área restrita, que serve os funcionários e a logística inerente aos eventos - detendo zona de funcionários, área de cargas e descargas, compartimento para o lixo, armazenamento de material e áreas técnicas.

- zona de alojamento; cuja função é permitir a permanência para uma experiência mais longa do evento, sendo possível um certo número de pessoas pernoitar.

Gostaríamos de ressalvar, em relação ao nosso programa, que, não sendo uma condição imposta, consideramos uma possível adaptação das áreas ao lugar, sendo que as que definimos à partida surgem de um contraponto entre as referências analisadas e os nossos propósitos.

---

9. Que necessita de um equipamento que se assemelha a um restaurante.
10. Que necessita espaço de pouso/armazenamento/conservação.
11. Consultar em apêndice para melhor entendimento da proposição do programa texto V em apêndice. p.78-85.



98. Fotografia aérea da propriedade da Quinta do Tanque com foco na habitação do século XIX. MB0119

III. 02. Exploração projetual: aproximação à proposta

Numa aproximação à proposta-solução de projeto gostaríamos de pensar que, assim como refere Rafael Moneo, os *"arquitetos podem ver-se como jogadores de xadrez"*[12]. O lugar, a propriedade da Quinta do Tanque, vê-se como um tabuleiro, o qual observamos ponderando o primeiro movimento que dará início ao jogo. O desafio é longo e faz-se de uma incessante e consequente busca pelos movimentos certos, de forma a restringir gradualmente as opções, e a culminar num gesto final que o termine. Contudo, o movimento inicial não define o desfecho do jogo.

Enquanto estudante de arquitetura, com um desafio projetual particular, iniciamos o processo ao olhar e reconhecer o lugar, e elegemos como primeiro movimento a compreensão do presente, através de uma reflexão e análise do passado (desígnios e modificações das gerações), bem como do futuro (mote projetual e definição do programa). Contudo, este primeiro movimento não nos dá a resposta à solução projetual. Como refere Gregotti:

> *"a história apresenta-se como um curioso instrumento cujo conhecimento parece indispensável, mas, uma vez adquirido, não é diretamente utilizável; uma espécie de corredor através do qual é necessário passar para chegar, mas que não ensina nada sobre a arte de andar."*[13]

Uma vez reunida a informação não é garantido que automaticamente obtemos todas as respostas que permitem a solução de uma proposta de projeto[14], todavia, temos sim mais ferramentas para começarmos a avançar com *"hipóteses, críticas e, consequentemente, respostas às críticas"*[15], que nos encaminhem no percurso expectável do processo projetual.

> *"A qualidade do resultado depende desta procura, ao mesmo tempo de autonomia e de capacidade de se relacionar"*[16], *"quanto mais profundas são as críticas, menor é a probabilidade de insucesso, e por mais incrível que possa parecer, maior é a autenticidade"*.[17] Assim, necessitamos *"reconhecer que projetar é ir encontrando os caminhos de resistência pelo que – às vezes contra si próprio – vale a pena ceder instantaneamente."*[18]

---

12. *"architects can see themselves as chess players whose moves must anticipate what the board will look like later on."* MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.583
13. *"la historia se presenta como un curioso instrumento cuyo conocimiento parece indisensable, pero, una vez adquirido, no es directamente utilizable; una especie de corredor a través del cual es necesario pasar para llegar, pero que no nos enseña nada sobre el arte de andar."* Vittorio Gregotti *apud* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.76
14. *"The illusion that there is a single correct approach for each specific circumstance implies a strong dose of idealism supporting the belief that once the necessary information had been gathered, the plot for writing an entire architectural script will be revealed."* MONEO, *Remarks on 21 works"*, 2010, p.441
15. SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*, Lisboa : Edições 70, 2000. p.141
16. SIZA, *Imaginar a evidência*, 2000. p.133
17. SIZA, *Imaginar a evidência,* 2000. p.141
18. *"Habría que rendirse y reconocer que proyectar es ir encontrando los caminos de resistencia por los que- a veces contra uno mismo – vale la pena ceder instantáneamente."* SANTA-MARIA, Luis Martinez, *Intersecciones*, Madrid: Rueda, 2004. p.30



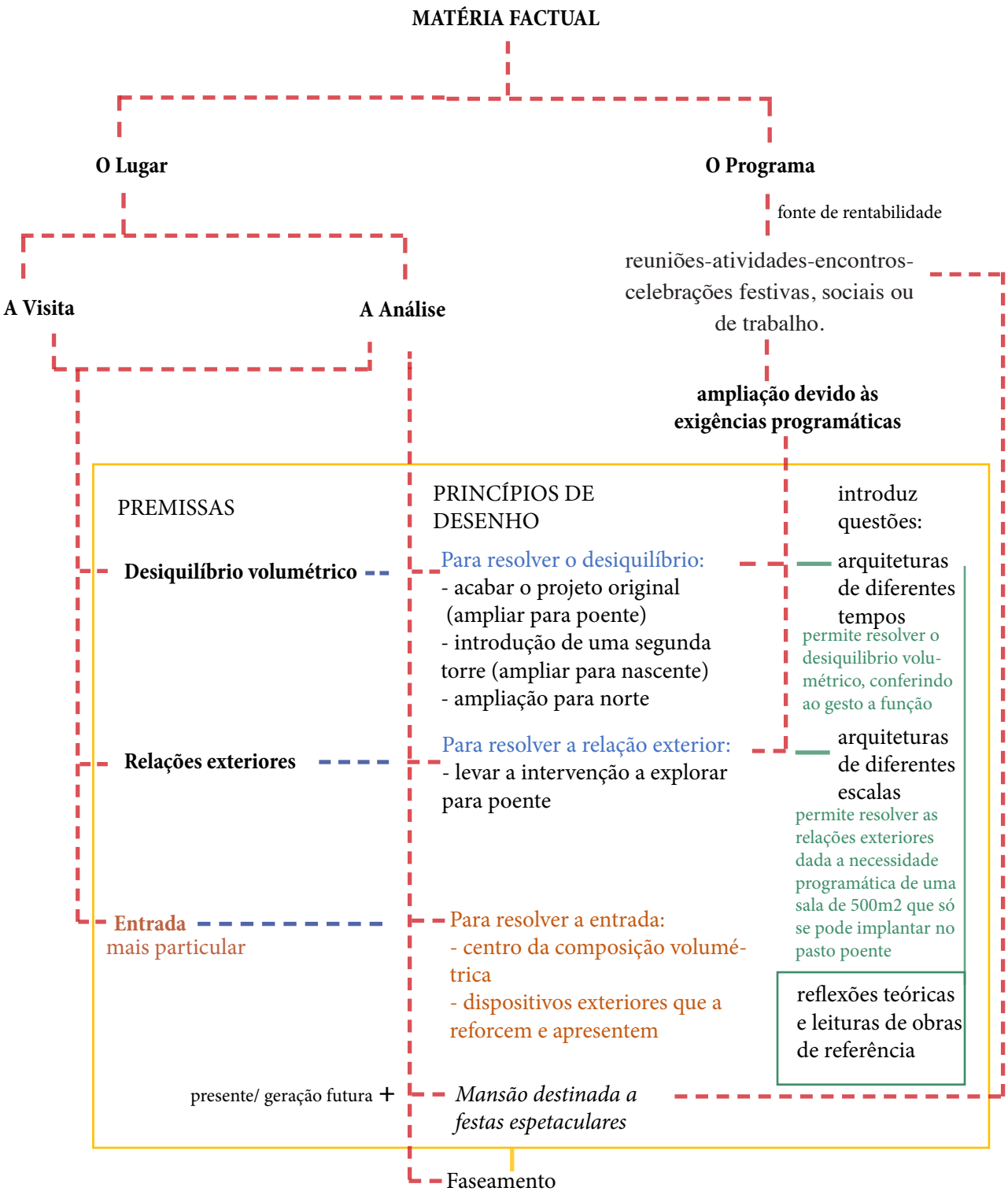
99. Fotografia aérea da propriedade da Quinta do Tanque com foco na habitação do século XIX. Simulação da proposta. MB0119

Para isso, utilizamos como recursos: o desenho que *"expressa uma relação pessoal, única, entre o sujeito e o pensamento"*[19]; maquetes que *"interligam projetos representados a distintas escalas* - [sendo] *o pretexto para o discorrer mental em que se converte a experiência da arquitetura"*[20] - ; leituras/reconhecimento de obras de referência considerando que "*Nós trabalhamos sobre modelos e se quisermos renovar a arquitectura teremos que ir procurar modelos antigos"*[21]; o trabalho de campo realizado gráfico, fotográfico e a recolha da documentação epistolar e iconográfica que nos permitiu conhecer integralmente o objeto de estudo.

Neste sentido, a visita ao lugar, a análise, a consciência teórica do problema de intervenção em pré-existências e a inquietação que motiva a vontade de intervir, formalizam informação e matéria que se converte em forma e espaço no processo e pensamento de projeto. As mesmas criam uma estratégia global de intervenção, em resposta ao nosso caso de estudo em particular – a proposta projetual da Quinta do Tanque como espaço disponível a acolher reuniões-atividades-encontros-celebrações festivas, sociais ou de trabalho.

Como transformar estas diretrizes em desenho?

19. *"Tu dibujo expresa una relación personal, única, entre el sujeto y el pensamiento."* SANTA-MARIA, *Intersecciones*, 2004. p.38
20. *"la maqueta, en la que se entrelazan proyectos representados a distintas escalas, es el pretexto para el discurrir mental en que se convierte la experiencia de la arquitectura."* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.183
21. SIZA, Álvaro, "*Magazine de Arquitectura e Decoração: Álvaro Siza*" (Álvaro Siza entrevistado por Manuel Graça Dias), in Arquivos RTP, Junho de 1993, (acedido em Abril de 2020 em https://arquivos.rtp.pt/conteudos/escola-superior-de-educacao-de-setubal/)


MATÉRIA FACTUAL
O Lugar
O Programa
fonte de rentabilidade
reuniões-atividades-encontros-celebrações festivas, sociais ou de trabalho.
A Visita
A Análise
ampliação devido às exigências programáticas
PREMISSAS
PRINCÍPIOS DE DESENHO
introduz questões:
Desiquilíbrio volumétrico
Para resolver o desiquilíbrio:
- acabar o projeto original (ampliar para poente)
- introdução de uma segunda torre (ampliar para nascente)
- ampliação para norte
arquiteturas de diferentes tempos
permite resolver o desiquilibrio volumétrico, conferindo ao gesto a função
Relações exteriores
Para resolver a relação exterior:
- levar a intervenção a explorar para poente
arquiteturas de diferentes escalas
permite resolver as relações exteriores dada a necessidade programática de uma sala de 500m2 que só se pode implantar no pasto poente
Entrada
mais particular
Para resolver a entrada:
- centro da composição volumétrica
- dispositivos exteriores que a reforcem e apresentem
reflexões teóricas e leituras de obras de referência
presente/ geração futura +
Mansão destinada a festas espetaculares
Faseamento

ESTRATÉGIA

A primeira questão despertada pela informação reunida prende-se com a constatação de que a intervenção projetual implicaria incontornavelmente uma ampliação. Deste modo, os primeiros desenhos e sugestões em maquete, que visam a exploração de hipóteses, mostram, desde logo, esta preocupação de colmatar em simultâneo as condicionantes programáticas com as premissas identificadas, cruzando três influências.

Por um lado, recorremos aos princípios de desenho verificados na análise das gerações - identificados e explicitados anteriormente -, para um início da exploração projetual de resolução das premissas. Este aspeto, cujos gestos promovem a redefinição dos limites conferidos à pré-existência, ou a adjacência/concomitância de novas formas relativas à mesma, introduz o problema da coexistência de expressões arquitetónicas de tempos diferentes.

Por outro lado, ao olharmos e reconhecermos o lugar, torna-se claro que a exigência programática de uma sala com 500m2 de área - que introduz o problema do domínio das dimensões e por conseguinte da escala - só seria possível implantar no pasto relvado livre a poente da habitação e da alameda, para uma condicionante de espaço livre e pela promoção das relações exteriores, essencialmente, com o recinto do tanque.

Por fim, e num paralelo com os aspetos anteriores, recorremos à reflexão teórica de intervir no construído e a referências projetuais para nos encaminharem em sentido crítico na forma pertinente de formalizar esta proposta de projeto, essencialmente tendo em conta os problemas de arquitetura introduzidos.

Assim, segue-se a apresentação do processo projetual, com uma abordagem expositiva dos argumentos, estratégias e momentos de designação da forma.

PREMISSAS + PROGRAMA

Desequilíbrio volumétrico + Relações exteriores + Necessidades programáticas (área)
- sala de 500m2
- sala 150m2
-sala 50m2
+ áreas serviços

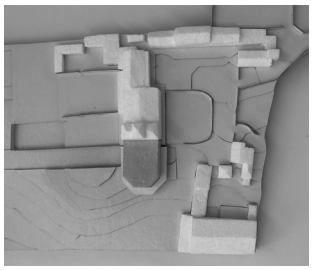
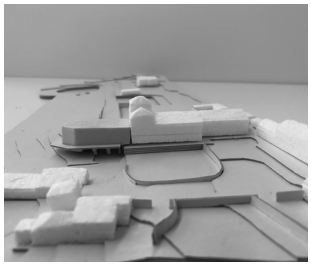
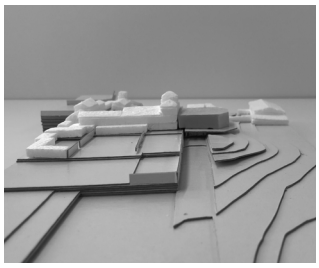
ampliação

PRINCÍPIOS DE DESENHO

planta | vista sul | vista norte

- FINALIZAR O PROJETO ORIGINAL (AMPLIAR PARA POENTE)

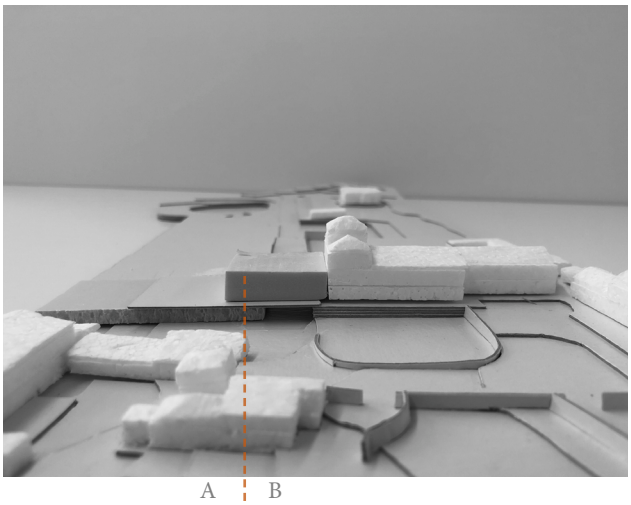
2ª geração : o desígnio

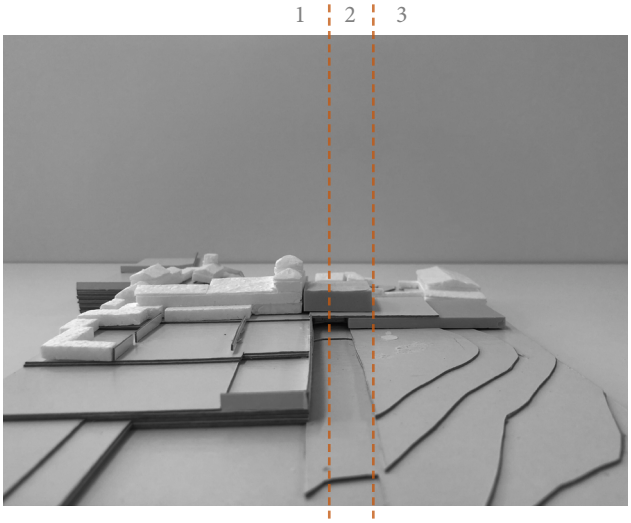




Interpretamos o princípio de desenho relativo à finalização do projeto original como uma ideia de que o reequilíbrio volumétrico passa por uma simetria que incita o desenvolvimento para poente.

Exploração de hipóteses:

Vista sul | Vista norte



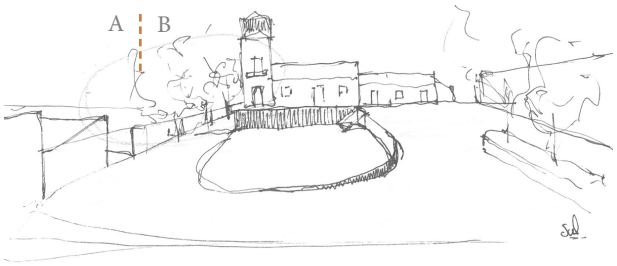


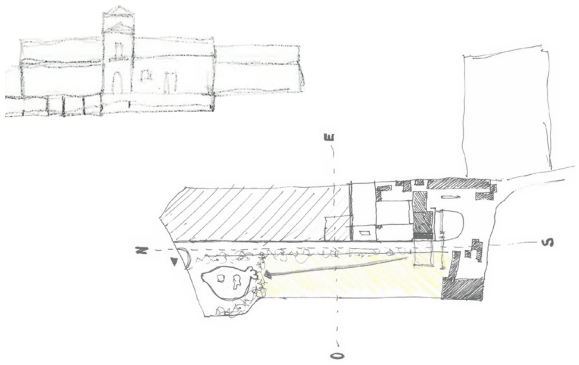
Reinterpretação do volume inerente ao projeto original - reprodução idêntica das massas de cada lado do eixo de simetria. Embasamento contínuo a sul num prolongamento da plataforma onde se implanta a habitação.

- Consideramos:

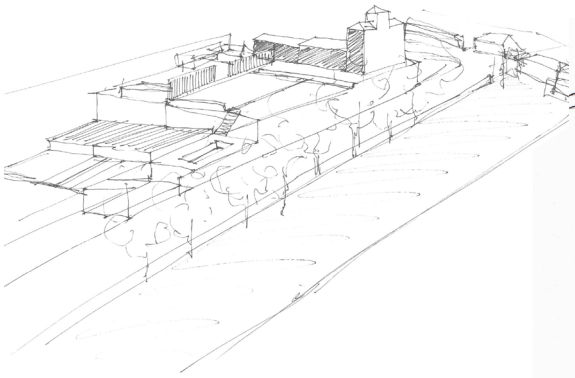
- leitura de **simetria a sul percetível na vivência do espaço** - abre-se para um recinto amplo; a **norte impercetível na vivência do espaço** pela identificação de três quadrantes. Um primeiro a uma cota superior que se encerra em si próprio, um segundo a uma cota inferior que se define pelos limites da alameda, um terceiro intermédio sendo o pasto relvado.

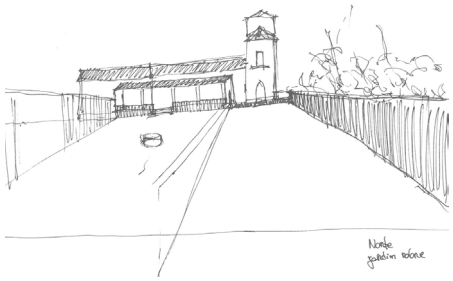
- leitura de **continuidade de embasamento a sul** e **concordância da orientação das volumetrias, satisfaz**.

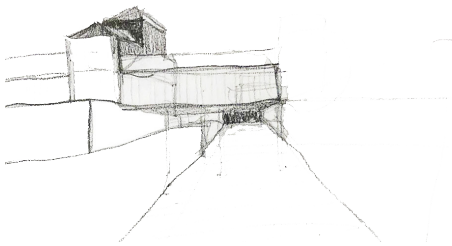




Perceção do espaço.
Sul volta-se para um recinto amplo. Volumetria percetível na sua totalidade. Contudo o recinto tem um sentido de limite pelas edificações existentes e muro. O embasamento contínuo até ao limite da propriedade é impercetível no olhar global de conjunto.



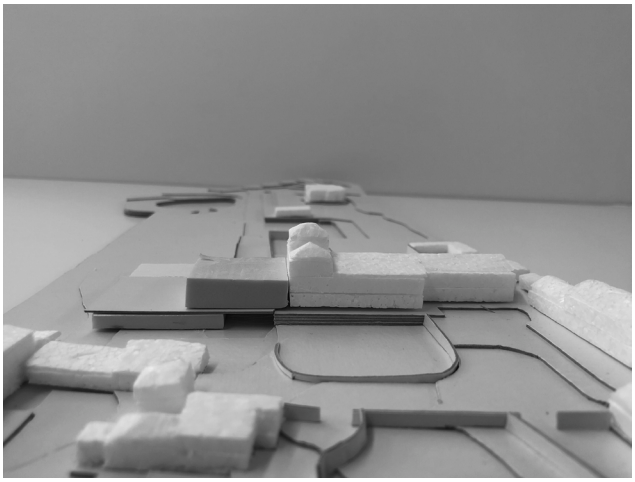




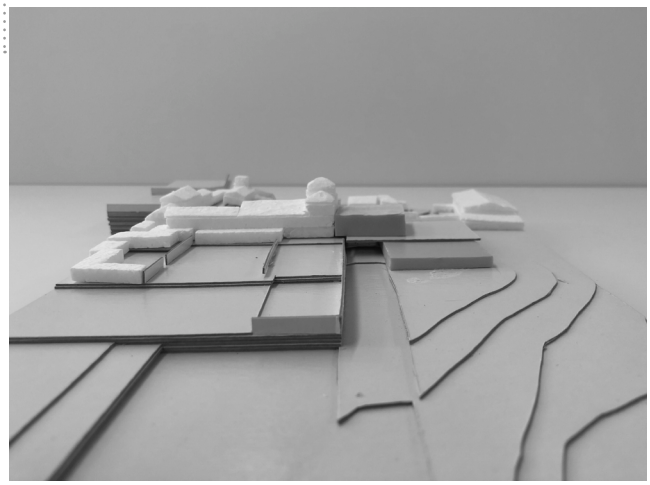


Perceção do espaço.
Norte dividido em três quadrantes. Volumetria com sentido de simetria a desenvolver-se para poente, não percetível em nenhum ponto na sua totalidade de conjunto.

Vista sul



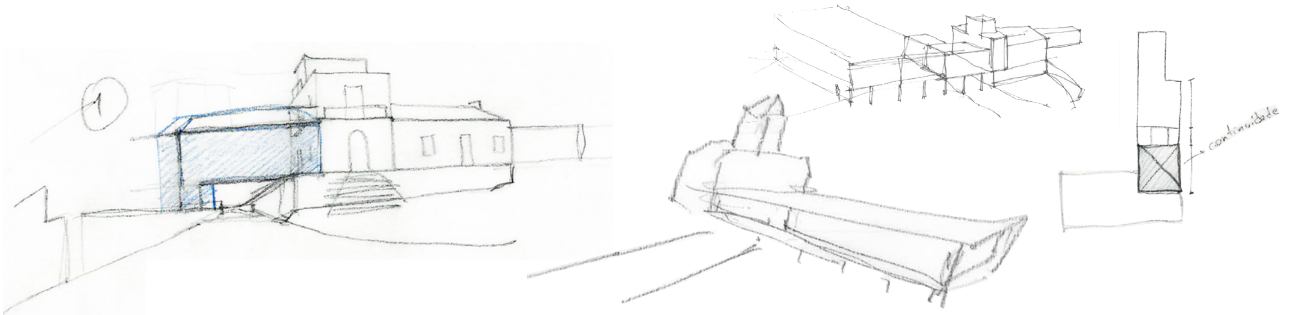
Vista norte



Reinterpretação do volume inerente ao projeto original - reprodução idêntica das massas de cada lado do eixo de simetria. Embasamento contínuo a sul, com vão de passagem na alameda. A norte estreitamento na alameda, frente opaca semelhante ao muro de contenção existente no lado esquerdo.

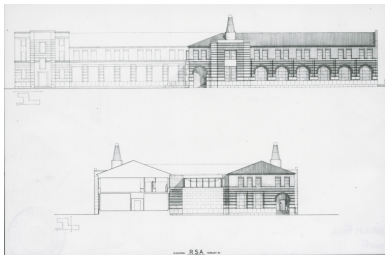
- Consideramos:

  - leitura de **simetria a sul percetível na vivência do espaço**; a **norte impercetível na vivência do espaço**.
  - leitura de **continuidade de embasamento a sul positivo,** maior relação proporcional com a pré existência; mudança de orientação da volumetria e maior constrangimento na alameda questionável.



Continuidade do alçado sul para reequilíbrio volumétrico, complanar.

Como proceder ao toque de arquiteturas de tempos diferentes?



Rice University School of Architecture (1979) – James Stirling e Michael Wilford

"una filosofía de diseño que sugiere, al menos como consequencia, la posibilidad de que ser discreto es mejor que ser original." ; "se procura un tratamiento externo integrado mediante continuidad de figura, color y textura."

GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p. 198 e 199

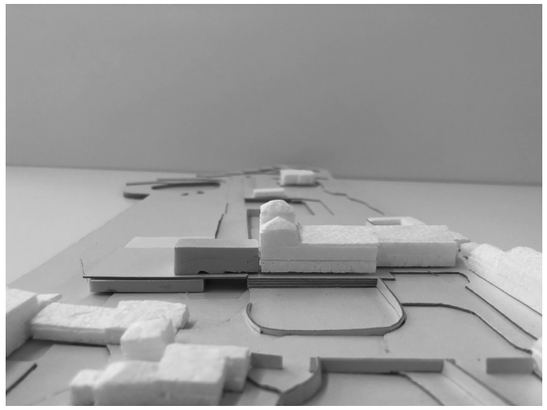


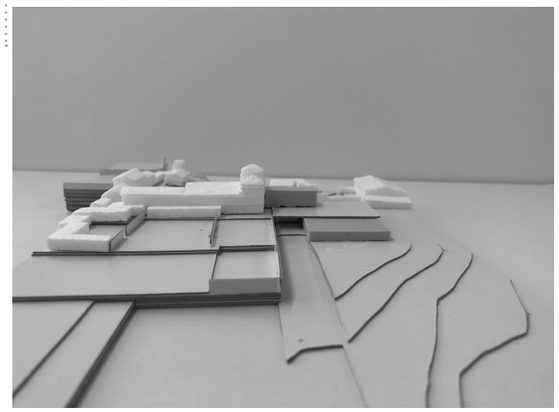
Ampliação de Ayuntamiento de Goteborg (1934-36) - Erik Gunnar Asplund

"aceptando algunos rasgos históricos sustantivos en la busquéda de un orden para la nueva fachada; apoyándose en una homología esencial con la fachada del edificio primitivo."

GRACIA, *Construir en lo construido,* 2001, p. 310

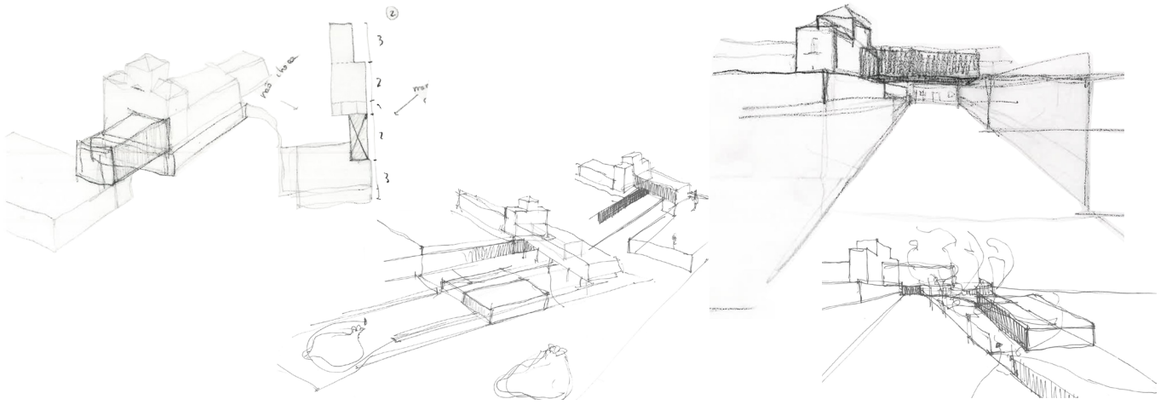
Vista sul | Vista norte





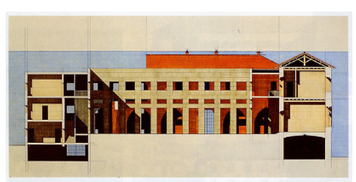
Volume que conforma **continuidade do alçado sul** e liberta-se no alçado norte. Embasamento contínuo a sul, com vão de passagem na alameda. A norte estreitamento na alameda, frente opaca semelhante ao muro de contenção existente no lado esquerdo.

- Consideramos:
  -desfasamento do **volume a norte confere espaço indeterminado**.





Ampliación de la Catedral de Burgo de OSMA – Juan de Villanueva
"de una parte se acomoda a las determinaciones compositivas fundamentales del conjunto, concretándose una relación de hipotaxis o de subordinación compositiva de lo nuevo respecto a lo ya existente; de otra parte lo nuevo adquiere un segundo compromiso, en este caso urbano, al provocar correcciones en el trazado y la consiguiente alteración del lugar."
GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p. 214

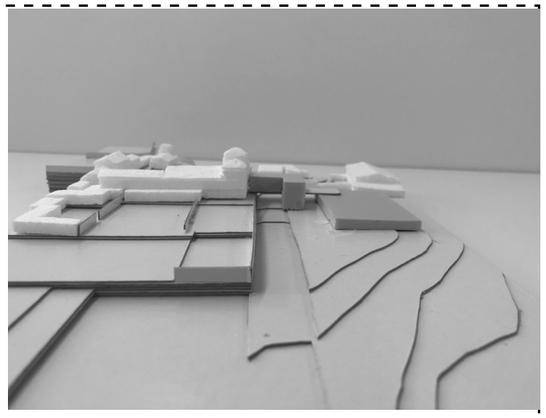


Proyecto de recuperacion del Castillo de Abbiategrasso (1970) - Giorgio Grassi

"manteniéndose un distanciamento figurativo que permite excluir todo riesgo de mimesis, la contextualización se promueve en el nivel de la estructura básica del edificio existente, considerada como matriz formal o generatriz del nuevo edificio."
GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p. 310

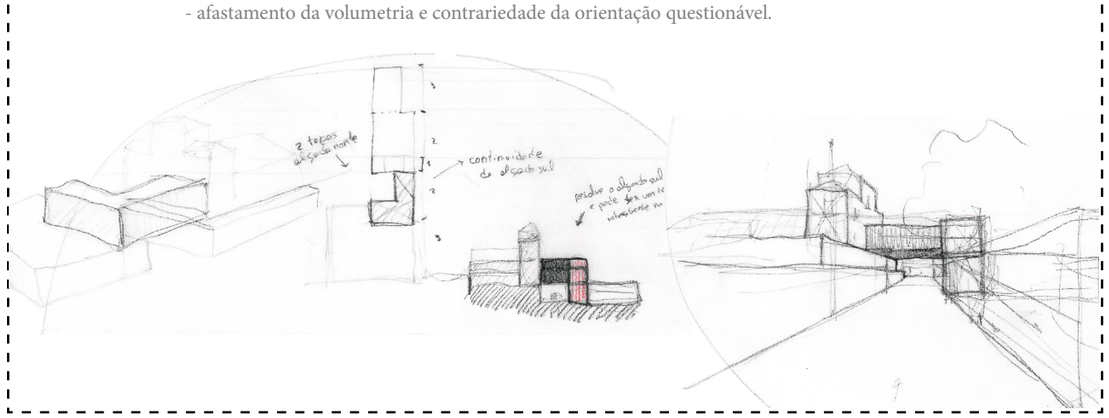
Vista sul | Vista norte





Volume que conforma **continuidade do alçado sul e liberta-se no alçado norte**. Afastamento de volumetrias, assumir diferença por falta de contacto.

- Consideramos:
  - **reequilíbrio com dupla torre que faz transição de cotas e se assemelha ao volume do torreão, satisfaz;**
  - afastamento da volumetria e contrariedade da orientação questionável.





Edificio de Viviendas en el Canal de la Giudecca (1954-58) – Ignazio Gardella

"su arquitectura debe contribuir a la continuidad de la imagen e integrarse como un elemento más del fondo visual gracias a los atributos perceptivos – color, textura, figura, tamaño -, haciéndose casi imperceptible en una visión distraída."

GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p. 265



Ampliação do Banco de Espanha (1983-1988) –Rafael Moneo

"Se establece así una continuidad manifestada de forma reproductiva en fachada, pero mucho menos explícita en planta por la dificuldad que supone la dobre adyacencia que impone el esquinazo."
GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p. 299

PREMISSAS +
PROGRAMA

Desequilíbrio volumétrico +
Relações exteriores +
Necessidades programáticas (área)
- sala de 500m2
- sala 150m2
-sala 50m2
+ áreas serviços

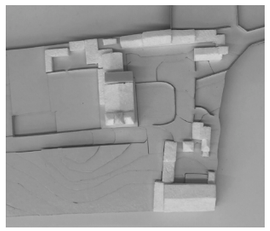
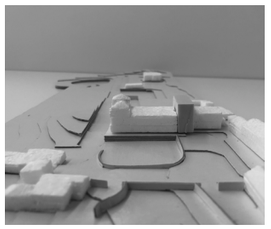
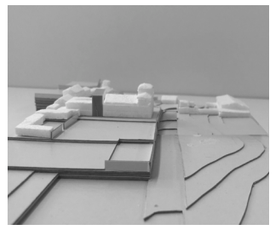
ampliação

PRINCÍPIOS DE
DESENHO

planta | vista sul | vista norte

- INTRODUÇÃO DE UMA SEGUNDA TORRE (AMPLIAR PARA NASCENTE/SUL)

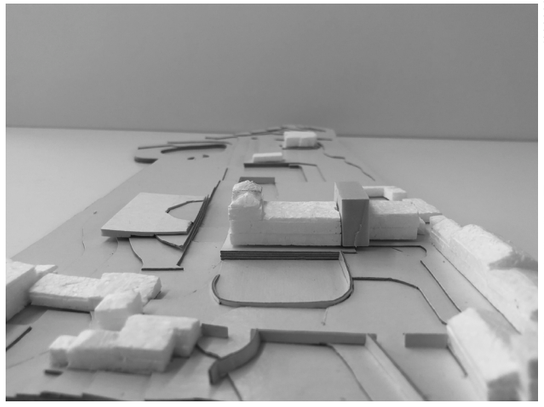
3ª geração : o desígnio

Interpretamos o princípio de desenho relativo à introdução de uma segunda torre como uma ideia de que o reequilíbrio volumétrico passa por uma simetria que incita o contrabalanço com uma segunda massa vertical.

Exploração de hipóteses:

Vista sul



Introdução do reequilíbrio volumétrico pela integração de uma segunda torre que formalize uma simetria. Novas condicionantes programáticas a poente autónomas.

- Consideramos:
  - sentido de **simetria percetível;**
  - **não resolve o alçado poente** que demonstra fragilidade por não ter sido pensado como uma frente;
  - resolver autonomamente o reequilíbrio e as necessidades programáticas?; que programa integraria a segunda torre?

Como proceder à integração de um novo elemento na pré-existência: toque de arquiteturas de tempos diferentes?

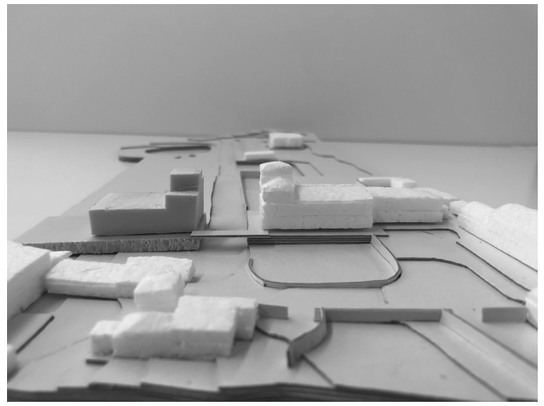
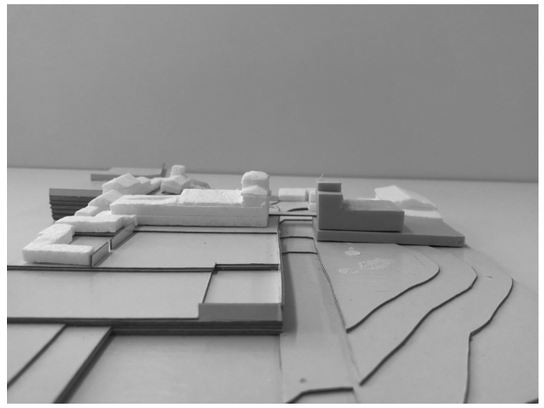


Conservación en sede del Colegio de Arquitectos de Gerona – Arcadi Pla, Jeroni Moner y Benet Cervera

"no se trata de sumergir el nuevo artefacto dentro de una especie de líquido amniótico, sino de actuar incrustando lo nuevo en lo antiguo evidenciando la macla."

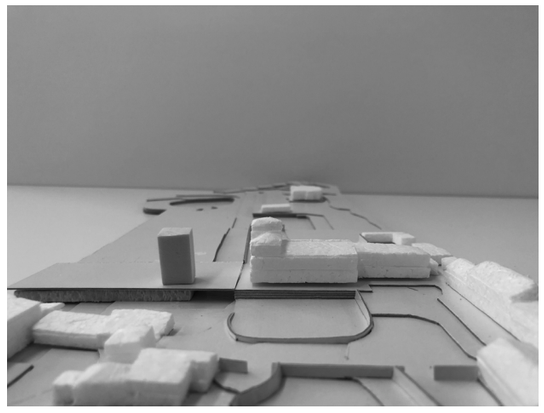
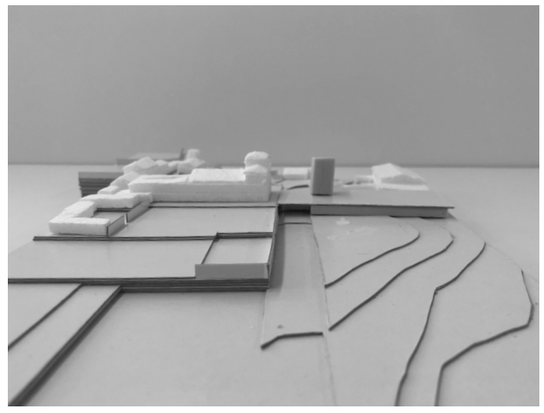
GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p. 212

Vista sul | Vista norte

Introdução do reequilíbrio volumétrico pela reprodução mimética da volumetria existente com eixo de simetria no alinhamento da alameda.

- Consideramos:
  - demasiado **confronto entre o novo e o antigo,** não satisfaz.
  - reprodução mimética, não satisfaz.

Introdução do reequilíbrio volumétrico através de um contrabalanço do volume vertical, embasamento na continuidade da plataforma onde é implantada a habitação.

- Consideramos:
  - **que programa integraria a torre?**

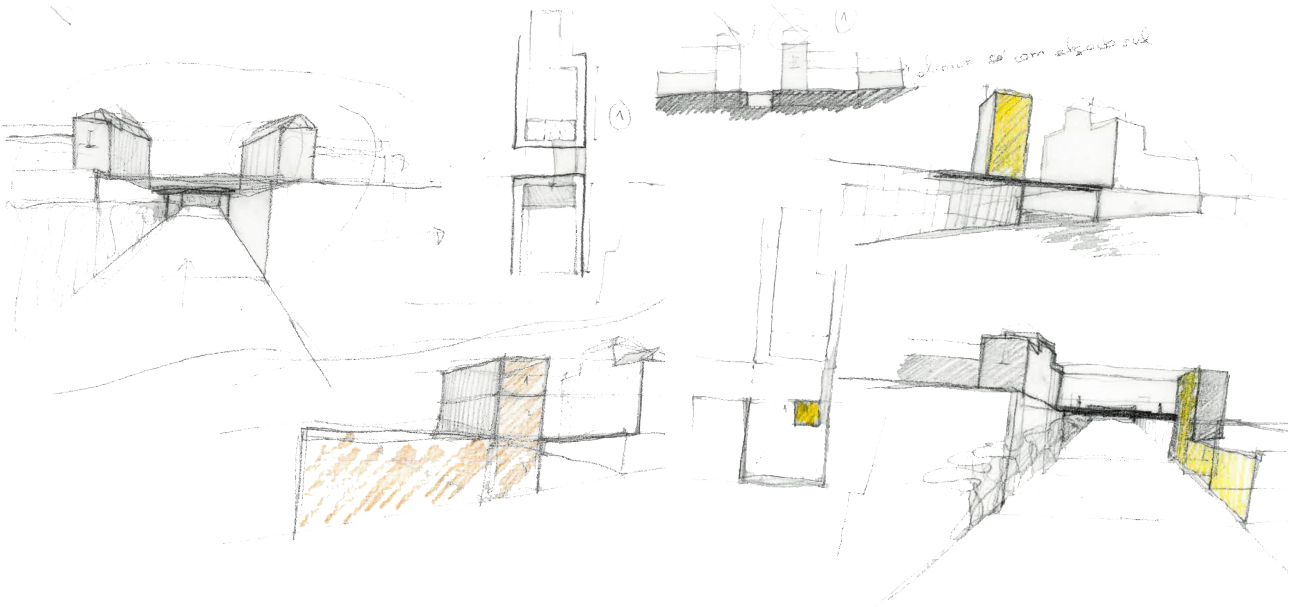
Como atuar perante a autonomia dos volumes numa relação de linguagens de tempos diferentes?

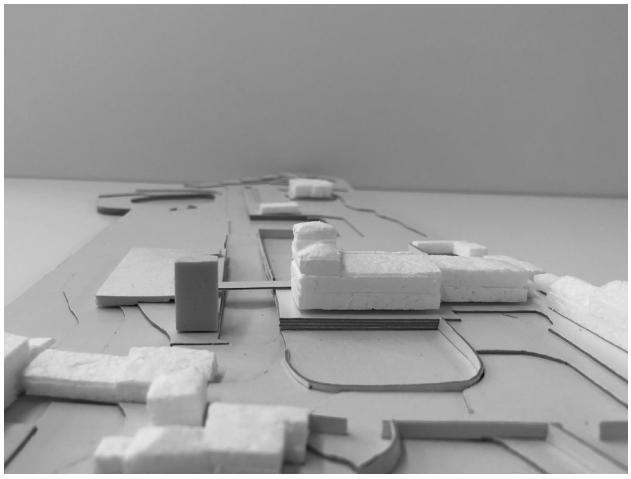


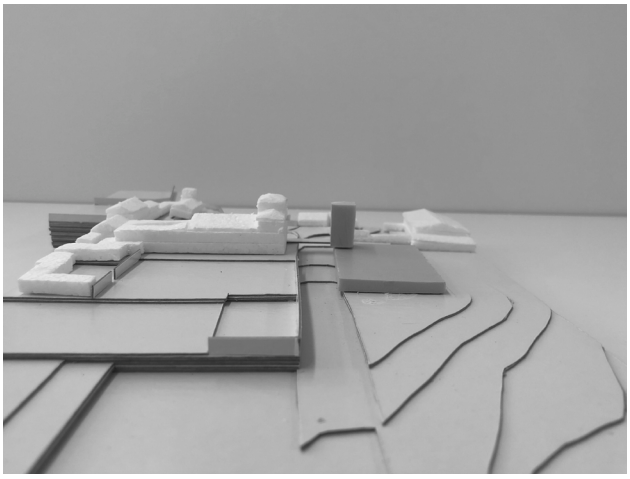
Bankinter Headquarters em Madrid (1972-76) – Rafael Moneo

"the volume of the new building acquires its singular strength from forced foreshortening and the narrow prow, which exaggerates its height." "As our goal was to achieve a harmonious coexistence between the two buildings, pressed brick seemed to be the only option."

MONEO, *Remarks on 21 works, 2010,* p.47 e 49







Introdução do reequilíbrio volumétrico através de um contrabalanço do volume vertical, desfasamento entre volumes.

- Consideramos:
  - **que programa integraria a torre?**
  - **falta de relação entre as partes.**



Referência Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela (1988-1993) - Álvaro Siza

"La relación que establece entre las masas de la nueva construcción con las fachadas del convento de Santo Domingo de Bonaval se resuelve dando lugar a un ámbito urbano intenso, en el que el uso de un material diverso – el granito – se convierte en protagonista. Por otra parte, el violento contraste entre los tejados del convento de Santo Domingo de Bonaval y la cubierta plana del Centro establece claramente la distancia en el tiempo, en tanto que las masas, próximas en sus proporciones, nos hablan de la estabilidad de los espacios."

MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.247

PREMISSAS +
PROGRAMA

Desequilíbrio volumétrico +
Relações exteriores +
Necessidades programáticas (área)
- sala de 500m2
- sala 150m2
-sala 50m2
+ áreas serviços

ampliação

PRINCÍPIOS DE
DESENHO

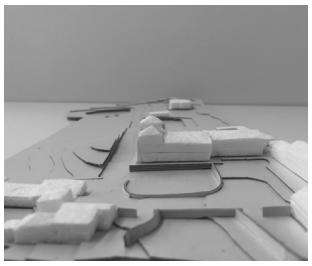
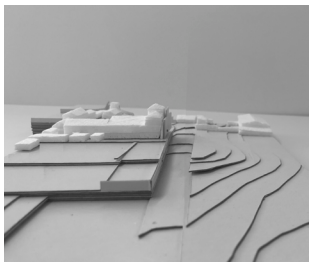
planta | vista sul | vista norte

- LIBERDADE DE CONSTRUÇÃO PARA NORTE, SEM VISAR UMA PROPOSTA DE REEQUILÍBRIO VOLUMÉTRICO (AMPLIAÇÃO PARA NORTE)

*"Qualquer outra ideia que tenham, logo que seja planeada e construída do Lado Norte, onde há largo espaço sobre o galinheiro, é boa, não desfeia o Alçado Norte"**

* SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973

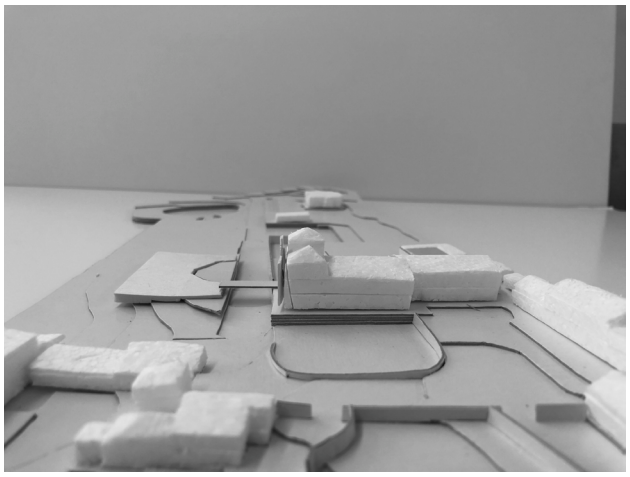
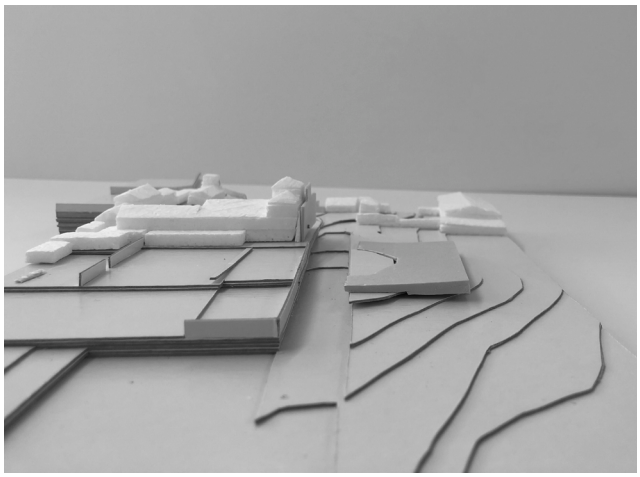
2ª geração : o construído

Interpretamos o princípio de desenho relativo à construção livre para norte como uma ideia de modo a integrar a sala média de 150m2. Inclusive, exploramos uma ideia de não intervir ativamente na pré-existência, ou de intervir com vista à extensão para norte.

Exploração de hipóteses:

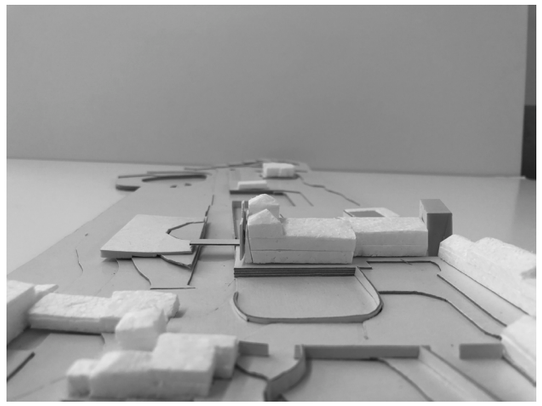
Vista sul | Vista norte

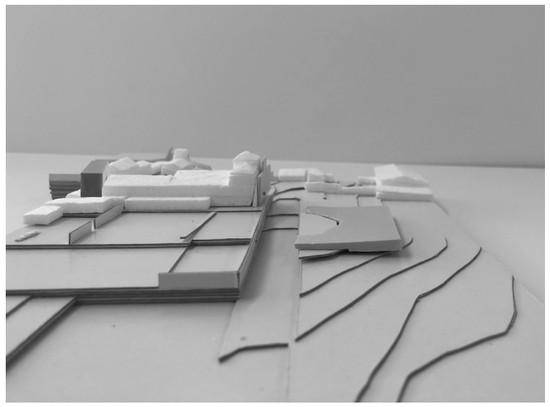



Introdução de uma ideia de não intervir ativamente na pré-existência e que a nova intervenção contenha um ponto de contacto e se desenvolva numa cota inferior.

- Consideramos:
  - **não resolve o desequilíbrio volumétrico da pré-existência.**

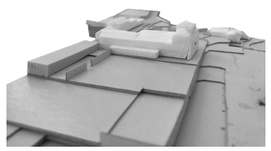
Vista sul | Vista norte

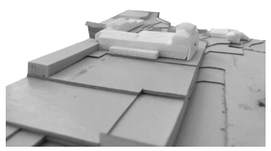


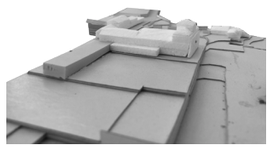


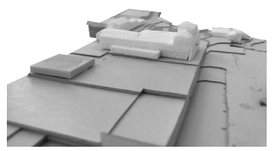
Introdução de uma ideia de **reequilíbrio volumétrico a sul resgatando o elemento de uma segunda torre com a intenção de mediação para intervenções a norte no jardim nobre fronteiro ao alçado norte da habitação.**

- Consideramos:
  - no **alçado norte conforma um momento vertical no remate dos dois topos** da composição.
  - no **alçado sul atribui relevância ao volume nascente e formaliza uma nova solução de composição simétrica.**









Pensamento da sala de 150m2 no espaço do jardim nobre.

- Consideramos:
  - **formato quadrangular mais favorável para uma sala para ocorrências sociais.**
  - **Adjacência do novo volume à pré-existência permite usufruto direto da habitação**; sentido de continuidade.

Como atuar perante a afirmação, sem contudo ser protagonista, do novo em relação com o antigo, estabelendo contacto e conciliando arquiteturas de tempos diferentes?



Hotel Vidago Palace e SPA, Vidago () - Álvaro Siza

"A intervenção proposta tem como principal objetivo o de devolver ao hotel a qualidade que o caracterizou, mantendo o volume e a estrutura espacial de origem e eliminando algumas construções que o desqualificam estética e funcionalmente."

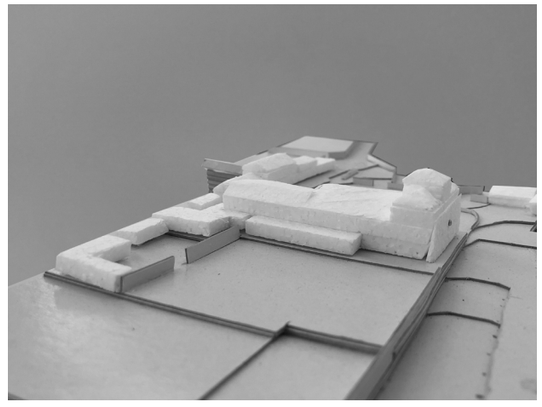
ArchiNews nº38, p. 230

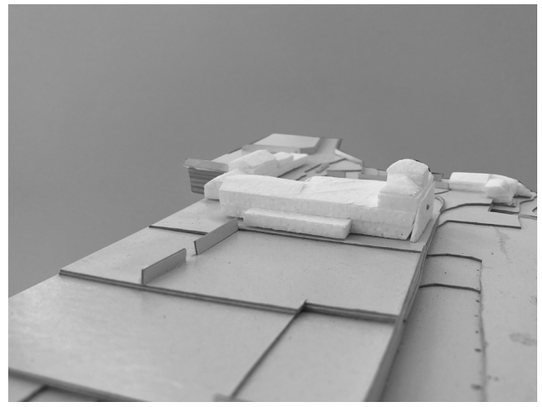


Pousada da Santa Marinha da Costa () – Fernando Távora

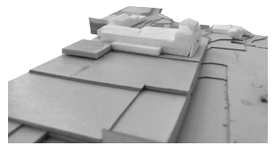
"a sua estrutura fundamental manteve-se intacta (...) Apoiando-se na encosta, um pequeno claustro limitado pela igreja, pelos dois corpos referidos e por um terceiro corpo que lhes é normal, conjunto estruturado segundo um modelo corrente e ainda capaz de crescimento no que respeita ao corpo paralelo de menor extensão."; "afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura."

FONTE, *Pousada de Santa Marinha da Costa*, 1995, p. 60 e 62



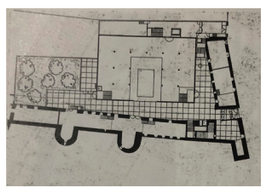


"Distinguir das condições do lugar o que deve ser mantido para a nova realidade que surge quando um edifício aparece e eliminar o que é supérfluo é crucial para um arquiteto. Entender das condições existentes no lugar o que deve ser ignorado, subtraído, apagado, transformado, etc, é vital para todos os arquitetos..."[1]



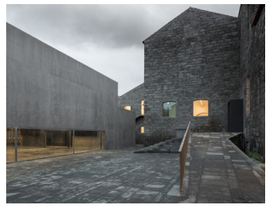
1. *"To discern from the conditions of the site what should be kept for the new reality that emerges once a building appears and to eliminate what is superfluous is crucial for an architect. To understand from the existing site conditions what should be ignored, subtracted, erased, added, transformed, etc, is vital for all architects"* Rafael Moneo *apud* MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.377

Como atuar perante a implantação da nova intervenção nos interstícios/vazios inerentes à pré-existência numa relação de arquiteturas de tempos diferentes?



Museo Provincial de Bellas Artes de Leon (1984) – Alejandro de la Sota

*"Sólo desde esas certidumbres sobrevenidas al margen de la historia puede plantearse la radical desnaturalización del edificio histórico de partida por el procedimiento de ocluir su patio central cual si se tratara de un estigma tipológico. (…) El nuevo objeto parece estar embebido en la cavidad mural como si flotara en un espacio indeterminado (no construido)."*GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p. 212



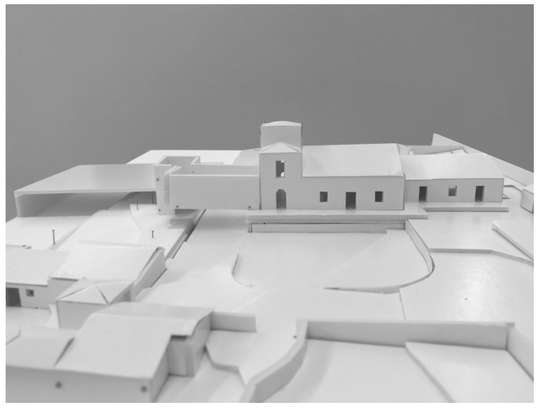
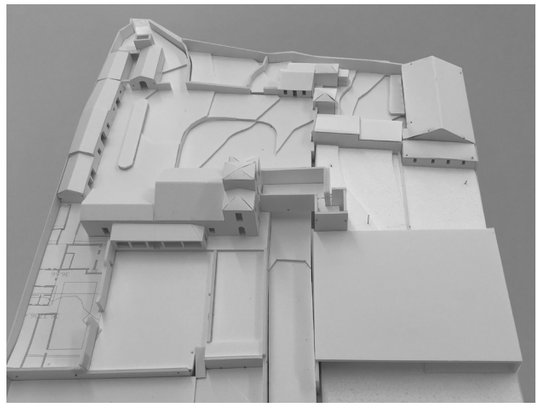
Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneo nos Açores (2014) - Menos é Mais arq. e João Mendes Ribeiro

"O projecto não exagera a diferença entre as antigas e as novas construções. Antes procura unir a diferente escala e a diferente idade das suas partes por meio de uma manipulação pictórica da forma e da materialidade dos edifícios (...) um trabalho altimétrico e textural das superfícies, complementando a relação cheio/vazio da massa do edifício com os vazios dos pátios."

http://menosemais.com/conteudo/arquipelago

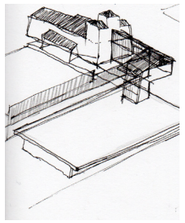
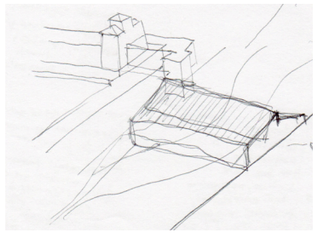
Tendo em conta que já temos vindo a considerar a implantação de uma sala de 500m2 no pasto relvado a poente da habitação com diferentes orientações, particularizamos de momento este tema da relação de arquiteturas de **diferentes escalas**, concentrando-nos na exploração de formas e conceitos que pudessem verdadeiramente propor uma solução relativa ao problema de arquitetura.
Exploração de hipóteses:

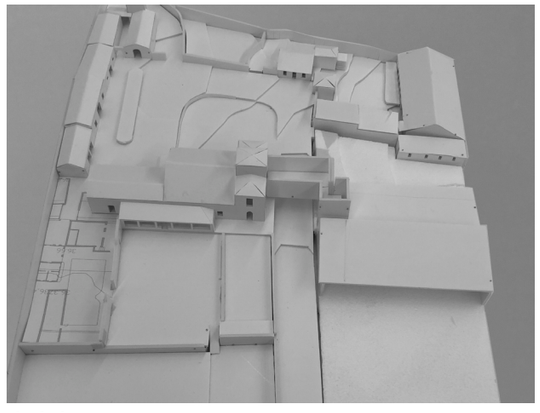
Vista sul | Vista norte

Associar a introdução de uma diferente escala a um conceito de plataforma de jardim, assim como é característico na propriedade a organização de cotas por plataformas.

- Consideramos:
  - **falta de proporção**; demasiada presença.

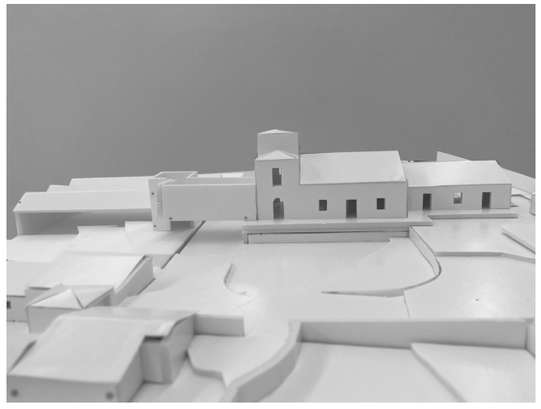
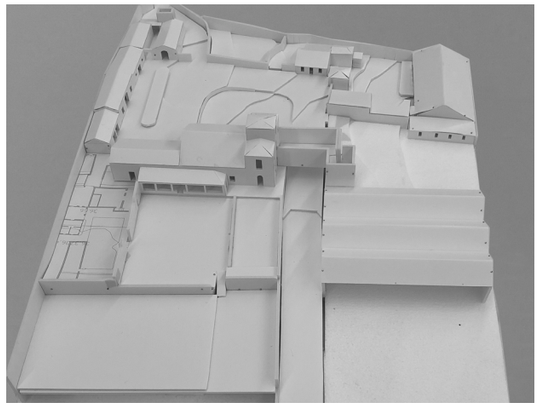



Estudos de partição da cobertura como forma de se aproximar à escala do lugar.

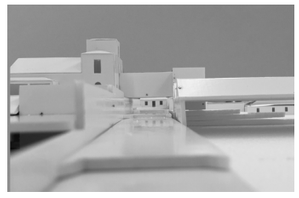
- Consideramos:
  - **sem relação com a pré-existência: nem é plataforma, nem se assemelha à escala das pré-existências**

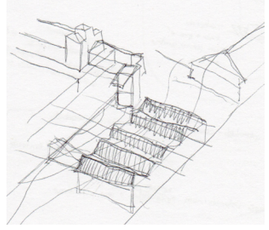
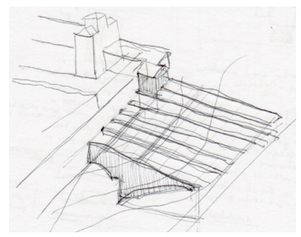
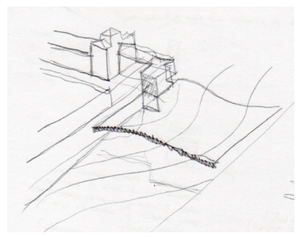
Vista sul | Vista norte

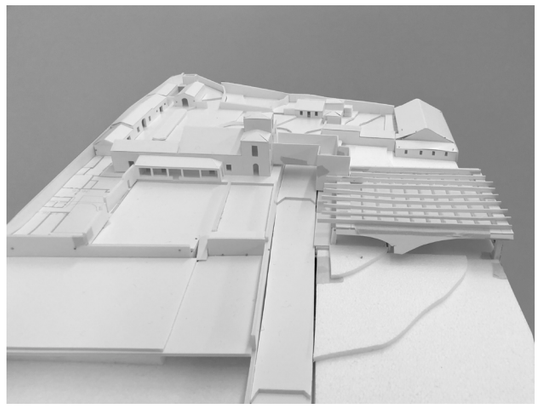
Estudos de partição da cobertura como forma de se aproximar à escala do lugar. Replicação das inclinações sugeridas pelos telhados existentes nas pré-existências.

- Consideramos:
  - não cumpre o objetivo pretendido.
  - na **vista da alameda colocar um volume em frente à segunda torre prejudica a leitura de semelhança pretendida entre o volume torreado pré-existente e o novo, aqui como em todas as ocorrências similares.**



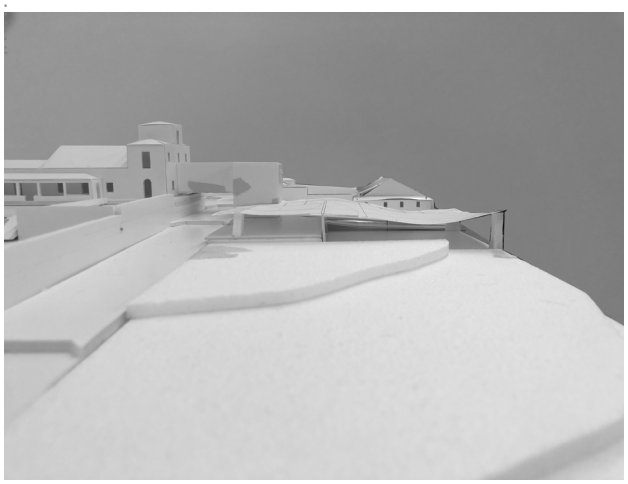
Vista norte | Vista norte




Autonomia entre cobertura e interiores. Cobertura leve que pousa pontualmente no chão.

- Consideramos:
  - **atuar por dissemelhança?**

Vista norte



Autonomia entre cobertura e interiores. Cobertura leve, orgânica que pousa pontualmente no chão.

- Consideramos:
  - **atuar por dissemelhança? s**ala relaciona-se com uma lógica de pavilhão de jardim, e não como massa edificada?

Nesta exploração de hipóteses consideramos possibilidades de pavilhões seguindo referências como: Banff National Park Pavilion, 1911-1914, Canadá, de Frank Lloyd Wright and Francis Conroy Sullivan; Neue National Gallery , 1968, Berlim de Mies van der Rohe; Brazilian Pavilion, 1970, Osaka Expo, de Paulo Mendes da Rocha; 360 Ching Gallery, 2003, Beacon, USA, de Peter Zumthor; e Serpentine pavilion 2019 de Junya Ishigami.

Contudo, nenhuma destas referências, que dão abrigo a condicionantes programáticas de grande ordem, se depara com a questão de "*construir no construído*", e nenhuma das experiências realizadas, numa tentativa de adaptação ao nosso caso de estudo, confirmaram uma solução que considerássemos satisfatória.

Neste sentido, voltamos a pensar numa **relação mais próxima com a pré-existência**, optando por uma composição una, de continuidade em:

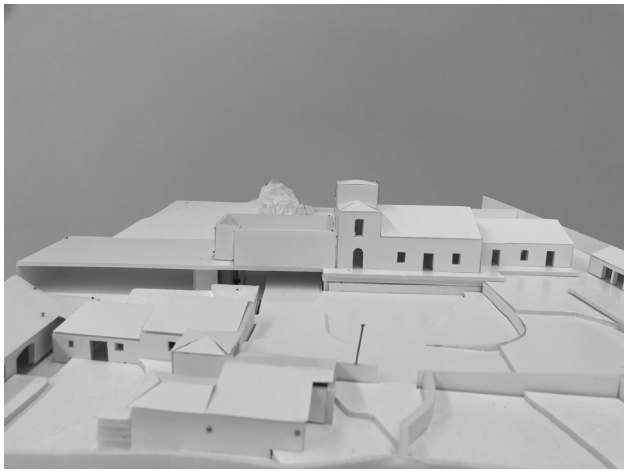
> *"preferir "ambos e ao mesmo tempo" do que "um e a outro" (...) incorporar a difícil unidade de inclusão mais do que assumir a fácil unidade do exclusivo", com a consciência que "mais não é ser menos."*[1]

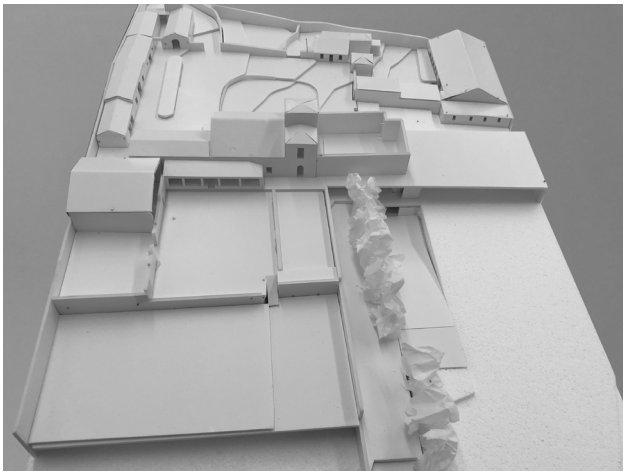
1. *"Prefiero "ambos y al mismo tiempo" a "uno u otro", el blanco y el negro, y algunas veces el gris, al blanco o al negro.(…) su verdad debe estar en la totalidad o en sus implicaciones. La arquitectura debe incorporar la dificultosa unidad de la inclusión más que asumir la fácil unidad de lo exclusivo. Más no es ser menos."* Robert Venturi *apud* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.53

Nesse sentido, começamos a explorar uma relação direta dos novos dispositivos com a pré-existência, resgatando em simultâneo o que de melhor consideramos das experiências anteriores: aceitar a ordem e estrutura latente no edifício pré-existente e permitir que estas se pudessem desenvolver para formular os novos dispositivos, iniciando uma exploração de relações de proporção, forma, medidas, alinhamentos.

Exploração de hipóteses:

Vista sul | Vista norte





Sala de 500m2 como continuidade do embasamento onde a habitação se implanta. Relação direta e de continuidade com a pré-existência assumindo plataforma como massa. Sala de 150m2 replica coberturas das pré-existências.

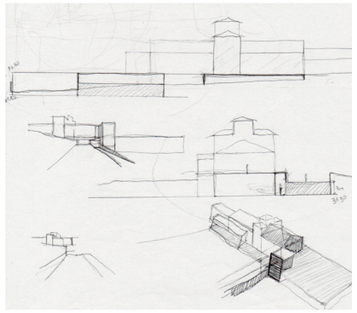
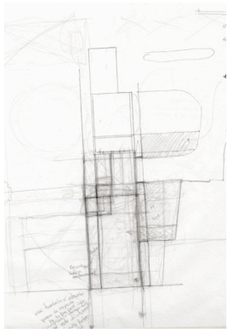
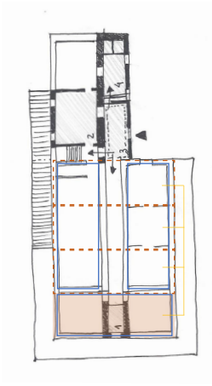
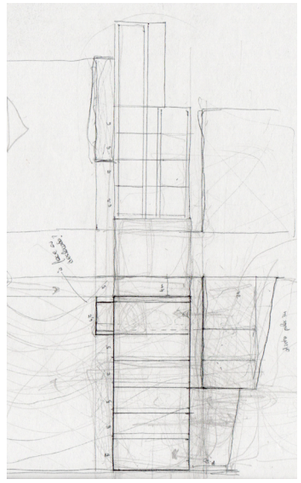
- Consideramos:
  - **composição mais una;**
  - sala a norte (150m2) desintegrada.
  - **perde-se com a desconsideração da segunda torre que formaliza a transição entre cotas, entre tempos, entre escalas** e conforma um núcleo central no quadrante da alameda.



Ampliação da National Galleryem Londres por Robert Venturi e Scott Brown´

"¿De qué modo proceden Venturi y Scott Brown? En primer lugar, aceptan el orden de medidas que las salas de la National Gallery establecen."

MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual,* 2004, p.90.

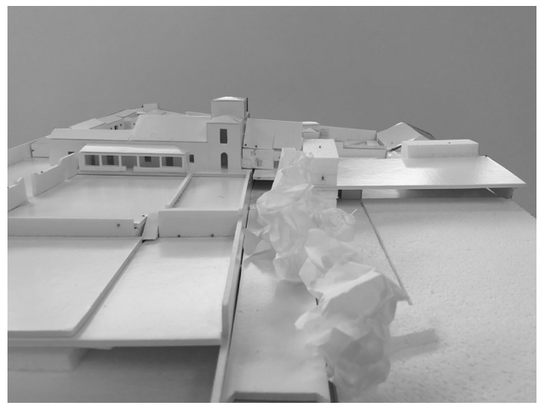





Estudo da métrica inerente à pré-existência a desenvolver-se na intervenção.
Consciencialização de que: **a estrutura do edificado já detém a replicação de uma unidade métrica - um módulo - conferido pela proporção do volume torreado que se destaca na composição volumétrica. Inclusive detém um predomínio de volumes/alas longitudinais com ritmos transversais determinados não apenas pelo escalonamento torreado, mas também pela cadência dos vãos em alçado.**

Vista sul



Vista norte





Museu de Artes Aplicadas em Frankfurt por Richard Meier

"la obra de Meier en Francfort se caracteriza por la complejidad de su estructura geométrica desarrolada a partir de bases muy elementales, que son la estructura latente del edificio"

GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.220

Aproximação à composição volumétrica:

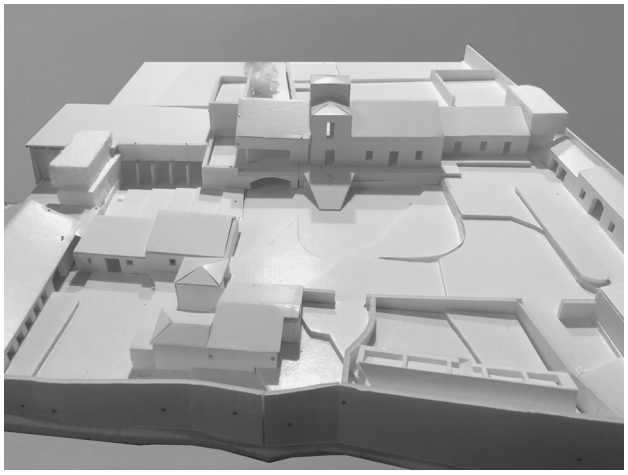
a partir de um módulo que se repete ganha-se liberdade de adequar a volumetria ao espaço, não restringindo a nossa ação projetual à métrica definida.

O módulo torna-se, assim, um elemento-volume sistémico que ritma o novo conjunto formal (antigo e novo) e, simultaneamente, subordina-se à matriz e está para além dela, enquanto vontade *nova*.

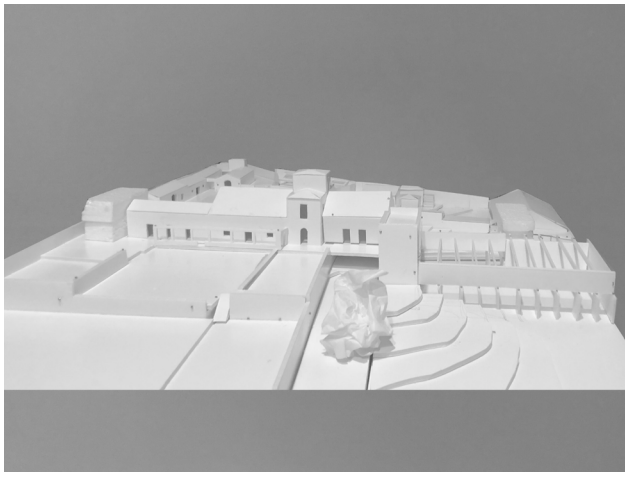
Vista planta



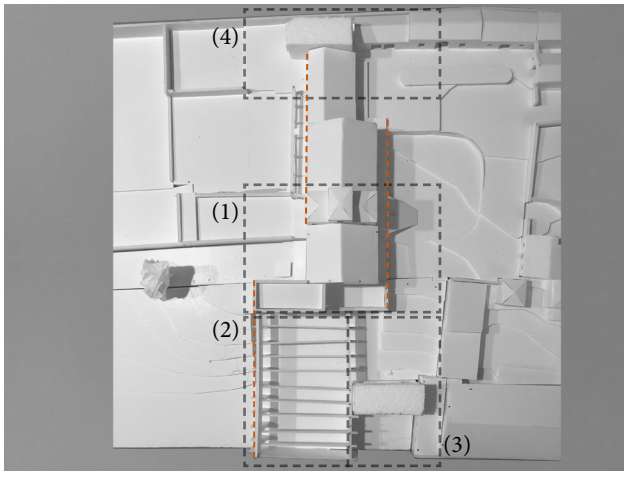
Vista sul



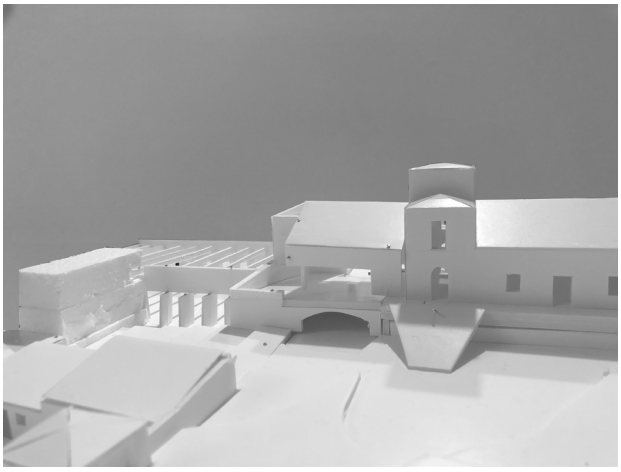
Vista norte



Vista planta



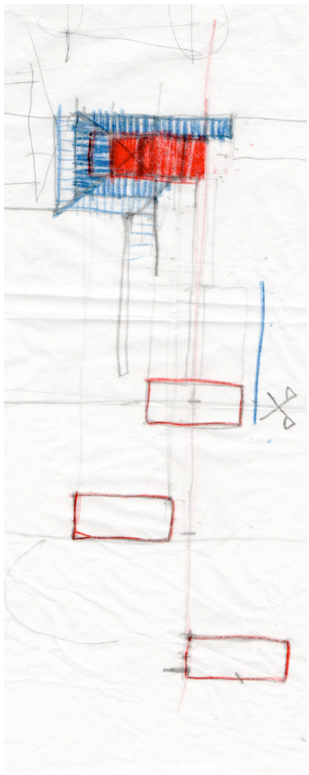
Vista sul



Estratégia da composição volumétrica:

O módulo desenvolve-se por toda a composição e assume-se em momentos pertinentes no conjunto formal.

Formaliza:



(1) -núcleo central no alçado norte com o jogo de dois volumes torreados de cada lado da alameda que confere a transição de tempos, de escalas e de cotas.

No alçado sul, a estratégia permanece a leitura de continuidade e de simetria, com eixo no volume torreado pré-existente, logo o desfasamento desta primeira torre - módulo - é pertinente na estratégia díspar da resolução das duas frentes.

(2) - a sala de 500m2 - seguindo a subdivisão da métrica encontrada - acompanha o recuo deste primeiro volume-módulo - evidenciando a simetria e continuidade do embasamento a sul, permitindo: um maior afastamento e um espaço intermédio estável conformado pelas pré-existências no limite sul; e, ao mesmo tempo, adotando a complanaridade que persiste na habitação.

(3) -o segundo volume-módulo que se afirma o mais a poente, conforma um espaço de mediação que orienta o convidado a ingressar no pavilhão e, ao mesmo tempo, bloqueia a visão da envolvente que liberta o convidado de qualquer ponto de vista que não o associado à ambiência em que se encontra - controla as formas do espaço entre a diversidade dos volumes inerentes ao núcleo hípico, mas também os da escola a poente, como que desenhando uma porção de cidade.

Deste modo orientamo-lo de forma a não comprometer a iluminação para o núcleo hípico e, em paralelo, formulando um pátio de área técnica que intercede numa mediação entre o núcleo hípico e a sala.

(4) -o terceiro volume-módulo que se destaca formaliza a ideia já pensada de um volume que intercede no alçado sul dignificando o volume pré-existente nascente recuado e em simultâneo cria unidade de conjunto e elo de ligação à sala a norte da habitação no jardim nobre fronteiro ao alçado norte.

IV. PROJETO: DESÍGNIO DE UMA INTERVENÇÃO PRÓXIMA

01. Intervenção

01.1 Síntese Desenhada

Plano de Alterações 1.500
Planta de Coberturas 1.500
Planta Piso 2 e 1 1.500
Planta Piso 0 1.500
Planta Piso -1 1.500
Planta Piso -2 1.500
Alçados e Cortes 1.500
- corte AA'- Alçado Sul
- corte BB'
- corte CC'
- corte DD'
- corte EE' - Alçado norte

Alçados e Cortes 1.500
- corte FF'
- corte GG'
- corte HH'
- corte II'
- corte JJ'

01.2 Percurso
- aproximação entrada exterior - interior
- sala norte
- sala sul
- sala poente
- áreas de serviços

01.3 Materialidade, Vãos e Coberturas
- alçado sul
- alçado norte

02. Faseamento

- faseamento volumétrico
- faseamento económico

"Toda a evolução do projecto é uma história muito interessante, influenciada pelo encontro entre origens diferentes, entre concepções opostas da família, que é difícil relatar em toda a extensão."[1]

Após a apresentação do nosso processo projetual gostaríamos de realizar um breve paralelo com a obra de ampliação do Allen Art Museum de Oberlin College em Ohio, projetada pelos arquitetos Robert Venturi, Rauch e Scott Brown em 1973, como mote através do qual rematamos a abordagem geral da nossa proposta-solução de projeto.[2]

Gracia, em relação a este projeto, refere um pensamento de *"impossibilidade de ampliar corretamente um edifício* [...] *que, pela sua própria razão compositiva, é concluso e perfeito,"* como forma de justificar a atitude interventiva dos arquitetos que iniciam o projeto com uma *"ampliação lateral que se executa depois de se ter ampliado o edifício para trás"*[3].

Contudo, no nosso caso em particular, a pré-existência não se considera conclusa e perfeita, dado o desequilíbrio volumétrico conferido pela incompletude da obra da habitação do século XIX, pertencente à Quinta do Tanque. Neste sentido, a nossa abordagem à intervenção na pré-existência é diferente, declarando-se presença ativa para atribuir o sentido de equilíbrio e completude ao edificado.

Assim, por uma valorização de princípios inerentes que consideramos válidos na vivência do espaço, pelo pensamento de integração de uso, e pela oportunidade de trabalhar sobre o alçado mais frágil da volumetria, - seguindo uma reflexão de Fernando Távora em que acreditamos ter encontrado *"o ponto a partir do qual o edifício pode crescer.* [...Aquele] *corpo que estava claramente preparado para, estava à espera"*[4] -, consideramos como mais pertinente a solução que tem como princípio de desenho a reinterpretação de ideias inerentes ao projeto original.

Esta opção não passa por uma vontade de reprodução mimética, ainda que, inevitavelmente, sejamos influenciados por este desenho, e que possamos admitir um certo significado em *"recuperar a pregnância perdida"*[5] do edifício pensado

---

1. SIZA, *Imaginar a evidência*, 2000 p.127
2. Importante ressalvar que o nosso processo projetual não se baseou somente nesta referência para dar forma à proposta. Este destaque e relevância momentânea atribuiu-se numa reflexão final, uma vez que nos pareceu pertinente - pela semelhança formal do pensar a ampliação - concretizar esta relação como forma de rematar, comunicar e justificar de forma clara e consciente os nossos propósitos ao leitor.
3. *"la impossibilidad de ampliar correctamente en edificio académico que, por su propria razón compositiva, es concluso y perfecto. En la Tate, como en el Allen, la ampliación lateral se ejecuta después de haberse ampliado el edificio hacia atrás."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.222-223
4. TÁVORA, Fernando, "*Magazine de Arquitectura e Decoração: Fernando Távora*" (Fernando Távora entrevistado por Manuel Graça Dias), in *Arquivos RTP*, Junho de 1993, (acedido em Abril de 2020 em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fernando-tavora/)
5. *"en algún caso, la intervención se dirige a recuperar la pregnancia perdida en el edificio original."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.191

originalmente. Esta opção passa, sim, por considerarmos válido pensar-se que um edifício *"pode ser construído sem o constrangimento e preocupação de evocar o passado,* [sendo que] *depois cabe à arquitetura levar o processo mais longe."*[6]

Desta forma, sendo que a vivência do espaço tornou clara, desde logo, a disparidade entre o alçado sul ou do alçado norte, adotamos estratégias diferentes na sua solução e conjunto formal, introduzindo a ideia já despertada pela terceira geração, de que *"a arquitetura é o resultado de responder a solicitações específicas e singulares, o que dá lugar a um edifício capaz de assumir a diversidade".*[7]

Parece-nos, assim, pertinente retomar a analogia à obra de ampliação dos arquitetos americanos e verificar a ideia de que pode existir um elemento que permite conectar a pré-existência com o novo programa: *"Um jogo a três partes em vez de duas."*[8]

Consideramos que, através da introdução do elemento modular que sistematiza todo o conjunto formal - que não é seu refém, mas assume a sua relevância -, conferimos e atribuímos à composição momentos que formalizam a transição do toque entre tempos, do toque entre escalas, do toque entre cotas, assim como motivamos e valorizamos os espaços exteriores continuando o lugar.

Foi fundamental adotarmos uma *"atitude respeitosa, ao não exagerar o volume, por um lado, e, por outro, ao insistir nos sistemas ortogonais da composição"*[9], referindo novamente uma ideia descrita na referência do projeto para o Allen Art Museum. Aceitar que *"a noção de simbiose era a chave para resolver este dilema"*[10] e que: *"a arquitetura introduz uma noção de continuidade, uma noção que reconhece tanto o passado como antecipa o futuro. Uma compreensão de continuidade, um conceito que não tem nada que ver com conservadorismo simplista"*[11] e que é crítico acerca das intervenções presentes-futuras.

---

6. *"Once it became clear that a palace could be built without concern for evoking its past, it was then left to the architecture to take the process one step further."* MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.537
7. *"la arquitectura es el resultado de responder a solicitaciones específicas y singulares, lo que da lugar a un edificio capaz de asumir una diversidad(…)"* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual,* 2004, p.93
8. *"apoyan en criterios estrictamente funcionales cuando empaquetan, en un edificio al que nadie dudaría en calificar de convencional, todas aquellas áreas del programa que no requerían especiales atributos, encontrando en la construcción de un elemento neutro que les permite conectar las viejas fábricas con el pabellón mencionado la clave para añadir el volumen más característico. Un juego a tres bandas en lugar de a dos."* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.80-81
9. *"los arquitectos adoptaran en su ampliación de 1973 una actitud respetuosa, al no exagerar su volumen, por una parte, y, por otra, al insistir en los sistemas ortogonales de composición."* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual,* 2004, p.80-81
10. *"The notion of symbiosis was key to solving this dilemma."* MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.589
11. *"I am inclined to believe that architecture also introduces the notion of continuity, a notion that both acknowledges the past and anticipates the future. An understanding of continuity, a concept that has nothing to do with simplistic conservatism, is critical for urban interventions"* MONEO, Rafael, *Remarks on 21 works,* 2010, p.169



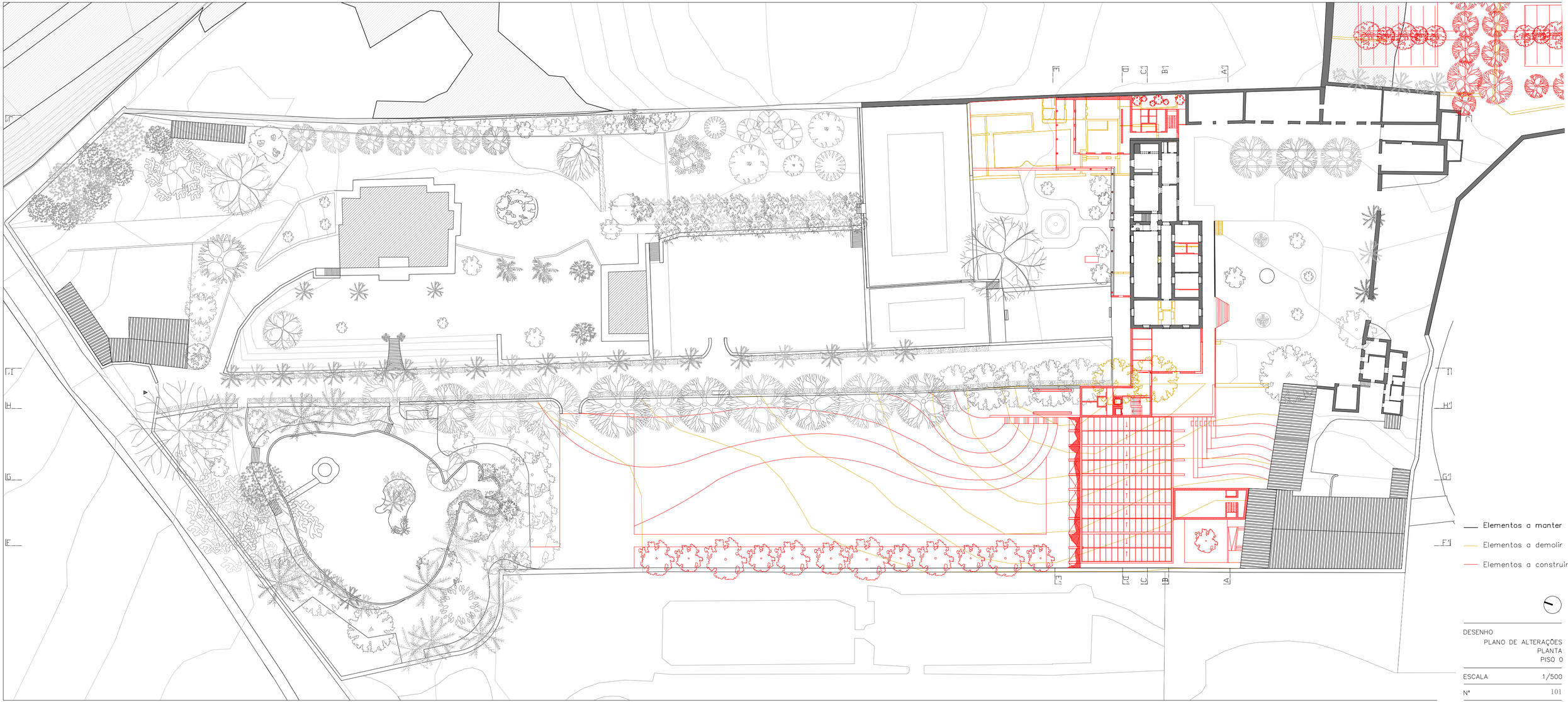
100. Obra de ampliação do Allen Art Museum de Oberlin College em Ohio, projetada pelos arquitetos Robert Venturi, Rauch e Scott Brown em 1973.

Assim, este capítulo propõe-se a apresentar a proposta-solução de projeto quanto à sua forma-função. Para uma exposição clara, inicia-se com a comunicação geral e sequencial dos desenhos da proposta, de forma a desencadear e estimular um consequente aprofundamento das particularidades.

Através de uma ideia de percurso, da vivência do espaço, o leitor é encaminhado na compreensão das ambiências criadas e, em simultâneo, os usos inerentes, de um ponto de vista das particularidades projetuais. Sequencialmente, é-lhe proposto reconhecer a pretensão de harmonia e unidade do conjunto sendo que consideramos, a par da analogia, que *"é sobretudo nos acabamentos exteriores, onde o esforço pela proximidade com a arquitetura existente se põe em manifesto"*[12]. Procedemos à apresentação e argumentação da tectónica inerente à proposta através do material parietal, da abertura e proporcionalidade de vãos, dos jogos de planos opaco-transparente e da relação de coberturas.

Por fim, resgatamos um aspeto identificado nos princípios de desenho reconhecidos na análise das gerações: a possibilidade de um faseamento perante uma ideia eventual de execução do projeto arquitetónico. Pretende-se adequar a proposta ao contexto real, prevendo uma possibilidade de construção faseada do conjunto formal, conforme: um ponto de vista de predomínio compositivo ou um ponto de vista de predomínio económico, ganhando a proposta liberdade para que o futuro possível cliente possa ter voz ativa ao eleger o gesto pertinente conforme o seu sentido crítico e disponibilidade.

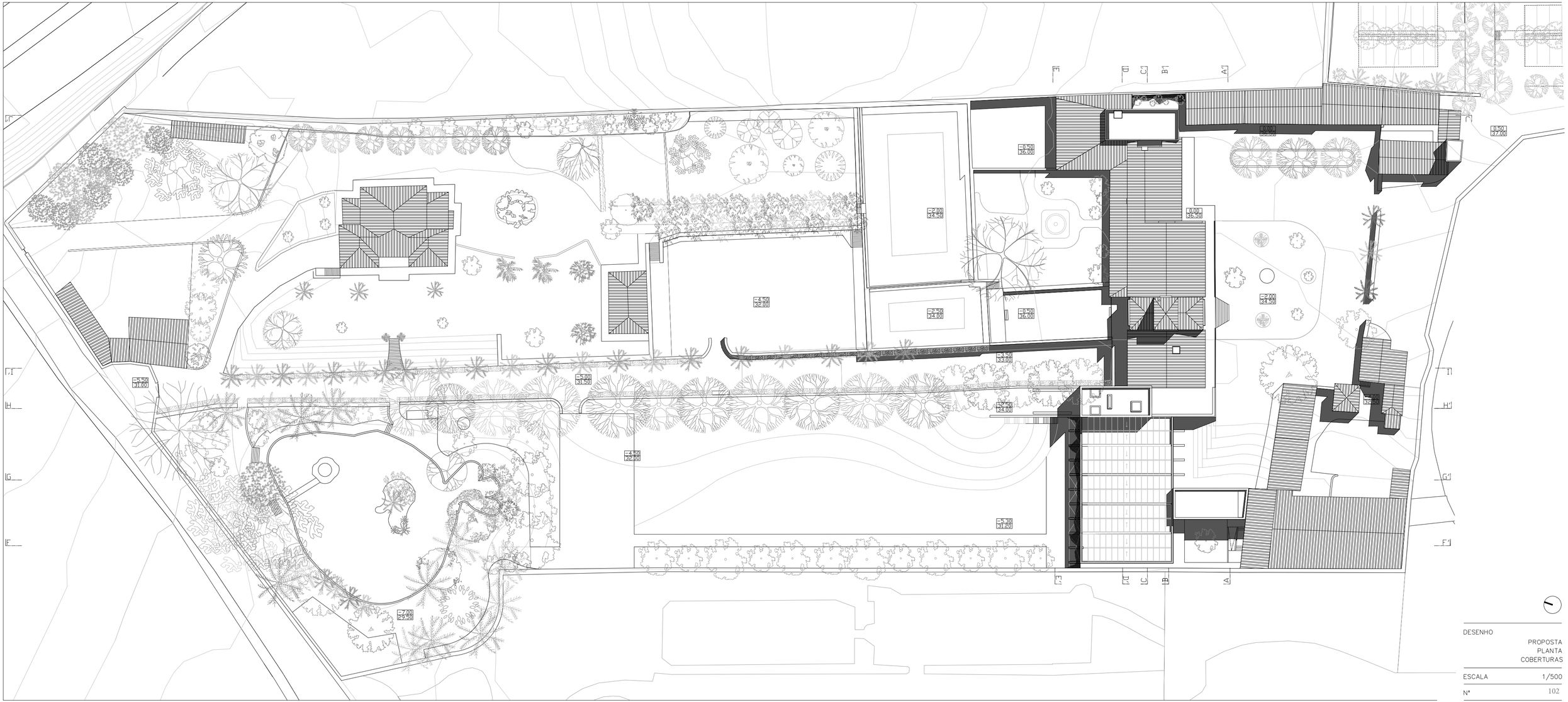
12. *"Pero es, sobre todo, en los acabados exteriores, donde el esfuerzo por acercarse a la arquitectura existente se pone de manifestó."* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual,* 2004, p.81-82



DESENHO
PLANO DE ALTERAÇÕES
PLANTA
PISO 0

ESCALA 1/500

Nº 101

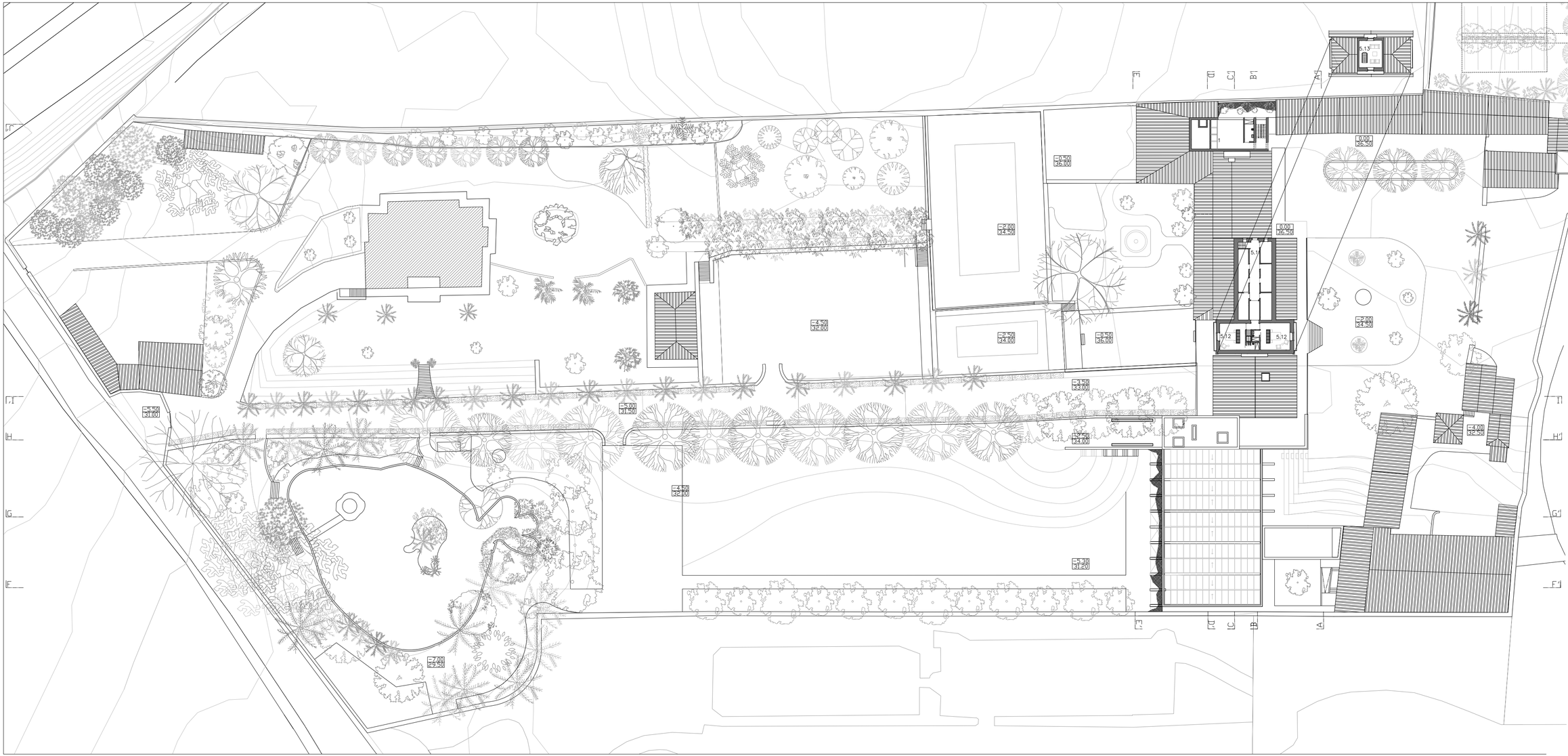


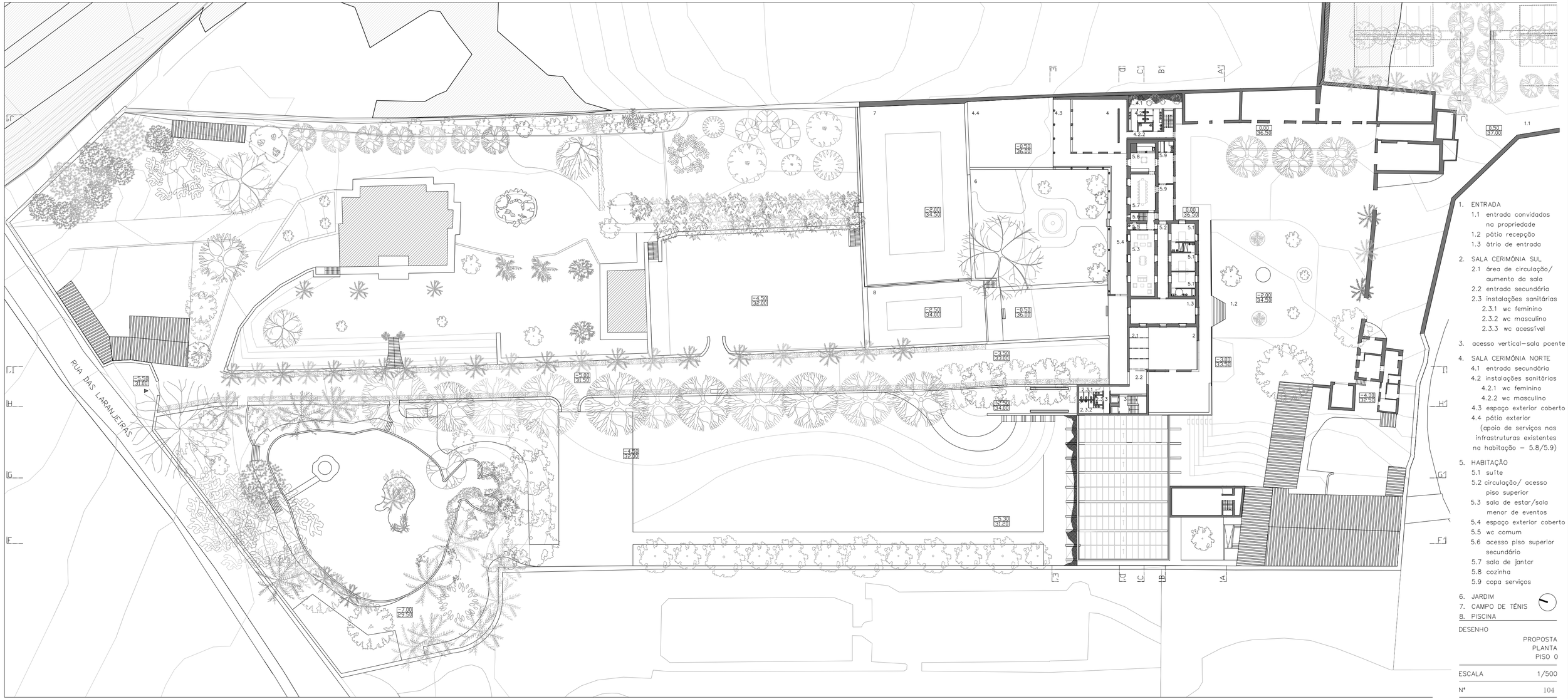
DESENHO

PROPOSTA
PLANTA
COBERTURAS

ESCALA 1/500

Nº 102


1. ESPAÇO POLIVALENTE
(sala reuniões/quarto)
5. HABITAÇÃO
5.11 sotão (arrumos)
5.12 suíte
5.13 sala de estar/
escritório
DESENHO
PROPOSTA
PLANTA
PISO 1 E 2
ESCALA 1/500
Nº 103



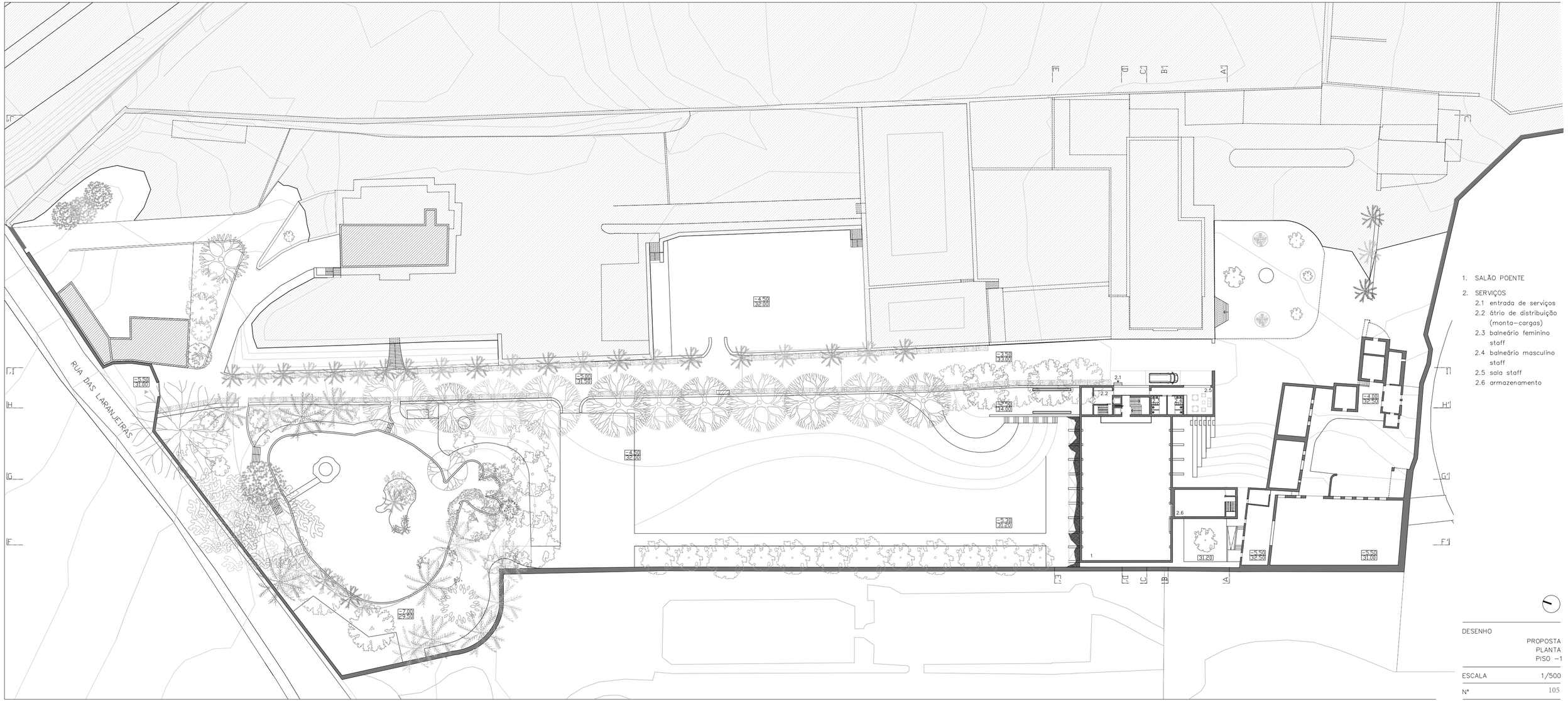
1. ENTRADA
   - 1.1 entrada convidados na propriedade
   - 1.2 pátio recepção
   - 1.3 átrio de entrada
2. SALA CERIMÓNIA SUL
   - 2.1 área de circulação/ aumento da sala
   - 2.2 entrada secundária
   - 2.3 instalações sanitárias
     - 2.3.1 wc feminino
     - 2.3.2 wc masculino
     - 2.3.3 wc acessível
3. acesso vertical–sala poente
4. SALA CERIMÓNIA NORTE
   - 4.1 entrada secundária
   - 4.2 instalações sanitárias
     - 4.2.1 wc feminino
     - 4.2.2 wc masculino
   - 4.3 espaço exterior coberto
   - 4.4 pátio exterior (apoio de serviços nas infrastruturas existentes na habitação – 5.8/5.9)
5. HABITAÇÃO
   - 5.1 suíte
   - 5.2 circulação/ acesso piso superior
   - 5.3 sala de estar/sala menor de eventos
   - 5.4 espaço exterior coberto
   - 5.5 wc comum
   - 5.6 acesso piso superior secundário
   - 5.7 sala de jantar
   - 5.8 cozinha
   - 5.9 copa serviços
6. JARDIM
7. CAMPO DE TÉNIS
8. PISCINA

DESENHO

PROPOSTA
PLANTA
PISO 0

ESCALA 1/500

Nº 104



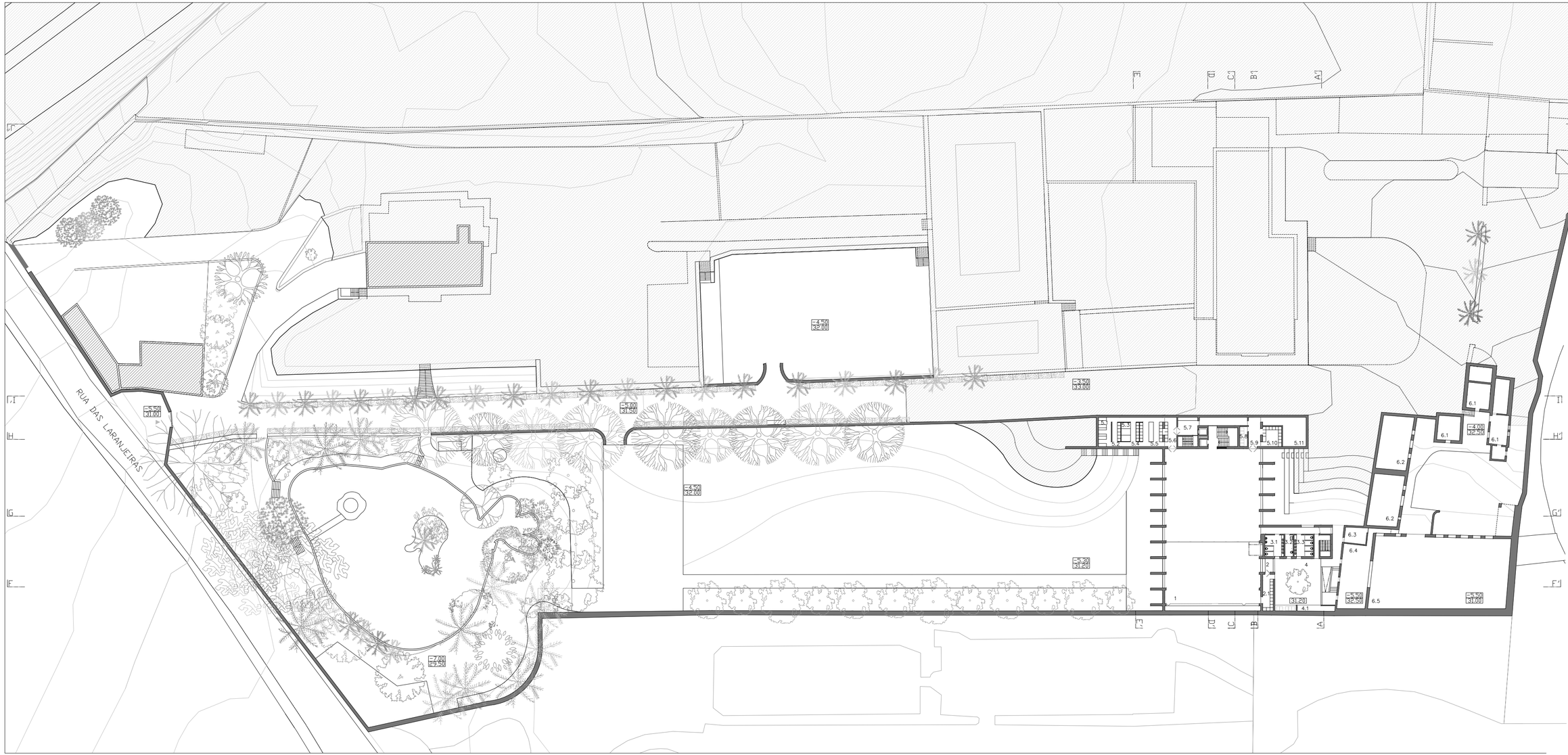
1. SALÃO POENTE
2. SERVIÇOS
   - 2.1 entrada de serviços
   - 2.2 átrio de distribuição (monta-cargas)
   - 2.3 balneário feminino staff
   - 2.4 balneário masculino staff
   - 2.5 sala staff
   - 2.6 armazenamento

DESENHO

PROPOSTA
PLANTA
PISO -1

ESCALA 1/500

Nº 105

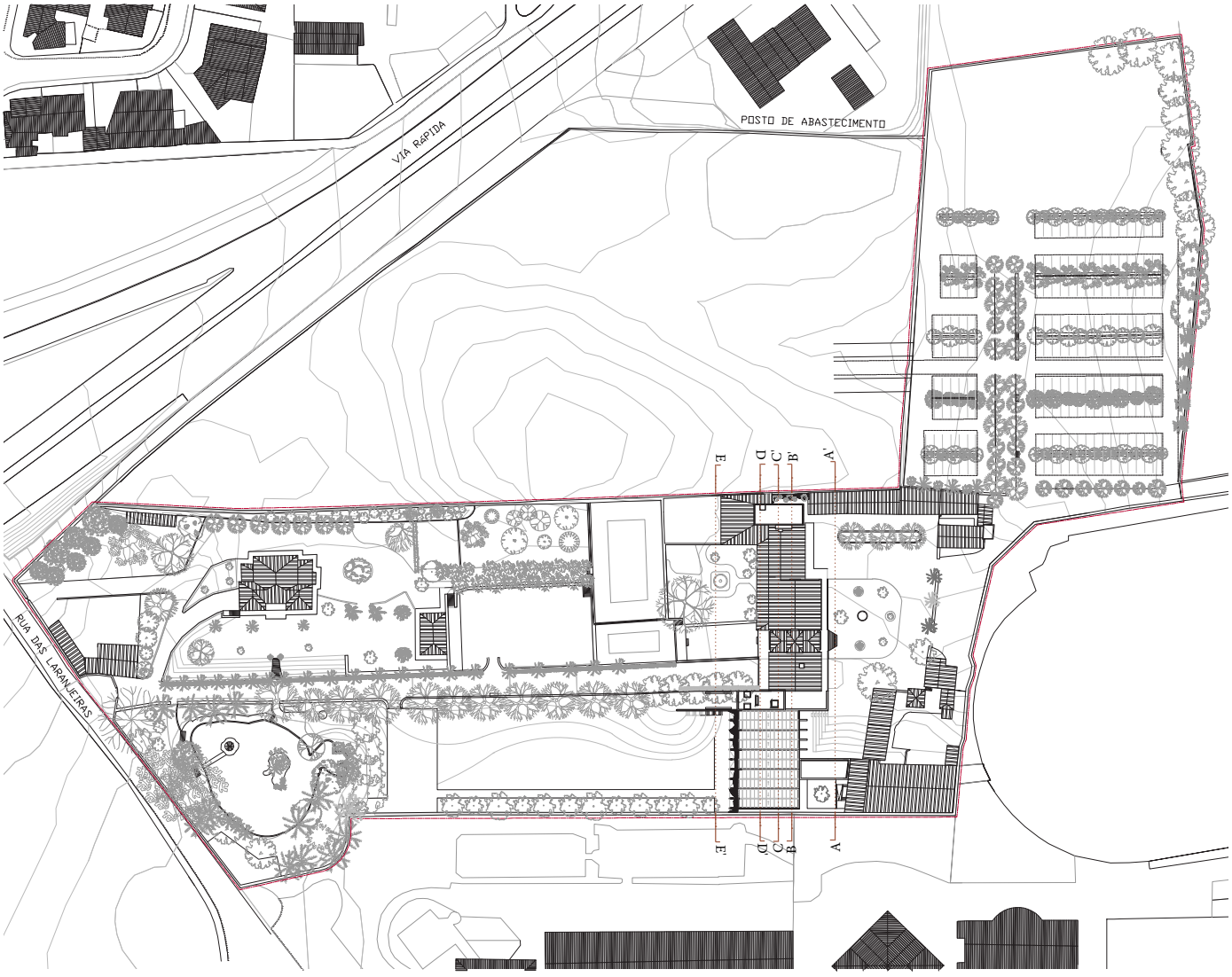


1. SALÃO POENTE
2. BAR
   2.1 copa-bar
3. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
   3.1 wc masculino
   3.2 wc acessível
   3.3 wc feminino
4. PÁTIO EXTERIOR
   4.1 área técnica
5. SERVIÇOS
   5.1 armazenamento de géneros
   5.2 zona sobremesas
   5.3 arcas frigoríficas
   5.4 zona de lavagem de produtos
   5.5 zona de preparação e confecção
   5.6 copa (limpos)
   5.7 átrio de distribuição
   5.8 lixo
   5.9 copa (sujos)
   5.10 lavagem de louça
   5.11 armazém de material
6. NÚCLEO HÍPICO
   6.1 apoios(armazenamento)
   6.2 cavalariças
   6.3 vestiário
   6.4 área social de estar
   6.5 picadeiro

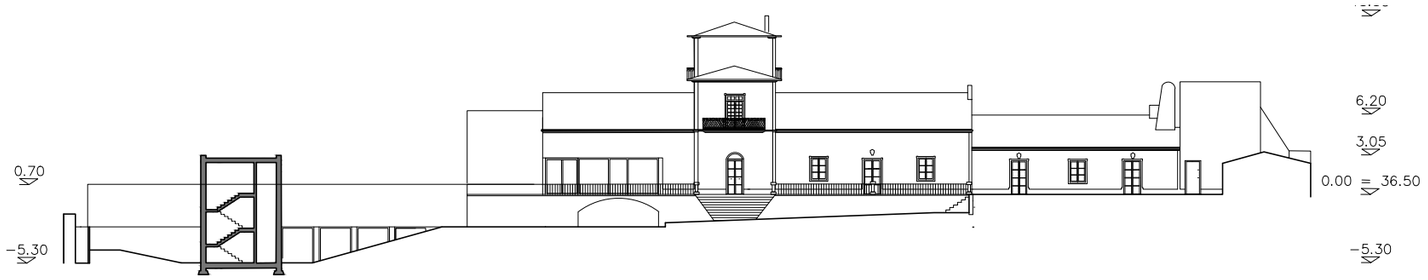
DESENHO
PROPOSTA
PLANTA
PISO -2

ESCALA 1/500

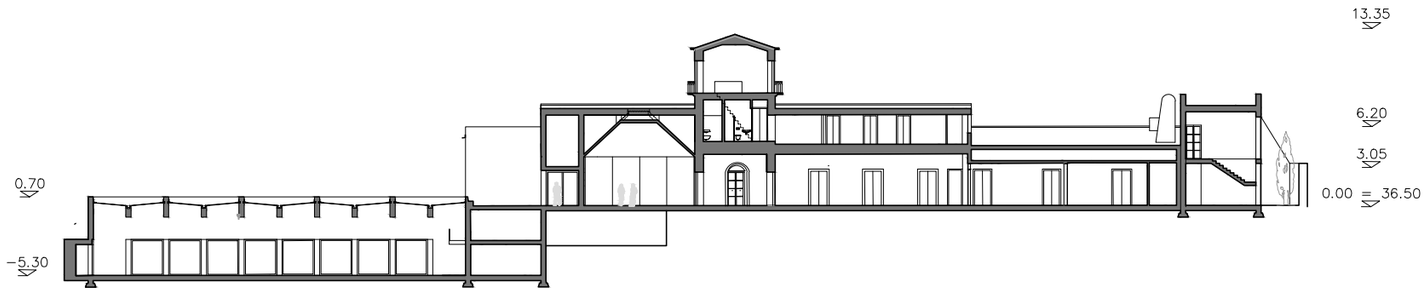
Nº 106



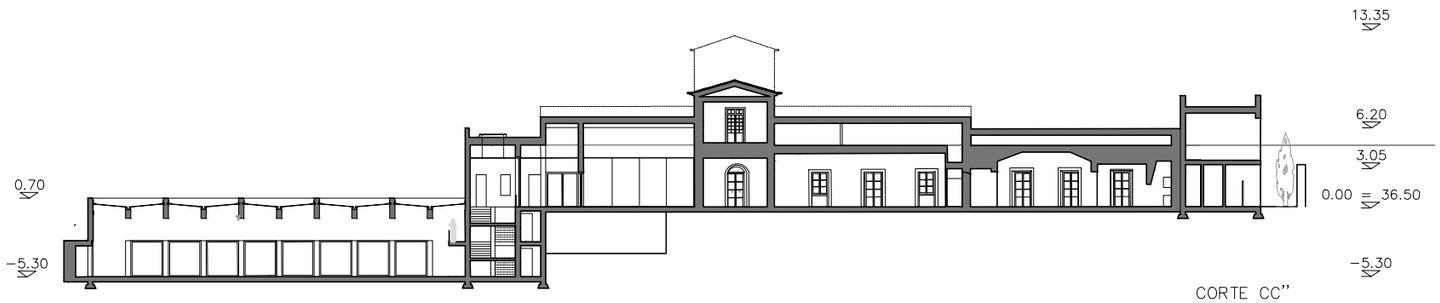
Planta escala 1.2000, MB0219



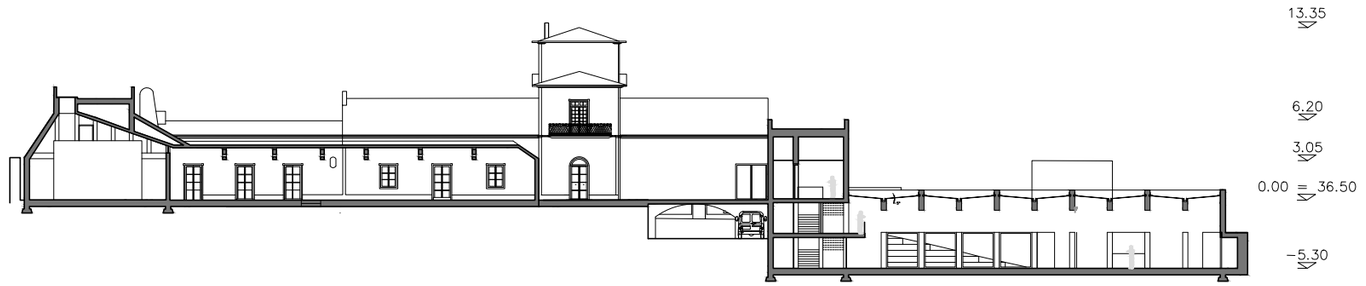
ALÇADO SUL – A



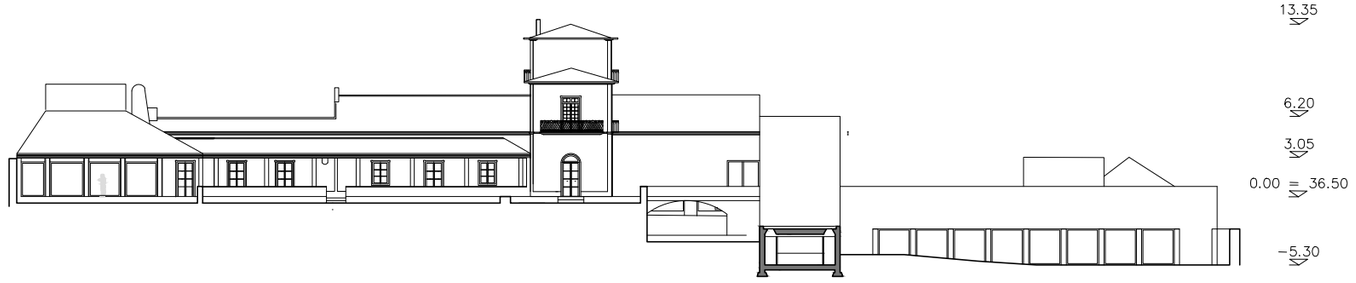
CORTE BB'



CORTE CC''



CORTE DD'



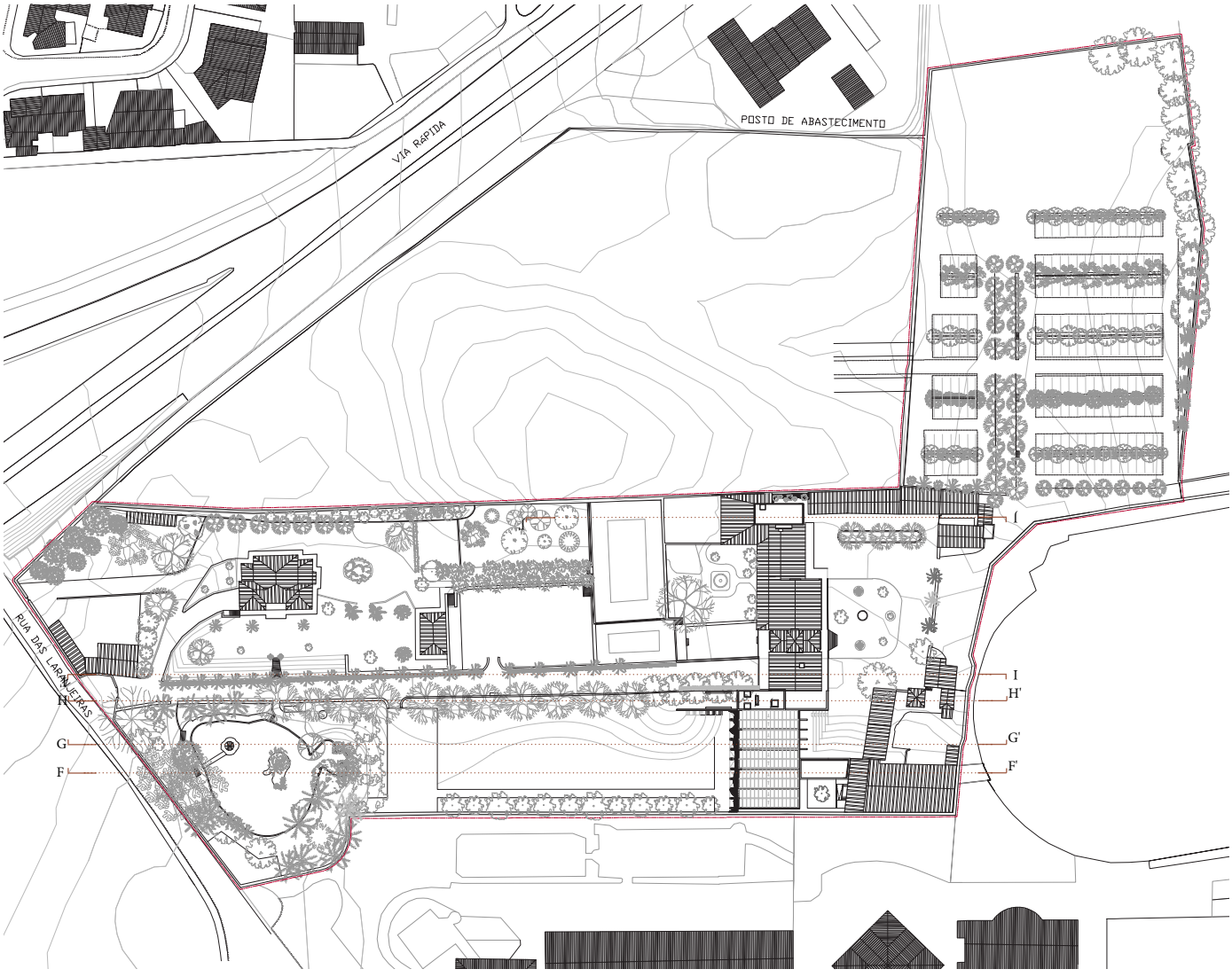
ALÇADO NORTE – EE'

DESENHO

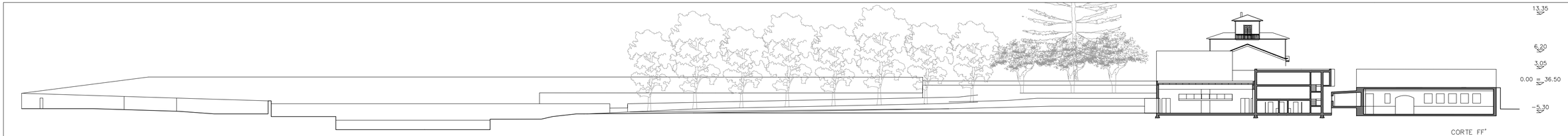
PROPOSTA
ALÇADOS
CORTES

ESCALA 1/500

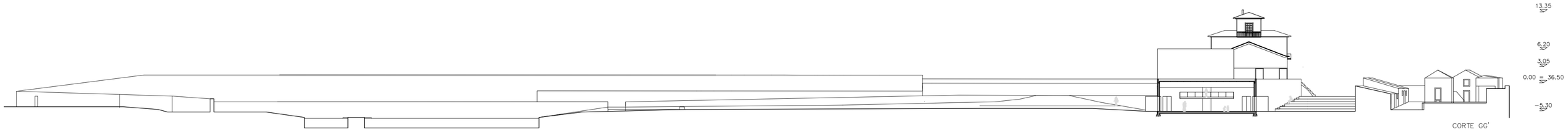
N° 107



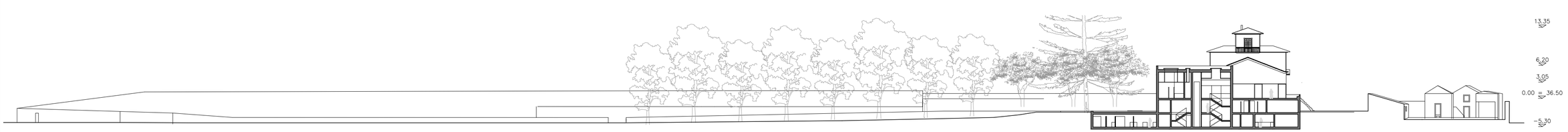
Planta escala 1.2000, MB0219



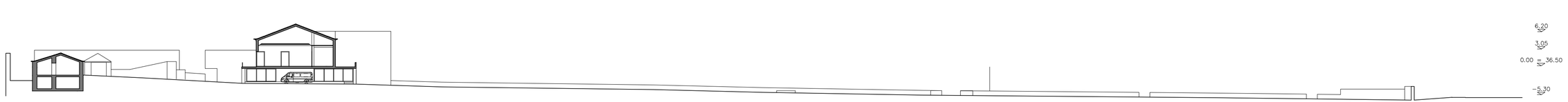
CORTE FF'



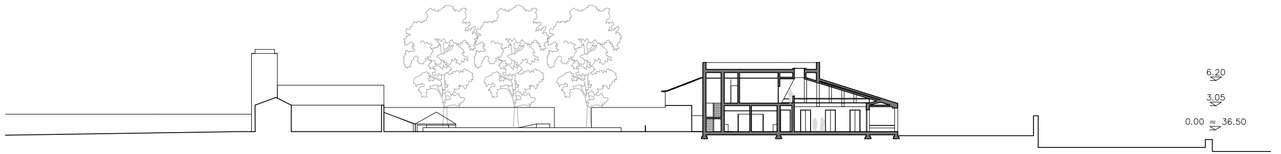
CORTE GG'



CORTE HH'

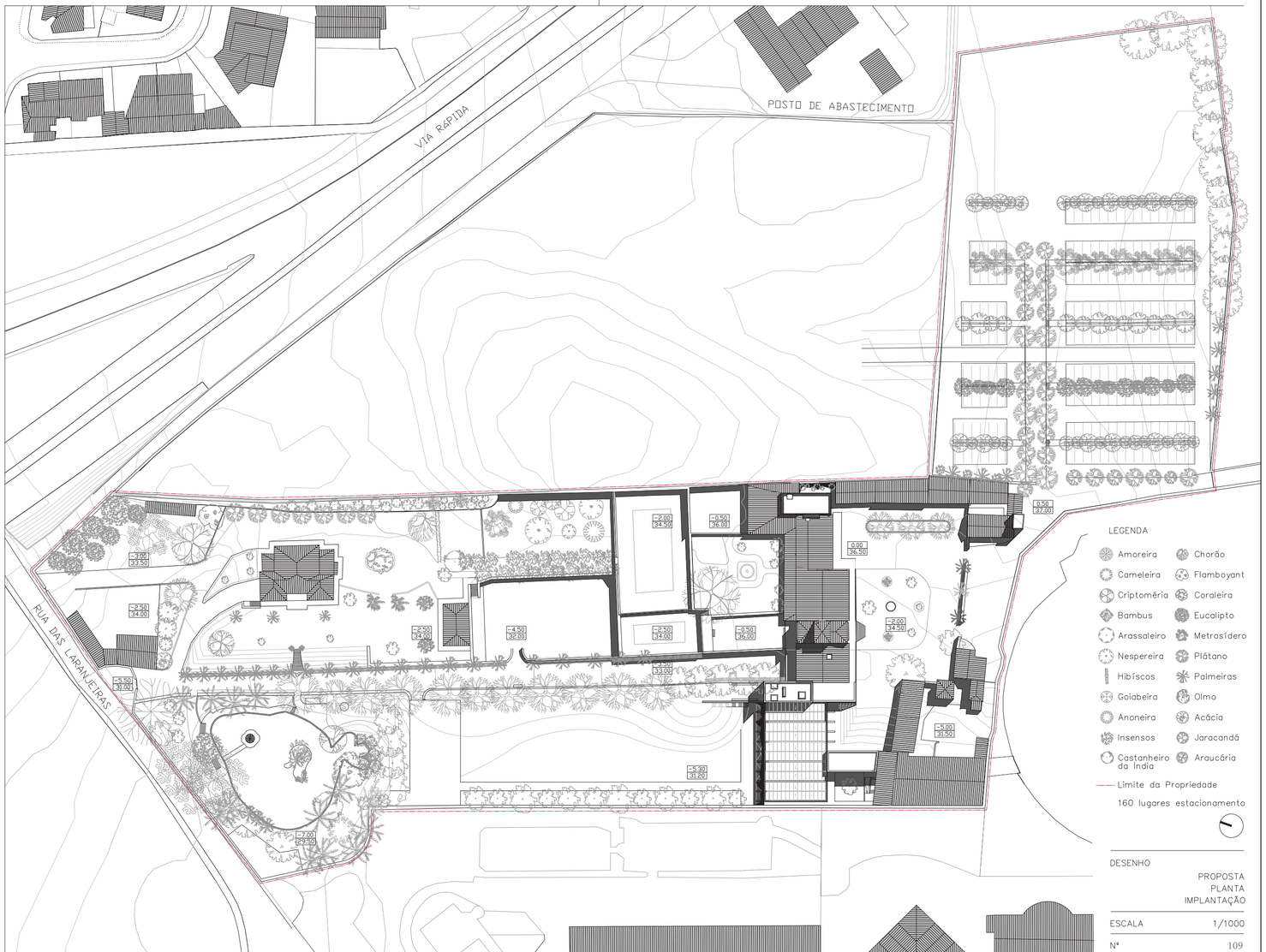


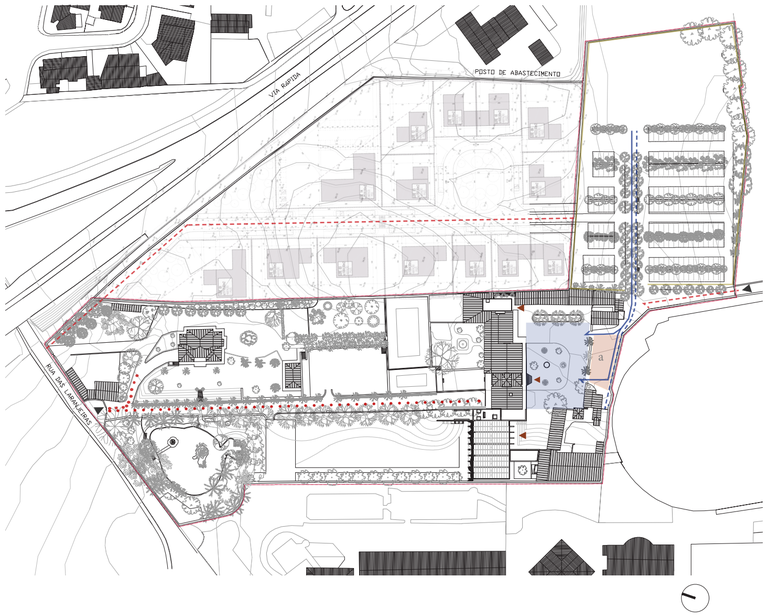
CORTE II'



CORTE JJ'

DESENHO	PROPOSTA ALÇADOS CORTES
ESCALA	1/500
Nº	108





- Sinalização das entradas na propriedade
- Acessos ao parque de estacionamento, entradas norte e sul.
- Parque de estacionamento
- Percurso pedonal de aproximação ao interior da propriedade.
  Dois portais de acesso ao terreiro de receção fronteiro ao alçado sul da habitação.
- Percurso pedonal de aproximação direta ao núcleo hípico.
- Espaço de mediação e transição de reunião pré-entrada no interior da propriedade.
- Terreiro de receção fronteiro ao alçado sul da habitação e de distribuição.
- Possibilidade de entrar diretamente no interior da habitação, na sala poente, ou na sala a norte.
- Entrada secundária de usufruto particular dos proprietários e de acesso de serviços.

110. Esquema de sequência dos momentos de entrada. Sobreposto o projeto de loteamento urbano aprovado e a ser construído no terreno a nascente adjacente à propriedade da Quinta do Tanque. Planta escala 1.2000, MB0219

IV. 01.1 Percurso

ENTRADA - NA PROPRIEDADE

Pensar a entrada foi sempre uma questão inerente e transversal no nosso trabalho, não só na habitação, como na propriedade. Dadas as exigências programáticas (parque de estacionamento), o desejo de privatização do núcleo habitacional mais recente, a dignificação da habitação do século XIX e um resgatar a relevância do modelo de entrada[13], definimos que o acesso dos convidados ao terreno seria feito através da entrada sul, preservando a entrada norte para o usufruto particular dos proprietários e um pontual acesso para serviços. A estratégia de como anunciar o acesso, faz dele o ponto de origem de todo o projeto, porque reformulando a entrada principal altera-se a orientação privilegiada e a sequência dos espaços.

Assim, a experiência da aproximação ao edifício deve ser lida de uma forma clara e gradual, encaminhando o convidado, sequencialmente, por espaços com um progressivo aumento de sentimento de pertença. Ao terreno é possível aceder de veículo através do caminho de servidão por intermédio da Estrada Regional da Ribeira Grande, ou através da Rua das Laranjeiras que futuramente dará acesso ao loteamento urbano que vai ser construído no pasto adjacente a nascente da propriedade da Quinta do Tanque - este novo acesso tem o seu limite no confronto com o pasto tardoz pertencente à quinta[14]. Ambos acessos direcionam o convidado para este recinto, destinado a parque de estacionamento, que admite a lotação de 160 veículos com espaço para expandir se necessário.

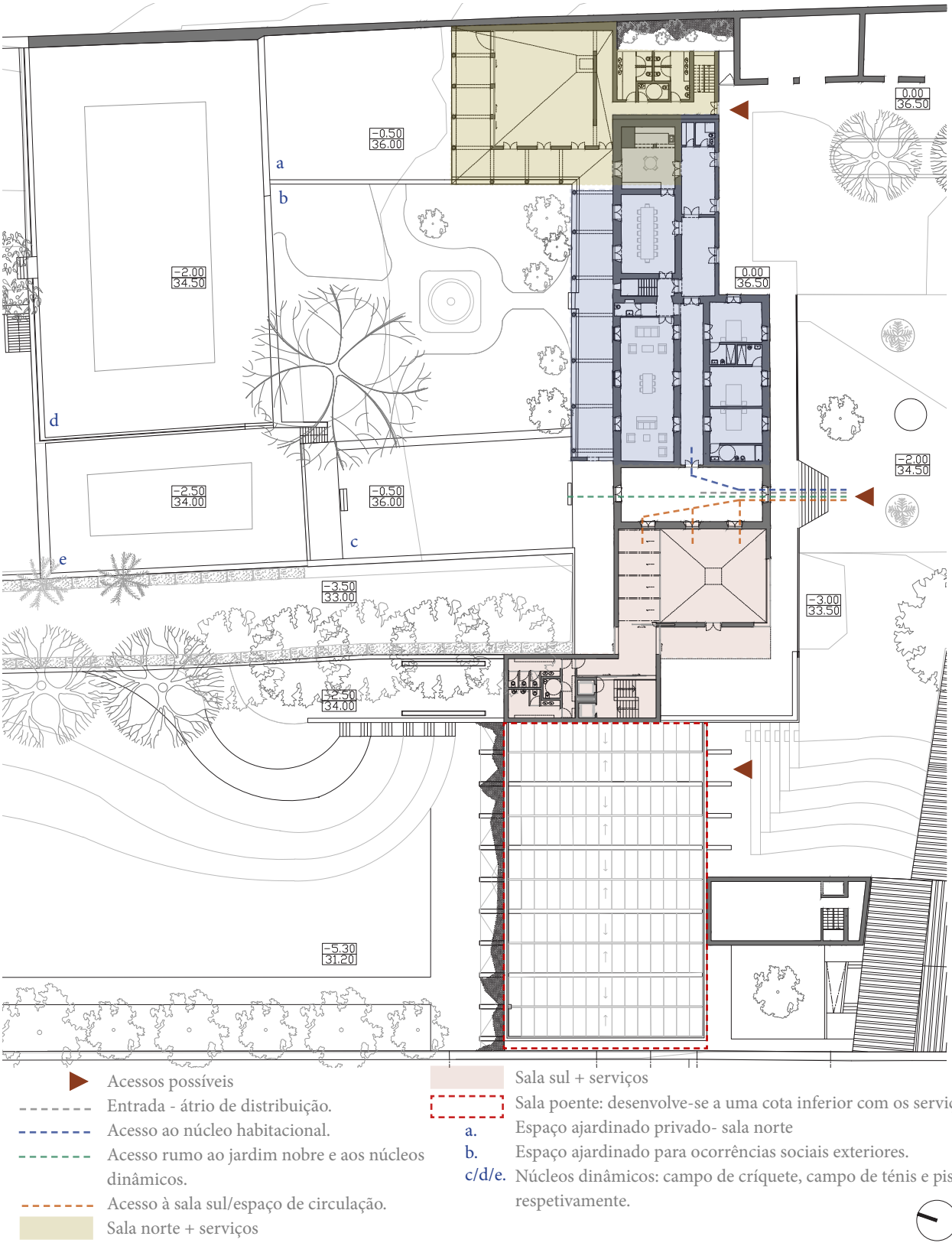
Apesar do programa proposto prever uma utilização esporádica e com diferentes graus de afluência, enquanto arquitetos, devemos prever todas as situações e responder com versatilidade considerando o melhor cenário, mas solucionando em simultâneo outros menos favoráveis.

Desta forma, consideramos um parque de estacionamento desenhando um eixo que encaminhe os convidados, através de uma alameda, direcionando-os e promovendo a aproximação ao foco projetual: a habitação do século XIX. Por intermédio, somos recebidos num espaço de mediação - img 102 (a) - tendo como ponto notável o torreão da laranja, momento que permite, dependendo dos eventos: um espaço de transição de reunião antes de ser apresentado o espaço por excelência de receção; um espaço de estacionamento mais pontual no caso de um evento menor; ou um espaço de transição que direciona diretamente o convidado ao núcleo hípico sem integrar o íntimo da propriedade - o que permite a versatilidade de uso de alugar o núcleo dinâmico em separado, sem influenciar as dinâmicas da habitação.

Assim, a partir deste espaço, somos então presenteados no atravessamento de dois portais existentes - com preferência pelo mais distante do torreão da laranja -, a observar o alçado sul da habitação na sua totalidade, e a eixo da composição volumétrica.

13. Modelo de entrada recorrente de um pátio de receção que apresentava a casa e se delimitava pelas dependências anexas. Descrito no capítulo II página 62-63

14. Projeto de loteamento urbano aprovado na Câmara Municipal de Ponta Delgada realizado pelo arquiteto Luís Almeida e Sousa.



111. O momento de entrada. Localização dos acessos às salas e núcleos dinâmicos exteriores a partir do átrio. Planta Piso 0: escala 1.500. MB1219

Este terreiro fronteiro à habitação é um espaço de receção e de mediação que pode servir como primeiro lugar de reunião para aperitivos, ou apenas como espaço distribuidor que encaminha ao interior da habitação ou, diretamente através do exterior, à sala poente[15], ou à sala norte [16].

Gostaríamos de ressalvar que o nosso projeto teve sempre em atenção uma grande versatilidade de usos e, inclusive, diferentes formas de articular os aglomerados sociais com utilização de um ou vários dos espaços disponíveis, sendo que se torna difícil incentivar um único percurso de apresentação da proposta. Contudo, para uma clareza de compreensão, propomo-nos a apresentar um trajeto que nos permita compreender as particularidades em cada caso.

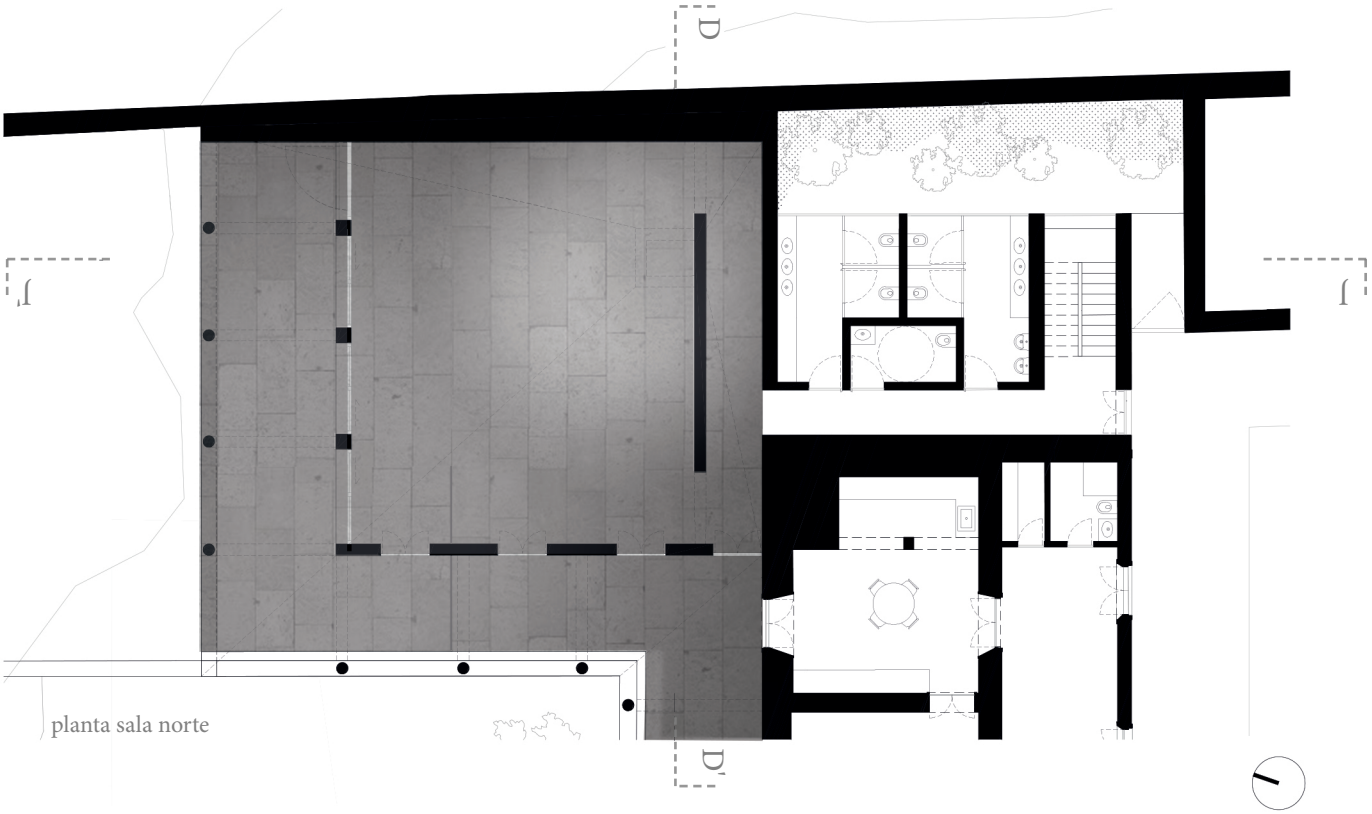
ENTRADA - NO INTERIOR

Assim, o momento de entrada por excelência - no interior - é anunciado por uma escadaria colocada no ponto central da composição. O convidado é encaminhado a subir e a integrar um átrio de distribuição que permite, conforme o evento, deslocar-se: ao interior do núcleo habitacional; mover-se diretamente rumo ao jardim - onde se assume uma dicotomia de entrar para sair necessária para um sentimento de pertença -; ou direcionar-se à sala sul[17].

A intenção de versatilidade - relacionada com a intenção do programa conferir um uso pontual e não permanente - prendeu-se sempre com a possibilidade da habitação continuar a servir e a responder a uma condição do habitar. Os proprietários, caso assim o desejem, continuam a ter todas as condições para usufruir da habitação como de vivência permanente, não havendo, em nenhum momento, a necessidade de contacto dos convidados com o interior da casa. Inclusive, procedemos a pontuais melhoramentos na atribuição de instalações sanitárias individuais aos compartimentos que conformam o alçado sul, para um maior conforto e multivalência dos usos inerentes. Por outro lado, caso não considerem a questão exequível - mesmo que em momentos isolados promovidos conforme as suas vontades - a habitação pode servir de alojamento local e pontual para os convidados.[18]

Rumo ao jardim, o espaço com que nos deparamos - delimitado por um muro e um alpendre de transição interior-exterior - permite a realização de qualquer cerimónia ao ar livre, assim como pode encaminhar aos núcleos dinâmicos - campo de críquete, campo de ténis, piscina, como ainda ao interior da sala norte.

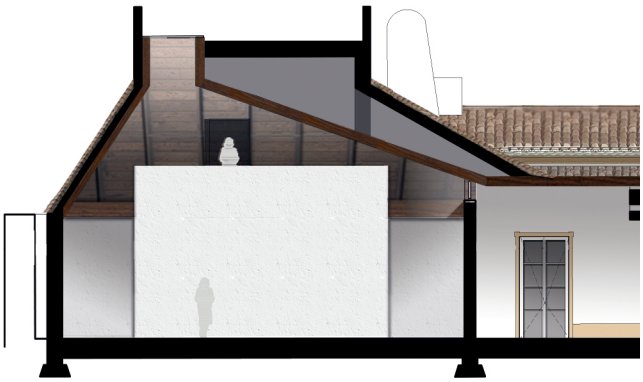
15. Adotamos a designação de sala poente à sala de 500m2 de área implantada no pasto relvado a poente da habitação.
16. Adotamos a designação de sala norte para a sala de 110m2 de área que formaliza um espaço adjacente ao alçado norte da habitação e se implanta junto ao jardim nobre.
17. Adotamos a designação de sala sul à sala de 150m2 que realiza o reequilíbrio volumétrico da composição com a continuidade e complanaridade do alçado sul.
18. Consideremos, por exemplo, o caso de casamentos que serão o género que mais logística exige, e em que a habitação pode servir para a noite de núpcias dos noivos, para o momento anterior de preparação, ou até para o alojamento de alguns convidados/familiares.



planta sala norte



corte JJ'



corte DD'





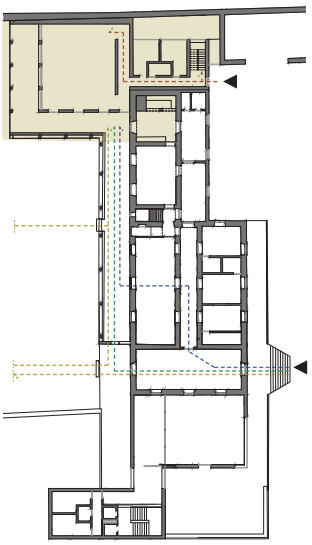
* Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição (1956-60), Fernando Távor; Trenton Bath House (1955), Louis Khan

112. O espaço da sala norte. Escala 1:200. MB0220

A SALA NORTE

A sala norte implanta-se no jardim nobre fronteiro ao alçado norte da pré-existência e, numa relação de adjacência com a habitação, pretende tirar partido dela no usufruto dos compartimentos que lhe são inerentes - particularmente o espaço de cozinha. Numa comunhão do aproveitamento dos usos existentes, com a introdução das condicionantes programáticas em falta - instalações sanitárias de serventia ao espaço que se voltam para um pátio exterior contido que as ilumina e que lhes atribui uma ambiência benéfica -, formula-se um conjunto que promove um espaço de reunião coberto que apoia e valoriza o jardim nobre. A uma cota superior, desenvolve-se uma sala polivalente que, através de uma entrada direta a sul, pode ser conformada em espaço administrativo.

Deste modo, no sentido de percurso, podemos ingressar na sala norte de quatro diferentes formas, das quais se privilegia a que sugere um primeiro momento de reunião de vivência do jardim nobre que, consequentemente, encaminha o convidado numa relação gradual do exterior ao interior. Perante o alpendre pré-existente que realiza a mediação e transição entre o fora e o dentro *"em que a luz muda até se perder na intimidade do interior"*[19], consideramos pertinente a continuidade desta sequência de sensações. O alpendre existente regenera-se como uma galeria que abriga e orienta o percurso, culminando num espaço amplo resguardado que recebe os convidados num interior necessário.



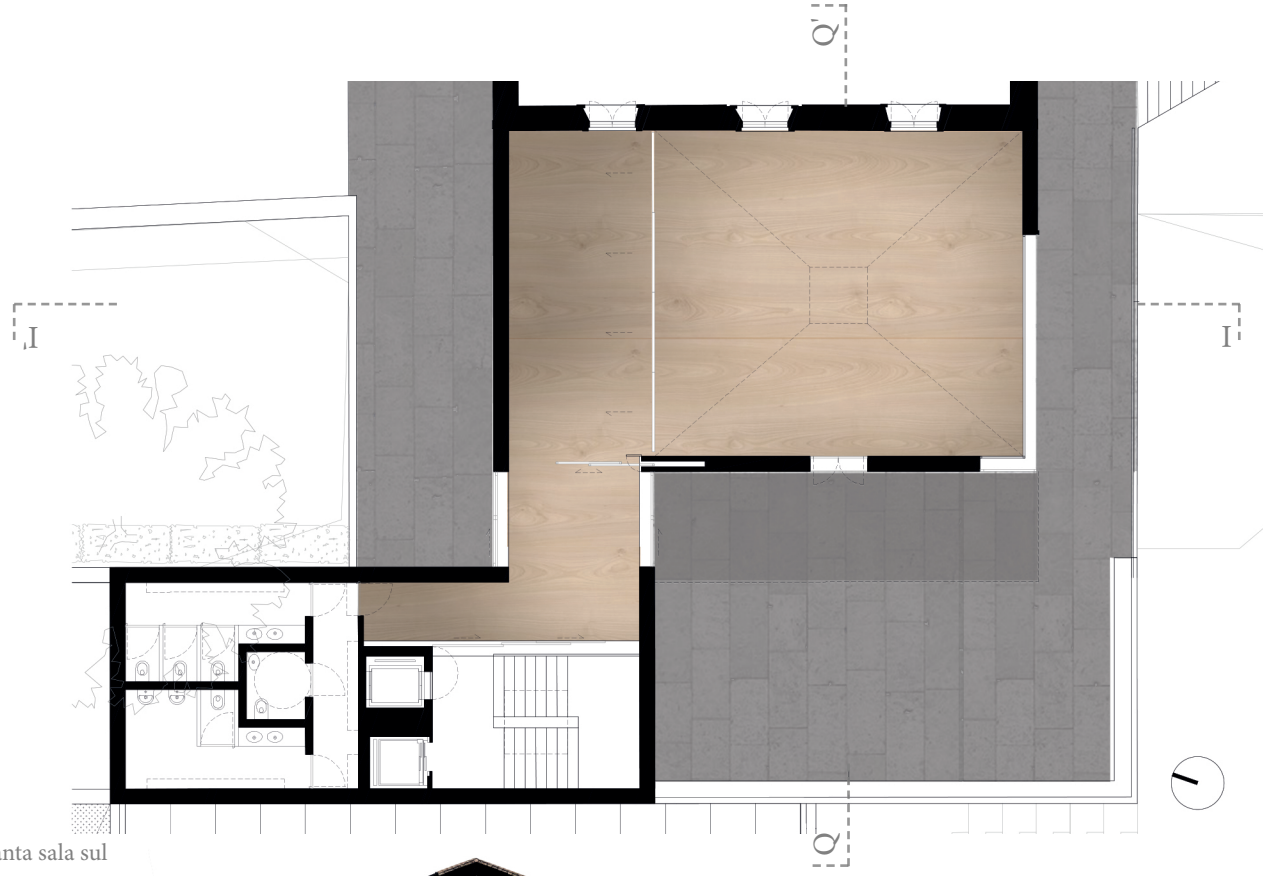
esquema de entradas - acessos + circulação

Esta intervenção prolonga os recursos existentes formulando um novo espaço que absorve as sensações e lhes dá continuidade. A cobertura, com o contacto pontual no chão, através do pilar, premeia a relação do interior com o jardim nas suas duas frentes possíveis. As suas águas inclinadas, em continuidade material, possibilitam uma abertura no topo que direciona a luz para o interior, permitindo uma relação vertical e, em simultâneo, uma fonte de iluminação no ponto mais profundo da sala.

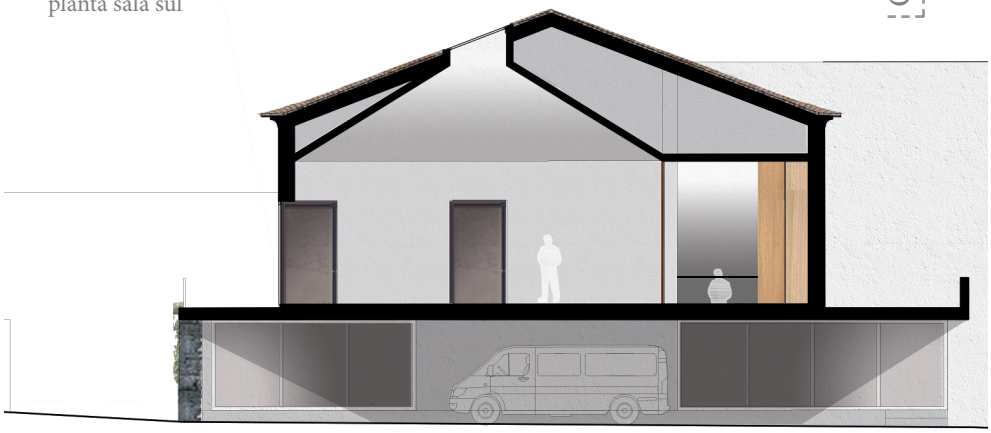
Dado o desejo de versatilidade privilegiou-se a existência de duas atmosferas de jardim, uma mais direcionada à habitação e outra mais direcionada à sala proposta. Contudo, a abertura de interação e circulação permanece livre entre espaços e em conexão com os núcleos dinâmicos, salvaguardando o limite intransponível dado pela piscina e campo de ténis, a partir do qual se inicia o núcleo habitacional do século XX, a resguardar. [20]

Quanto à área da sala norte, gostaríamos de ressalvar um estudo realizado - apresentado em apêndice[21] - que conclui que esta sala tem capacidade de albergar no máximo 150 pessoas e no mínimo 30 pessoas, conforme a organização do espaço e os dispositivos necessários à ocorrência social em questão.

19. SIZA, *Imaginar a evidência*, 2000. p.47
20. Consultar página 144, onde consta o desdobrável que acompanha o capítulo com a implantação da proposta para uma visão geral.
21. Consultar em apêndice p. 89



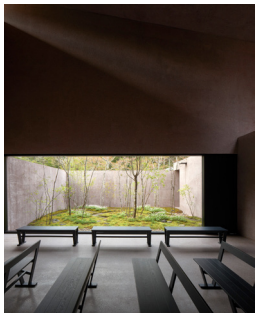
planta sala sul



corte II'



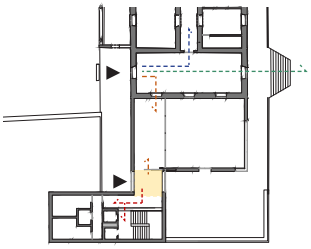
corte QQ"





* Inagawa Cemetery chapel and visitor center (2013-17), David Chipperfield Architects; Igreja de Marco de Canaveses (1996), Álvaro Siza Vieira.

113. O espaço da sala sul. Escala 1:200. MB0220

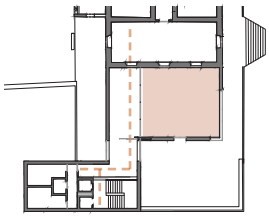


esquema de refluxo/saída - acessos + circulação

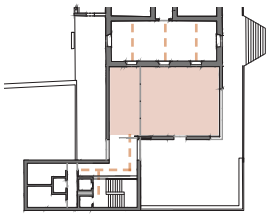
Vivenciado e explorado o espaço fronteiro à habitação no lado norte, é possível deslocarmo-nos em três sentidos: podemos regressar ao átrio de distribuição rumo à saída, rumo à habitação ou rumo à sala sul; podemos ingressar pelo exterior num espaço de mediação rumo à sala poente ou às instalações sanitárias que servem o jardim nobre - sem o usufruto da sala sul; ou podemos ingressar neste mesmo ponto, mas conduzidos ao usufruto da mesma.

A SALA SUL

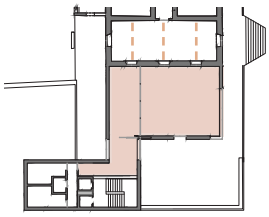
A sala sul implanta-se numa continuidade do embasamento que acolhe a pré-existência, desenvolvendo consigo uma plataforma que atravessa a um nível superior a cota da alameda. Admitimos que esta posição ofereceu a oportunidade de prestar tributo tanto ao projeto original, como à ideia de integração de um espaço que confira a função de *"casa de habitação com capela anexa"*[22], característica das propriedades associadas ao termo quinta - semelhantes ao nosso objeto de estudo - que em particular permaneceu em falta na Quinta do Tanque. Assim, apesar de poder acolher diversas ocorrências, conferimos à sala sul uma ambiência que tivesse em conta o ritual da celebração, com atenção a determinadas opções de tratamento do espaço e de organização de percursos.



sala + espaço de circulação rumo às i.s. e/ou ao acesso vertical



sala + acesso às i.s. ou ao acesso vertical



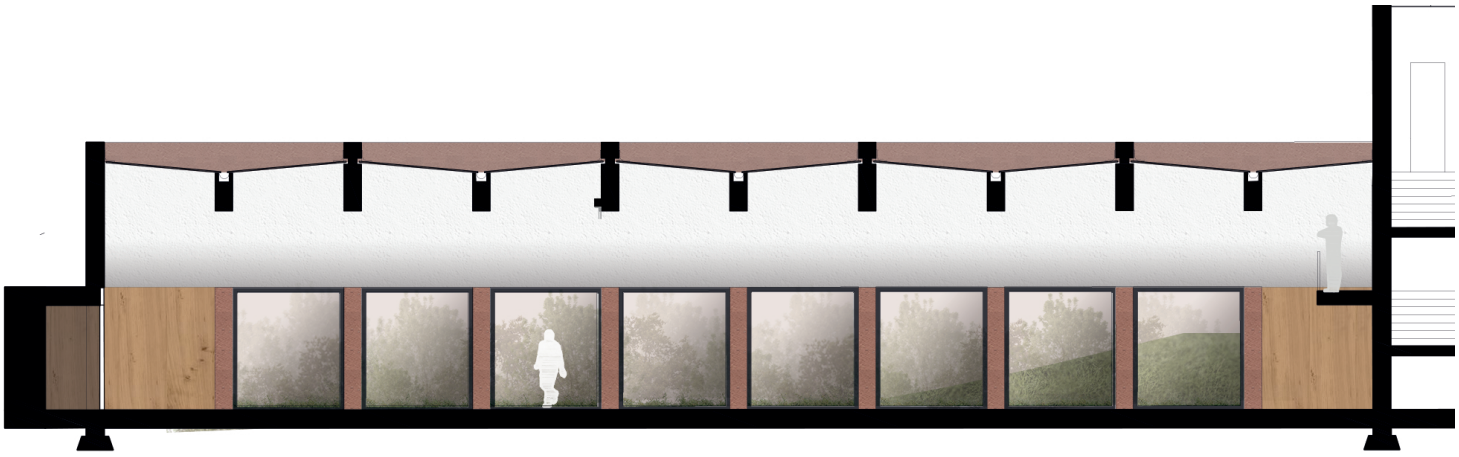
espaço/circulação livre

Acedida pelo interior – pelo átrio – a sala vira-se para sul através de uma grande abertura horizontal que emoldura a paisagem do espaço amplo fronteiro à composição. Ressalvando o fator versatilidade e sendo necessário um espaço de circulação que responda às necessidades programáticas de serventia à sala - sem prejudicar a cerimónia - destacamos com uma forma quadrangular uma possível autonomia da mesma. Consideramos o quadrado como uma forma vantajosa, por colocar toda e qualquer pessoa mais próxima de um mesmo ponto central, inclusive, resgatando em parte a simbologia do espaço centralizado e da invocação de um eixo vertical que une o céu e a terra.

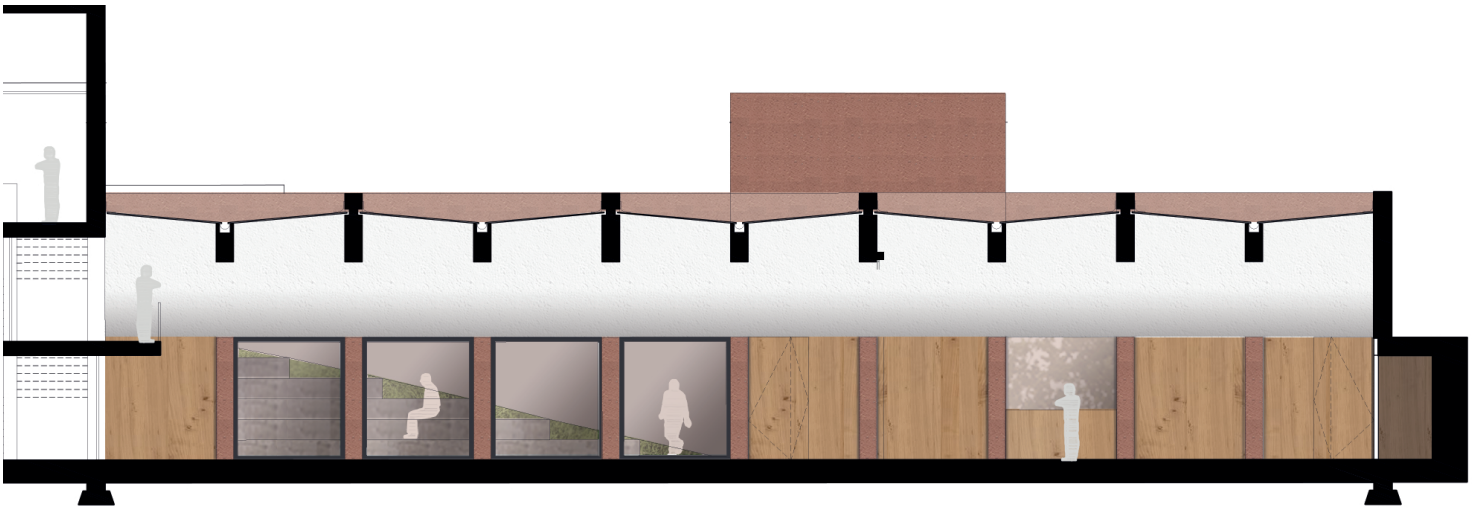
Por sua vez, este espaço quadrangular é conformado por uma parede móvel que corre sobrepondo-se à parede fixa estrutural e permite figurar um espaço mais amplo retangular com um filtro físico para a área funcional (instalações sanitárias), ou de relações diretas entre núcleos sem constrangimentos. Privilegia-se uma independência e polivalência de usos conforme a melhor adaptação ao evento requerido.

Esta sala sul, resultante na sequência da pré-existência, exigiu uma coerência interior material optando-se pela continuidade do branco no plano vertical com o contraste da madeira no plano horizontal, formulando uma exceção propositada nos planos verticais móveis, também eles em madeira. Consideramos que a formulação da cobertura e a iluminação superior conferem à sala de cerimónias uma atmosfera mais solene e, ao mesmo tempo, a entrada de luz permite um jogo de reflexos que animam o espaço.

22. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000. p. 21

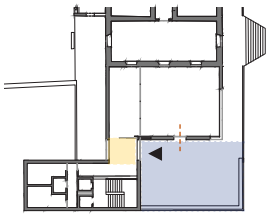


corte CC'



corte DD'

114. O espaço da sala poente. Corte CC' e DD'. Escala 1:200. MB0220



espaço exterior + acesso
espaço de transição

Adjacente à sala sul, no confronto poente, é conferido também um espaço exterior estável de reunião, em parte coberto, que permite a entrada ou saída direta na sala - num momento de pausa e de convívio - ou encaminha para a entrada do edifício no espaço de transição - onde se afiguram as possibilidades descritas em relação à entrada defronte desta, do lado norte.

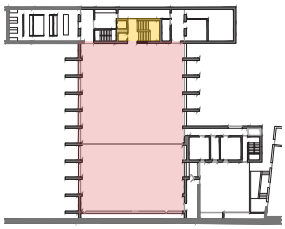
À semelhança da sala norte e igualmente segundo o estudo realizado, a sala sul na sua forma retangular recebe um máximo de 140 pessoas e um mínimo de 30 pessoas. Na sua forma quadrangular recebe um máximo de 100 pessoas e um mínimo de 20 pessoas.[23]

No acesso ao último espaço percorrido, observamos um momento de circulação vertical que dá notícia de um novo espaço existente a uma cota inferior, o pavilhão ou sala poente.

A SALA POENTE

A sala poente com a sua vasta dimensão de 500m2 ofereceu-nos a oportunidade de estender a nossa proposta até à paisagem, sendo um elo conetor entre o ambiente natural e o ambiente construído. Ao pasto vai ser conferida a tarefa de ancorar o pavilhão ao chão, incentivando uma relação visual e de permeabilidade por intermédio de um agradável jardim que se estende até ao recinto do tanque, exprimindo uma nova e revigorante atmosfera.

Consideramos que uma sala com a pretensão de receber as mais diversas ocorrências sociais pretende-se ampla e sem constrangimentos físicos, espaço desimpedido e que exige uma ponderação considerável na definição do pé-direito, de forma a criar um espaço de proporções equilibradas. Contudo, um espaço desimpedido necessita de pontos de referência para o observador se situar e conceber a profundidade e os seus limites. Através de uma estrutura bem demarcada advinda de uma continuidade métrica iniciada no estudo da pré-existência, consegue-se garantir a amplitude espacial necessária e a marcação de um ritmo constante que, em paralelo, cria uma noção de profundidade necessária para uma apreensão global do espaço. A estrutura transmite ordem: constrói espaço.



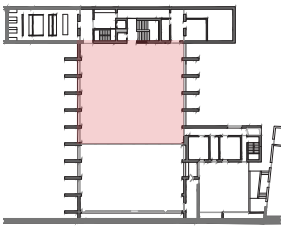
Neste sentido, ao direcionarmo-nos à sala poente pelo acesso vertical que faz a ligação entre salas, somos recebidos a meio do percurso por um espaço de varanda que apresenta e permite uma interação dinâmica com o episódio social que nela ocorre. Completado o percurso, ao ingressarmos na sala, somos atraídos à direita pelo jardim, através de grandes planos de vidro que emolduram a paisagem, interrompidos pelo ritmo de lâminas que suportam a *cintura* superior que formaliza o espaço. A sua transparência e total capacidade de permeabilidade incentivam o percurso ao exterior e, por intermédio de um passeio livre - com pontuais marcações no pavimento - que culmina num espaço de reunião, somos encaminhados a integrar o recinto pitoresco e de carácter romântico do tanque.

23. Consultar em apêndice p. 89

No lado oposto, mantido o ritmo regular das lâminas em todo o comprimento, idêntico ao seu semelhante, encontra-se a dissemelhança com a introdução de uma dicotomia entre transparente e opaco. Esta frente é dividida em dois momentos: um inerente a uma relação com um espaço exterior limitado, que conforma um auditório ao ar livre de estar, assim como possibilita um momento de entrada direta à sala; o outro está associado a uma frente de serviço, com os acessos aos serviços públicos, assim como ao espaço de bar. Esta divisão, que ajuda a estimular a vasta sala promovendo zonas com diferentes sinais, fomenta a versatilidade.

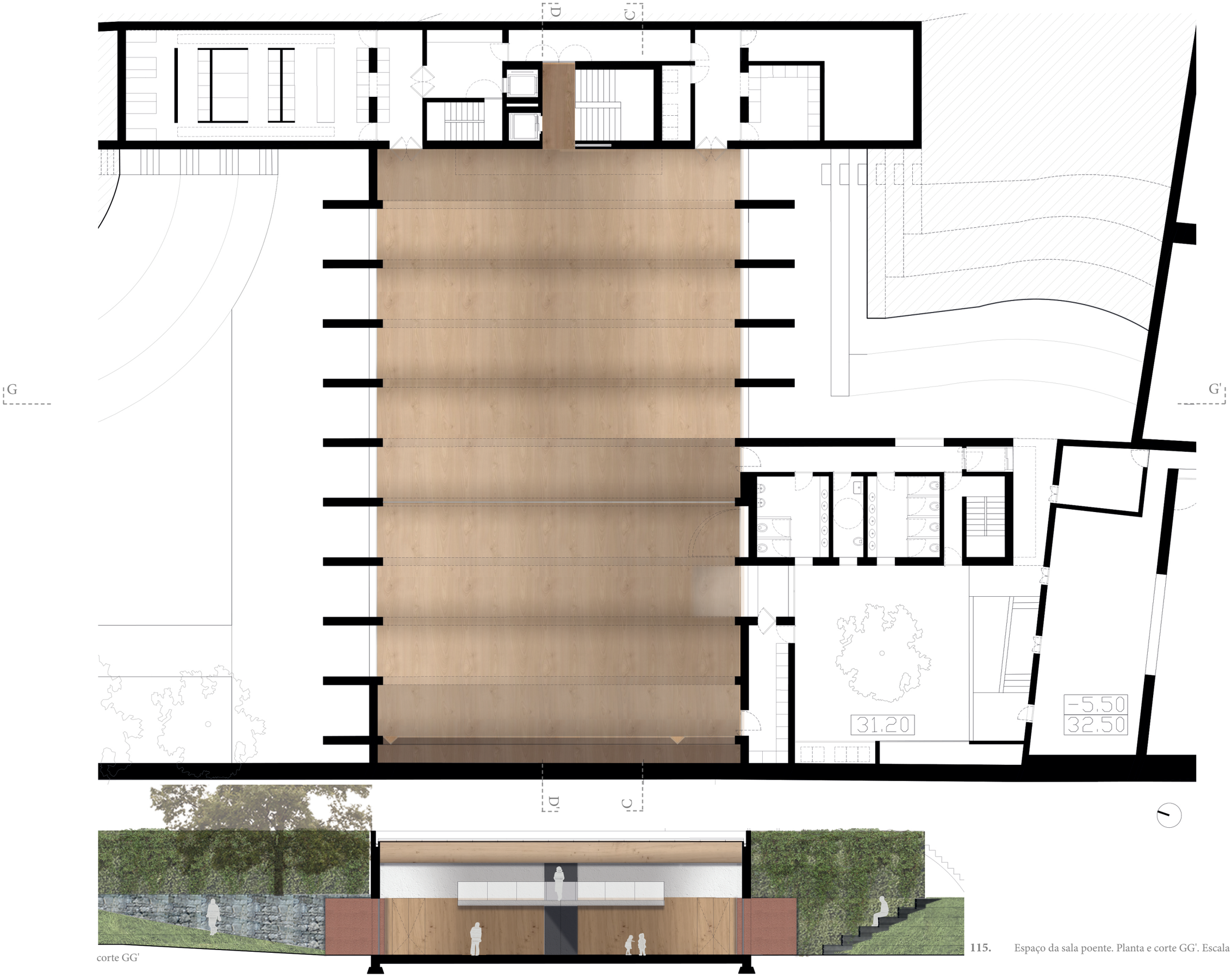
Deste modo, ao entrarmos na sala poente não é imposta qualquer barreira física. Somos atraídos por um pavimento em madeira que dobra para o plano vertical, por um constante e consequente ritmo que nos reitera os planos verticais entre transparência e opacidade, e por uma luz natural filtrada superior que nos ilumina e anima a grande sala, por intermédio de um ritmo de vigas em madeira que repartem e estimulam a cobertura em policarbonato.

Optamos por introduzir um elemento de encerramento que corre o espaço formulando uma sala de 300m2, para que tenhamos mais uma componente de variabilidade na nossa proposta com uma dimensão útil intermédia em relação às existentes. A importância de diferentes salas, com diferentes dimensões e diversas ambiências prende-se com uma maior adequação a qualquer evento e, em paralelo, com a conforto do espaço perante a diversidade de afluência de pessoas. Assim, este encerramento permite uma sala com permeabilidade equivalente nas frentes norte e sul, com relação direta ao exterior e com igual acesso às áreas de serviço.

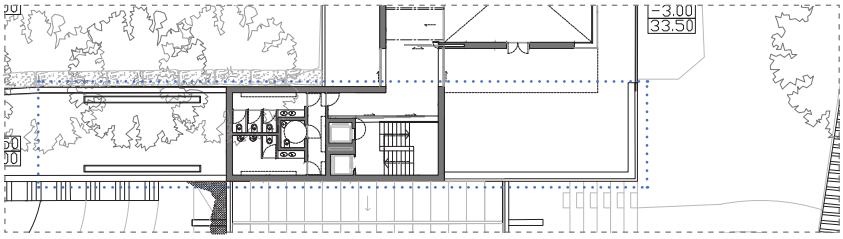


Segundo o estudo realizado, a sala poente na sua maior dimensão recebe um máximo de 700 pessoas e um mínimo de 100 pessoas. Na sua forma menor recebe um máximo de 400 pessoas e um mínimo de 60 pessoas.[24]

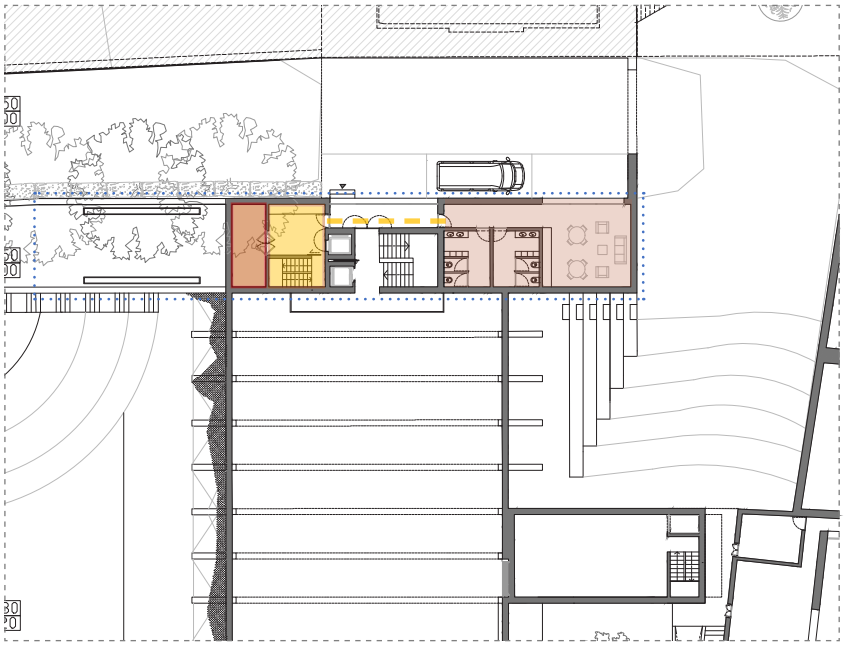
24. Consultar em apêndice p. 90



115. Espaço da sala poente. Planta e corte GG'. Escala 1.200. MB0220.

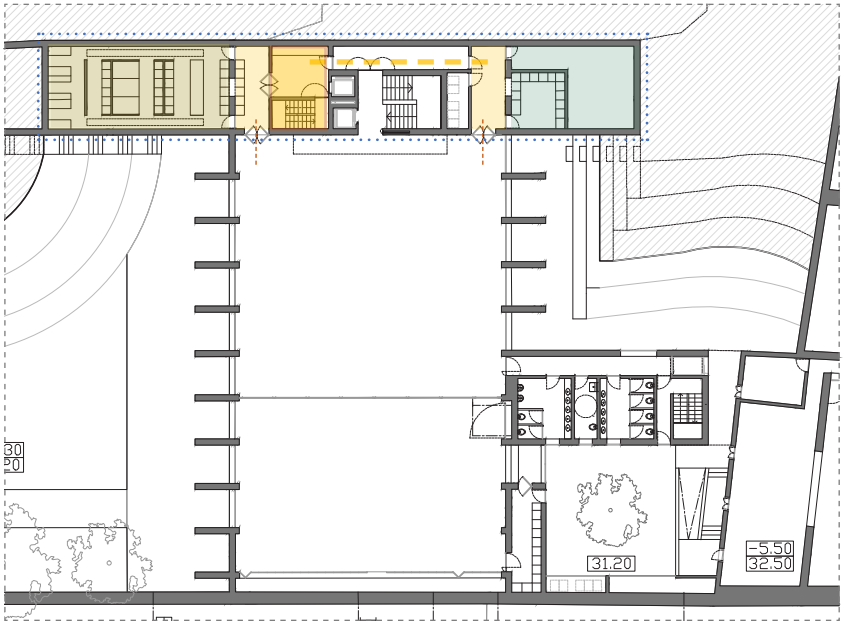


piso 0



Circulação independente para serviços
Espaço de distribuição servido por monta-cargas
Arrumos
Área dos funcionários: sala + balneários

piso -1

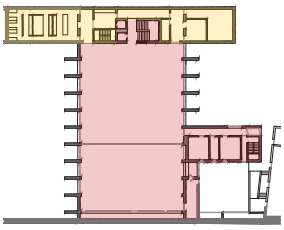


Circulação independente de serviços
Espaço de distribuição servido por monta-cargas
copa limpa e copa suja
cozinha
espaço de lavagem + armazém

piso -2

116. Volume de serviços. Secção de planta piso 0; piso -1; piso -2. escala 1.500. MB1219

áreas de serviços

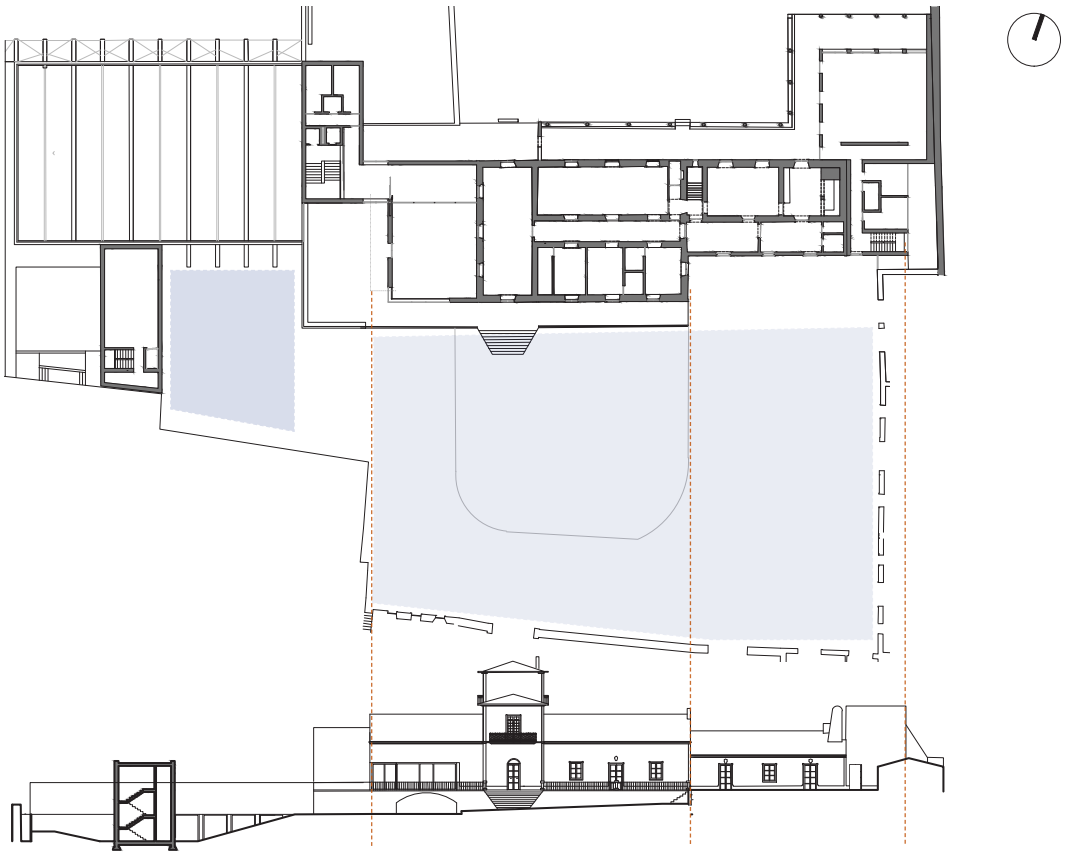


Enquanto as salas são os espaços principais que recebem as ocorrências sociais, as áreas restritas não detêm menor importância, sendo que o bom funcionamento de um episódio social depende também da sua organização e funcionamento inerente. Como podemos reconhecer, o percurso dos convidados apresentado até ao momento não foi confrontado em nenhuma circunstância com as áreas de serviço restritas - apenas com as públicas de serventia -, tendo sido cumprida a pretensão de circulações independentes. Contudo, as mesmas não se anulam. Estão presentes e servem de forma eficaz as salas em questão.

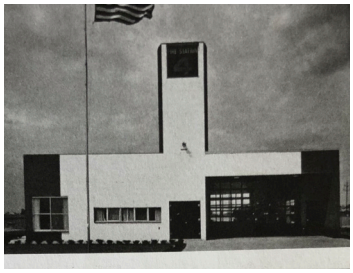
Através de um só volume, organizado em três pisos, soluciona-se as condicionantes programáticas de cozinha, áreas de funcionários e acesso de cargas e descargas, que permitem servir de forma eficaz a sala poente, e também a sala sul - ainda que esta última se veja com uma conotação mais cerimonial.

Assim, a uma cota intermédia entre a cota onde se implantam as salas norte e sul, e a cota onde se implanta a sala poente, desenvolve-se um piso intermédio - ao nível da alameda - que permite um momento de cargas e descargas e um acesso para os funcionários. A partir de uma entrada que se realiza por debaixo do atravessamento referido que a sala sul realiza, desenha-se uma circulação adjacente, mas independente, do núcleo do acesso vertical utilizado pelos convidados.

Esta circulação replica-se no piso inferior e permite configurar e ligar duas áreas de serviço que servem a sala: uma destinada a servir – a cozinha e espaços de copa limpa de distribuição - outra destinada ao usado – ao que é recolhido no instante da ocorrência e passa pela copa suja, lixo e espaço de lavagem.



117. Esquema explicativo da apreensão do espaço através da correspondência planta-alçado sul. MB0220



Estação de Bombeiros nº4, em Columbus, Indiana (1966) de Robert Venturi e Rauch

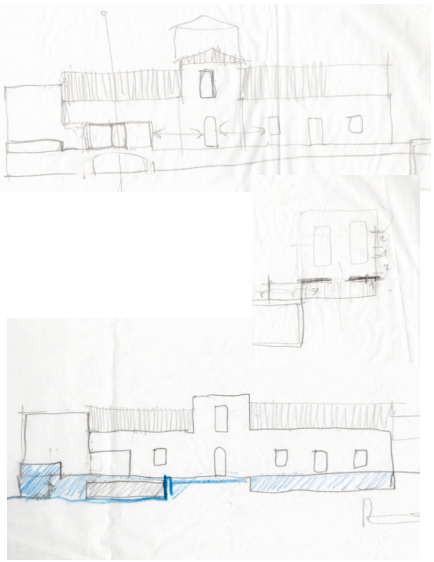
"Conviven, por tanto, huecos horizontales (cocina), con otros cuadrados (cuarto de estar), y los monumentales (acceso al garaje), con los domésticos (áreas privadas). Todos los huecos mantienen su autonomía"
MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.71,72



Ampliação de Ayuntamiento de Goteborg

"aceptando algunos rasgos históricos sustantivos en la busquéda de un orden para la nueva fachada; apoyándose en una homología esencial con la fachada del edificio primitivo."

GRACIA, *Construir en lo construido,* 2001, p. 310



118. Processo e seleção de obras que auxiliaram na definição da nossa proposta.

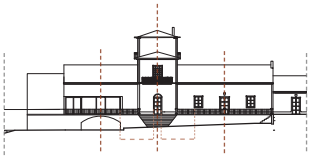
IV. 01.2 Materialidade, vãos e coberturas

Conhecidas as particularidades e correspondências forma-função, retomamos a questão da unidade recuperando a analogia em relação ao projeto de ampliação do Allen Art Museum de Robert Venturi, Rauch e Scott Brown quando referiam que *"é sobretudo nos acabamentos exteriores, onde o esforço pela proximidade com a arquitetura existente se põe em manifesto"*[25].

Consideramos que o tratamento exterior da composição no geral, mas sobretudo, numa solução de arquiteturas de diferentes tempos e de diferentes escalas, é fundamental para uma coerência e harmonia de conjunto, ainda que se admita que a arquitetura exige soluções diferentes para responder a especificidades do lugar e, por isso, assuma a diversidade - como já referimos e tivemos em conta na definição volumétrica. Neste sentido, as nossas principais preocupações em relação ao tratamento externo prenderam-se com o rasgo de vãos, a relação entre coberturas e a materialidade, para responder a questões funcionais, a questões do lugar e às questões transversais de tempo e escala.

alçado sul

O alçado sul - sendo contínuo no seu desenvolvimento - não é complanar. Em relação à sua apreensão relativa à vivência do espaço - como já referimos - constatamos que o núcleo central e o volume nascente são visíveis na sua totalidade, por se abrirem para o terreiro de receção fronteiro à habitação. Contudo, o núcleo correspondente à sala poente encontra-se mais resguardado a partir deste referido espaço, promovendo uma quebra na leitura que permite a adoção e consideração de diferentes estratégias.



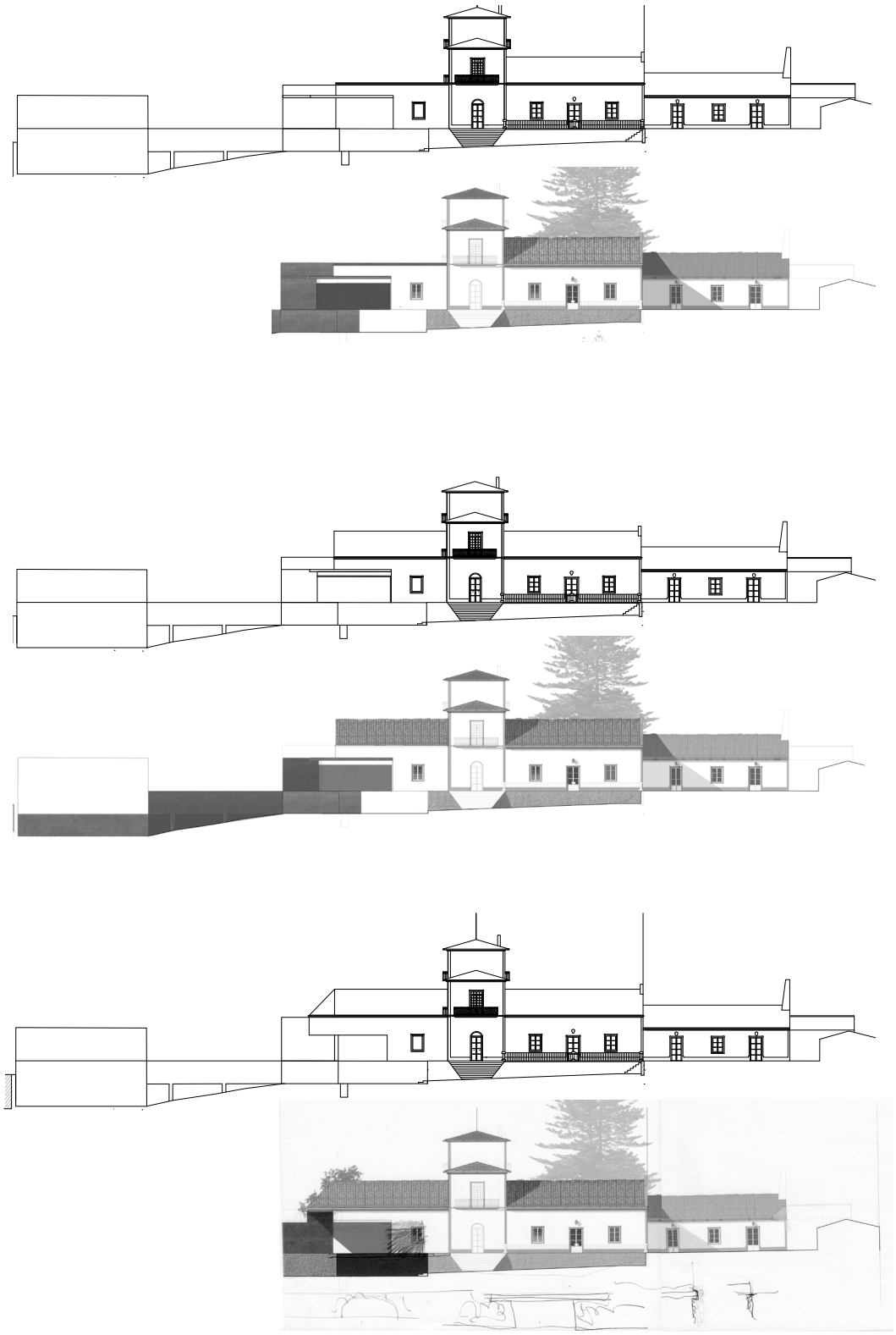
Destacando o núcleo central da composição, com a justaposição para poente da sala sul com o edificado pré-existente, iniciamos o desenho de vãos numa busca pela ordem da nova fachada apoiada no edifício primitivo. Consideramos que a solução para o alçado não passaria por uma reprodução mimética do existente. A pré-existência, destinada a acolher a atividade doméstica, responde a uma pequena escala, enquanto que a sala sul, destinada a uma sala de cerimónias, responde a uma grande escala. Neste sentido, à semelhança da obra da Estação de Bombeiros nº4 de Robert Venturi e Rauch, introduzimos no plano vertical uma ideia de rasgos de vãos que respondem conforme a escala dos compartimentos que servem.[26] Apesar de poder ser considerada uma atitude funcionalista no limite, a nossa proposta recorre à semelhança dos ritmos e proporções dos vãos existentes na pré-existência para definir um grande vão que enquadra e valoriza a sala sul.[27]

---

25. *"Pero es, sobre todo, en los acabados exteriores, donde el esfuerzo por acercarse a la arquitectura existente se pone de manifestó."* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual,* 2004, p.81-82

26. *"Conviven, por tanto, huecos horizontales (cocina), con otros cuadrados (cuarto de estar), y los monumentales (acceso al garaje), con los domésticos (áreas privadas). Todos los huecos mantienen su autonomía"* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectua*l, 2004, p.71,72

27. "*aceptando algunos rasgos históricos sustantivos en la busquéda de un orden para la nueva fachada; apoyándose en una homología esencial con la fachada del edificio primitivo*." GRACIA, *Construir en lo construido,* 2001, p. 310

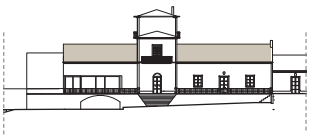


119. Procura pela adequação da materialidade, vãos e coberturas apartir do alçado sul. Processo MB0120.

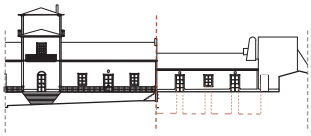
Contudo, o remeter às proporções do existente, por si só, não define a unidade de conjunto e, neste sentido: *"A importância do material põe-se em evidência quando se trata de conseguir efeitos visuais numa arquitetura que se quer fundir"*[28].

Segundo Moneo *"usar os mesmos materiais de um edifício e técnicas construtivas idênticas* [... parece] *a forma mais respeitosa de coexistir com o que foi construído anteriormente."*[29]

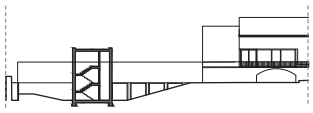
Deste modo, consideramos importante a coerência tectónica como suporte de uma imagem que reflita um sentido de unidade formal. Assim, recorremos a atributos como a cor, textura, figura e tamanho[30] para conferir esta coerência de conjunto. É neste sentido que o tema da cobertura revela igual importância para uma unidade formal. Sendo que a cobertura do edifício primitivo tem um grande peso visual, assumimos como necessária a sua semelhança no novo edificado de forma a reforçar a apreensão simétrica, ainda que permitindo a dissemelhança em pontos particulares, de forma a não cairmos no erro de implementar uma colagem de soluções.



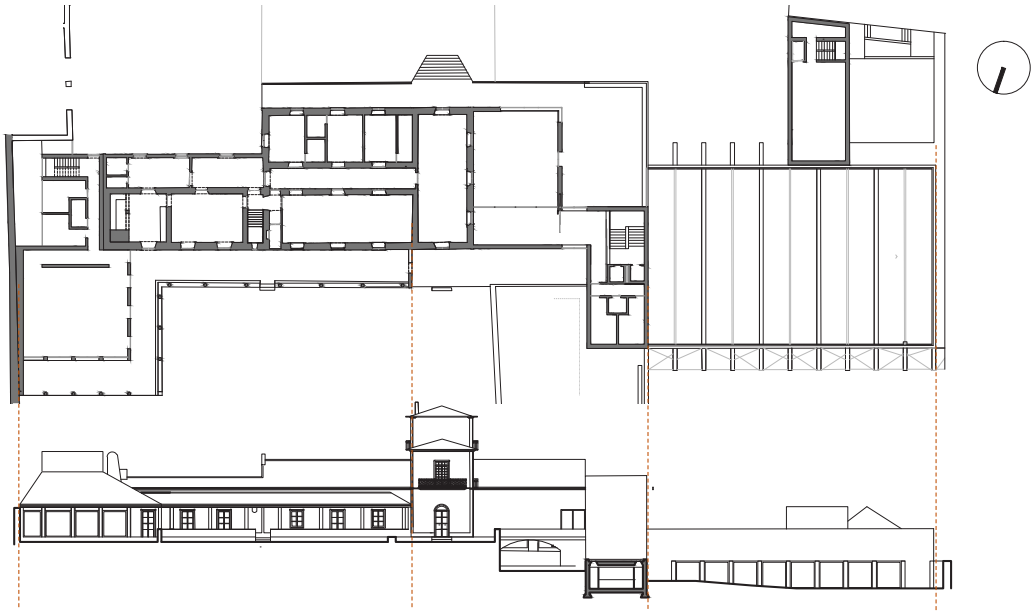
Estes princípios valorizados estendem-se na dignificação do volume nascente - recuado - onde se desenvolve um elemento vertical que responde aos princípios descritos de relação com o edifício primitivo e de resposta à escala - ainda que promova uma superfície opaca que não incentiva o rasgo de vãos de forma desnecessária. Este conjunto edificado assenta sobre uma plataforma que assume o mesmo aspeto contínuo e formula a frente do lado norte do terreiro fronteiro à habitação, do qual apreendemos a volumetria. Este embasamento permite filtrar a passagem para a alameda – não incentivando o seu percurso – e conforma no seu limite um espaço de auditório ao ar livre que encaminha no ingresso à sala poente.



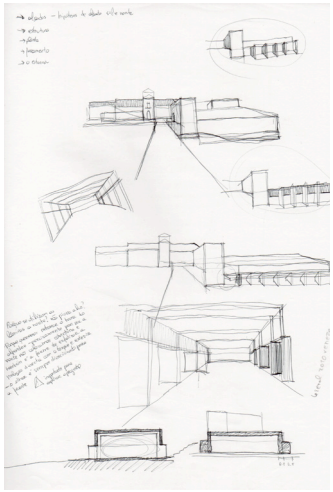
Para a sala poente pretendeu-se uma dicotomia entre o ambiente construído e o ambiente natural, tomando a arquitetura como o elo *"que os funde em um só"*[31]. Este fator é promovido pela sua volumetria e sua forma de implantação, mas também pela materialidade assumida. Consideramos interessante incentivar por um lado a autonomia, não promovendo um desvanecimento e impercetibilidade, mas por outro lado assumir a sua função intermediária entre o construído e o jardim, não desmerecendo a sua obrigatoriedade de ser volume e de pertencer a um conjunto, mas distinguindo e respondendo a uma outra condicionante do lugar.



28. GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.264
29. *"Using the same building materials and identical techniques had always struck me as the most respectful way of coexisting with what had been built before."* MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.107
30. *"se procura un tratamiento externo integrado mediante continuidad de figura, color y textura."* GRACIA, *Construir en lo construido,* 2001, p. 198 e 199
31. *"Ambos son unificados por la arquitectura, que los funde en uno solo"* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.222



120. Esquema explicativo da apreensão do espaço através da correspondência planta-alçado norte. MB0220



Banqueting Pavilion, Restaurant Les Cols (2007-11), Olot, Espanha, RCR Arquitectes
"The whole space, which can accommodate hundreds of guests, is covered by a lightweight, transparent roof to protect against the elements. The steel catenaries supporting the roof give it an appearance of floating" (https://www.world-architects.com/en/rcr-arquitectes-olot-girona/project/les-cols-restaurant-pavilions-and-marquee - acedido em Maio de 2020)

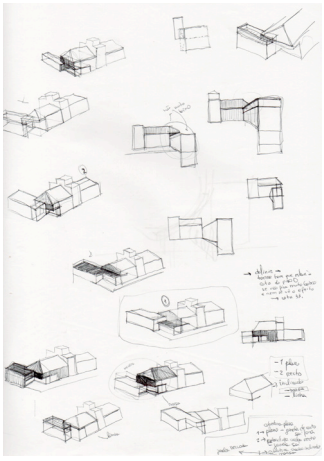


Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela (1988-1993), Álvaro Siza
"la cubierta plana del Centro establece claramente la distancia en el tiempo, en tanto que las masas, próximas en sus proporciones, nos hablan de la estabilidad de los espacios."
MONEO, Inquietud teórica y estrategia proyectual, 2004, p.247





Sainsbury Wing, ampliación de la National Gallery, Londres, 1986-91- Robert Venturi e Scott Brown
"La cornisa se extiende protegiendo el parámetro y haciendo de la transición un episodio imperceptible."
MONEO, Inquietud teórica y estrategia proyectual, 2004, p.93





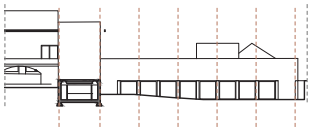
MIEC e MMAP, Santo Tirso (2012) - Álvaro Siza e Souto Moura
"O novo edifício encontrou o limite inferior da cornija do Mosteiro como a sua cota máxima, de modo a não perturbar nem a sobrepor-se a este edifício histórico com o qual terá que estabelecer uma relação de continuidade física."
Archinews 38, p. 192

121. Processo e seleção de obras que auxiliaram na definição da nossa proposta.

Assim, optamos por uma reinterpretação e inovação da materialidade dos planos horizontais aplicados nos planos verticais, elegendo um tratamento em betão aparente com agregados de escórias vulcânicas provenientes da ilha de São Miguel, onde tomam a designação de bagacina[32], com pigmento avermelhado. Aplicando o betão que confere peso visual e ancora o volume ao chão, associando uma cor avermelhada característica e abundante na propriedade na definição de caminhos em contraste com os verdes do ambiente natural, procuramos promover uma transição e ligação inovadora entre volumetria e jardim.

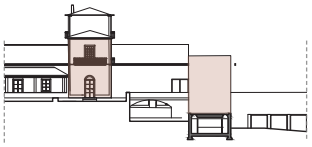
alçado norte

Sendo o alçado norte fragmentado em três partes, e de um ponto de vista da apreensão do conjunto na vivência do lugar - como já referido -, pode admitir-se uma maior liberdade no assumir da diversidade. Contudo, foi sempre nosso objetivo trabalhar num sentido de conjunto formal.



À cota mais baixa, a sala poente, assumindo uma grande liberdade de interação com o jardim no alçado norte, detém uma clara pretensão de transparência interrompida pontualmente pelos elementos verticais que a definem e a animam. Consideramos que prolongar estes elementos no exterior, em certa medida, convoca uma reinterpretação do ritmo também existente na galeria de acesso à sala norte e, à semelhança, pareceu-nos que esta relação necessitaria de um elo de ligação e mediação entre o construído e o jardim, o que levou a considerarmos um espaço coberto com vegetação que configurasse um momento de transição interior-exterior fronteiro ao alçado norte da sala poente.

Este espaço coberto necessário, adjacente à frente norte, considera-se favorável quanto à mediação e transição de ambientes, todavia, verifica-se um elemento desfavorável quanto à consideração da orientação solar, uma vez que se insere a norte. Na verdade, a volumetria e frente sul da sala poente, dada a sua localização e integração no declive do terreno, também se apresenta apenas parcialmente iluminada. Neste sentido, para uma valorização da iluminação natural, optamos por introduzir uma cobertura leve, transparente, que filtra a luz em policarbonato, tomando como referência a ambiência promovida pelo projeto do Baqueting Pavillion, Restaurant Les Cols de RCR Arquitectes.

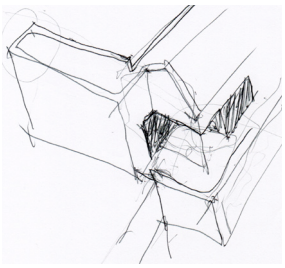


Na frente da alameda optou-se por uma abordagem que promove e realiza, sem adições de desenho de vãos, a relação da pré-existência com o novo tempo e a nova escala. A questão centrou-se na formulação da transição das coberturas que

32. Bagacina *"são materiais piroclastos basálticos de composição máfica, apresentando uma cor escura avermelhada ou preta, dependente da percentagem e estado de oxidação do ferro nela contido."* É recorrentemente utilizada na definição de caminhos pedonais de jardins ou mesmo caminhos públicos terciários e dado o *"reduzido custo de extração, crivagem e moagem"*, é uma alternativa com benefícios económicos para a região se utilizado no composto de betão. GOMES, Tiago, *"Betões leves estruturais produzidos com escória proveniente da Ilha de São Miguel"*, Lisboa: Técnico, 2014, p.22

denotam e assumem essa mesma mudança.

Definido o volume da sala sul com uma cobertura em telha necessária para o equilíbrio do alçado sul, a questão no alçado norte que realça e destaca o volume de transição, permanece por resolver. Assim, optamos por pensar numa transição e ligação entre coberturas, através do desenho de uma linha que parte da cornija da habitação e se estende, prolongando-se e desenvolvendo-se num gesto contínuo de intersecção e continuidade que delineia o perímetro dos edifícios a uma cota superior. Assim, como referido a propósito do projeto do Centro Galego de Arte Contemporânea de Álvaro Siza, a cobertura plana *"estabelece claramente a distância no tempo, enquanto as massas, próximas nas suas proporções, nos falam da estabilidade dos espaços"*[33] e o desenho delineador superior formula uma intersecção e propõe uma ideia de continuidade. Desta forma, ao manter a coerência material, ao não incentivar o rasgo de vãos - que conformaria mais um elemento de dissemelhança - e ao assumir a transição através do elemento da cobertura, não estamos a criar um eixo de rutura, mas sim uma gradual transição de temas em pontos diferentes e consecutivos.



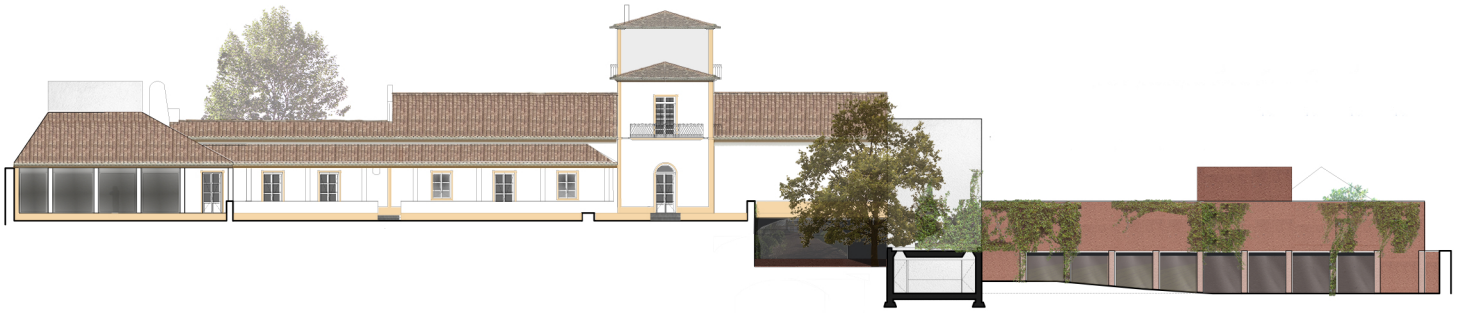
Por fim, a abordagem ao alçado a partir do jardim nobre - em que a sua apreensão é encerrada pelos limites do mesmo - pretende uma maior integração com o existente, querendo a sala norte assumir-se como uma contínua cobertura que parte das existentes e pontua o chão com grande transparência na sequência da galeria. A composição, a partir deste espaço, assume o seu ponto de referência no volume torreado pré-existente, e desenvolve-se numa harmonia contínua integrada no espaço que a contém.

33. *"la cubierta plana del Centro establece claramente la distancia en el tiempo, en tanto que las masas, próximas en sus proporciones, nos hablan de la estabilidad de los espacios."* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.247





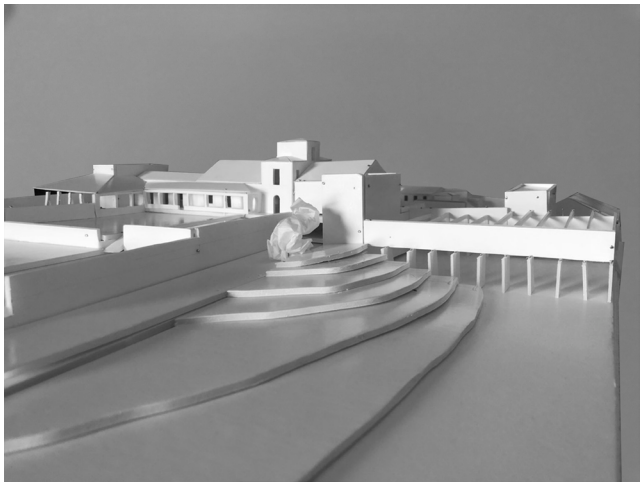
122. O alçado sul. Escala 1.500. MB0120



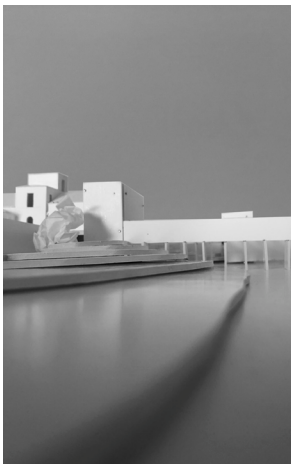
123. O alçado norte. Escala 1.500. MB0120



124. Corte - Relação ao recinto do tanque. Escala 1.500. MB0120



124.



125.



126.



127.



128.

Maquete de estudo da proposta projetual:

125. Vista do alçado norte da composição. MB0120
126. Vista a partir do jardim fronteiro à sala poente.. MB0120
127. Vista do alçado norte a partir do quadrante definido pela alameda. MB0120
128. Vista do alçado sul da composição. MB0120
129. Vista do alçado sul ao ingressar no recinto através do portal existente a eixo da composição. MB0120

Através do rasgo de vãos, da materialidade e da formulação das coberturas, ou seja, do manuseamento dos parâmetros exteriores - em simbiose com os interiores - acreditamos termo-nos aproximado, num tratamento das volumetrias definidas, a uma proposta capaz de servir as premissas a que se propôs, num conjunto equilibrado que relaciona tempos e escalas e que se assume, interagindo com o lugar.

Consideramos que *"a solução do problema de como construir estava implícita na história"*[34] da habitação do século XIX da Quinta do Tanque e que a *"história da arquitetura nos mostra que, à medida que a vida de um edifício se desenvolve ao longo do tempo, o mesmo amplia-se, estende-se e experiencia crescimento* [..., sendo que] *o crescimento não implica, necessariamente, a perda dos seus mais relevantes atributos."*[35]

Neste sentido, apropriamo-nos das palavras de Moneo para referir e reforçar o nosso intuito, de a partir do projeto, introduzir na propriedade e no lugar:

> *"uma riqueza de episódios, que permitem visões e imagens auto-suficientes suscetíveis de ser consideradas com independência. Contudo, esta autonomia de partes e elementos não dá lugar (...) à aparição da colagem: uma estratégia formal mais ampla garante uma condição unitária capaz de dar resposta às perguntas mais urgentes implícitas na construção do edifício."*[36] Assim, privilegiamos considerar *"trabalhar a um tempo mantendo a ideia unitária e produzindo grande variedade de episódios"*[37].

---

34. *"The solution to the problem of how to build was implicit in the history of the palace's construction."* MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.325
35. *"The history of architecture shows us that as a building's life unfolds over time, it expands, extends, and experiences growth. It also shows us that this gowth does not necessarily imply loss of its most valuable attributes"* MONEO *Remarks on 21 works*, 2010, p.636
36. *" la riqueza de episodios, que permiten visiones e imágenes autosuficientes susceptibles de ser consideradas con independencia. Pero esta autonomía de partes y elementos no da lugar (…) a la aparición del collage: una estrategia formal más amplia garantiza una condición unitaria capaz de dar respuestas a las preguntas mas urgentes implícitas en la construcción del edificio."* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.22
37. *"trabajar a un tiempo manteniendo la idea unitaria y produciendo gran variedad de episodios, lo que caracteriza su arquitectura, a la vez que la distancia de aquella que han hecho sus seguidores, que no siempre han podido llevar a cabo este doble juego."* MONEO, *Inquietud teórica y estrategia proyectual*, 2004, p.22

IV. 02 Faseamento

Gostaríamos, num momento final, de abordar o princípio de faseamento proposto para o conjunto, de forma a rematar a nossa proposta-solução.

Como temos vindo a construir - e consequentemente agir - a nossa proposta tomou como regra inquietações e premissas analisadas no objeto de estudo a serem colmatadas pela intervenção futura, assim como condicionantes programáticas importantes a formularem um conjunto capaz de conferir à propriedade da Quinta do Tanque uma fonte de rentabilidade com uma estrutura distinta das existentes no mercado. Na verdade, o nosso projeto adotou uma dimensão que só foi possível pensar por não haver uma encomenda específica à partida que exigisse uma relação estritamente profissional, com um orçamento condicionante, que limitasse o pensamento.

Contudo, sendo real a inquietação pessoal que motivou todo o trabalho - o desassossego concreto de conferir uma fonte de rendimento para a quinta com vista nas gerações futuras - destacamos a pertinência de pensar o conjunto com uma construção faseada, que tem em atenção dois aspetos que apresentam uma preocupação/ consideração económica: um que pressupõe o predomínio do reequilíbrio volumétrico da composição por si só; um segundo que considera uma situação económica mais restrita que, não excluindo a intenção de reequilíbrio, considera contudo um investimento inicial que permita uma rentabilidade para o posterior desenvolvimento do restante conjunto.

FASEAMENTO VOLUMÉTRICO

Considerando primeiramente o faseamento que tem em vista o reequilíbrio volumétrico por si só, assumimos a preferência pela composição que visa o desenvolvimento de um núcleo central a poente do edificado pré-existente, que resolve tanto o reequilíbrio voltado para sul, como o voltado para norte - na frente da alameda. Esta preferência e estratégia de ampliação para poente prende-se por considerarmos, como já referido, que esta solução permite solucionar o alçado mais frágil da composição a par de proporcionar a resposta ao uso pretendido. Esta primeira intervenção disponibiliza, assim, uma primeira sala para albergar reuniões sociais ou festivas, assim como instalações sanitárias de serventia a estes mesmos e a outros decorrentes ao ar livre - no jardim nobre fronteiro à habitação. [A1]

De seguida, consideramos a implantação do volume de serviços implantado no pasto poente, já que, por si só, parece-nos responder à intenção pertinente de bloqueio visual para poente e, assim, encaminhar os convidados na direção do tanque. A par deste prevemos que também possa existir uma preparação do terreno do pasto de forma a receber uma tenda que, provisoriamente, permita iniciar a atividade proposta na propriedade. [A2]

Num terceiro momento, propomos a execução do salão poente fixo, que confere ao conjunto uma suficiente versatilidade na impossibilidade de estar em funcionamento o programa completo. Na verdade, como abordado anteriormente, no caso da habitação se pretender de usufruto pessoal e permanente dos proprietários, o jardim nobre pode permanecer com um caráter mais privado e reservado, não promovendo alterações. [A3]

Contudo, para além da sua conveniência perante uma maior afluência ao serviço, bem como os melhoramentos e utilidade que confere à *faixa* de serviços, consideramos que a sala norte tem importância e pertinência como parte de um projeto conjunto, logo, constitui uma melhoria para o todo ao ser executada. [A4]

ALÇADO SUL



ALÇADO NORTE



DESENHO

FASEAMENTO
PELA COMPOSIÇÃO
VOLUMÉTRICA

ESCALA 1/500

Nº 130

ALÇADO SUL



ALÇADO NORTE



DESENHO

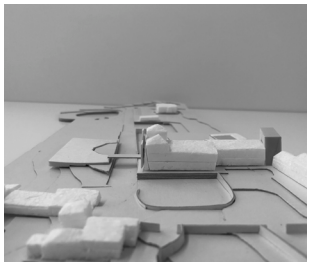
FASEAMENTO
ECONÓMICO

ESCALA 1/500

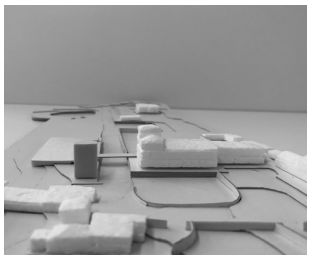
Nº 131

FASEAMENTO ECONÓMICO

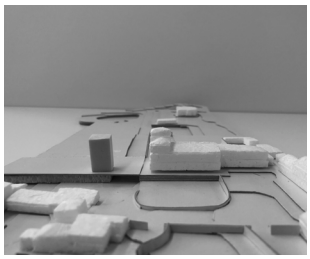
Desenvolvimento do processo projetual visto em maquete:



Retirado da página 117.



Retirado da página 115.



Retirado da página 115.

Revertendo os princípios e de um ponto de vista de investimento económico, à partida, a ordem da execução do conjunto verificar-se-ia mais pertinente ao iniciar-se inversamente.

Num primeiro momento, proceder-se-ia à execução da sala norte pelo seu caráter de fácil construção, menor dimensão e localização adjacente à habitação - que facilita o aproveitamento dos recursos existentes. - A título de curiosidade, consideramos que a construção do conjunto que formula a sala norte resgata um pensamento explorado inicialmente segundo os princípios da segunda geração - o construído. Através da afirmação de um segundo elemento vertical adjacente ao volume nascente, confere-se um diferente sentido de reequilíbrio à composição: procura-se a simetria do conjunto, percetível no alçado sul a partir do desdobramento na vertical em "L" da composição, que se verifica nas extremidades da mesma - estas são mediadas por um eixo que formula inclusive uma mudança de plano, estando o volume nascente recuado em relação ao volume principal. - Deste modo, numa solução mais compacta, sem desenvolvimento a poente, opera no sentido de um reequilíbrio volumétrico e da atribuição de uma fonte de rentabilidade primária à Quinta do Tanque. [B1]

Sequencialmente, sendo que à sala norte e à sala sul são atribuídas dimensões semelhantes, proceder-se-ia à construção dos volumes de serviços, de forma a que: a uma cota superior, as cerimónias realizadas ao ar livre detivessem as condicionantes de serventia garantidas; e que a uma cota inferior, o pasto se conferisse apto a receber a implantação da tenda provisória. - Novamente, o conjunto formal, neste ponto, cumpre em parte hipóteses exploradas nos princípios de desenho presentes na terceira geração - o desígnio - uma vez que, a partir de volumes verticais, existe a pretensão de contrabalançar o existente. [B2]

Num terceiro momento, à semelhança do estudo anterior, prosseguir-se-ia com a construção efetiva da sala poente, promovendo um espaço fixo que receba as ocorrências sociais em qualquer circunstância. - Esta hipótese é ainda mais próxima à exploração realizada a partir do desígnio da terceira geração, apelando à continuidade do embasamento que destaca o volume principal. [B3]

Por fim, concluir-se-ia o volume que integra a sala sul, que, na nossa opinião e como temos vindo a referir e defender, promove o reequilíbrio volumétrico mais satisfatório, conectando as duas ambiências e o conjunto formal. [B4]

Gostaríamos, por fim, de deixar explícito que a reflexão realizada decorre do exercício de projeto a que nos propusemos enquanto prova académica. Numa próxima formalização da encomenda, o faseamento poderá atender a outros aspectos condicionantes, sendo então discutidos entre a profissional de arquitetura e o cliente.

*"concluída que esteja a casa" **

* *"Mansão destinada a Festas espectaculares que aqui talvez se darão concluída que esteja a casa ou pela minha geração, ou pela tua, ou pelas que forem seguindo."* SOARES DE ALBERGARIA, *Memorial*, 1973

> *"Creio que o aprendizado, em arquitectura, signifique exactamente uma ampliação da área de referências. Quando se começa, é quase sempre uma figura carismática que nos interessa de modo particular e, consequentemente, nos influencia de maneira determinante.* [...] *A articulação destas influências é um acto de criação irrepetível. O arquitecto trabalha manipulando a memória, disso não há dúvida, conscientemente mas a maioria das vezes subconscientemente. O conhecimento, a informação, o estudo dos arquitectos e da história da arquietctura tendem ou devem tender a ser assimilados, até se perderem no inconsciente ou no subconsciente de cada um."* [1]

Para nós, a realização da presente dissertação foi de elevada relevância, não só pela solução pertinente encontrada - que dá resposta a um propósito real - como também, e principalmente, pelo percurso realizado, que nos permitiu um momento de reflexão quanto às matérias abordadas ao longo de uma/desta etapa.

Através de um caso de estudo particular e de um propósito projetual que se apresentava vago, fomos gradualmente e inevitavelmente sendo guiados pela disciplina, pondo em prática e utilizando como recurso as ferramentas facultadas pelo percurso académico, num constante e consequente despertar de argumentos, temas e inquietações de interesse pessoal - a serem explorados e colmatados.

Queremos acreditar que, com a realização deste trabalho, conseguimos compreender a pertinência do aprendizado e, em simultâneo, pô-lo em prática, de um modo que se foi mostrando intuitivo por acreditarmos na existência de uma bagagem apreendida ao longo do tempo enquanto estudantes de arquitetura. A história, a teoria, o desenho e o projeto, reúnem-se neste propósito final, como matérias principais, de forma natural e consequente da problemática introduzida, garantindo-nos uma segurança que justifica um momento de remate de uma etapa e início de outra.

O processo que leva à definição de uma proposta de projeto dependerá sempre de uma interpretação e, por isso, pode culminar em múltiplos e diversos resultados. A *"interpretação é um filtro, uma lente própria através da qual observamos o mundo à nossa volta, que tem a habilidade de afirmar a personalidade do arquiteto"*[2]. Neste sentido, surge uma/a nossa proposta-solução.

---

1. SIZA, *Imaginar a evidência*, 2000. p.37
2. "*interpretation is a filter, a personal lens through which to observe the world around us, it has the ability to affirm the architect's personality.*" MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.266

Tendo em conta a exposição argumentativa e justificativa na apresentação da proposta projetual, queremos acreditar, a par do que refere Moneo - ressalvando o propósito de um exercício projetual e não a concretização efetiva de uma obra - que:

> *"um edifício é uma afirmação pessoal na contínua sequência da história; mas* [...] *uma vez a construção terminada, uma vez que o edifício tome a sua própria realidade e o seu próprio papel, todas as preocupações que ocuparam o arquiteto e os seus esforços dissolvem-se. Chega a um momento em que os edifícios não precisam de proteção em nenhum aspeto, nem dos arquitetos nem das circunstâncias. No fim, as circunstâncias por si só permanecem como pistas (...) o edifício assume a sua própria condição, vive a sua própria vida.",* "*- sem mais polémicas, sem mais problemas*".[3]

Acreditamos, assim, que o nosso trabalho é reflexo de que:

> *"Seja ou não construído, o projeto nunca é simulacro. Os seus traços, a sua estrutura, a sua ordem, a sua presença, estão marcados por um futuro e por um passado."* [4]

---

3. ""we are tempted to think that a building is a personal statement within the ongoing proceed of history; but (...) once the construction is finished, once the building takes on its own reality and its own role, all those concerns that occupied the architects and their efforts dissolve. There comes a time when buildings do not need protection of any kind, neither from the architects nor from the circumstances. In the end, circumstances alone remain as hints, allowing critics and historians to gain knowledge of the buildings and explain to others how they took shape. The building itself stands alone, in complete solitude – no more polemics, no more problems. It has acquired its definitive condition and will remain alone forever, master of itself. I like seeing how the building assume its proper condition, living its own life." MONEO, *Remarks on 21 works*, 2010, p.118

4. *"Se construya o no se construya el proyecto nunca es un simulacro. Sus trazas, su estructura, su orden, su presencia, están marcados por un futuro y por un pasado."* SANTA-MARIA, *Intersecciones*, 2004. p.30

Referências Bibliográficas

ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000.

ALMEIDA E SOUSA, Albano, in *Revista Imobiliária n.82*, Especial Dossier Açores.

ARÍS, Carlos Martí, "Prólogo" in *Las formas de la residência en la ciudad moderna : vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, 2ª ed . Barcelona : Ed. UPC, 2000.

AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses : introdução ao estudo da Casa Nobre*. Lisboa : Horizonte, 1969.

BORGES, Pedro Maurício, *O desenho do território e a construção da paisagem na Ilha de S. Miguel, Açores, na segunda metade do século XIX, através de um dos seus protagonistas,* Coimbra, 2007.

BOWE, Patrick, *Jardins de Portugal*. Lisboa : Quetzal, 1989

BUSCH, Akiko, *Geography of home : writings on where we live*, New York : PAP, 1999. p.35

DIAS, Fátima Sequeira, "A importância da "economia da laranja" no Arquipélago dos Açores durante o séc. XIX". Sep. da revista *Arquipélago-história*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1955, vol. II.

FERNANDES, José Manuel, *Cidades e casas da Macaronésia : evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*, 2ª ed . Porto : Faup Publicações, 1996.

FONTE, Barroso da, *Pousada de Santa Marinha da Costa*. Lisboa : ELO, 1995.

FRANÇOISE, Choay, *As questões do património, antologia para um combate*, Lisboa, Edições 70, 2011.

GODMAN, Frederick du Cane, *Natural History of the Azores or Western Islands*. London, John Van Voorst, 1870.

GOMES, Tiago, *Betões leves estruturais produzidos com escória proveniente da Ilha de São Miguel*, Lisboa: Técnico, 2014, p.22

GRACIA, Francisco de, *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, 3ª ed. rev. . Madrid : Nerea, 2001.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XVII, Lisboa/Rio de Janeiro: editorial enciclopédia, limitada.

LEITE, Antonieta Reis, *Açores, cidade e território. Quatro vilas estruturantes*. Coimbra : [s.n.], 2012. Tese de doutoramento.

LUCAN, Jacques, *Composition, non composition : architecture and theory in the nineteenth and twentieth centuries*, Oxford: Routledge, 2012.

MENDES, Manuel, "Terra quanto a vejas, casa quanto baste", in *Só nós e Santa Tecla,* Porto: Dafne Editora, 2008.

MONEO, Rafael, "La vida de los edifícios. Las ampliaciones de la Mezquita de Córdoba" in *Arquitectura, no256*, Madrid, Septembro- Outubro 1985.

MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporâneos*, Barcelona : Actar, 2004.

MONTEYS, Xavier, *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona : GG, cop. 2001.

MOURA, Gustavo, "Recordar Eduardo Soares de Albergaria quando desaparece a Lacticínios Loreto", in *Correio dos Açores*, 10 Out. 2002.

NYE, Eliza Williams, "Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro "Slyph", em Julho de 1847", in *Insulana XXIX-XXX (1973-1974)*.

REBELO, António Pedro Santana, *Do contraste à analogia : intervenção numa ruína em Mondrões*. Porto : Faup, 2016. Ano lectivo 2015/2016.

RIEGL, Alois, *El culto moderno de los monumentos, su carácter y sus origenes*. Sevilha : Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2007

RYBCZYNSKI, Witold, *La casa : história de una idea*. Madrid : Nerea, [D.L.1989]

SANTA-MARIA, Luis Martinez, *"Intersecciones"*, Madrid: Rueda, 2004.

SIZA, Álvaro, *"Megazine de Arquitectura e Decoração: Álvaro Siza"* (Álvaro Siza entrevistado por Manuel Graça Dias), in Arquivos RTP, Junho de 1993, (acedido em Abril de 2020 em https://arquivos.rtp.pt/conteudos/escola-superior-de-educacao-de-setubal/)

SIZA, Álvaro, *Archinews nº 38*, Outubro/Novembro/Dezembro 2016.

SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa : Edições 70, 2000.

SIZA, Álvaro, "Prefácio" in *01 Textos*, Civilização Editora, Porto, 2009.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de, *Inscripciones*. Barcelona : Gustavo Gili, 2003.

SOLÀ- MORALES, Ignasi de, "Del contraste a la analogía. Transformaciones en la intervención arquitectónica." in *Intervenciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

SOLÀ-MORALES, Ignasi, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

SOUSA, Nestor de, *A Arquitectura de Ponta Delgada dos séculos XVI a XVIII*. Ponta Delgada: Porto Editora, Lda. (16ª ed.), 1992.

TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do corpo e da imaginação : teoria, fragmentos e imagens,* Alfragide : Editorial Caminho, 2013.

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes, *Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica : descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX,* Porto : FAUP, 2004.

VASCONCELOS, José Leite de; PAVÃO JÚNIOR, José de, *Mês de sonho,* 2ªed. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1992.

WALKER, Walter Frederick, *The Azores or Western Islands: a political comercial and geographical account...having special reference to the Eastern Group consisting of st. Michael and st. Mary, The Formigas and Dollabaret Rocks*. London: Trubner & Co., 1886.

WALLACE, Peter, "The Gardens and Orange-grounds of St. Michael's in the Azores: Its Climate and Peculiarities" in *Journal of the Horticultural Society of London*. London, 1852, vol. VII, p. 236-251

Créditos de Imagens

1. Localização: Representação de Portugal Continental com as duas regiões insulares: Madeira e Açores. Em destaque um progressivo foco à localização do nosso objeto de estudo. Planta de Ponta Delgada, escala 1.50000. MB0120

2. Planta de Implantação: Levantamento. Escala 1:1000. MB0319.

3. Ortofoto da propriedade da Quinta do Tanque com sua envolvente. GeoPortal de Ponta Delgada disponível em: http://sigweb.mpdelgada.pt/GeoPortal/MapViewerCMPD.aspx [consultado em 16/05/2020]

4. Fotografia aérea que capta a envolvente a poente da propriedade. MB0119

5. Fotografia aérea que capta a envolvente a norte da propriedade. MB0119

6. Fotografia aérea que capta a envolvente a nascente da propriedade. MB0119

7. Fotografia aérea que capta a envolvente a sul da propriedade. MB0119

8. Esquema de usos e sequência dos momentos de entrada. Planta escala 1.2000. MB0219

9. Localização da propriedade no território. Planta escala 1.5000. MB0120

10. Entrada sul após o atravessamento do portão. MB0219

11 e 12. Somos recebidos num pequeno alargamento que nos distribui à direita para o pasto relvado de vasta dimensão ou à esquerda para o caminho que nos direciona à habitação. MB0219

13. Chegada ao terreiro fronteiro à habitação do século XIX. Vista frontal (fachada sul). MB0219

14. Montagem sequencial do limite nascente e sul do terreiro fronteiro à habitação. MB0219

15. Portal de ligação entre o terreiro e o núcleo hípico (mudança de cotas). MB0219

16. Montagem sequencial do núcleo hípico a uma cota inferior. O limite deste recinto conforma o limite poente do terreiro fronteiro à habitação. MB0219

17. Limite poente do terreiro. Enuncia construções a uma cota inferior e cria um limite bidimensional de muro. MB0119

18. Limite poente do terreiro. Perspetiva da habitação e da alameda. MB0119

19. Balcão contínuo e contíguo às três frentes da habitação. MB0119

20. Jardim fronteiro à fachada norte. Araucária centenária e campo de críquete. MB0119

21. A uma cota intermédia entre a implantação da casa e a cota da alameda a piscina e o campo de ténis. MB0119

22, 23 e 24. Percurso sequencial da alameda nos três momentos apresentados de diferentes contenções visuais à direita. MB0119

25. Momento de quebra onde se avista um espaço relvado e o pomar ao fundo. MB0119

26. Percurso sequencial da alameda. Momento à esquerda de mudança das espécies arbóreas e sua implantação. MB0119

27. Pasto relvado amplo, livre, que ladeia a alameda. MB0119

28. Percurso sequencial da alameda. Momento à esquerda que dá sinal do recinto do Tanque com mais amplitude visual. MB0119

29. Momento da presença à esquerda da entrada no recinto do Tanque e à direita do núcleo habitacional do século XX. MB0119

30. A habitação do século XX. MB0119

31 e 32. Duas perspetivas do recinto do Tanque com vista para as duas ilhotas. MB0119

33. Limite norte da propriedade - portão entrada/saída. MB0119

34 e 35. Alargamento semicircular da Rua das Laranjeiras: espaço de mediação exterior-interior da Quinta do Tanque. A entrada norte. MB0119

36, 37 e 38. Percurso sequencial da alameda. 1ª Primeiro ponto de vista ao ingressar na propriedade: à esquerda a habitação do séc. XX e à direita o recinto do Tanque. 2ª Aproximação e no horizonte a construção torreada da habitação do séc. XIX. 3º Chegada ao terreiro fronteiro à fachada sul da habitação. MB0119.

39. Fotografia panorâmica sobre o terreiro adjacente à fachada sul. MB0119

40. Acesso ao torreão da laranja, ao pasto relvado tardoz e ao portão sul. MB0119

41. Limite sul da propriedade - portão entrada/saída. MB0119

42. Levantamento: Planta Piso 0 e Alçados sul, norte e poente. Escala 1.500. MB0319.

43. Evolução geracional da propriedade com foco na habitação do século XIX. Escala 1.1000. MB1019.

44. Esquema Genealógico da Sucessão de Proprietários da Quinta do Tanque. MB1219

45. Planta da Cidade de Ponta Delgada, levantada e desenhada em 1831 por António Ferreira Garcia de Andrade, existente na Biblioteca Pública do Arquivo de Ponta Delgada.

46. Fotografia aérea do Parque Terra Nostra. Disponível em: https://byacores.com/fotografias/sao-miguel/parque-terra-nostra-piscina-termal/ [consultado em 16/05/2020].

47. Fotografia aérea do recinto do tanque. MB0119

48. Vista para o tanque de um espaço recortado irregular circundado por bambus. MB0119

49. Banquetas de pedra decoradas com azulejos de fabrico local. MB0119

50. Coreto, ou pavilhão chinês implantado na ilhota de menor dimensão. MB0119

51. O fontanário, situado no percurso sinuoso que circunda o tanque. MB0119

52. Terraços de formato irregular conferidos pelo pavilhão de sugestão militar no extremo sul do recinto, correntemente chamado de castelo. MB0119

53. Embarcadouro no extremo poente do recinto, ao fundo a ilhota de maior dimensão. MB0119

54. Vista térrea do castelo que conforma um espaço interior. MB0119

55. Fotografia da Quinta das Necessidades a partir do jardim fronteiro à fachada principal. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000, p.30

56. Fotografia da Quinta do Tanque, objeto de estudo, a partir do terreiro fronteiro à fachada principal. MB0119.

57. Fotografia do Solar dos Faria e Maia. Disponível em: http://myphotos-minhasfotos.blogspot.com/2011/06/ponta-delgada-cafe-central-and.html [consultado em 16/05/2020]

58. Fotografia do Solar de Santa Catarina. Disponível no website da câmara municipal de Ponta Delgada: https://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2552 [consultado em 16/05/2020]

59. Desenhos do alçado sul e de uma 1ª planta da proposta encomendada pelo Morgado Laureano Francisco da Câmara Falcão. Sem autor, sem data, acedidos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

60. Desenho da proposta do alçado sul, desenho de época. Escala 1:500. Sem autor, sem data, acedido através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

61. Desenho da proposta do alçado sul por nós concebido. Escala 1:500. MB0519

62. Desenhos da proposta do alçado poente, nascente e da planta do piso -1, espaço de lojas, à cota da alameda. Sem autor, sem data, acedidos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

63. Desenho da 2ª proposta da planta para a habitação encomendada pelo Morgado Laureano. Sem autor, sem data, acedidos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

64. Maquete que estuda a conclusão do projeto original (desígnio) numa base que representa o terreno da propriedade como se encontra atualmente (2020). Vista em planta. MB0719

65, 66. Vista em maquete do alçado sul e norte, respetivamente. MB0719

67. Desenho que propõe um projeto paisagista para o espaço fronteiro à fachada norte da habitação que incentiva o percurso e a permeabilidade exterior. Sem data, nem autor, acedido através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

68, 69. Fotografias de 1980. Disponibilizado pelos atuais proprietários.

70. Desenho de um projeto paisagista para a propriedade de José do Canto em 1845. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000, p.115

71. Fotografia aérea do Solar de Santa Catarina. GeoPortal de Ponta Delgada disponível em: http://sigweb.mpdelgada.pt/GeoPortal/MapViewerCMPD.aspx [consultado em 16/05/2020]

72. Fotografia aérea da Quinta das Necessidades. GeoPortal de Ponta Delgada disponível em: http://sigweb.mpdelgada.pt/GeoPortal/MapViewerCMPD.aspx [consultado em 16/05/2020]

73. Fotografia aérea da Quinta das Laranjeiras. GeoPortal de Ponta Delgada dis-

ponível em: http://sigweb.mpdelgada.pt/GeoPortal/MapViewerCMPD.aspx [consultado em 16/05/2020]

74. Fotografia aérea da Quinta do Tanque. GeoPortal de Ponta Delgada disponível em: http://sigweb.mpdelgada.pt/GeoPortal/MapViewerCMPD.aspx [consultado em 16/05/2020]

75. Esquema de relação de entradas aquando a projeção do projeto original. Vivência pretendida para a quinta. MB0710

76. Fotografia atual da fachada sul, principal, da habitação. MB0119

77. Núcleo central, lado sul. Fotografia por volta de 1978. Disponibilizada pelos atuais proprietários.

78. Planta desenhada da habitação e sua envolvente próxima em 1921. Acedida através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

79. Fotografia referente à habitação no lado sul, anterior às modificações realizadas pelo atual proprietário, por volta de 1978. Disponibilizada pelos atuais proprietários.

80. Planta número I que acompanha o *Memorial* de 1973: "Casa das Laranjeiras". Acedida através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

81. Planta número II que acompanha o *Memorial* de 1973: "Casa das Laranjeiras". Acedida através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

82. Planta número III que acompanha o *Memorial* de 1973: "Casa das Laranjeiras". Acedida através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

83. Vista Poente da habitação: o alçado voltado para a alameda. (entre 1978-1986). Fotografia disponibilizada pelos atuais proprietários.

84. Primeira proposta: Explorações de desenho. 1973. Acedida através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

85. Segunda proposta: Explorações de desenho. 1973. Acedida através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

86. Terceira proposta: Explorações de desenho. 1973. Acedida através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

87. Maquete que estuda a terceira proposta (desígnio) numa base que representa o terreno da propriedade como se encontra atualmente (2020). Vista em planta. MB0719

88, 89. Vista em maquete do alçado sul e norte, respetivamente. MB0719

90. Desenhos perspéticos de alçado norte e sul da terceira proposta pensada por Eugénio Soares de Albergaria, 1973. Acedidos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

91. Ampliação do volume nascente e reformulação do alçado (1995-96). Fotografia disponibilizada pelos atuais proprietários.

92. Construção do alpendre permanente e redesenho do jardim fronteiro à fachada norte (1996-97). Fotografia disponibilizada pelos atuais proprietários.

93. Maquete que estuda as modificações compositivas do construído ao longo

das gerações. (Ressalva-se que a base representa o terreno da propriedade como se encontra atualmente - 2020). MB0719

94. O recinto do tanque da propriedade da Quinta do Tanque. MB0119

95. Capa de um convite realizado para um Evento na Quinta do Tanque em 1986. Disponibilizado pelos atuais proprietários.

96. Aproximação ao programa: rede de hierarquias, funções e acessos. MB0520

97. Os dois projetos arquitetónicos, respetivamente o Banqueting Pavilion, Restaurant Les Cols de RCR Arquitectes (2007-11), disponível em: https://stephenvaradyarchitraveller.com/2018/01/15/olot-les-cols-restaurant-marquee-spain/ [consultado em 16/05/2020] - e a Quinta do Eirado de Álvaro Leite Siza (1998), disponível em: http://www.alvaroleitesiza.com/quinta-eirado/ [consultado em 16/05/2020].

98. Fotografia aérea da propriedade da Quinta do Tanque com foco na habitação do século XIX. MB0119

99. Fotografia aérea da propriedade da Quinta do Tanque com foco na habitação do século XIX. Simulação da proposta. MB0520

100. Obra de ampliação do Allen Art Museum de Oberlin College em Ohio, projetada pelos arquitetos Robert Venturi, Rauch e Scott Brown em 1973. Disponível em: https://frontart.org/venues/allen-memorial-art-museum/ [consultado em 16/05/2020]

101. Proposta: Plano de Alterações. Escala 1.500. MB1219

102. Proposta: Planta de Coberturas. Escala 1.500. MB1219

103. Proposta: Planta Piso 1 e 2. Escala 1.500. MB1219

104. Proposta: Planta do Piso 0. Escala 1.500. MB1219

105. Proposta: Planta do Piso -1. Escala 1.500. MB1219

106. Proposta: Planta do Piso -2. Escala 1.500. MB1219

107. Proposta: Alçados e Cortes. Escala 1.500. MB1219

108. Proposta: Alçados e Cortes. Escala 1.500. MB1219

109. Proposta: Planta de Implantação. Escala 1.1000. MB1219

110. Esquema de sequência dos momentos de entrada. Sobreposto o projeto de loteamento urbano aprovado pela câmara municipal de Ponta Delgada a ser construído no terreno a nascente adjacente à propriedade da Quinta do Tanque. Planta escala 1.2000. MB1219. Projeto de loteamento realizado pelo arquiteto Luís Almeida e Sousa, disponibilizado pelo proprietário do terreno.

111. O momento de entrada. Localização dos dispositivos. Proposta: Planta Piso 0. Escala 1.500. MB1219

112. Proposta: O espaço da sala norte. Planta, cortes JJ' e DD'. Escala 1:200. MB0220

113. Proposta: O espaço da sala sul. Planta, cortes II', QQ'. Escala 1:200. MB0220

114. Proposta: O espaço da sala poente. Cortes CC', DD'. Escala 1:200. MB0220

115. Proposta: O espaço da sala poente. Planta e corte GG'. Escala 1.200. MB0220

116. Proposta: Volumes de serviços. Secção de planta piso 0; piso -1; piso -2. Escala 1.500. MB1219

117. Esquema explicativo através da correspondência planta-alçado sul da apreensão do espaço. MB0220

118. Processo e seleção de obras que auxiliaram na definição da nossa proposta.

Estação de Bombeiros nº4, em Columbus, Indiana (1966) de Robert Venturi e Rauch imagem disponível em MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporâneos,* Barcelona : Actar, 2004, p.71-72.

Ampliação de Ayuntamiento de Goteborg imagem disponível em http://www.erikgunnarasplund.com/eng/gallery8-tillbyggnadengoteborgsradhus.asp [consultado em 23/11/2019]

119. Procura pela adequação da materialidade, vãos e coberturas. Processo MB0120.

120. Esquema explicativo através da correspondência planta-alçado norte da apreensão do espaço. MB0220

121. Processo e seleção de obras que auxiliaram na definição da nossa proposta.

Banqueting Pavilion, Restaurant Les Cols (2007-11), Olot, Espanha, RCR Arquitectes disponível em https://www.world-architects.com/en/rcr-arquitectes-olot--girona/project/les-cols-restaurant-pavilions-and-marquee [consultado 16/05/2020]

Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela (1988-1993), Álvaro Siza imagem disponível em https://ultimasreportagens.com/siza.php [consultado em 16/05/2020]

Sainsbury Wing, ampliación de la National Gallery, Londres, 1986-91- Robert Venturi e Scott Brown, imagem disponível em MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporâneos*, Barcelona : Actar, 2004, p.92

MIEC e MMAP, Museu Internacional de Escultura Contemporânea e Museu Municipal Abade Pedrosa, Santo Tirso (2012) - Álvaro Siza e Souto Moura disponível "Álvaro Siza: Projetos recentes" in *Archinews nº 38*, Outubro/Novembro/Dezembro 2016, p. 189

122. O alçado sul - com materialidade. Escala 1.500. MB0120

123. O alçado norte - com materialidade. Escala 1.500. MB0120

124. Corte GG'- com materialidade. Escala 1.500. MB0120

125. Maquete de estudo da proposta projetual. Vista do alçado norte da composição. MB0420

126. Maquete de estudo da proposta projetual. Vista a partir do jardim fronteiro à sala poente.. MB0420

127. Maquete de estudo da proposta projetual. Vista do alçado norte a partir do quadrante definido pela alameda. MB0420

128. Maquete de estudo da proposta projetual. Vista do alçado sul da composição. MB0420

129. Maquete de estudo da proposta projetual. Vista do alçado sul ao ingressar o recinto através do portal existente a eixo da composição. MB0420

130. Estudo de uma possível execução faseada privilegiando o reequilíbrio volumétrico. Representação através do alçado sul e norte. Escala 1:500. MB0420.

131. Estudo de uma possível execução faseada privilegiando um ponto de vista de investimento económico gradual. Representação através do alçado sul e norte. Escala 1:500. MB0420.

U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Quinta do Tanque em Ponta Delgada, desígnios de projeto entre gerações:

(de)composição de uma intervenção próxima

VOLUME II

Mariana Soares de Albergaria Ivens Brandão

M

2020

U.PORTO

Mariana Soares de Albergaria Ivens Brandão. Quinta do Tanque em Ponta Delgada, desígnios de projeto entre gerações: (de)composição de uma intervenção próxima

Quinta do Tanque em Ponta Delgada, desígnios de projeto entre gerações: (de)composição de uma intervenção próxima

Mariana Soares de Albergaria Ivens Brandão

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2020**

QUINTA DO TANQUE EM PONTA DELGADA, DESÍGNIOS DE PROJETO ENTRE GERAÇÕES

(de)composição de uma intervenção próxima

APÊNDICE (S) E ANEXOS

Mariana Soares de Albergaria Ivens Brandão

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
sob a orientação das docentes Carla Garrido de Oliveira e Filipa de Castro Guerreiro

Porto, 2019/2020

Nota à edição:
O texto presente neste volume da presente dissertação foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico, porém, poderão existir exceções, como no caso de transcrições, onde se opta por manter a grafia original.
Todas as citações presentes aparecem em itálico, traduzidas livremente pela autora. Quando não integrantes no corpo de texto, mas relevantes num reforço de uma ideia descrita, encontram-se em nota de rodapé na língua em que foi lida a bibliografia.
As fotografias, desenhos e mapas produzidos pela autora são referenciados segundo o código MB0119 (Mariana Brandão, mês, ano), enquanto que os restantes elementos, de outros autores, são referidos na lista e créditos de imagens.
A numeração das notas de rodapé recomeça em cada texto.
A presente dissertação foi desenvolvida sendo que as folhas desdobráveis que se encontram no lado esquerdo (paginação par) do documento pretendem permanecer abertas para um acompanhamento contínuo do texto onde se inserem - p. 40 e 54.

Apêndice(s) e Anexos

Sumário

00. Nota Introdutória 9

I. Quinta do Tanque: a circunstância

02. O Lugar
Texto I. Levantamento: Síntese do processo 12
Desenhos de Levantamento 15
Quadros de Apresentação: Levantamento Fotográfico..... 22

II. Desígnios entre gerações: aproximação ao problema

01. Análise e Interpretação retrospetiva entre gerações
Texto II. Breve contexto histórico..... 40
Texto III. Cronologia da Evolução e Transformação da Propriedade..... 54

02. Pré-existência - transformação e tempo
Texto IV. Inquietudes Teóricas: Abordagem geral..... 64

III. (De)Composição do problema: premissas, princípios, programa

01. Construção do problema
Texto V. O Uso: Análises informativas na proposição do programa 78

IV. Projeto: desígnio de uma intervenção próxima

01. Intervenção
Esquemas de organização: layouts e capacidades : sala norte, sul e poente.... 88

Anexos 92

O Memorial de 1973: "Casa das Laranjeiras"
Excertos das actas de arrematação.
Documentos que datam 1835, 1869, 1874, 1880, 1920.

Referências Bibliográficas 104
Créditos de Imagens 106

00. Nota Introdutória

O presente volume da dissertação convoca reflexões formuladas na consciencialização dos estímulos, que foram surgindo na evolução do trabalho, e que permitiram a síntese de ideias invocadas no volume principal. Neste volume complementar reúnem-se: textos produzidos pela autora referentes ao aprofundamento de temas relevantes no processo de trabalho e de estudos realizados no seu desenvolvimento; material gráfico de apresentação de conteúdos e documentos anexos informativos de assuntos expostos e analisados.

O objetivo de considerar dois volumes foi o de reforçar o sentido de que esta é uma dissertação cujo foco é projeto e o processo a ele inerente. Neste sentido, toda a informação que nos foi fundamental, mas não provoca uma reação imediata de consequência à resposta-solução final, foi reunida no presente documento - não menosprezando a sua importância. Assim, cada capítulo/subcapítulo desenvolvidos no corpo de texto principal encontram no presente apêndice informação complementar de assuntos tratados de forma mais pormenorizada.

Determina-se, então, uma estrutura que sugere o mesmo encadeamento formulado para o documento principal, incentivando a estreita relação e introduzindo nos momentos correspondentes os textos de aprofundamento/reflexão dos assuntos abordados nesse mesmo ponto.

Deste modo, a estrutura divide-se igualmente em quatro partes. Relativo ao primeiro momento, no presente apêndice é aprofundado o tema do lugar. Procede-se a um registo do trabalho de campo realizado com a explicação do processo do levantamento realizado; com a apresentação do conteúdo gráfico produzido desse mesmo levantamento; e expõe-se com maior pormenor a quinta, através de um levantamento fotográfico mais particular e detalhado. Num segundo momento, realiza-se um contexto histórico e a análise da história da família concorre para a elaboração de uma cronografia das transformações na história da casa, que permitiu informar a análise realizada retrospetiva das gerações, de forma a compreender o objeto de estudo na sua plenitude. Ainda neste ponto, realiza-se uma abordagem breve e geral sobre o tema teórico de *construir no construído*[1] - num cruzamento de referências bibliográficas - de forma a compreender as ações interventivas relativas ao tema, que sentimos necessidade de reconhecer, numa inquietação pessoal promovida pelo propósito projetual a que nos propusemos. Num terceiro momento, realiza-se uma análise detalhada que informa a definição do programa proposto, desde as condicionantes necessárias ao funcionamento e à pretensão de um serviço diferenciado. Por fim, no quarto momento, dado o contexto e propósito real da proposta, leva-se a solução encontrada mais longe, ao estudar-se a organização interior da sua utilização e capacidade, como forma de promover e dar a conhecer a sua versatilidade.

1. Título da obra de Francisco de Gracia: *Construir em lo construído: la arquitectura como modificación*, 3ª ed. rev. . Madrid : Nerea, 2001

I. Quinta do Tanque: a circunstância

01. O Momento

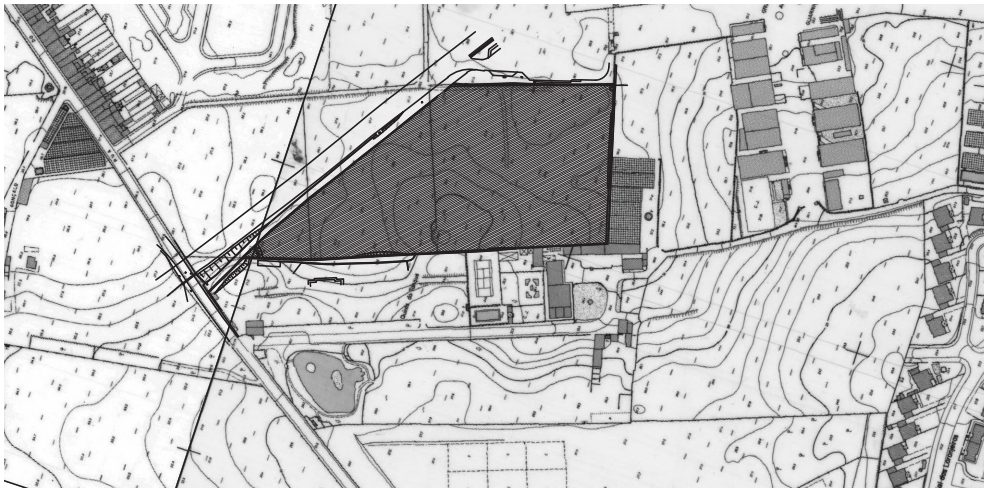
02. O Lugar

I.02 Texto I. Levantamento: Síntese do processo
I.02 Desenhos de Levantamento
I.02 Quadros de Apresentação: Levantamento Fotográfico

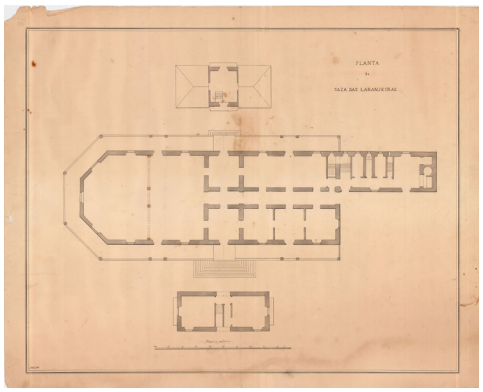
1.

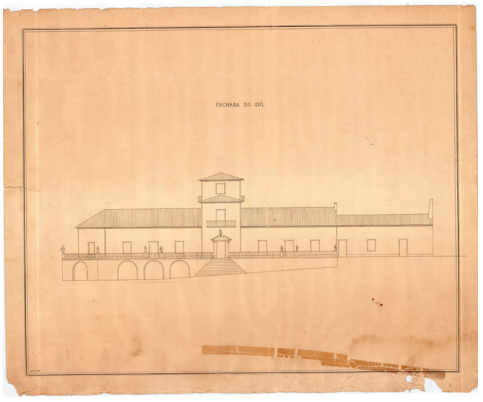


2.



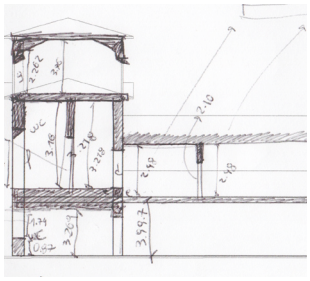
3.

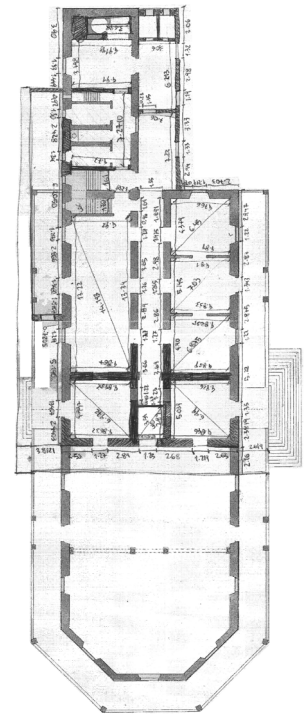


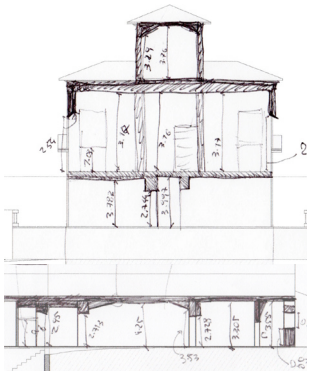


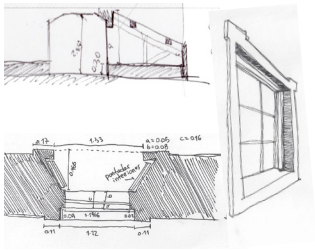
1. Planta em formato digital da área de estudo no estado atual. Integração do levantamento topográfico realizado por André Cymbron do terreno nascente adjacente à Quinta do Tanque. Escala 1:5000.
2. Excerto de uma planta cartográfica vinda em anexo no levantamento topográfico realizado por André Cymbron. Escala 1:5000
3. Desenhos da proposta original: planta e alçado sul. Sem autor, sem data, adquiridos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

Texto I + Desenhos
Levantamento: Síntese do processo









O levantamento é o primeiro ato analítico do processo projetual e constitui matéria específica da disciplina arquitetónica. O desenvolvimento do seu desenho já é ele próprio um ato de projeto e nós, conferindo-nos a obrigação de desenhá-lo por falta de bases rigorosas, ainda reforçamos a atenção com que olhamos o lugar.

O nosso objetivo passa por reconhecer ao pormenor as características da propriedade, para que estas se reflitam em desenho com o maior rigor possível. Neste sentido, iniciamos este processo procurando e reunindo material que nos pudesse conceder uma base física da qual partisse o nosso reconhecimento pessoal/particular da Quinta do Tanque.

Para ultrapassar a inexistência de um levantamento topográfico rigoroso munimo-nos de essencialmente três documentos que, no seu confronto e na observação e medição atenta *in loco*, nos conferiram um suporte fidedigno de uma representação da atual realidade.

Assim, a modelação da topografia resulta de um paralelo entre: uma planta em formato digital (dwg) representativa do território atual[1]; um levantamento topográfico realizado por entidades certificadas do terreno nascente adjacente à nossa propriedade[2] - que nos permitiu identificar os primeiros valores de cotas deste limite em comum; e de uma planta cartográfica[3] onde estão representadas as curvas de nível da área de estudo.

Apesar desta planta cartográfica representar um período anterior às últimas transformações realizadas, tanto na propriedade, como na envolvente[4], conseguimos a partir deste suporte identificar os valores e as variações do terreno, tanto no geral, como nas áreas inalteradas, sendo que os núcleos que sofreram transformações topográficas foram corrigidos com medições locais. Para isso, recorremos à utilização de instrumentos auxiliares como o laser, que permitiram definir as alturas e pendentes existentes no terreno com vista no hoje.

Numa seleção da área a intervir, as construções que, nestes suportes adquiridos são representados apenas por uma linha limite exterior, foram alvo de um levantamento detalhado dos seus interiores. Com este propósito recorremos aos desenhos do projeto original[5] - do qual só parte foi efetivamente executado - para colmatar esta primeira carência de desenho e, com isso, determinar um ponto de partida para as nossas medições e consequente desenho rigoroso.

1. Disponibilizada por alunos que frequentaram o curso de arquitetura na Universidade dos Açores.
2. Levantamento topográfico realizado pelo técnico André Cymbron a pedido do proprietário do terreno rústico.
3. Excerto cartográfico presente nos anexos que acompanham o levantamento topográfico referido.
4. Sendo que demonstra a inexistência da Escola Secundária das Laranjeiras a poente, da segunda habitação de vivência permanente pertencente ao nosso objeto de estudo e da via rápida (R1-1A).
5. Disponibilizado pelo atual proprietário, Eugénio Soares de Albergaria

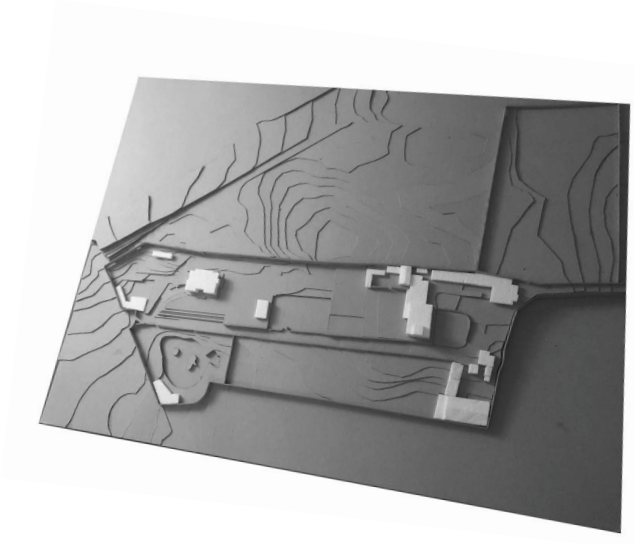
Através deste recurso ficamos aptos a identificar o que foi de facto construído, assim como pudemos verificar as alterações realizadas - consciencialização da construção pretendida com o projeto original, à sua efetiva construção e consequentes modificações ao longo dos anos. Os desenhos existentes dos alçados da proposta original permitiram-nos, também, esquematizar uma base que, com o reconhecimento local, nos proporcionaram realizar o levantamento altimétrico da casa, quer em alçado, quer em corte.

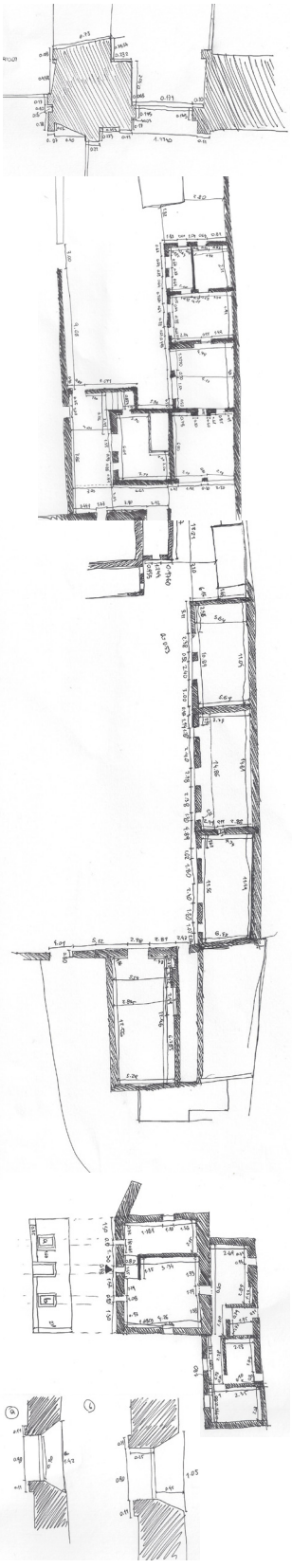
Após as medições gerais dos espaços planimétrica e altimetricamente, numa tentativa de uma representação rigorosa com todas a irregularidades inerentes a uma construção antiga - no que diz respeito a ângulos e espessuras - passamos a uma maior pormenorização do desenho dos vãos – janelas e portas – muito simplificadas no desenho original facultado.

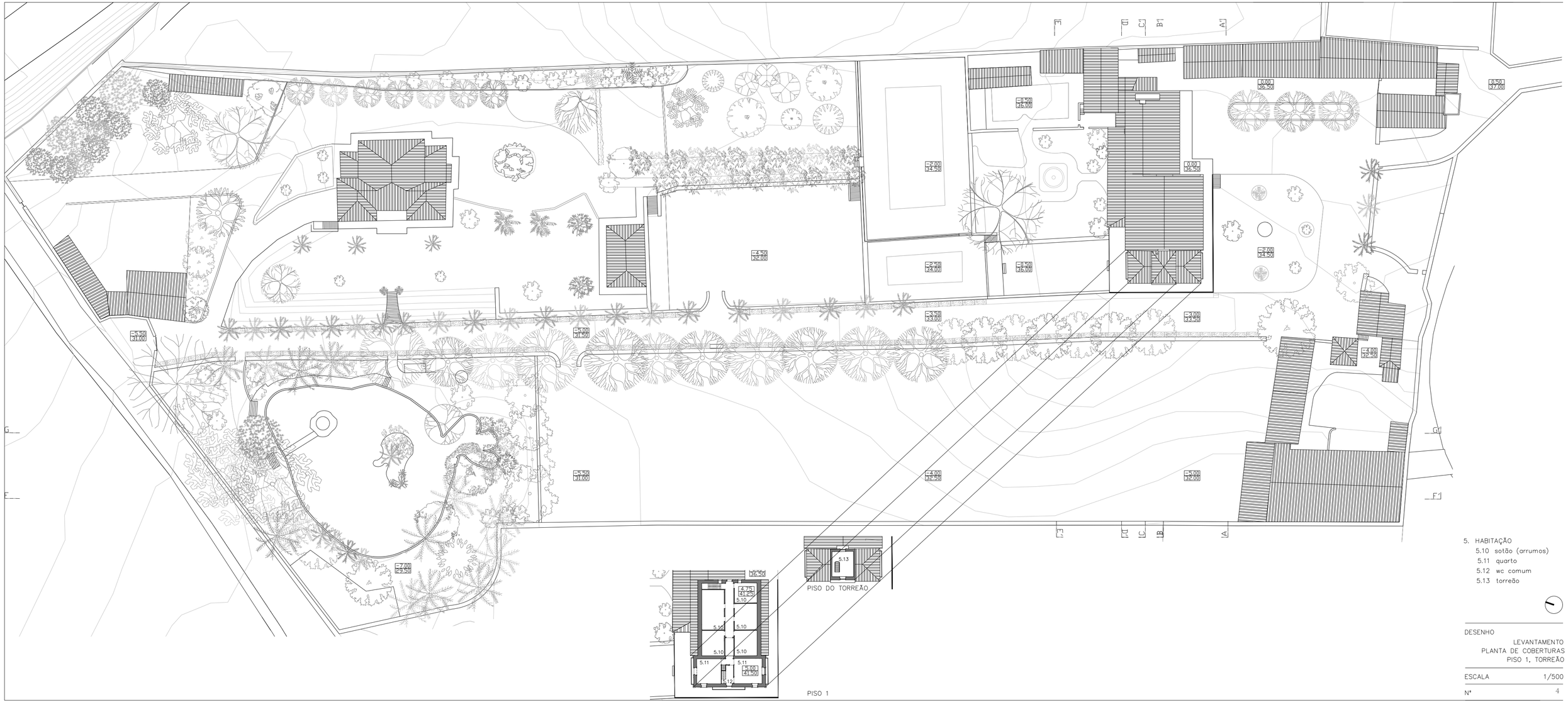
Sendo que, num momento inicial, o propósito projetual detinha um intuito claro, mas não um programa pré-definido, foi realizado um esforço no sentido de proceder ao levantamento das dependências existentes ao redor da habitação. Neste sentido, mediram-se áreas gerais, assim como se reconheceram os interiores das casas de despejo - situadas a norte e a sul da habitação - e da casa do caseiro.

Ainda gostaríamos de referir que foi realizado um esforço extra na identificação da generalidade das espécies arbóreas existentes na quinta, com a ajuda do conhecimento dos proprietários e do jardineiro, uma vez que são uma importante presença na diversidade e caracterização dos espaços e da propriedade.

Após a produção dos desenhos de levantamento realizados num constante contacto físico com a propriedade - dada a proximidade com o objeto de estudo -, procedemos à execução de uma primeira maquete à escala 1:500, sendo ela também uma primeira base material de trabalho que informa e acompanha o processo projetual.





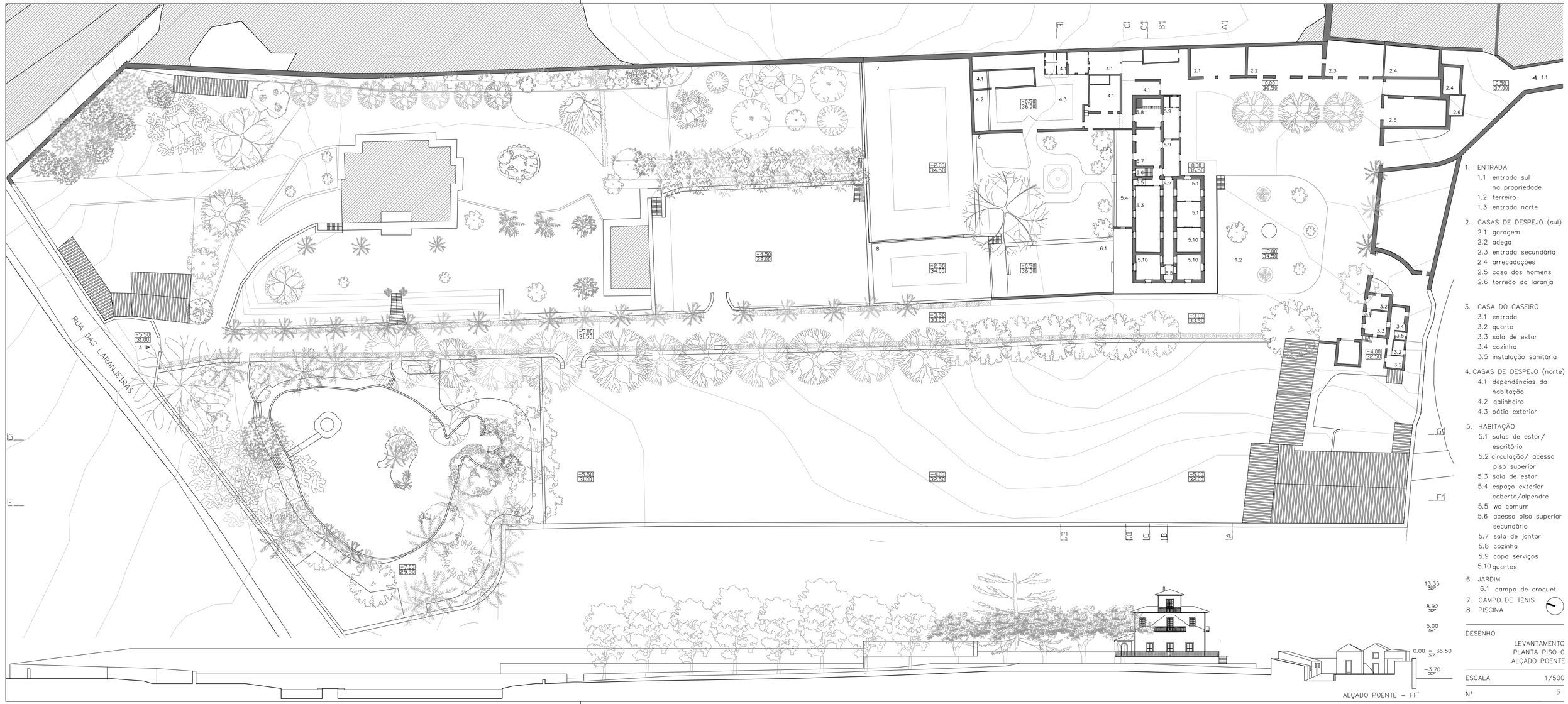


5. HABITAÇÃO
5.10 sotão (arrumos)
5.11 quarto
5.12 wc comum
5.13 torreão

DESENHO
LEVANTAMENTO
PLANTA DE COBERTURAS
PISO 1, TORREÃO

ESCALA 1/500

Nº 4



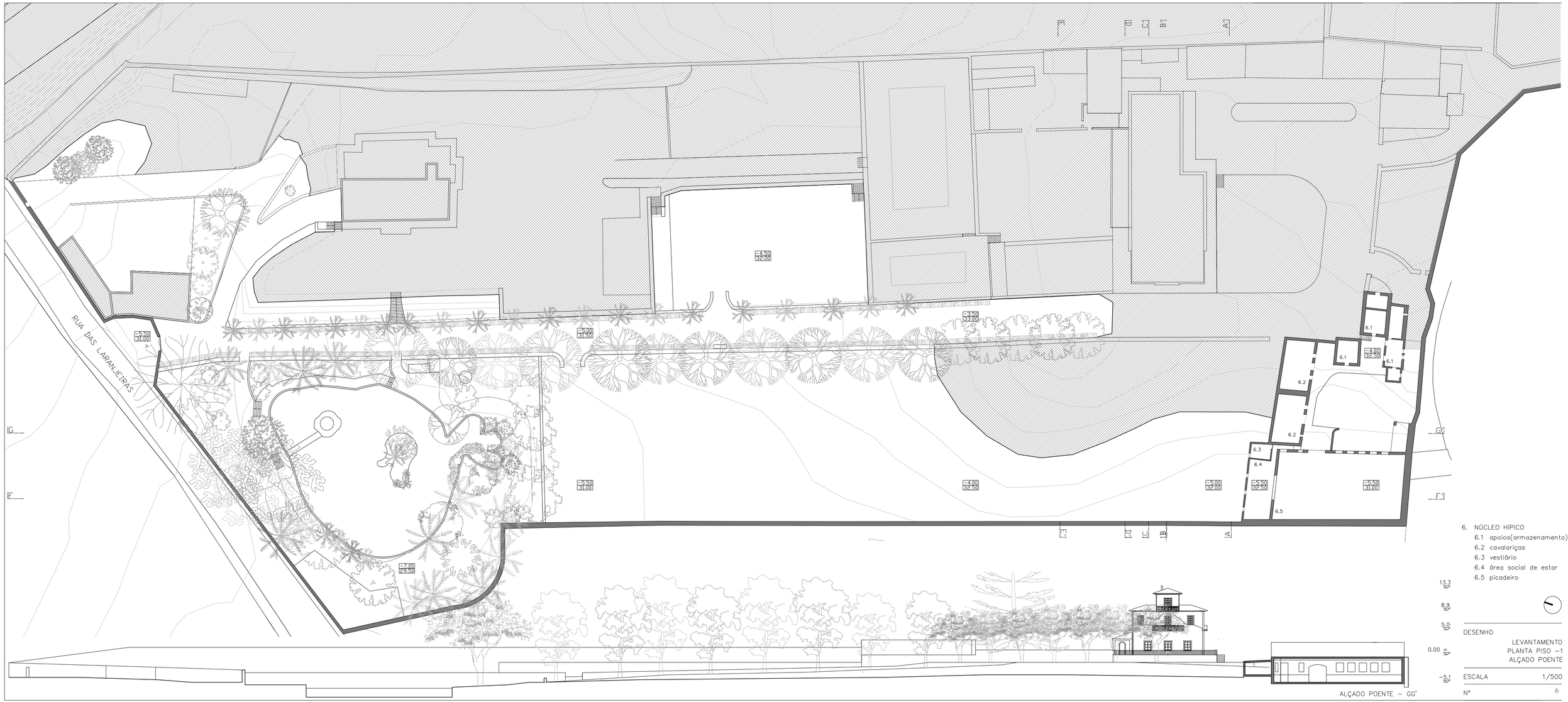
1. ENTRADA
   - 1.1 entrada sul na propriedade
   - 1.2 terreiro
   - 1.3 entrada norte
2. CASAS DE DESPEJO (sul)
   - 2.1 garagem
   - 2.2 adega
   - 2.3 entrada secundária
   - 2.4 arrecadações
   - 2.5 casa dos homens
   - 2.6 torreão da laranja
3. CASA DO CASEIRO
   - 3.1 entrada
   - 3.2 quarto
   - 3.3 sala de estar
   - 3.4 cozinha
   - 3.5 instalação sanitária
4. CASAS DE DESPEJO (norte)
   - 4.1 dependências da habitação
   - 4.2 galinheiro
   - 4.3 pátio exterior
5. HABITAÇÃO
   - 5.1 salas de estar/ escritório
   - 5.2 circulação/ acesso piso superior
   - 5.3 sala de estar
   - 5.4 espaço exterior coberto/alpendre
   - 5.5 wc comum
   - 5.6 acesso piso superior secundário
   - 5.7 sala de jantar
   - 5.8 cozinha
   - 5.9 copa serviços
   - 5.10 quartos
6. JARDIM
   - 6.1 campo de croquet
7. CAMPO DE TÉNIS
8. PISCINA

DESENHO

LEVANTAMENTO
PLANTA PISO 0
ALÇADO POENTE

ESCALA 1/500

Nº 5



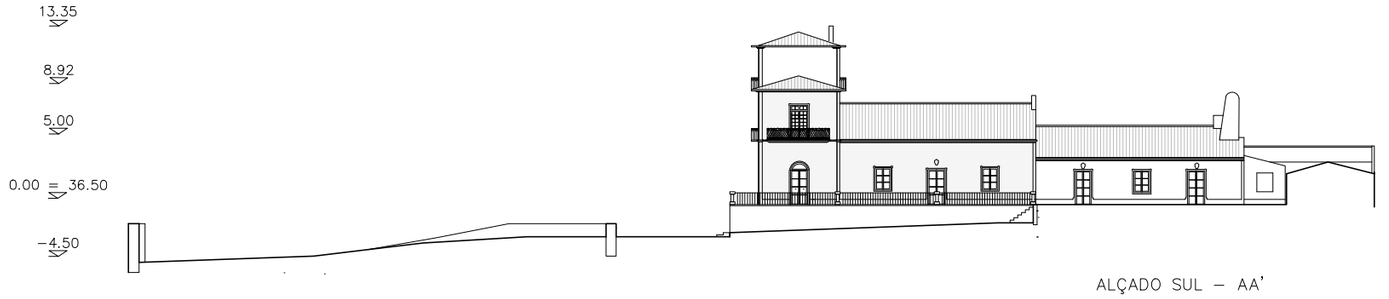
6. NÚCLEO HÍPICO
   - 6.1 apoios(armazenamento)
   - 6.2 cavalariças
   - 6.3 vestiário
   - 6.4 área social de estar
   - 6.5 picadeiro

DESENHO

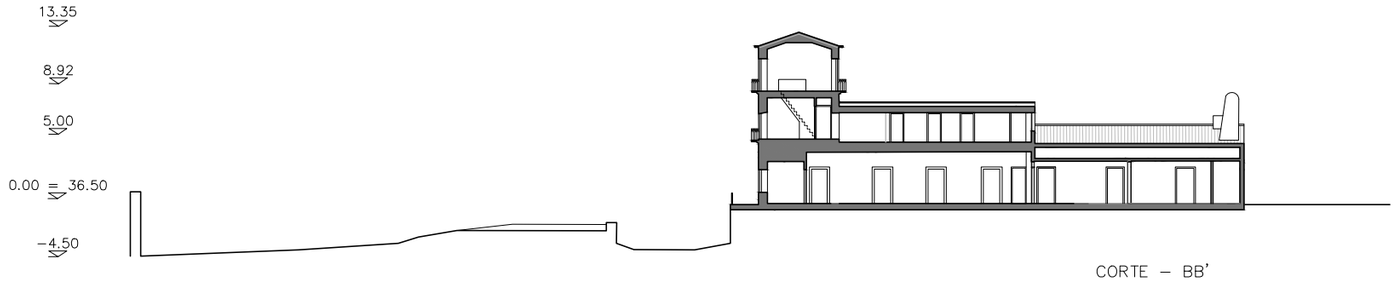
LEVANTAMENTO
PLANTA PISO –1
ALÇADO POENTE

ESCALA 1/500

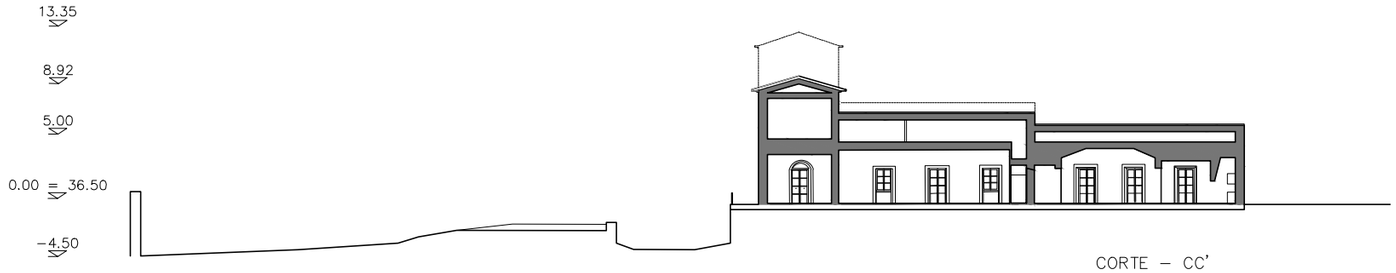
Nº 6



ALÇADO SUL – AA'



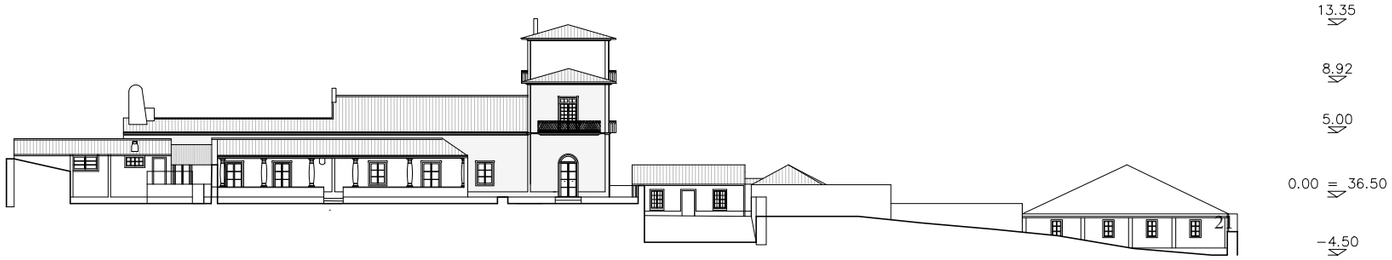
CORTE – BB'



CORTE – CC'



CORTE – DD'



ALÇADO NORTE – EE'

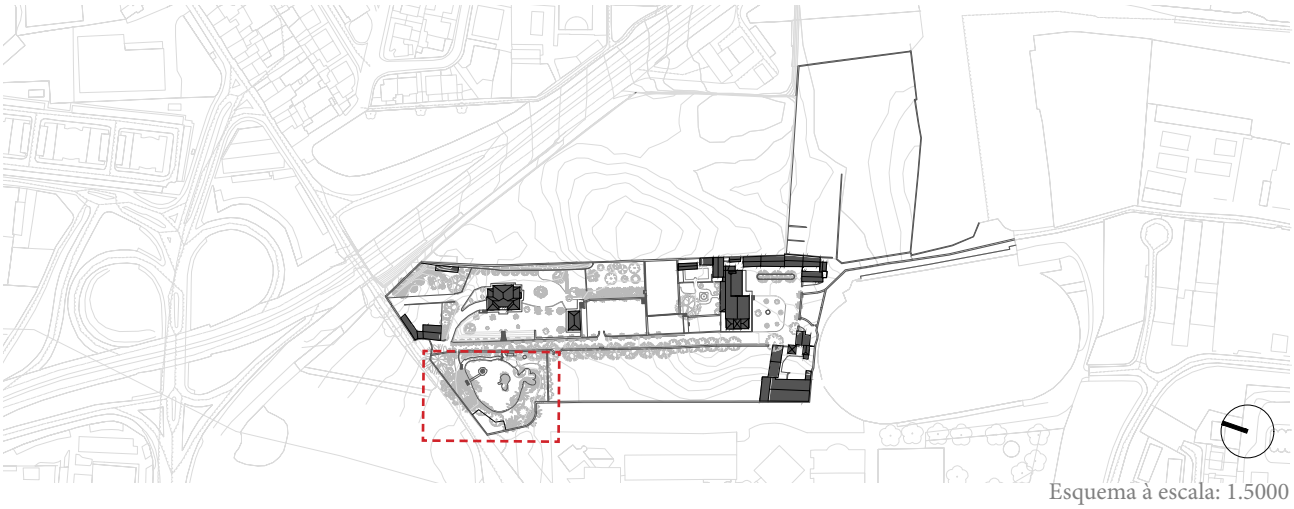
DESENHO

LEVANTAMENTO
ALÇADOS E CORTES
AA', BB', CC', DD' e EE'

ESCALA 1/500

Nº 7

Quadros de apresentação
Visita: Levantamento Fotográfico



Esquema à escala: 1.5000

8. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do recinto do tanque à escala 1:500. MB0119




img. 1


img. 5


img. 9


img. 13


img. 2


img. 6


img. 10


img. 14


img. 3


img. 7


img. 11

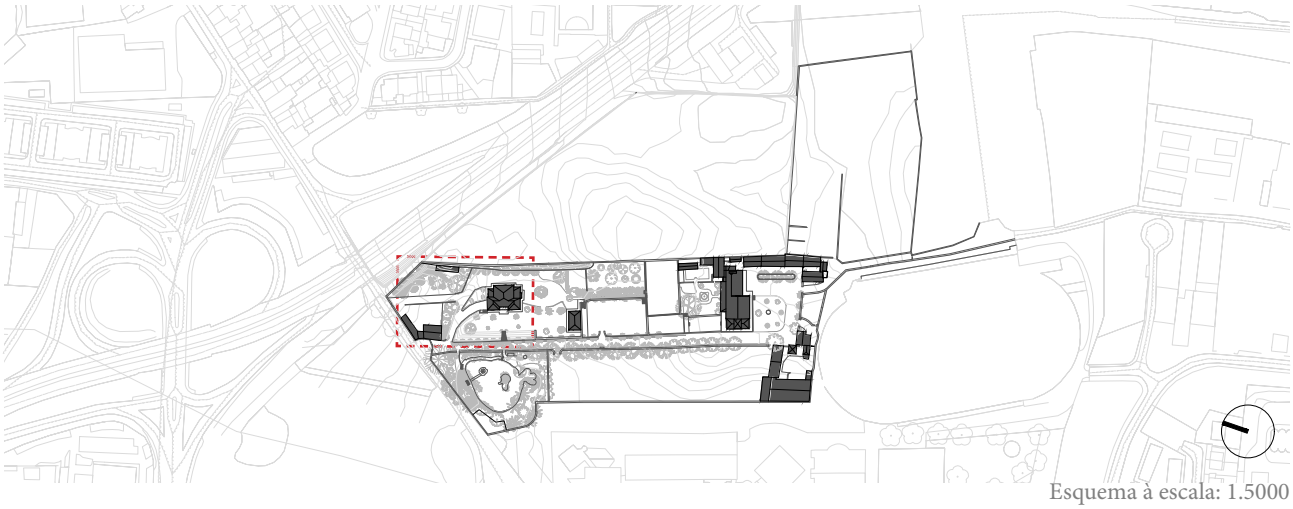

img. 15


ng. 4


ng. 8

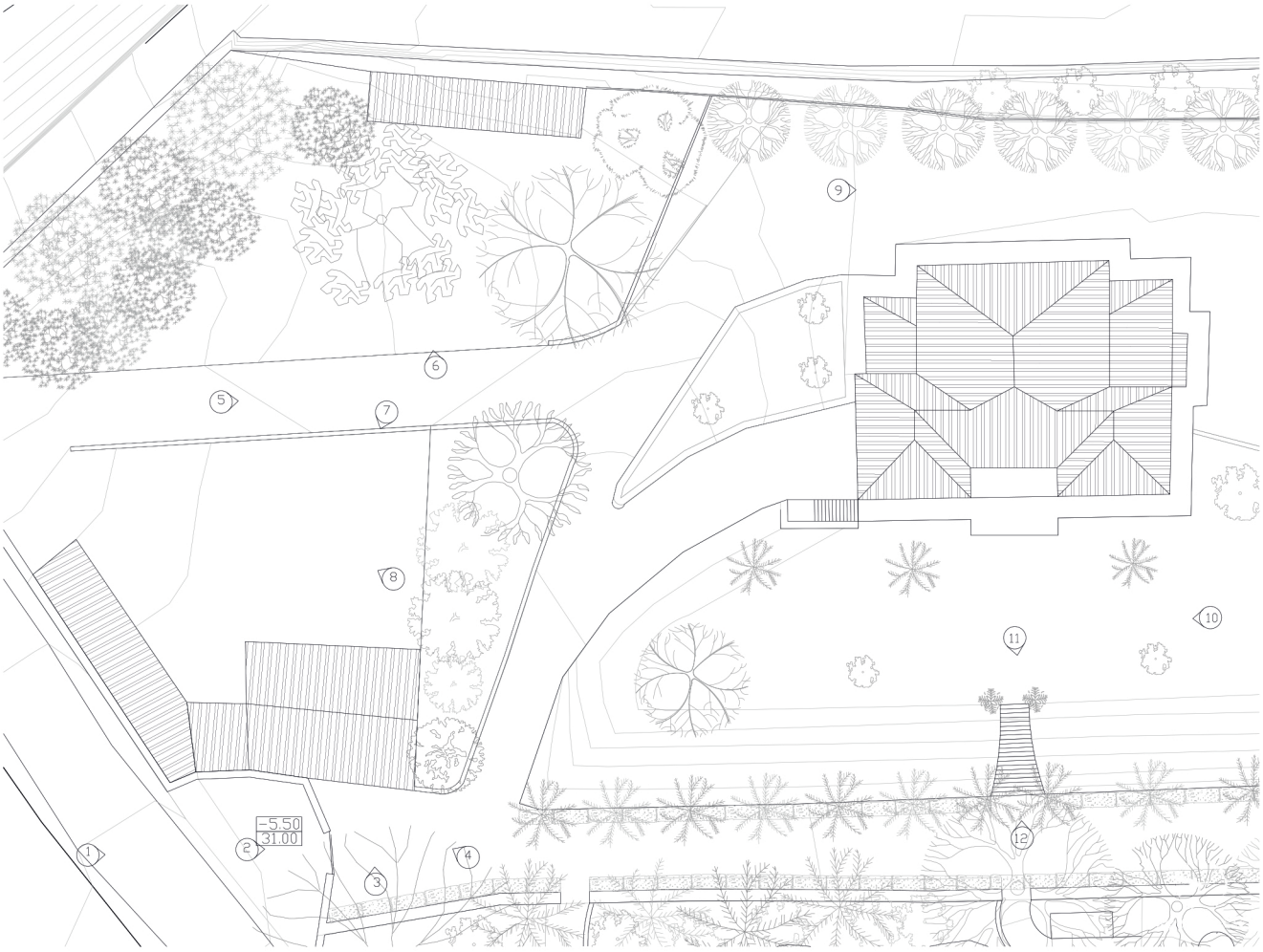

ng. 12


ng. 16



Esquema à escala: 1.5000

9. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação da área da habitação do século XX à escala 1:500. MB0119




img. 1


img. 2

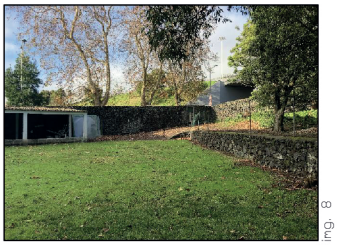

img. 3


img. 4


img. 5


img. 6


img. 7

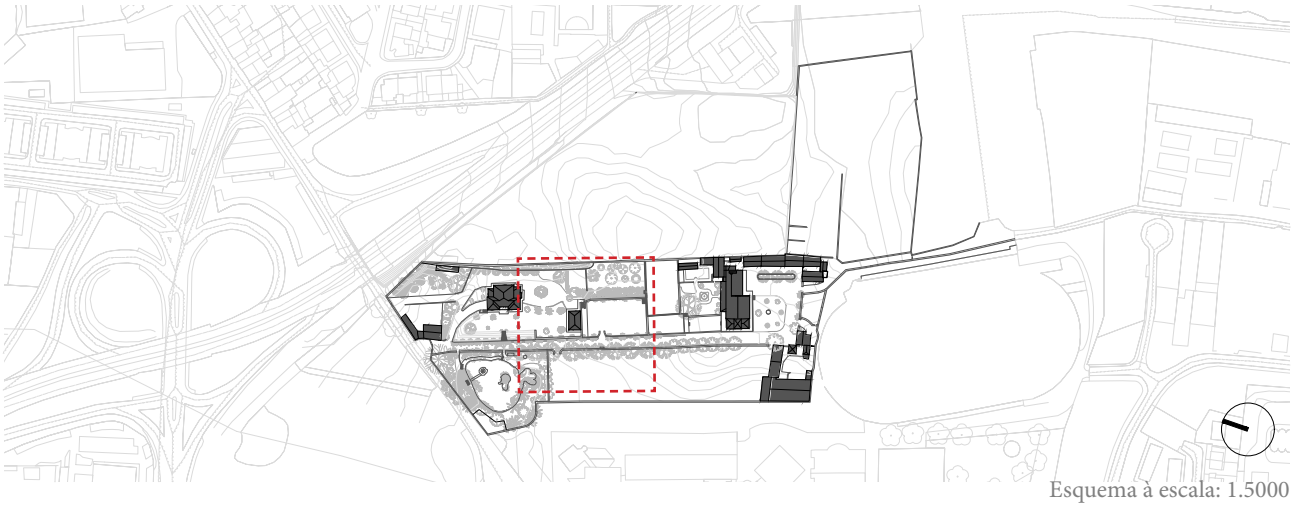

img. 8


img. 9


img. 10

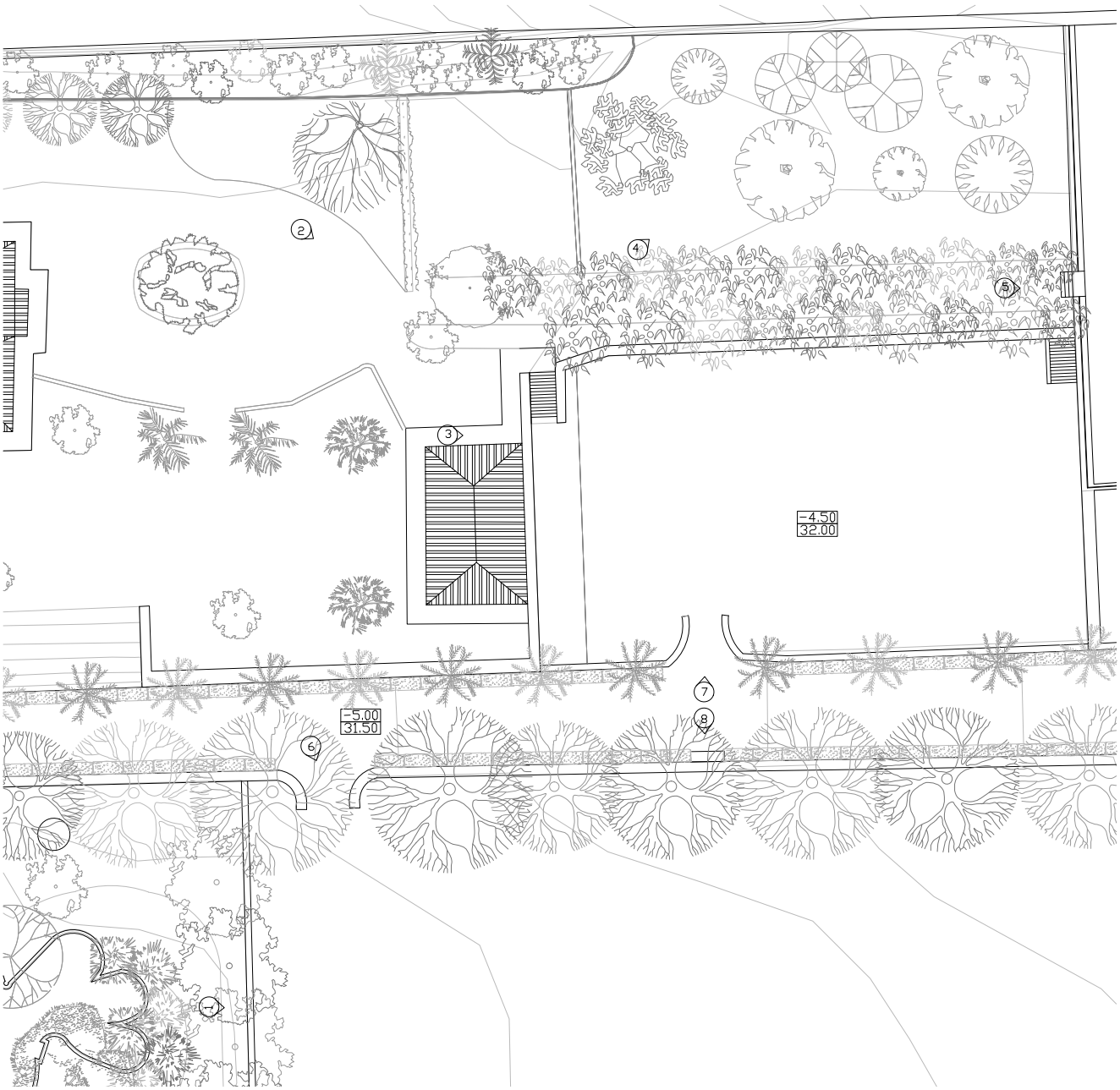

img. 11


img. 12



Esquema à escala: 1.5000

10. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do miolo da propriedade, dependências da habitação do século XX, o pomar, a alameda à escala 1:500. MB0119




img. 1


img. 2


img. 3

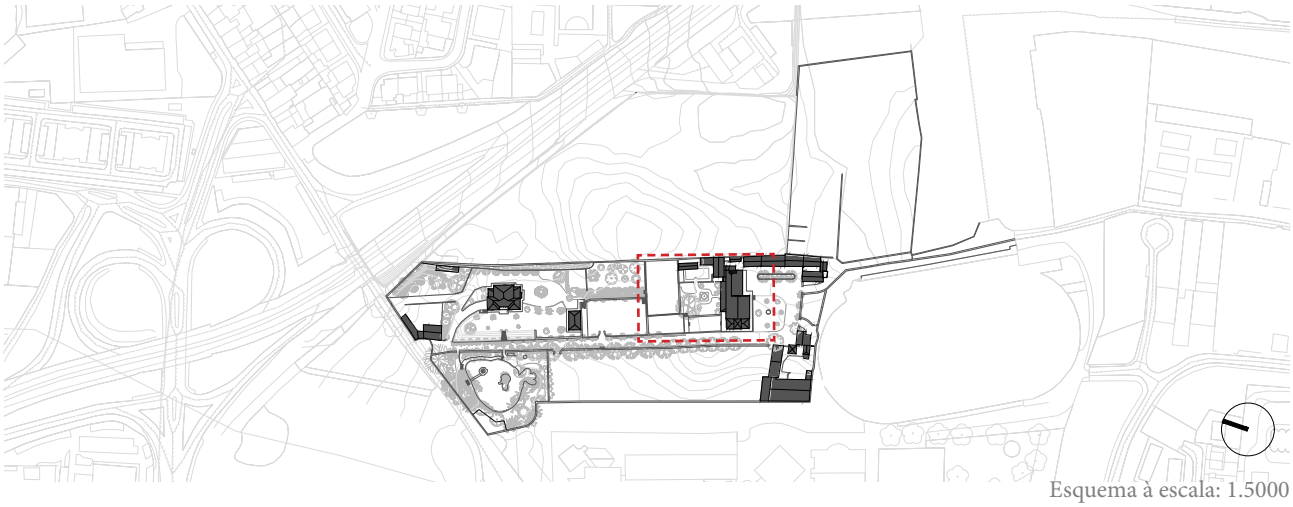

img. 4


img. 5


img. 6

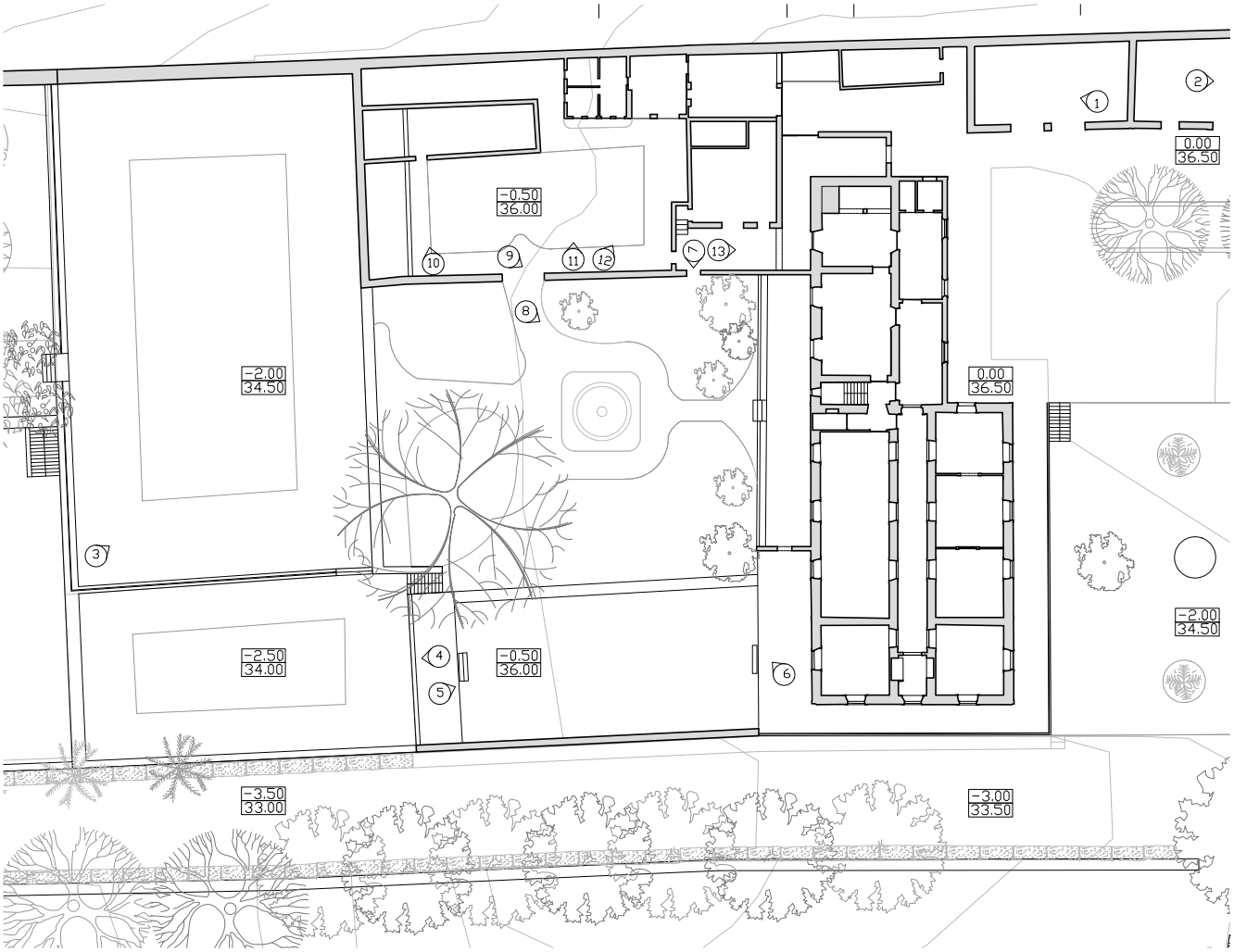

img. 7


img. 8



Esquema à escala: 1.5000

11. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação da habitação do século XIX e núcleos dinâmicos à escala 1:500. MB0119




img. 1


img. 2


img. 3


img. 4


img. 5


img. 6


img. 7


img. 8

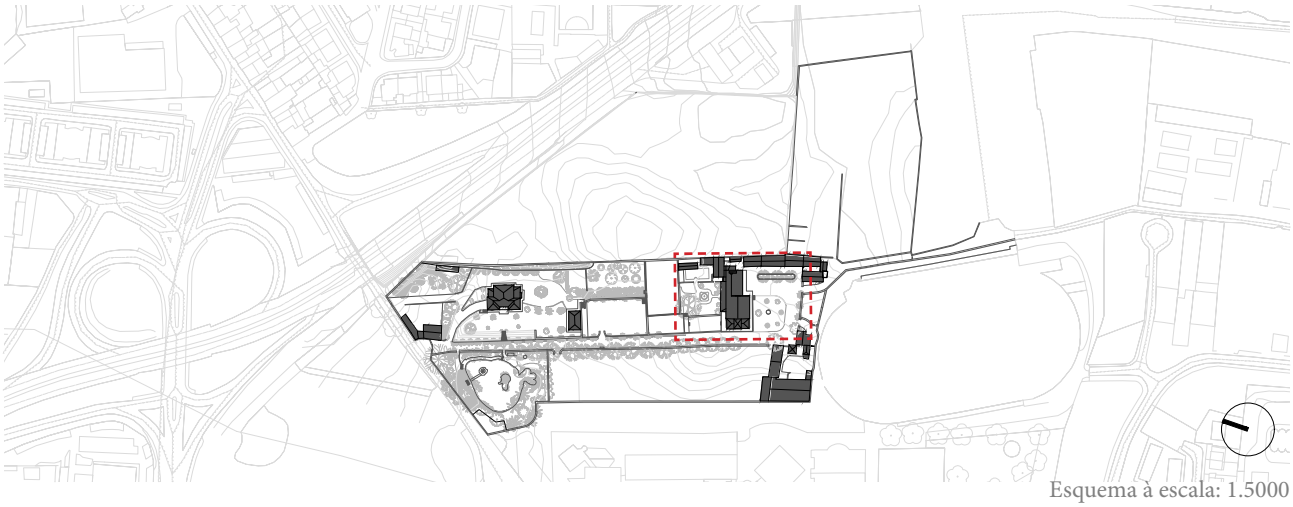

img. 9


img. 10


img. 11

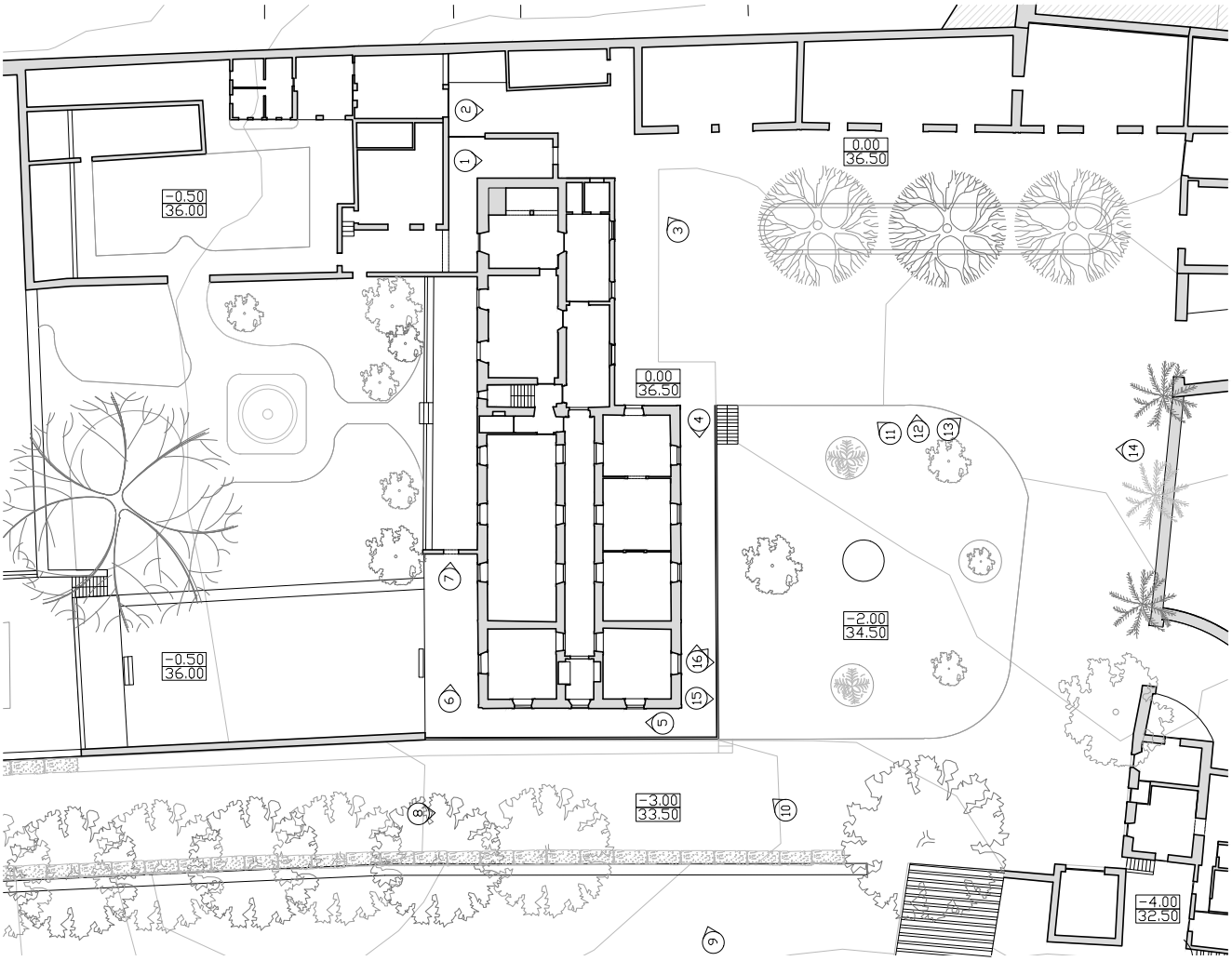

img. 12


img. 13



Esquema à escala: 1.5000

12. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação da habitação do século XIX e recinto fronteiro à fachada sul à escala 1:500. MB0119




img. 1


img. 2


img. 3


img. 4


img. 5

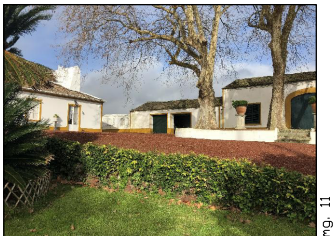

img. 6


img. 7


img. 8


img. 9


img. 10

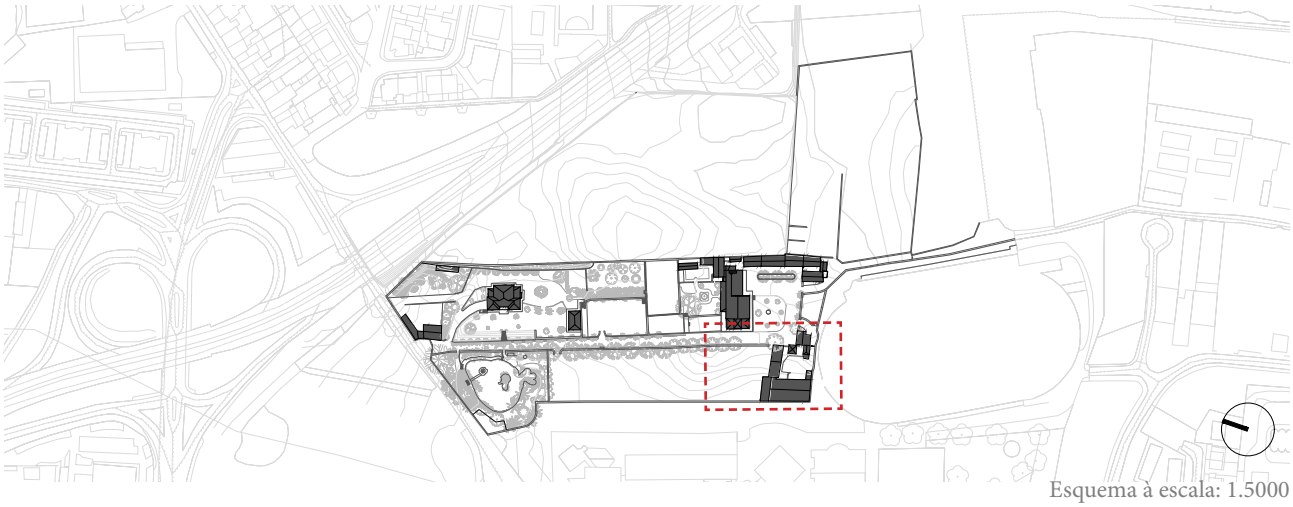

img. 11


img. 12


img. 13

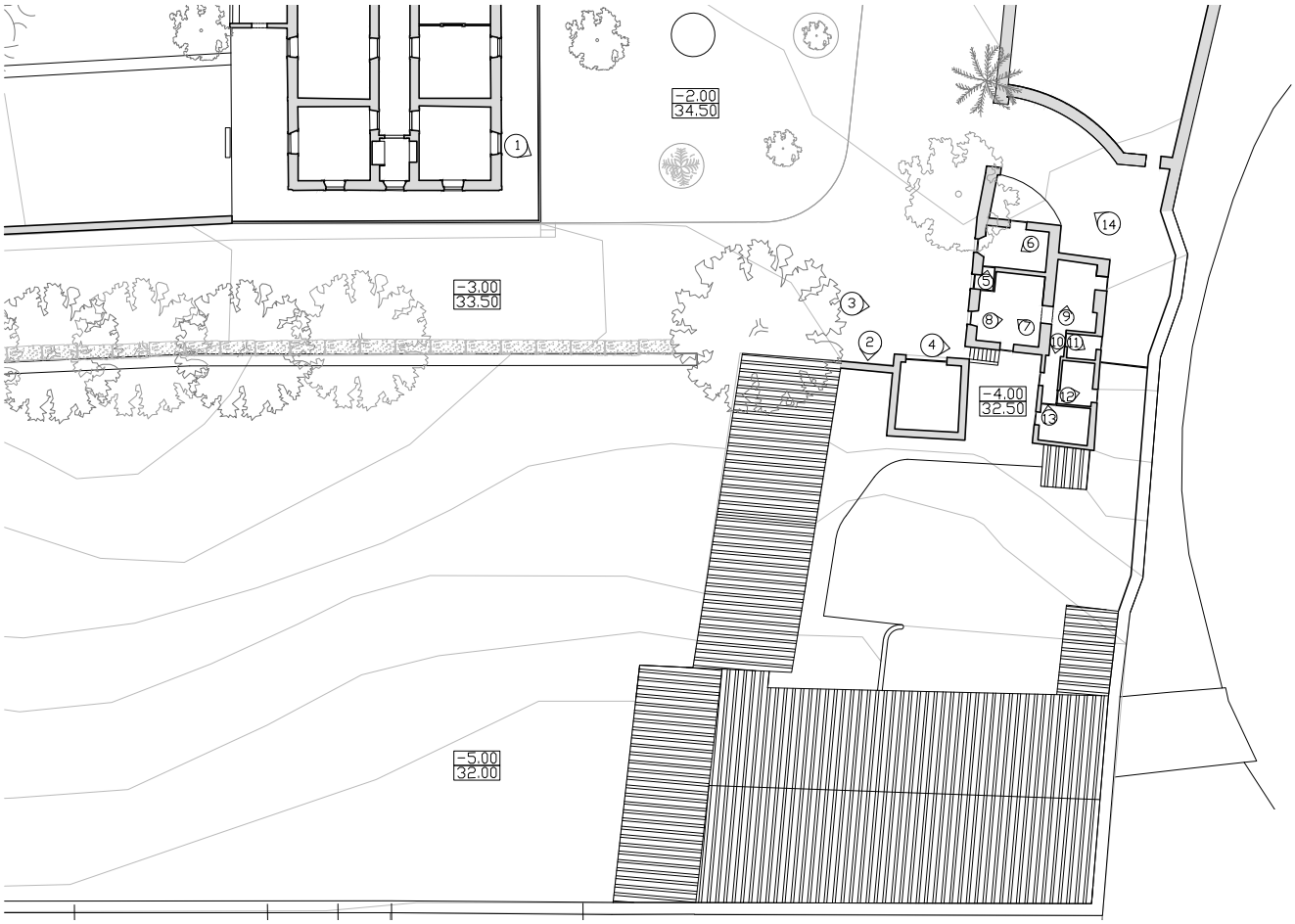

img. 14


img. 15



Esquema à escala: 1.5000

13. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do núcleo hípico e casa do caserio. Piso 0 à escala 1:500. MB0119




img. 1


img. 2


img. 3


img. 4


img. 5

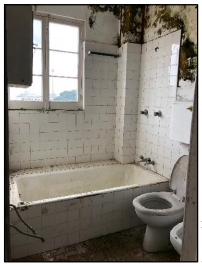

img. 6


img. 7


img. 8


img. 9

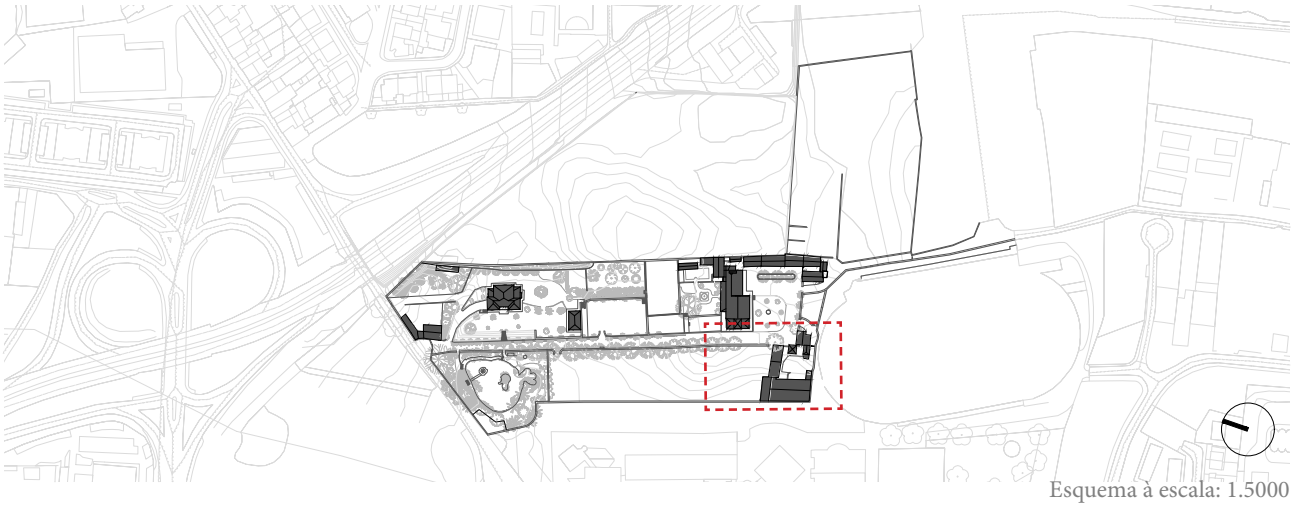

img. 10


img. 11


img. 12

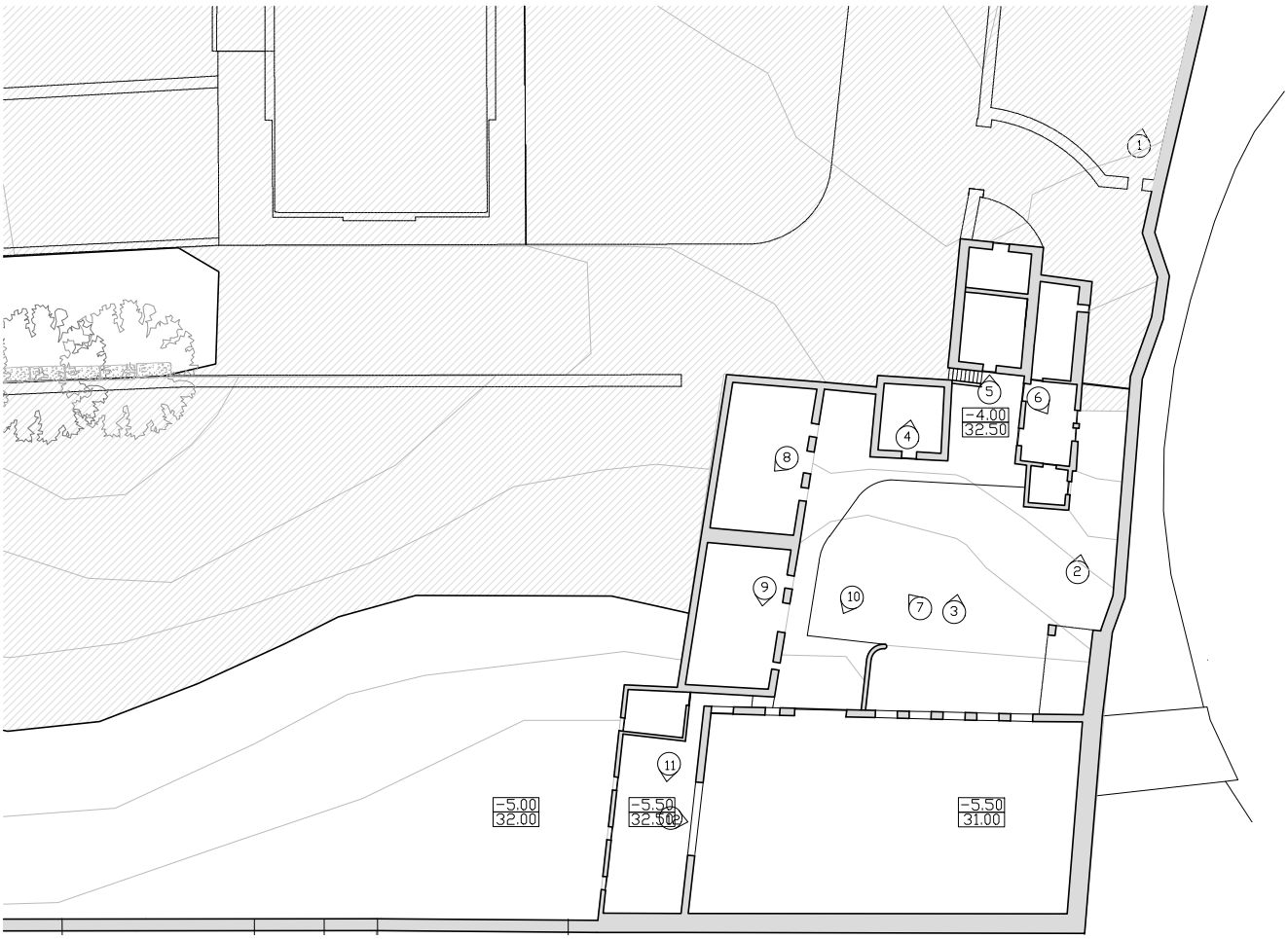

img. 13


img. 14



Esquema à escala: 1.5000

14. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do núcleo hípico e casa do caserio. Piso -1 à escala 1:500. MB0119




img. 1


img. 2


img. 3

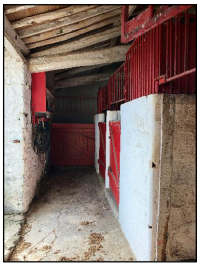

img. 4


img. 5


img. 6


img. 7

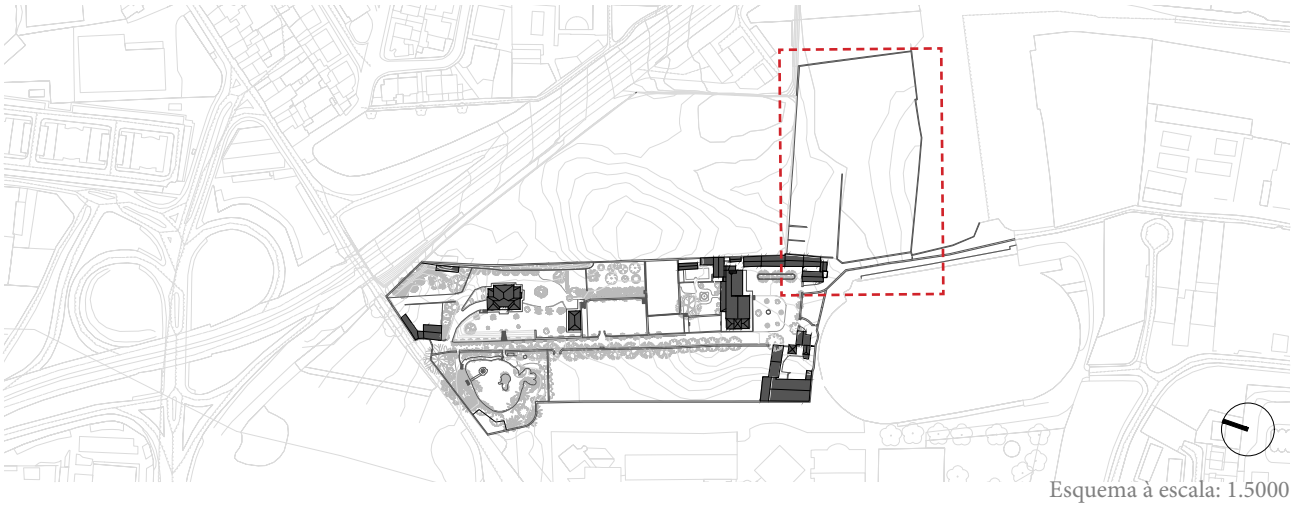

img. 8


img. 9


img. 10


img. 11


img. 12



Esquema à escala: 1.5000

15. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do pasto tardoz à escala 1:500. MB0119


img. 1


img. 2


img. 3


img. 4


img. 5


img. 6


img. 7


img. 8


img. 9


img. 10


img. 11

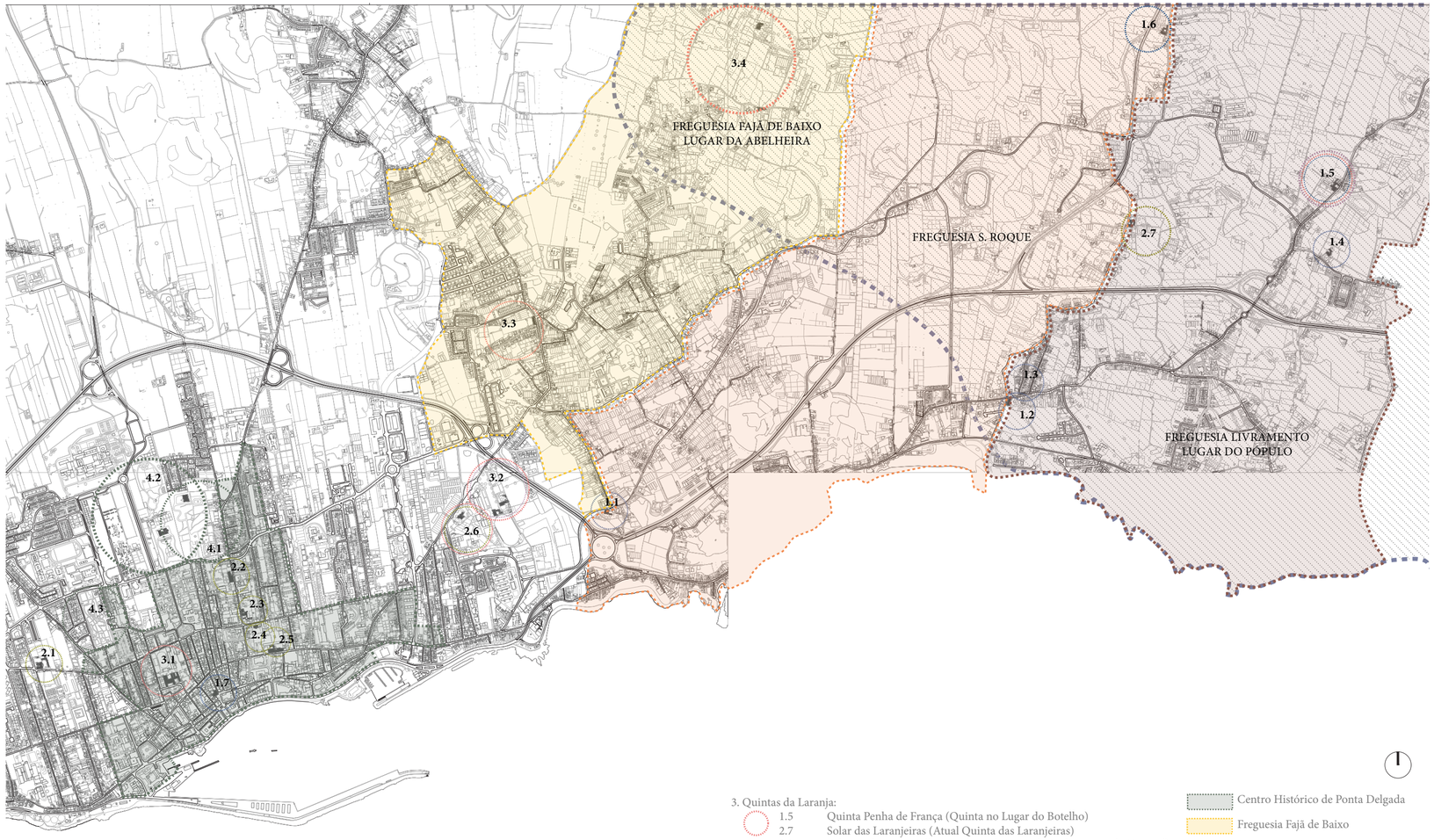
II. Desígnios entre gerações: aproximação ao problema

01. Análise e Interpretação retrospectiva entre gerações

II.01 Texto II. Breve contexto histórico
II.01 Texto III. Cronologia da Evolução e Transformação da propriedade

02. Pré-existência - transformação e tempo

II.02 Texto IV. Inquietações Teóricas: Abordagem Geral



Propriedades em que foram sendo conferidos melhoramentos, transformando-se e adaptando-se às mudanças.

1. Quintas de Veraneio:
   - 1.1 Convento de Belém
   - 1.2 Quinta da Glória
   - 1.3 Quinta Nossa Senhora do Carmo
   - 1.4 Quinta Jesus Maria José
   - 1.5 Quinta Penha de França (Quinta no Lugar do Botelho)
   - 1.6 Quinta Santa Rosa
   - 1.7 Casa da família Faria e Maia (Atual Clube Micaelense)

2. Quintas periurbanas:
   - 2.1 Solar de Santa Catarina
   - 2.2 Solar dos Faria e Maia, Casa da Arquinha
   - 2.3 Solar dos Condes Albuquerque
   - 2.4 Prédio na Rua Margarida de Chaves
   - 2.5 Solar setecentista, Convento de S. João (Atual Escola Básica Integrada Roberto Ivens)
   - 2.6 Solar das Laranjeiras (Atual Quinta das Laranjeiras)
   - 2.7 Quinta das Necessidades

3. Quintas da Laranja:
   - 1.5 Quinta Penha de França (Quinta no Lugar do Botelho)
   - 2.7 Solar das Laranjeiras (Atual Quinta das Laranjeiras)
   - 3.1 Palacete de Fonte Bella (Atual Escola Secundária de Antero de Quental)
   - 3.2 Quinta do Tanque (objeto de estudo)
   - 3.3 Quinta de Leocádio Vieira (Quinta da Rua Direita da Fajã de Baixo)
   - 3.4 Quinta da Bella Vista

3. Quintas de Regalo:
   - 1.5 Quinta Penha de França (Quinta no Lugar do Botelho)
   - 3.2 Quinta do Tanque (objeto de estudo)

4. Trilogia dos jardins de Ponta Delgada:
   - 4.1 Jardim José do Canto
   - 4.2 Jardim José Jácome Correia (Palácio de Santana)
   - 4.3 Jardim António Borges

- Centro Histórico de Ponta Delgada
- Freguesia Fajã de Baixo
- Freguesia São Roque
- Freguesia Livramento
- Cintura nas imediações da cidade procurada para a localização de quintas

DESENHO	CARTOGRAFIA LOCALIZAÇÃO DAS QUINTAS NO TERRITÓRIO
ESCALA	1/20000
Nº	16



17. Quadro de Jorge Colaço que retrata a movimentação no porto de Ponta Delgada no negócio da exportação da laranja.

Texto II
Breve Contexto Histórico

Os séculos XVIII e XIX no contexto insular são marcados por um grande desenvolvimento económico de influência inglesa dado pela *"produção de laranja, destinada à exportação,* [que] *viria a enriquecer os proprietários micaelenses, em particular, e a população açoriana, em geral, durante mais de cem anos."* [1]

Particularizando o caso da cidade de Ponta Delgada verificamos que o seu traçado é influenciado, tanto pelo desenvolvimento urbano da presença de uma poderosa classe de proprietários de terras - ligados à produção agrícola -, como pelos comerciantes e mercadores que exploram o tráfego europeu e colonial - com foco na laranja -, qualificando uma *"dupla ligação ao mundo rural e ao campo mercantil."*[2]

Assim, podemos verificar esta dualidade refletida na malha e estrutura urbana da cidade: o centro é caracterizado por uma *"rígida e organizada malha rural, de marcada orientação N-S, e parte significativa da urbe orienta-se e dilui-se nesse sistema agrário* [durante o século XIX, ... enquanto] *a zona mais litoral apresenta características urbanas muito marcadas, ligadas às necessidades portuárias e comerciais que o escoamento dos produtos exigiu"*[3].

Ponta Delgada começa a tornar-se, assim, essencialmente para as camadas mais favorecidas da sociedade - os morgados e os comerciantes ricos - um pólo de atracção, o que leva a *"um considerável adensamento do parque construído."*[4]

Embora a definição do ambiente urbano de Ponta Delgada já se caracterizasse pela presença de terrenos rurais à volta do centro urbano no final do séc. XVI, estes aumentam de importância até ao séc. XVIII [5] e *"a evolução da situação económica e a relativa pressão urbana chamou as quintas a desempenhar um novo papel, de acordo com os padrões de vida daqueles que as ordenaram."*[6] São estes *"ricos mercadores que cercam os povoados mais importantes ou se estendem ao longo da costa"*[7], que vão integrar alguns melhoramentos no âmbito dos jardins.

Deste modo, numa análise sequencial temporal com base na autora Isabel Soares de Albergaria em *"Quintas, Jardins e Parques da Ilha de São Miguel: 1785-1885",* destacamos o desenvolvimento inerente ao termo quinta, que demonstra uma evolução sequencial nos padrões de vida, que, consequentemente, influenciam os desenhos das propriedades que constituem uma matriz estruturante do desenho da paisagem.

---

1. DIAS, Fátima Sequeira – A importância da "economia da laranja" no Arquipélago dos Açores durante o séc. XIX. Sep. da revista *Arquipélago-história*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1955, vol. II, pp 189
2. Gaspar Frutuoso *apud* FERNANDES, José Manuel, *Cidades e casas da Macaronésia : evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*, 2ª ed . Porto : Faup Publicações, 1996, p.25 e 26
3. Gaspar Frutuoso *apud* FERNANDES, *Cidades e casas da Macaronésia,* 1996, p.25 e 26
4. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*, Lisboa: Quetzal, 2000. p.17
5. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.17
6. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.21
7. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.21



"Nela vemos projetar-se o extenso casario urbano contra o plano recuado de altas montanhas (...) [pretende-se] *afirmar a primazia do construído sobre o natural, no sentido de uma verdadeira apologia da civilização."*

ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*, Lisboa: Quetzal, 2000. p.8

18. Vista do mar da cidade de Ponta Delgada. Autor anónimo desenhada em finais de setecentos.

Será de referir que num primeiro momento surgem as quintas de veraneio mencionadas ao longo do séc. XVIII que, devido à atração ao pólo urbano de Ponta Delgada, levam as classes mais opulentas a usufruir do conceito da dupla habitação, habitando *"novos solares e antigas quintas remodeladas na cidade ou próximo dela e mantinham as quintas rústicas e de rendimento nas periferias"*.[8] Estas quintas caracterizavam-se por propriedades com *"modos de habitar quase sumários, sem luxos nem requintes"*[9] que, pela sua efemeridade, já não demonstram grandes vestígios no território, sendo escassas as possíveis de localizar.

Contudo, entre as possíveis, estão a Quinta Nossa Senhora do Carmo e a Quinta da Glória no lugar do Pópulo, a Quinta de Santa Rosa na freguesia de S. Roque, a Quinta de Penha de França e a Quinta Jesus Maria José no Livramento, sendo o lugar da Abelheira na freguesia da Fajã de Baixo um centro de veraneio por excelência, onde não conseguimos localizar as quintas referentes a esta época. [10]

Este conjunto de locais, do qual também faz parte as Capelas (no lado norte da costa da ilha), forma uma cintura nas periferias do núcleo urbano que se caracterizava por estar essencialmente ligada à cultura da vinha, reforçando a ideia de que, nas periferias, se situavam as propriedades de produção, e a habitação de residência localizava-se no centro urbano, como é exemplo a Casa da família Faria e Maia (atual clube micaelense).

De seguida, destacam-se as quintas periurbanas, com maior incidência na segunda metade do século XVIII, que se caracterizam pela localização perimetral em relação ao centro urbano ou na periferia mais próxima, denotando um certo *"grau de urbanização no modo de vida das camadas abastadas"*[11]. Começa, inclusive, a aparecer um maior cuidado no desenho dos jardins, surgindo nesta fase os primeiros jardins à francesa ou à italiana.[12]

A principal diferença entre as quintas de veraneio e as quintas periurbanas prende-se com um início de uma nova forma de viver, ligada a um grau mais citadino, onde começa a existir uma vontade de embelezamento de *desfrutar as delícias campestres*.

---

8. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 21
9. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 24
10. A destacar que a simbologia da localização das quintas prende-se com uma representação abstrata, por não se conseguir identificar com rigor a dimensão e composição destas quintas na época que estamos a estudar. Consultar p.40 onde consta o desdobrável que acompanha o capítulo para uma maior perceção da localização das quintas referidas.
11. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 35
12. *"aparecem os primeiros jardins – jardins d'agrément à francesa ou à italiana – muito embora marcados pela probreza dos seus programas iconográficos e cenográficos."* ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 24



Pátio de entrada
Jardim nobre



19. Fotografia aérea do Solar de Santa Catarina.
20. Fotografia exterior do Solar de Santa Catarina.

Enquanto no século XVII havia uma ânsia para *"afirmar a posse e domínio de* [que] *uma porção* [de terra] *foi domesticada"*[13] através do Vínculo[14] e, por isso, criavam-se muros e excluía-se a natureza exterior, agora introduz-se uma relação visual com a envolvente e com a paisagem, introduzindo-se elementos como *"balcões, erguidos geralmente sobre arcos abatidos dando para o jardim, as varandas e os mirantes."*[15]

De entre estas quintas periurbanas com um carácter mais ostentoso de que são exemplos o Solar dos Faria e Maia (Casa da Arquinha), o Solar dos Condes Albuquerque, o Prédio na Rua Margarida de Chaves, o Solar setecentista Convento de S. João (atual Escola Básica Integrada Roberto Ivens) e o Solar das Laranjeiras (atual Quinta das Laranjeiras), destacam-se o Solar de Santa Catarina e a Quinta das Necessidades pela pertinência e relevância na relação com o nosso objeto de estudo.[16]

O Solar de Santa Catarina, muito alterado ao longo dos anos, possui como características principais: uma entrada que se conforma por *"um enorme pátio* [que] *ladeia a fachada principal agregando em seu redor as habitações dos trabalhadores, cocheiras, estábulos, lagares e outras dependências"*[17]; e um jardim, localizado nas traseiras da casa

> *"delimitado a sul pelas construções da casa e nos restantes lados por muros altos, comunicando com o pátio de entrada por um portão rasgado próximo do ângulo norte. Na sua forma actual, compõe-se por um vasto parterre rectangular traçado em cruz, formando ao centro um tabuleiro ovalóide, mais pequeno, no sentido do eixo menor. Aparecem buxos nas bordaduras dos canteiros de relva e algumas plantas herbáceas vicejando nos canteiros formados ao centro. (...) Em articulação com o jardim coloca-se o pomar, esquadriado na rede de abrigos (Sebes vivas)"*[18].

Seria ainda de destacar na habitação a presença de um torreão recuado, característico das habitações urbanas, que representava o:

> *"desejo de quebrar o isolamento característico da vida insular, dada a relação que naturalmente permitem estabelecer com uma paisagem urbana de vistas mais amplas, mas sobretudo pela ligação visual com o oceano, meio de transporte e de ligação ao "exterior" fundamentalmente na época analisada".*[19]

---

13. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 36
14. *"instituição jurídica ou condição de certos bens que devem andar perpetuamente anexos em uma família determinada, por uma forma especial de sucessão, sem poderem ser divididos, nem alienados."* BORGES, Pedro Maurício, *O desenho do território e a construção da paisagem na Ilha de S. Miguel, Açores, na segunda metade do século XIX, através de um dos seus protagonistas,* Coimbra, 2007, p. 35
15. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 36
16. Consultar página 40, onde consta o desdobrável que acompanha o capítulo para uma maior perceção da localização das quintas referidas.
17. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p.26
18. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 25
19. FERNANDES, *Cidades e casas da Macaronésia*, 1996, p.187







21. Fotografia aérea da Quinta das Necessidades.
22. Fotografia exterior da Quinta das Necessidades do ponto de vista do jardim fronteiro à fachada principal e de um ponto de vista mais longíquo, da envolvente.

Por outro lado, a Quinta das Necessidades que se localiza mais longe do centro urbano, no Livramento, não apresenta no traçado da habitação um torreão, elemento utilizado por excelência para demonstrar a vontade de relação visual ampla com o exterior, conferindo, por sua vez, o desenho de trapeiras. Contudo, introduz uma dicotomia interior – exterior até então inexistente, sendo pioneira na introdução de outros elementos que incentivam o observar além dos seus limites. Os habituais muros altos que criavam barreiras visuais característicos destas quintas e, consequentemente, da paisagem, são substituídos aqui por uma implantação *"numa zona de acentuado declive"*[20], que estabelece um domínio sobre a envolvente.

Esta quinta caracteriza-se por um pátio de entrada circundado pela capela, pelo edifício habitacional e dependências, voltando-se a fachada principal para *"o jardim privado* [que] *beneficia do enquadramento cenográfico da fachada sul da casa, que por sua vez estabelece um domínio visual sobre o plano do jardim e os terrenos em volta, estendidos até à costa."*[21]

Adjacente à fachada sul, desenvolve-se um balcão *"que termina num parapeito com balaústres de basalto e duas escadarias nos ângulos."*[22] Sobre o jardim, *"O centro da composição é ocupado pelo habitual tanque circular com repuxo elevado sobre coluna central e com os canteiros distribuídos à volta"*[23], fazendo também parte da composição um fontanário.

É com ponto de partida neste maior cuidado no desenho de relação com o exterior das quintas periurbanas, que surgem, a partir do primeiro terço do séc. XIX, as quintas das laranjas. Com o grande desenvolvimento na produção e comercialização intensiva dos citrinos, essencialmente entre 1750 a 1860, os laranjais e pomares começam a adotar o termo *quinta*[24] e, inclusive, começa a haver uma necessidade da sua expansão pela sua vasta procura.

As laranjas, começando a ser associadas à riqueza e ao ornamento da ilha, levam a um desenvolvimento das suas quintas essencialmente caracterizadas por *"muros, arruamentos, pavilhões, mirantes e, sobretudo, os portais de acesso"*[25]. Destas conseguimos localizar o Palacete de Fonte Bella (atual Escola Secundária Antero de Quental) e a Quinta de Leocádio Vieira, que se caracterizam pelos portais de acesso e pavilhões e mirantes ainda hoje subsistentes, e a Quinta da Bella Vista e a Quinta das Laranjeiras - esta última primeiramente considerada periurbana que se desenvolveu numa quinta da laranja. [26]

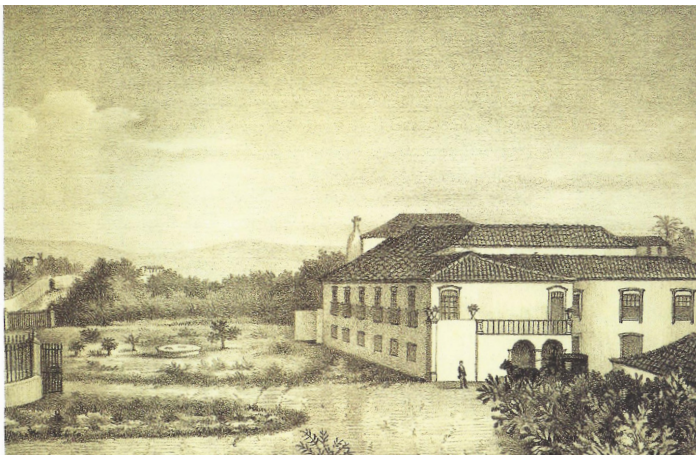
---

20. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 29
21. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 30
22. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 31
23. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 31
24. *"Apartir do primeiro terço de Oitocentos, o laranjal, até então chamado "pomar", "jardim da fruta" ou "bosque de laranjeiras", passa a ser sistematicamente designado por quinta."* ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 50
25. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, , p. 58
26. Consultar página 40, onde consta o desdobrável que acompanha o capítulo para uma maior percepção da localização das quintas referidas.



Pátio de entrada

Trajeto da Rua originalmente



23. Fotografia aérea da Quinta das Laranjeiras.
24. Gravura de 1869. Já a Rua das Laranjeiras teria sido modificada conferindo um alargamento de jardim em frente à habitação.

Outrora paredes meias com o nosso objeto de estudo, a Quinta das Laranjeiras, acredita-se ter sido em tempos pioneira na plantação intensiva dos citrinos, sendo que os extensos laranjais cruzados por longas alamedas, se prolongavam até ao mar, por entre ruas ensombradas por árvores silvestres, com os terrenos cuidadosamente ajardinados localizados junto à casa. Já a habitação implantava-se com:

> *"o eixo maior da construção marginando a rua, a entrada orienta-se para o pátio lateral definido por um amplo terreiro murado. Ao longo do corpo rectangular distribuem-se os aposentos em linha, terminando com a capela num dos extremos, e com o balcão da entrada, assente sobre arcaria rebaixada, no outro extremo."*[27]

Dos dispositivos característicos *"destacava-se o portão velho do leão(...), havia ainda uma pequena fonte de taça circular no relvado fronteiro, e atrás, junto ao galinheiro, um pequeno lago terminando numa rockerie em cascalho vermelho, formando uma gruta parcialmente coberta com trepadeira."*[28]

Esta quinta, muito transformada e expropriada ao longo dos anos, é um *"modelo da villa periurbana, transformada com os sinais de ostentação e riqueza, a que se alia uma vontade de progresso económico, esta quinta é o testemunho perfeito de como a laranjeira se tornou "a providencia", a riqueza e o ornamento da ilha."*[29]

É com esta justificação económica centrada na laranja que, as próprias quintas, começam também a denunciar *"novas modalidades de convívio, traduzidas nos passeios e piqueniques"*[30] que denotam uma ainda maior alteração nos hábitos sociais. Há, essencialmente, em paralelo *"à especialização progressiva do pomar de laranjeiras (...) um movimento de ajardinamento no interior do espaço da quinta, que desencadeou a formação de um novo gosto, de matriz romântica, muito ligado ao fenómeno do pitoresco da paisagem."*[31]

Assim, por fim, no sentido do mais relevante a este contexto de estudo, vêm as quintas de regalo que após o enriquecimento dos morgados e comerciantes da ilha, devido à produção e comercialização da laranja, abraçam *"o novo programa ideológico e cultural do liberalismo, colocando-se em posição de poder avançar com propostas estéticas inovadoras no quadro das suas quintas de luxo."*[32]

Todo o ambiente que se viveu durante a permanência de três meses do estado-maior do Duque de Bragança nos Açores levou a uma transformação social que *"atingiu as camadas mais abastadas da sociedade e, de um modo particular, os agentes envolvidos no negócio da laranja. Para estes, os contactos com o exterior passaram a fazer parte de um modo de vida."*[33]

---

27. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 71
28. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 72
29. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 73
30. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 58
31. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 52
32. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 64
33. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 67



25. O Tanque, elemento arquitetural de embelezamento de jardins.

Os micaelenses começaram a sentir-se parte de um mundo maior do qual faziam parte. Multiplicam-se as viagens de negócio e de recreio com vista às capitais europeias, o que traz influências culturais a todos os níveis: quer na forma de vestir, quer na forma de mobilar, nas atividades sociais; *"sonha-se com obras de civilização; com o avanço da agricultura e da indústria, com a instrução pública e o cuidado na educação (...). Os ricos procuram pelo gosto e pela arte"*[34].

Assim, há por parte dos morgados e comerciantes ricos uma vontade de conferir, nas suas quintas, investimentos para *"embelezamento, ostenteção e deleitamento, capazes de a transformar em objecto de fruição estética"*[35].

É nesta última associação ao termo quinta, quinta de regalo, que surge a Quinta do Botelho (outrora denominada Quinta Penha de França já referida na época das propriedades de veraneio) e a Quinta do Tanque, outrora considerada Quinta do Morgado Laureano[36], nosso objeto de estudo, aprofundado no corpo de texto. [37]

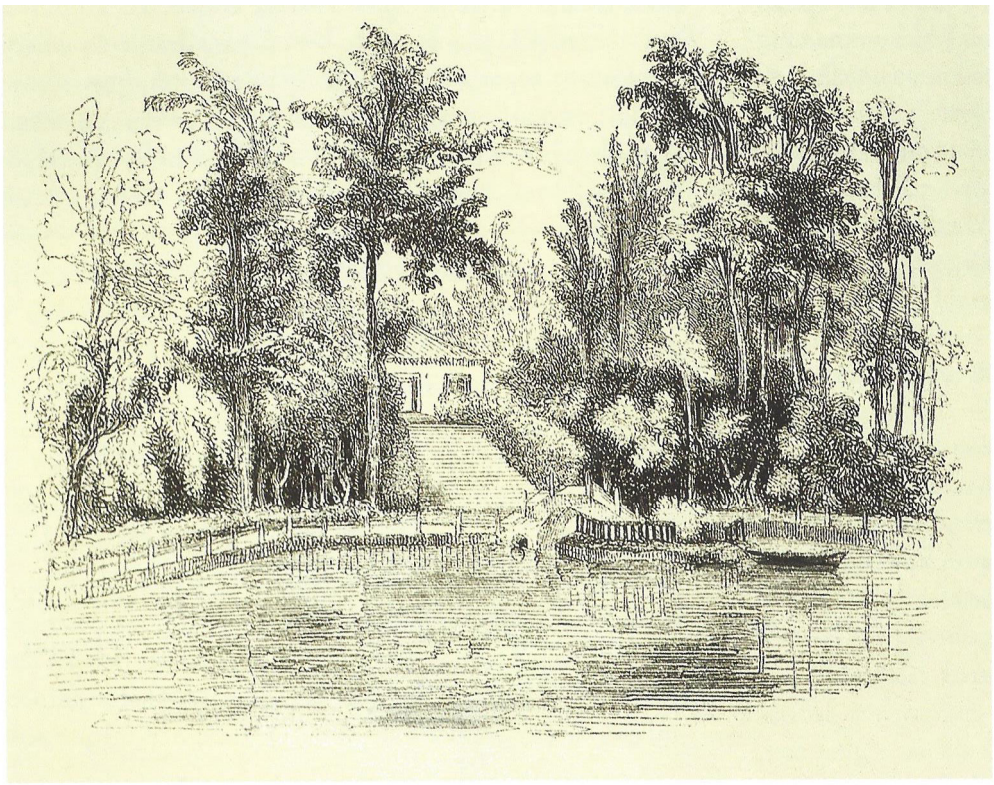
Neste breve contexto será ainda pertinente referir dois casos particulares que são contemporâneos a este período de estudo.

Por um lado, será importante referir que, aquando esta última fase associada ao termo quinta, quinta de regalo, na segunda metade do século XIX, desenvolviam-se também por parte de três senhores da ilha, projetos encomendados em Inglaterra de desenhos de jardins para as suas propriedades localizadas nas imediações próximas do centro urbano.

Estes jardins, Jardim José do Canto, Jardim José Jácome Correia e Jardim António Borges, atestam *"a mudança de gosto e o amadurecimento estético de uma classe de encomendadores que se opõe (...) às soluções de embelezamento adoptadas pelos homens do liberalismo nas suas quintas de regalo."*[38] Estas últimas, caracterizadas por denotarem um certo grau de insipiência e timidez no que respeita ao gosto pitoresco de influência inglesa, diferiam destes jardins que introduziam o gosto pelo paisagismo, pela obra de jardinagem, num sentido de configurar património com uma vocação pública e não para aproveitamento privado, como as primeiras.

Por outro lado, é igualmente relevante mencionar um caso particular fora dos núcleos de civilização que, num cenário distinto, permaneceu durante anos como única casa de campo: a propriedade do americano Thomas Hickling, no vale das Furnas. A primeira referência a esta propriedade data 1782, data da compra do terreno, todavia prevê-se que a construção se efetua em data próxima de 1785[39]. Nesta altura a propriedade:

34. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 67
35. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 53
36. Como é referida na obra de Isabel Soares de Albergaria, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885* na página 73
37. Consultar página 40, onde consta o desdobrável que acompanha o capítulo para uma maior perceção da localização das quintas referidas.
38. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 113
39. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 41



26. Gravura publicada num relato de viagens em 1845, constitui o único registo iconográfico da casa de campo que teria sido construído no vale das furnas em finais de setecentos.

"incluía a casa, uma avenida de buxos que a ela conduzia partindo da entrada e um grande tanque circular, situado em frente a uma larga escadaria de pedra com 50 degraus. Ao centro deste tanque, ficava uma ilhota onde crescia um chorão, ligada à margem por meio de uma pequena ponte. No que respeita à casa, sabemos que se tratava de uma habitação de tipo fragmentado, distribuída por dois ou três núcleos construídos: a "casa de dormir", separada da cozinha e dependências para a criadagem e, agregado ou separado deste último conjunto, o portão e casa do porteiro."[40]

Pouco existe desta primeira casa, uma vez que em 1852 esta é substituída por uma construção mais imponente, a "Casa do Parque", a qual o marquês da Praia introduziu novos melhoramentos na década de 1870. Não desmerecendo a restante história que nos guia ao Hotel Terra Nostra que hoje conhecemos - ainda um dos pontos de maior interesse de visita nas Furnas-, interessa-nos para este trabalho particularmente retirar que em 1785 já existia uma propriedade em São Miguel que, terá sido a primeira a deter este elemento pitoresco do tanque com ilhota que provavelmente terá sido a influência para os restantes existentes na ilha.

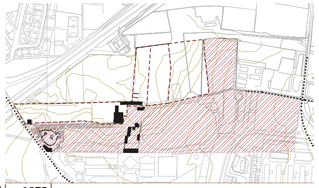
"Regressando à propriedade do Tanque, verificamos que os primeiros elementos construídos são a casa com a sua vista panorâmica e o tanque povoado de peixes, patos e cisnes. Este Tanque é o centro formal e funcional da propriedade. Em volta dele reúnem-se os habitantes da aldeia e os forasteiros para passear, dançar, bordejar e pescar. Olhando-o, percebe-se de imediato que ele não é o lago artificial dos jardins paisagistas ingleses, mas uma peça arquitectural. A origem deste tipo de elemento de jardim é, de facto, anterior ao século XVIII e insere-se quanto a nós, numa tipologia muito popular nos jardins ingleses do século XVII: os fishpounds, essencialmente destinados a uma pesca de recreio."[41]

Este breve contexto histórico que envolve o nosso objeto de estudo serve como uma síntese reflexiva sobre a bibliografia e informação lida que ajudou na compreensão da oportunidade.

40. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 41
41. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel*, 2000, p. 44



1856
Volumetria efetivamente construída



1872 **1875**
Sequência de desmatelamento às parcelas da propriedade, pela viúva D. Maria Luíza



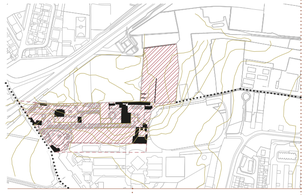
2020
A Quinta do Tanque hoje.



1850
Proposta do projeto para a habitação



1880
Compra da propriedade por António José de Vasconcelos

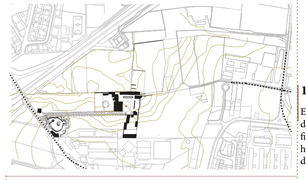




1847
Primeira campanha de obras na Propriedade.



Recuperação dos terrenos outrora percentecente à quinta
1886 **1891**



1978
Eugénio Soares de Albergaria, filho de Eduardo, herda a propriedade

linha cronológica

1800 | 1850 | 1900 | 1950 | 2000

Proprietário António Borges de Sousa Medeiros e Canto

Proprietário Morgado Laureano

Administração por parte da viúva D. Maria Luíza

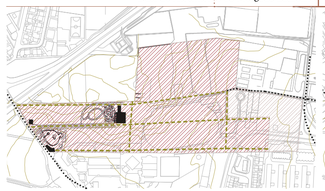
Proprietário António José de Vasconcelos

Proprietário Eduardo Soares de Albergaria

Proprietário Eugénio Soares de Albergaria



1835
59 alqueires menos 6 varas de terra arrematados pelo Morgado Laureano



1869
Data do falecimento do Morgado Laureano



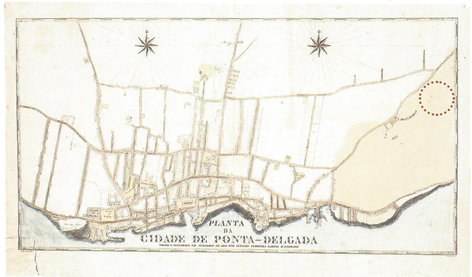
1917
Eduardo Soares de Albergaria, neto de António, herda a propriedade



LEGENDA:

- Proposição da localização das avenidas de laranja com base nos relatos históricos e desenho da propriedade.
- Parcelas compradas
- Parcelas vendidas
- Área pertencente à propriedade
- Parcelas com desconhecimento da data de agregação
- Elementos compositivos

Plantas escala 1:7500 Nº 27



27.



28.

Área de localização do nosso objeto de estudo

28. Planta da Cidade de Ponta Delgada, levantada e desenhada em 1831 por António Ferreira Garcia de Andrade.
29. Planta da Cidade de Ponta Delgada, com data e autor desconhecido.

Texto III
Cronologia da Evolução e Transformação da Propriedade

Como forma de entendimento da evolução e transformação da propriedade ao longo dos anos, para uma compreensão da relevância arquitetural das modificações consequentes, realizou-se uma cronologia detalhada sobre a quinta, desde o momento das primeiras intervenções, séc. XIX, até aos dias de hoje, séc. XXI.

Tentou-se uma descrição fiel, no confronto das várias referências recolhidas, quer das informações bibliográficas existentes, como dos documentos do arquivo privado da família Soares de Albergaria, para um relato fidedigno da história da quinta.

A Quinta do Tanque, data a sua primeira referência enquanto propriedade em 1835, quando o proprietário Laureano Francisco da Câmara Falcão *"arremata perpetuamente em hasta pública a propriedade de 59 alqueires menos 6 varas de terra, sito às Laranjeiras subúrbios desta cidade"*[1]. [2]

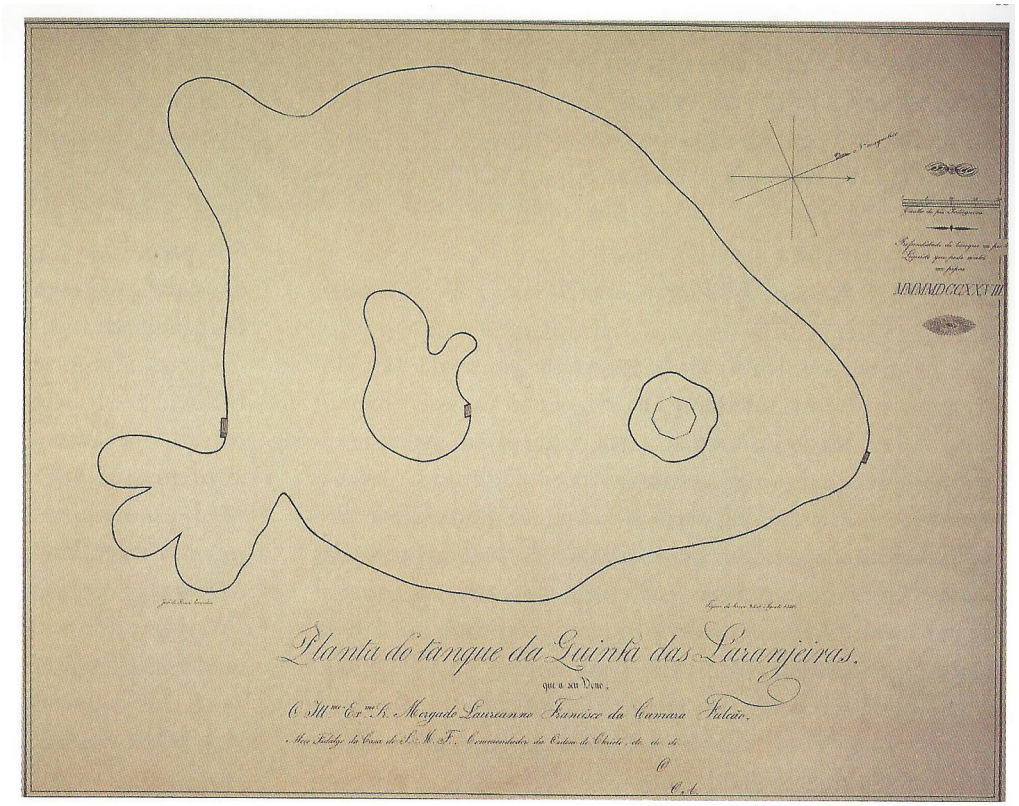
Num confronto entre a descrição acima citada que refere a arrematação de um pedaço de "terra" e a cartografia existente da cidade de Ponta Delgada que data o ano de 1831, podemos verificar que a área onde hoje se localiza a Quinta do Tanque, encontra-se árida aquando a compra do Morgado, não existindo qualquer construção realizada por anteriores proprietários.

Através de bibliografia primeiramente referida por Isabel Soares de Albergaria, chegamos à curiosa conclusão de que a primeira campanha de obras realizada na propriedade foi efetuada a mando do Morgado Laureano, com a construção do recinto do tanque, descrito por duas fontes coevas.

Eliza Nye, em 1847, visita a propriedade e descreve no seu *"Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro "Slyph"*, que:

> *"A quinta é um perfeito paraíso e o sítio mais encantador que tenho visto. Contém 30 alqueires de terreno com* ***cinco lindas avenidas****, que o atravessam.*
>
> *As árvores são educadas de modo a formarem como que dois altos muros, havendo além de tudo* ***uma avenida*** *com árvores de cada lado, tocando-se ao alto e formando uma* ***esplêndida alameda****.*
>
> *Existem ali dois tanques; um rodeado de pedra vulcânica inteiramente coberta de trepadeira. É um lugar deleitável para passar uma tarde de verão, a ler ou a costurar.*
>
> *O outro* ***tanque*** *é mais belo e muito amplo,* ***contendo duas ilhotas*** *cobertas,* ***uma delas com flores e árvores, e a outra com um pagode chinês*** *com campainhas de cimo, que produzem linda música quando o vento sopra.*
>
> *Vê-se ali um barco pequeno e dois cisnes, além de patos que brincam*

1. Excertos das actas de arrematação pertencentes ao arquivo privado da família Soares de Albergaria. Consultar anexo p. 96.
2. Alqueire *"medida de superfície e que é utilizado ao longo dos anos nas medições de terrenos agrícolas ou florestais, para inventário do património dos respectivos proprietários, quer na compra e venda de propriedades rústicas quer ainda para cálculos de foros"* ALMEIDA E SOUSA, Albano, in *Revista Imobiliária n.82*, num Especial Dossier Açores.



30. Planta de Levantamento do Recinto do Tanque em 1850 por José de Torres, disponibilizada pelo proprietário.

na água.

Lindas flores e veredas sinuosas ***conduzem a diferentes casas de Verão e torreões.***

Num lado do tanque há um ***fontenário****, que não estava, porém, a funcionar na ocasião.*

Custou-me a abandonar aquele lugar tão aprazível e não pude deixar de pensar que, se as lindas propriedades e riquezas podem fazer alguém feliz, decerto que o é o dono desta quinta. ***De um lado avista-se o mar, tencionando o proprietário construir ali um pequeno forte numa colina,*** *donde se disfruta vista do oceano,* ***intentado outrossim edificar um vasto salão de baile no terminal de uma das avenidas****, com pequenas lâmpadas suspensas das árvores de um lado e doutro."*[3]

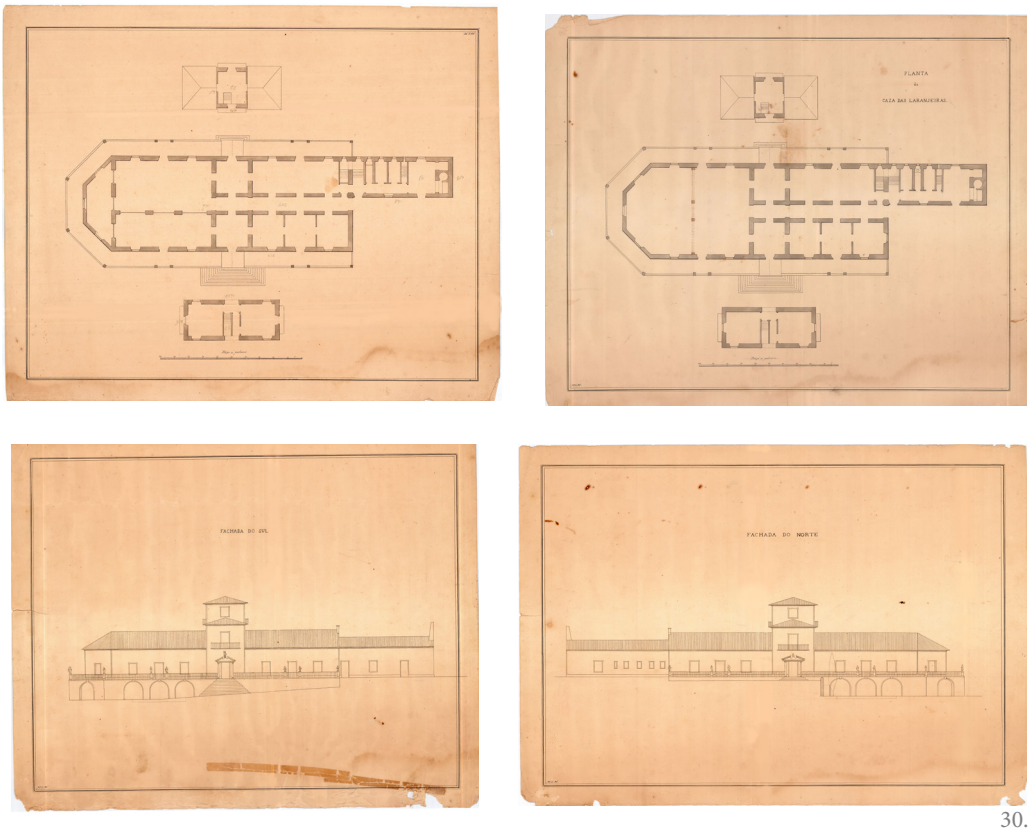
Anos mais tarde, em 1852, Peter Wallace em *"Gardens and Orange Grounds of St. Michael"*, descreve que: *"Há alguns anos atrás, o Senhor Laureano fez um jardim inglês, que continha relva, trabalho com rocha (pedra), água, mudanças de cota (montes e vales) e fontes em pouco mais que 1 acre de terreno* [4046,856m2]*."*[4]

Através destes dois testemunhos - e do realce da autora Isabel Soares de Albergaria que refere que: *"saindo deste recinto,* [o tanque] *podia então percorrer-se os laranjais ao longo de cinco avenidas que os atravessavam, três no sentido longitudinal e duas na perpendicular."*[5] - podemos afirmar com segurança que entre 1835 e 1847 realizaram-se as primeiras campanhas de obras na Quinta, existindo uma preocupação no tratamento e desenho dos jardins com a presença dos laranjais característicos da época que se vivia no séc. XVIII e XIX. Ainda podemos afirmar que, neste período, não existia qualquer referência à construção de uma habitação, se não a intenção de se construir um vasto salão de baile que confira um ambiente festivo e ostentador à quinta, na cota mais alta.

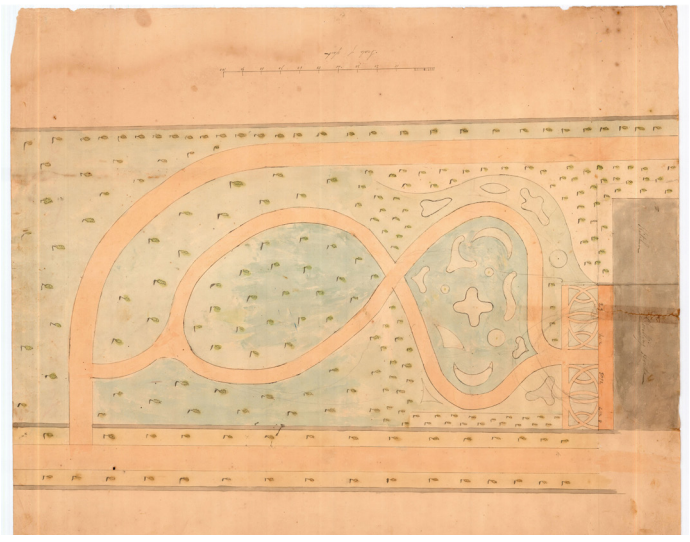
Após esta primeira campanha de obras, chega-nos através do atual proprietário uma planta de levantamento do recinto do tanque que data 1850, realizada por José de Torres, que acreditamos que teria sido pedido pelo morgado Laureano por haver a *"intenção de se empreender novas obras na quinta"*[6].

---

3. NYE, Eliza Williams, "Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro "Slyph", em Julho de 1847", in *Insulana XXIX-XXX (1973-1974)*, p.62-64
4. *"Some years ago Senhor Louriano made an English garden, containing grass, rock work, water, hill and dale, fountains, &c., on little more than half an acre of ground."* WALLACE, Peter, "Gardens and Orange Grounds of St. Michael", in *Journal of Horticultural society of London, nº31*, 3rd serie (1852), p.249
5. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel,* 2000, p. 76
6. ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel,* 2000, p. 74



30.



31.

31. Desenhos do Projeto Original para a habitação na Quinta do Tanque, sem autor nem data.
32. Desenho que propõe um projeto paisagista para o espaço fronteiro à fachada norte da habitação que incentiva o percurso e a permeabilidade exterior. Sem data, nem autor, acedido através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

Na verdade, em 1849 o Morgado Laureano casa pela segunda vez com D. Maria Luiza de Medeiros Câmara Falcão e em 1856, através dos registos nos seus cadernos de despesas pertencentes ao arquivo privado da família Soares de Albergaria, notou-se uma passagem em que o próprio escreve: *"No dia 25 de Março de 1856, na minha casa da Quinta do Tanque, deu minha mulher à luz um filho com facilidade às 6 horas"*[7], o que implica que a casa já estivesse construída nesta data.

Assim, é na conjugação destes dois argumentos que concluímos que o projeto realizado para a casa, do qual detemos os desenhos que não se encontram nem identificados nem datados, foram desenvolvidos e propostos entre 1850 e 1856.

Para além de sabermos que o projeto original não foi executado na sua plenitude, pela volumetria que existe atualmente, confirma-se a inexistência de alguma parte que pudesse ter sido demolida, uma vez que algures entre 1856 e 1869, é realizado uma proposta de desenho de jardim fronteiro à habitação norte, que demonstra já a parte da casa construída.

Compreendemos a concretização deste desenho de jardim, que nunca foi executado, entre 1850 - 1856 e 1869 no confronto de dois factos. Por um lado, sendo que no desenho já vem desenhada a casa, somos remetidos ao intervalo de tempo definido para a sua construção. Por outro lado, sendo que o Morgado Laureano faleceu em 1869 e terá sido ele a encomendar este desenho a um paisagista inglês - provavelmente a Peter Wallace[8] - o pedido só poderá ter sido feito anteriormente.

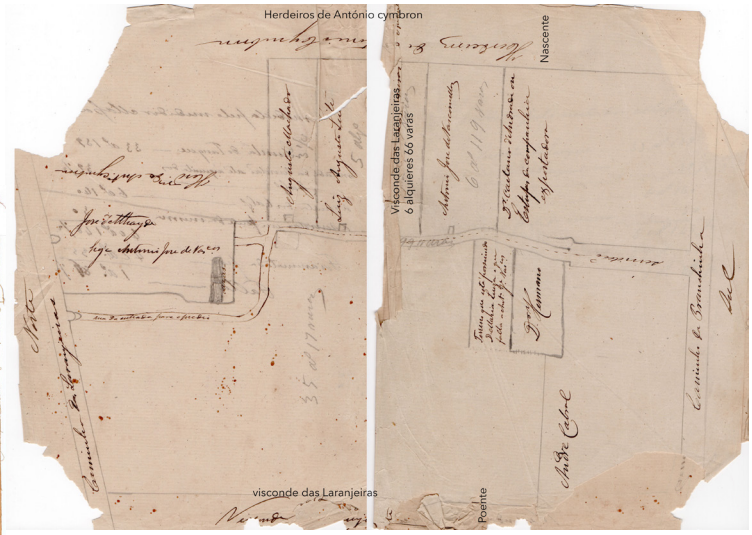
Desta forma, este desenho de jardim, denota um claro gosto de desenho inglês e demonstra a já presença da alameda, descrita anteriormente. Neste sentido, faz-nos supor que a linearidade junto ao limite da propriedade represente uma das avenidas de laranjeiras, igualmente anteriormente referidas.

Com a morte deste primeiro proprietário, a propriedade sofre diversas alterações. Primeiramente, realiza-se um inventário dos seus bens, o que nos permite saber com mais precisão a dimensão da propriedade, chegando nesta data a conferir 77 e meio alqueires e 44 varas. Esta vasta extensão de terras é um aglomerado de partes o que, através deste inventário e do valor inicial pelo qual o morgado comprou o terreno, verificamos que ao longo dos anos foram agregados terrenos adjacentes.

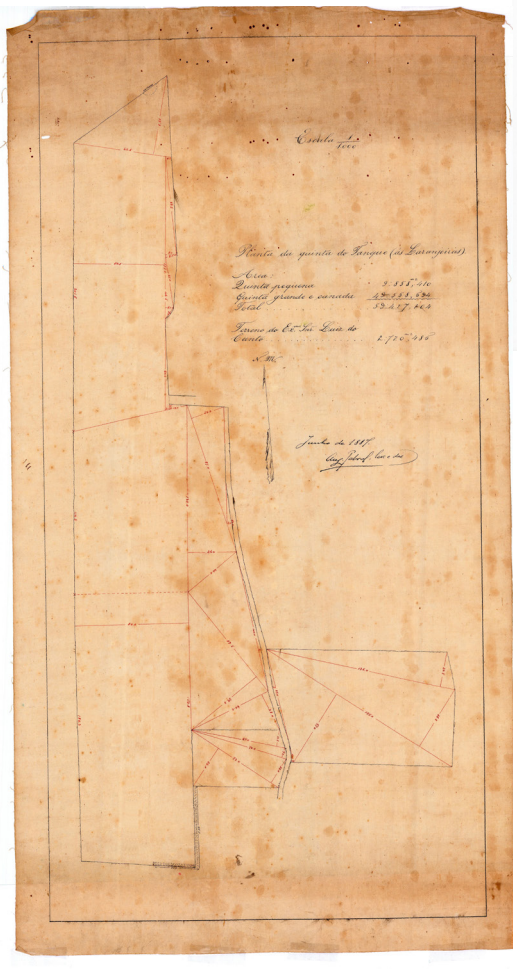
Assim, neste momento a quinta é composta por 6 parcelas de diferentes dimensões que nos é permitido saber e definir em desenho pelas descrições de áreas, limites e composição de elementos pertencentes, que nos são informadas pelo documento redigido do inventário das propriedades pertencentes a Laureano Francisco.[9]

---

7. Caderno de despesas do Morgado Laureano em documentos da coleção privada da família Soares de Albergaria.
8. "*Projecto de jardim para a vertente norte da casa (...). Atribuível ao jardineiro inglês Peter Wallace*" ALBERGARIA, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel,* 2000, p. 84
9. Documentos do arquivo privada da família Soares de Albergaria. Consultar em anexo. p. 99-103.



32.





33.

33. Esquema à mão levantada da propriedade e seus terrenos adjacentes com a descrição dos seus proprietários que nos ajudou a compreender os autos prediais e localizá-los no contexto.
34. Desenho de levantamento da propriedade aquando a compra de António José de Vasconcelos, 1887.

Entre 1872 e 1875, Dona Maria Luiza de Medeiros Câmara Falcão, segunda mulher do Morgado, inicia a venda em hasta pública das parcelas que compõem a propriedade, desfazendo-se inclusive da parte que engloba a casa. Em 1879, é realizado um auto de avaliação e medição da propriedade, que nos permite determinar o que ainda lhe pertencia e o que já tinha sido vendido.

É, então, em 1880 que António José de Vasconcelos, irmão da primeira mulher do Morgado Laureano, D. Maria Jacinta, arremata a totalidade da propriedade de 42 alqueires e 35 varas de terreno, conforme o descrito no auto de medição e na carta de arrematação. Esta informação chega-nos através dos autos de penhora e escrituras de arrematação que se mantêm anexados no arquivo privado da família[10] e conseguimos definir com mais precisão o espaço físico que estas descrições são associadas pela existência de um desenho desproporcionado à mão levantada que demonstra as suas confrontações.

Ao longo dos anos, António José de Vasconcelos é responsável por gradualmente restituir a totalidade da propriedade agrupada pelo Morgado Laureano, ou a maior parte dela. Em 1886 compra e agrega à sua propriedade o pedaço de terra que englobava a habitação e em 1887 realiza um levantamento que demonstra a dimensão da sua propriedade, que ainda não verifica esta última aquisição. Esta procura pelo restituir da globalidade da propriedade continua e em 1891 arremata mais um pedaço.

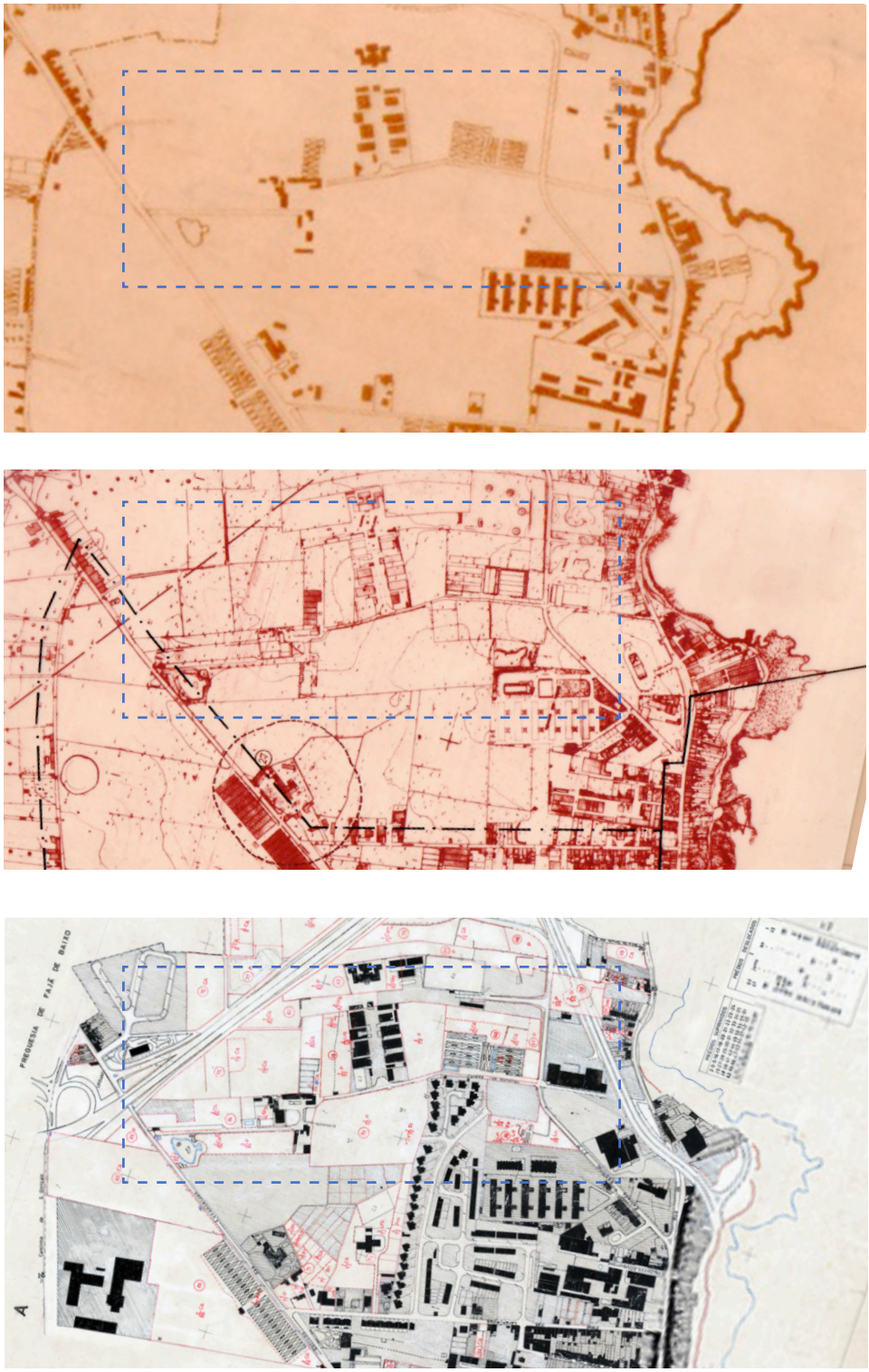
Só voltamos a possuir informação para uma atualização em 1917, no seguimento do óbito de António José de Vasconcelos, que nos documentos inerentes às partilhas demonstram que nesta data a propriedade compreende à volta de 65 alqueires, que são herdados pelo seu neto, Eduardo Soares de Albergaria.

Enquanto António José de Vasconcelos se concentrou em reagrupar os terrenos outrora pertencentes à propriedade, não realizando quaisquer transformações na quinta sem ser nos seus limites - usufruindo do existente como casa de férias - Eduardo Soares de Albergaria é o primeiro a repensar nas necessidades de uma época e a introduzir novos dispositivos na propriedade.

Enquanto proprietário, Eduardo Soares de Albergaria criou diversas dinâmicas quanto aos usos inerentes à Quinta, iniciando vários negócios nas suas instalações, sendo o mais relevante o início da fábrica de laticínios em 1937, chamada "Lacticínio Loreto":

> *"Em propriedades rústicas que lhe pertenciam, Eduardo Soares de Albergaria montou uma importante exploração agropecuária que tinha sua sede na "Quinta do Tanque", aqui instalando uma modesta indústria complementar onde se fabricava, de uma forma artesanal, queijo e manteiga. (....) Assim nasceu a Lacticínios loreto ltdª na quinta do tanque equipada com uma caldeira e um motor a vapor e um tanque com 300 litros de capacidade,*

10. Disponibilizados excertos dos documentos em anexo que comprovam as afirmações. Consultar p. 99-103.



35. Registos cartográficos que denotam uma evolução e desenvolvimento no desenho da propriedade e sua evolvente. Desenhos existentes no Arquivo da Biblioteca Pública de Ponta Delgada, sem data nem autor.

construído em folha de flandres(...). Ainda na "Quinta do tanque", Eduardo Soares de Albergaria criou uma indústria artesanal de charcuteria para utilizar os porcos de uma criação que instalara para consumir o soro resultante do fabrico dos queijos."[11]

Nesta propriedade fazia-se, ainda, água ardente no torreão da laranja, vinho de cheiro na adega e criação de animais.

Não se sabendo com certeza as datas de desmantelamento gradual da propriedade, sabemos apenas que em 1978, Eugénio Soares de Albergaria, filho de Eduardo, herda a propriedade e, do mesmo modo que seu pai, confere alterações na quinta conforme a necessidade da evolução dos tempos.

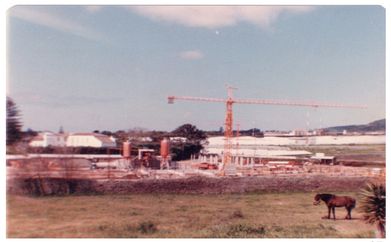
Assim, em 1981 constrói-se a piscina; em 1984 empresta a quinta para dar início à Associação Equestre Micaelense; em 1986 a propriedade é expropriada, sendo obrigada a dar parte do seu terreno à Escola Secundária das Laranjeiras; entre 1991-92 outro pedaço é expropriado para a construção de um viaduto que sustenta e permite passagem por debaixo da via rápida; em 1994-1995 realizam-se obras de ampliação da casa do portão; entre 1995-96 realiza-se a ampliação da casa do caseiro; em 1996 começa a construção da segunda habitação de vivência permanente da propriedade respeitante a um dos filhos, assim como se realiza o acrescento do alpendre para norte e se redesenha o jardim nobre fronteiro à casa, colocando-se o tanque circular; e em 1999, por fim, inaugura-se o picadeiro definitivo.

Desde então, a propriedade tem vindo a sofrer pontuais modificações que não conferem alterações significativas no seu desenho. Atualmente, a propriedade possui uma dimensão aproximada de 3,7 hectares e com a presente dissertação pretende-se dar continuidade à sua história e consequentes necessidades de adaptação aos novos modos de viver.

11. MOURA, Gustavo, "Recordar Eduardo Soares de Albergaria quando desaparece a Lacticínios Loreto", in *Correio dos Açores*, 10 Out. 2002, p.5


35.


36.


37.


38.


40.


40.


40.


39.


44.


43.


42.


41.

36. Fotografia de 1981 aquando a construção da piscina na propriedade.
37. Fotografia de 1984 aquando da propriedade servir para dar início à Associação Equestre Micaelense.
38. Fotografia de 1986. Parte da propriedade expropriada para dar lugar à Escola Secundária da Laranjeiras.
39. Fotografia anterior a 1991. A Rua das Laranjeiras anterior à construção do viaduto que suporta a via rápida.
40. Fotografia de 1991-1992. A Rua das Laranjeiras modificada com a constução do viaduto. Parte da propriedade doi expropriada para dar lugar a esta construção.
41. Fotografias de 1991-92. A habitação do século XIX, três pontos de vista.
42. Fotografia anterior a 1996. Espaço de pasto que vai dar lugar à segunda habitação de estadia permanente.
43. Fotografia de 1996. Contrução da segunda habitação de vivência permanente e novas relações exteriores priveligiadas.
44. Fotografia de 1996. Construção definitiva do alpendre frontiro à fachada norte da habitação do século XIX.
45. Fotografia de 1999. Construção definitiva do picadeiro.

"De certa maneira, a investigação que investiga conceitos é um pensamento que está perdido – há tanta coisa à nossa volta, tantos acontecimentos, livros, autores: porquê selecionar uns e não outros?, porquê mais atenção a esta obra e não à outra do mesmo autor?, a este conceito, a esta frase e não a outra?, qual a razão, enfim, para se avançar por este e não por aquele lado? Todo o investigador investiga porque está perdido e será sensato não ter a ilusão de que deixará de o estar. Deve, sim, no final da sua investigação, estar mais forte. Continua perdido, mas está perdido com mais armas, com mais argumentos."

TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens*, Alfragide : Editorial Caminho, 2013, p.39



46. Obras bibliográficas com leitura integral. Ignasi Solà-Morales: *"Intervenciones"*, 2006; Francisco de Gracia: *"Construir en lo construído: la arquitectura como modificación"*, 2001; Rafael Moneo: *"Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporâneos"*, 2004; Rafael Moneo: *"Remarks on 21 works"*, 2010.

Texto IV
Inquietudes Teóricas: Abordagem geral

Ao reconhecermos no nosso propósito projetual uma vontade de colmatar, de forma arquitetónica, uma inquietação presente de rentabilidade futura da propriedade, o que vai implicar intervenções em estruturas pré-existentes, tornou-se, desde logo, uma preocupação pensar sobre a atitude com que nos deveríamos colocar perante o objeto de estudo, pensando e questionando à partida que:

> *"A distância no tempo faz-se evidente ao rodearmo-nos de outras arquiteturas construídas, em princípio, com fórmulas que não coincidem com aquelas a que estamos acostumados. O que fazer? Tratar de insistir nelas repetindo literalmente o existente, com todos os riscos que construir com outros meios implica? Manter respeitosamente a escala, aceitando sem problema uma nova linguagem de acordo com os interesses do momento em que se constrói?"*[1]

A referência inicial a estas questões desperta-nos uma vontade e necessidade de compreender e conhecer as posições dos arquitetos adotadas ao longo dos tempos, de modo a desenvolver a consciência e poder crítico na adoção do nosso próprio caminho enquanto estudante de arquitetura com um desafio projetual particular.

Sendo que a investigação é um processo sem fim e com muitas variáveis que nos orientam, dependendo das nossas opções, em diferentes caminhos, servimo-nos essencialmente de quatro obras bibliográficas, das quais destacamos para este contexto duas, que nos orientaram nesta abordagem inicial: a obra de Ignasi Solà-Morales, *Intervenciones,* e a obra de de Francisco de Gracia *Construir en lo construído: la arquitectura como modificación*.

Assim, iniciamos esta procura pelo conhecimento com o esclarecimento sobre o que é, e o que implica esta ideia de intervir em estruturas pré-existentes.

Francisco de Gracia, em relação à primeira questão, é claro quando afirma que intervir, neste contexto, é a *"ação de materializar uma forma arquitetónica onde já exista uma organização prévia criada pelo engenho humano*. [...] *Equivale a definir uma forma num lugar que já tem forma"*[2].

---

1. *"La distancia en el tiempo se hace evidente al acercarnos a otras arquitecturas construidas, en principio, con fórmulas que no coinciden con aquéllas a las que estamos acostumbrados. ¿Qué hacer? ¿Tratar de insistir en ellas repitiendo así literalmente lo existente, con todos los riesgos que construir con otros medios implica? ¿Mantener respetuosamente la escala, aceptando sin embargo un nuevo lenguaje acorde con los intereses del momento en el que se construye?"* MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporâneos*, Barcelona : Actar, 2004, p.80
2. *"acción de concretar una forma arquitectónica donde ya existe una organización previa creada por el ingenio humano*. [...] *equivale a definir una forma en un lugar que ya tiene forma"*. GRACIA, Francisco de, "Prefácio" in *Construir en lo construido : la arquitectura como modificación*, 3ª ed. rev. . Madrid : Nerea, 2001, p.11

À semelhança, Solà-Morales refere que *"quando falamos de intervenção, deve entender-se qualquer tipo de atuação que se pode fazer num edifício ou numa arquitetura"*[3], e acrescenta que estas intervenções podem constituir procedimentos de restauração, de defesa, de preservação, de conservação ou reutilização em relação à pré-existência.

Contudo, estes procedimentos formalizam uma ideia muito generalizada sobre o termo intervenção. Na verdade, ao realizarmos uma crítica às operações que têm por base as ideias de intervenção como restauração, como conservação, como reutilização, entre outras, notamos conflitos nas suas interpretações. Neste sentido, reforçamos o que refere Solà-Morales de que: *"intervenção significa interpretação e* [...] *estas interpretações podem ser diversas"*[4], uma vez que as formas de intervenção que se impõem *"são sempre formas de interpretar um novo discurso que o edifício pode produzir."*[5]

Deste modo, não é possível estabelecer uma definição e um ensinamento linear em que se defende com clareza um só caminho a seguir perante o problema de intervir em estruturas pré-existentes. *"Pelo contrário, só ao entender quais foram as conceções que se fizeram em cada caso, torna possível distinguir as distintas características que esta relação assumiu ao longo do tempo."* [6]

Esta reflexão inicia-se, assim, com a consciência de que este tema de intervenção em estruturas pré-existentes surge no período do classicismo com o reposicionamento do homem perante o mundo e, necessariamente, perante a arquitetura, *"porque em tudo o que se sucede antes, a relação entre a intervenção e o edifício previamente existente é, na verdade, uma relação absolutamente não premeditada."*[7] É com a arquitetura renascentista que começa a existir uma posição crítica do arquiteto em relação ao lugar, pela *"consciência da diferença em que há um passado e um presente e que as condições do passado são diferentes das do presente, por tanto, a intervenção deve tê-*

---

3. *"cuando hablamos de intervención, debería entenderse cualquier tipo de actuación que se puede hacer en un edificio o en una arquitectura."* SOLÀ-MORALES, Ignasi de, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, Barcelona : Gustavo Gili, 2006, p.15
4. *"la intervención significa, por tanto, interpretación y que estas interpretaciones pueden ser diversas"*. SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.15
5. SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.15
6. *"Es un enorme engaño, pues, pensar que puede establecerse una doctrina permanente y, más aun, una definición científica de la intervención arquitectónica. Por el contrario, sólo entendiendo cuales han sido en cada caso las concepciones desde las que se ha actuado es posible discernir las distintas características que ha asumido esta relación a lo largo del tiempo."* SOLÀ- MORALES, "Del contraste a la analogía. Transformaciones en la intervención arquitectónica." in *Intervenciones*, 2006. p.35
7. *"porque en todo o lo que sucede antes, la relación entre la intervención y el edificio previamente existente es, en realidad, una relación absolutamente no premeditada."* SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.16

las em conta, seja a favor ou contra, para as assumir ou para de elas se distanciar"[8].

Assim, em relação à arquitetura do classicismo Solà-Morales refere:

> "*Parece-me que o problema geral que se verifica na arquitetura do classicismo e na sua intervenção sobre os edifícios é o de uma intervenção feita desde a segurança e congruência de um projeto suficientemente definido como que para saber a que objetivos se propõe*." Ainda que a complexidade do tema nas várias formas de agir não permita generalizar, há "*uma postura que tem um universo e objetivos definidos: a construção de uma cidade homogénea. Assim, o objetivo próprio da operação renascentista definiria um primeiro mecanismo em que a arquitetura é um instrumento de intervenção que tem a sua própria congruência, que se encara e se debate com as estruturas existentes, mas não para respeitá-las na sua diversidade, senão resumi-las num projeto de cidade que deve ter uma unidade própria*."[9]

Por outro lado, o momento em que a intervenção se converte em restauração oferece-nos uma situação absolutamente diferente.[10]

Viollet-le-Duc, na sua definição de restauração, considera que *"a arquitetura tem possibilidade de realizar operações* [... ,] *de classificar e ordenar o conhecimento a partir* [...] *da classificação morfológica",* assim como se desenvolvem as ciências positivas no seu tempo [11]. Neste sentido, e segundo Solà-Morales, para Viollet-le-Duc:

> *"A intervenção num edifício a partir do conceito de restauração produzir-se-ia não como uma invasão a partir de um projeto previamente estabelecido, como o que era próprio da intervenção renascentista, senão que se partiria de uma espécie de suspensão prévia a todo o juízo, de uma situação de neutralidade absoluta do arquiteto relativo ao edifício existente para que este se manifeste por si mesmo e que fale desde a sua própria lógica.*

---

8. *"la conciencia de la diferencia, es decir, de que hay un pasado y un presente, y de que las condiciones del pasado son diferentes de las del presente y de que, por tanto, la intervención debe tenerlas en cuenta, sea a favor o en contra, para asumirlas o para distanciarse de ellas; eso no se produce hasta el renacimiento."* SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.17

9. *"Me parece que el problema general que se plantea en la arquitectura del clasicismo y en su intervención sobre los edificios es el de una intervención hecha desde la seguridad y la congruencia de un proyecto lo bastante definido como para saber qué objetivos se propone. (…) todo este diálogo se produce siempre desde una postura que tiene un universo y unos objetivos definidos: la construcción de una ciudad homogénea. Así, el objetivo proprio de la operación renacentista definiría un primer mecanismo en el que la arquitectura es un instrumento de intervención que tiene su propia congruencia, que se encara y se debate con las estructuras existentes, pero no para respetarlas en su diversidad, sino para subsumirlas en un proyecto de ciudad que debe tener una unidad propia."* SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones,* 2006, p.21-22

10. "*Una situación absolutamente diferente, en cambio, nos ofrece el momento en el que la intervención se convierte en restauración*." SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.22

11. SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.22

Este seria o caminho, o método para alcançar uma justa possibilidade de tirar o máximo partido de qualquer edifício existente [: ...] *a compreensão de que o edifício existente tem por si mesmo uma lógica, logo, o que convém é deixar falar esta própria lógica sem tentar sobrepor um discurso diferente."*[12]

Quase simultaneamente, com pouca distância de tempo, surge uma diferente aproximação ao tema da intervenção em edifícios, proposta por John Ruskin, contemporâneo de Viollet-le-Duc.

"A atitude de Ruskin significa não só a negação de que haja uma contraproposta com a qual enfrentar o edifício existente, senão também a negação de qualquer ação como uma ação positiva frente aos edifícios existentes."[13] Introduz a ideia de que a uma obra de arquitetura : *"Nada se deve fazer nem para a completar, nem para a melhorar, nem para a colocar como manifesto. Só é possível guardar os seus restos, guardá-los enquanto sobreviverem,* [...] *sem tentar prolongar a sua vida mais além do que as suas próprias forças podem oferecer."*[14]

Assim, num paralelo entre os dois contemporâneos, Ignasi Solà-Morales afirma:

"No que Viollet-le-Duc e Ruskin coincidiam seria na lucidez de saber que o tempo da criação artística é um tempo em decadência, e com isto ambos seriam profundamente hegelianos"[15] - *"atitude desarmada que a estética hegeliana caracterizou justamente como o fim da arte como produto criativo do espírito"*[16]. Contudo, o espaço que ainda restava para a criação dentro deste

12. *"La intervención en el edificio desde el concepto de restauración se produciría no como una invasión a partir de un proyecto previamente establecido, como el que era proprio de la intervención renacentista, sino que se partiría de una especie de suspensión previa a todo juicio, de una situación de neutralidad absoluta del arquitecto respecto al edificio existente para que este se manifieste por si mismo y hable desde su propia lógica. Éste sería el camino, el método para alcanzar una justa posibilidad de sacar el máximo partido de cualquier edificio existente."* - *"la comprensión de que el edificio existente tiene por si mismo una lógica, así como de que lo que conviene es dejar hablar a esta propia lógica sin intentar suponer un discurso diferente."* SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.23

13. *"La actitud de Ruskin significa ya no sólo la negación de que haya una contrapropuesta con la que enfrentarse al edificio existente, sino incluso la negación de cualquier acción como una acción positiva frente a los edificios existentes."* SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.25

14. *"Nada hay que hacer ni para completarla, ni para mejorarla, ni para ponerla de manifiesto. Sólo es posible guardar sus restos, guardarlos hasta que sobrevivan, pero en absoluto tocarlos ni intentar prolongar su vida más allá de lo que sus propias fuerzas puedan ofrecer."* SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.25

15. "*En lo que Viollet-le-Duc y Ruskin coincidieron sería en la lucidez de saber que el tiempo de la creación artística es un tiempo periclitado, y con esto ambos serían profundamente hegelianos*." SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.26

16. "*ésta es la actidud desarmada que la estética hegeliana carcaterizó justamente como del fin del arte como producto creativo del espíritu. Si Hegel había hablado de la muerte del arte como una característica de la modernidad*" SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.24

conceito de restauração e preservação deu origem a atitudes que unicamente evitam a destruição - para que *aquela obra de arte,* que a história fez, chegue até nós[17].

Neste sentido:

"A formulação da teoria da conservação é na verdade um processo que arranca da confluência entre os ensinamentos de Viollet-le-Duc e de John Ruskin, isto é, das teorias de restauração e das teorias de preservação, com o fim de chegar à formulação de critérios com os quais a cultura mais ou menos oficial do século XX entendeu como necessários para posicionar-se face aos edifícios históricos existentes."[18]

A teoria de conservação chega-nos fundamentalmente através de Camillo Boito que, a partir destas duas posições, formula uma síntese e define um código para a restauração de estruturas existentes onde afirma que: primeiramente deve preferir-se a conservação a qualquer outra intervenção mais complexa[19]; em segundo lugar, no caso de não ser possível cumprir o primeiro critério, deve-se tentar conservar a matriz essencial do edifício; em terceiro defende que toda a nova intervenção deve ser neutra perante o edifício existente o que significa afirmar a sua diferença com novos materiais e texturas para que não se confunda.[20]

Assim:

"Se desde os finais do século XIX, os textos teóricos dos especialistas em restauração, como Camillo Boito, já defendiam um critério de diferenciação nas intervenções de restauração que implicassem uma intervenção construtiva, esta conceção constitui um dos princípios básicos da Carta de Atenas dos Restauradores de 1931."[21]

---

17. "*algo que únicamente evite la destrucción (...) de aquella obra de arte que la historia ha hecho llegar hasta nosotros*." SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.26

18. "*La formulación de la teoría de la conservación es en realidad un proceso que arranca de la confluencia entre las enseñanzas de Viollet-le-Duc y las de Ruskin, es decir, de las teorías de la restauración y de las teorías de la preservación, con el fin de llegar a las formulación de los criterios con los cuales la cultura más o menos oficial de siglo XX ha entendido que era necesario enfrentarse a los edificios históricos existentes*." SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.26

19. "*es decir, la ley de la mínima intervención en el edificio como primer criterio de conservación*." SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.27

20. SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.26 e 27

21. "*Si desde finales del siglo XIX, los textos teóricos de los expertos en restauración, como Camillo Boito, ya defendían un criterio de diferenciación en las intervenciones de restauración que implicasen una intervención constructiva, esta concepción constituye uno de los principios básicos de la Carta de Atenas de los Restauradores de 1931."* SOLÀ- MORALES, "Del contraste a la analogía." in *Intervenciones*, 2006, p.40,41

A Carta de Atenas dedicada *ao problema dos edifícios históricos* vem introduzir essencialmente duas questões: uma primeira relacionada com a utilidade das novas tecnologias, quando servem para manter o carácter do edifício existente e sempre que não adulterem esse caráter [22]; uma segunda, posteriormente repetida na *"Carta de Venecia de la conservación"* de 1964, de uma noção de que o termo conservação é mais relacionado com a preservação de um ambiente e das características de um lugar - propondo-se nesta última carta o fim do termo *restauração* - introduzido por Viollet-le-Duc - prevalecendo e tomando mais importância o conceito de conservação, relativo a este ponto de vista de manter e conservar ambientes.[23]

Contudo, em *"Do contraste à analogia"*, Solà-Morales refere que, apesar de se pretender a defesa da atitude interventiva de restauração, na verdade:

> "*Em vários dos dez pontos fundamentais contidos nesta carta* [Carta de Atenas dos Restauradores de 1931] *defende-se uma conceção clara de contraste que deve produzir-se entre a edificação histórica protegida e as novas intervenções. Não só pela recomendação de utilizar materiais modernos em certas ocasiões, senão, sobretudo, pelo critério reiterativo de que a diferença se expresse na distinta visão das novas estruturas, na diferença de materiais, na ausência de ornamento nas novas organizações, na simplicidade geométrica e tecnológica*."[24]
>
> Neste sentido:
>
> "*Quando a outra carta de Atenas de 1933, a dos homens do CIAM, insistia também na impossibilidade de aceitar o pastiche histórico e apelava ao Zeitgeist para justificar que as novas intervenções nas áreas históricas se fizessem com a linguagem da arquitetura atual, na realidade não se encontravam tão longe do que anos antes se haviam aproximado outros profissionais com os que aparentemente tinham muito poucas coisas em comum* [... . As] *diferenças entre aquelas fações profissionais, vistas com a distância de uns quantos anos, não eram talvez tão absolutas como naquele momento eles mesmos estavam interessados em manifestar. Sob diferenças evidentes e óbvias havia uma*

22. *"las nuevas tecnologías son útiles siempre y cuando sirvan para mantener el carácter del edificio existente y siempre y cuando no alteren ni adulteren ese carácter."* SOLÀ-MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006, p.27

23. MORALES, Ignasi de, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones,* Barcelona: Gustavo Gili, 2006. p.28 e 29

24. *"En varios de los diez puntos fundamentales contenidos en esta carta se defiende una concepción clara del contraste que debe producirse entre la edificación histórica protegida y las nuevas intervenciones. No es sólo por la recomendación de utilizar materiales modernos en ciertas ocasiones, sino, sobre todo, por el criterio reiterativo de que la diferencia se exprese en el distinto despiece de las fábricas añadidas, en el cambio de materiales, en la ausencia de ornamentos en las nuevas fabricas, en su simplicidad geométrica y tecnológica."* SOLÀ-MORALES, "Del contraste a la analogía." in *Intervenciones*, 2006, p.41

sensibilidade comum entre o material histórico e a sua leitura."[25]

No seguimento da aproximação que temos vindo a abordar segundo Solà-Morales, consideramos pertinente introduzir neste momento as "*atitudes frente ao contexto*" expostas por Francisco de Gracia, que refere que a intervenção em estruturas pré-existentes ficou *resumida a três posições*.

Gracia expõe uma primeira posição de intervenção em estruturas pré-existentes que defendia "*uma arquitetura moderna orgulhosa da sua condição de tal modo que devia, mediante a descontextualização, ser capaz de confirmar a confrontação do histórico com o moderno*."[26]

Num segundo momento, expõe uma atitude que "*propunha uma arquitetura manifestamente historicista* [...] *que recorria, total ou parcialmente, a significados nostálgicos mediante significados miméticos*."[27] Consideramos que, assim, também o sugere Solà-Morales ao mencionar que: "*Desde a década de 1960 uma autêntica obsessão analítica atravessa a cultura arquitetónica mediante instrumentos cartográficos, planimétricos e tridimensionais*".

Contudo, hoje já estamos em condições de compreender "*que todo este dispositivo analítico tem pouco que ver com uma condição suficiente para projeto*"[28] e, neste sentido, surge a terceira posição referida por Gracia de que se "*parecia introduzir a possibilidade de uma arquitetura que* [...] *chegava a superar a suposta impossibilidade original para integrar-se em centros históricos sem renunciar à sua condição moderna*." [29]

---

25. *"Cuando la otra Carta de Atenas (1933), la de los hombres de los CIAM, insistía también en la imposibilidad de aceptar el pastiche histórico y apelaba al Zeitgeist para justificar que las nuevas intervenciones en áreas históricas se hiciesen con el lenguaje de la arquitectura actual, en realidad no se encontraban tan lejos de lo que dos años antes habían planteado otros profesionales con los que aparentemente tenían muy pocas cosas en común, ya que les separaban el carácter militante y progresista de unos frente a los intereses conservadores y historicistas de los otros. Pero, las diferencias entre aquellas facciones profesionales, vistas con la distancia de unos cuantos años, no eran tal vez tan absolutas como en aquel momento ellos mismos estaban interesados en manifestar. Por debajo de diferencias evidentes y obvias había una sensibilidad común frente al material histórico y a su lectura."* SOLÀ- MORALES, "Del contraste a la analogía" in *Intervenciones*, 2006, p.41

26. "La de quienes defendían una arquitectura moderna orgullosa de su condición de tal que debía, mediante la descontextualización, ser capaz de confirmar la confrontación de lo histórico con lo moderno. " GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.287

27. *"que recurriera, total o parcialmente, a significados nostálgicos mediante significantes miméticos."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.288

28. "*Desde la década de 1960 una auténtica obsesión analítica recorre la cultura arquitectónica mediante instrumentos cartográficos, planimétricos y tridimensionales de una extraordinaria agudeza. Pero no es menos cierto que hoy ya estamos en condiciones de saber hasta qué punto todo este dispositivo analítico tiene bien poco que ver con una condición suficiente para el proyecto*." SOLÀ- MORALES, "Del contraste a la analogía" in *Intervenciones*, 2006, p.48

29. *"la posibilidad de una arquitectura que, con un plus intencional de diseño, llegara a superar la supuesta imposibilidad original para integrarse en los centros históricos in renunciar a su condición de moderna. Estos intuían que podría tratarse de una arquitectura que aludiera a otras pero no de manera reproductiva."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.288

Deste modo, a ideia de contraste do *"moderno"* em oposição com o *"histórico"* pertence ao passado, substituindo-se por um predomínio de um conceito de analogia que, assim como os restantes conceitos que temos vindo a abordar, é complexo. Os seus reflexos práticos ao longo dos anos vão mostrando diferentes pequenas subtilezas na forma de interpretar e agir com base neste conceito.

> "*A compreensão linguística dos fenómenos artísticos, que têm origem na linguística formalista*", são ponto de partida para a consequente intervenção de *"desprender-se, transformar-se, metamorfosear-se através das relações estruturais. Esta estrutura linguística, que reconhecida sobre a trama dos objetos permite a sua libertação e jogo, é também a que define a situação presente no campo da intervenção arquitetónica."*[30]
>
> Assim, passa-se de "*uma atitude no fundo invasiva e cada vez mais distante,* [...] *a uma atitude de intervenção projetual* [...] *especificamente arquitetónica - arquitetónica sem adjetivos - de se enfrentar a arquitetura histórica e dar-lhe resposta a partir da sua incorporação num projeto futuro com uma mínima congruência.*"[31]

No seguimento destas duas últimas posições, Gracia subdivide em cinco as atitudes a ter perante o contexto numa maior particularização dos casos inerentes a estes dois pontos de vista. Entre elas estão a *"arquitetura historicista"*, a *"arquitetura folclórica"*, a *"arquitetura de base tipológica"*, a *"arquitetura de fragmento"* e a *"arquitetura contextual"*, atitudes que refletem soluções mais ou menos favoráveis.

A *arquitetura historicista* tem por base uma consciência sobre a importância da continuidade da imagem através de noções de reprodução e imitação da pré-existência, mas também de interpretação e analogia.[32] A *arquitectura folclórica* caracteriza-se, à semelhança, por uma ideia de cultura da imagem, todavia pratica-

30. *"La comprensión lingüística de los fenómenos artísticos, que tiene su origen en la lingüística formalista, ha permitido conocer con mayor precisión las condiciones por las que la significación puede desplazarse, transformarse, metamorfosearse a través de relaciones estructurales. Esta estructura lingüística, que reconocida sobre la trama de los objetos permite su liberación y juego, es también la que en el campo de la intervención arquitectónica define la situación presente."* SOLÀ- MORALES, "Del contraste a la analogía" in *Intervenciones*, 2006, p.50

31. *"Me parece que el problema con el que nos encontramos en la actualidad es el de repensar nuestra relación con los edificios históricos. Es preciso pasar de una actitud en el fondo evasiva y cada vez más distante, propia de la protección-conservación, a una actitud de intervención proyectual. Me parece que lo que debe hacerse es reconsiderar si no hay una manera específicamente arquitectónica- arquitectónica sin adjetivos- de enfrentarse con la arquitectura histórica y de darle respuesta a partir de incorporarla a un proyecto de futuro con una mínima congruencia."* SOLÀ- MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006. p.31

32. "*puede hablarse de historicismo como adopción de una renovada consciencia de la continuidad expresada en la persistencia de rasgos figurativos dentro de la cultura material del lugar. Esta continuidad pudiera resolverse entre los márgenes conceptuales definidos por las nociones de reproducción/mímesis y reinterpretación/analogia*." GRACIA, "Prefácio" in *Construir en lo construido*, 2001, p.293

se num sentido de falsificar, ironizar, caricaturar os elementos por não ter suporte cultural historiográfico, e por isso distancia-se de uma relação com a pré-existência.[33] A *arquitetura de base tipológica* associa a nova intervenção a princípios tipológicos de relações básicas dos elementos do contexto histórico como a proporcionalidade, traçados geométricos, assim como questões da perceção visual como cor, textura, orientação.[34] A *arquitectura de fragmento* vai munir-se de uma série de elementos que advêm de códigos diversos entre originalidade e referências ao pré-existente que acabam num conjunto de ordem aleatória que não define com clareza o objeto, culminando numa mescla de referências – ideia de colagem – (por vezes relacionada com contraste).[35] Por fim, a *arquitetura contextual*, sem utilizar o recurso à imitação superficial nem a analogia direta, estabelece uma relação com o contexto prolongando e valorizando o mesmo. Trata-se de uma arquitetura integrada, que reconhece o seu momento histórico e esforça-se para estabelecer a continuidade entre o novo e o antigo mediante uma investigação particularizada do lugar.[36]

Assim, tomamos como remate que:

> *"A intervenção como operação estética é a proposta imaginativa, arbitrária e livre na qual se tenta não só reconhecer as estruturas significativas do material histórico existente, senão também utilizá-las como pauta analógica do novo artefacto edificado."*[37]

---

33. *"Aquí no se pretende una observación científica ni de la historia ni de la componente antropológica de las culturas regionales. La mimesis se practica mediante la mascara y la falsificación."* GRACIA, "Prefácio" in *Construir en lo construido*, 2001, p.301

34. *"Los caracteres que permiten asociar esta arquitectura con el contexto histórico serán, fundamentalmente, los siguientes: los principios topológicos de relación básica de los elementos; la figura entendida como volumen o sólido capaz, incluyendo relaciones de proporcionalidad; los trazados geométricos necesarios para definir cuanto falte para una sucinta concreción tipológica. Otros atributos formales que afectan a la percepción visual – color, textura, orientación – no suelen tener una participación relevante."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p. 303-304

35. *"Este modo de intervención no prolonga ni acentua el orden existente, tampoco parece ocuparse de crear outro nuevo, más bien alude al orden aleatorio del collage y en este sentido no representa al ecletismo. Los meritos el proyecto radican en la brilhantez de la elección – o invención- de los fragmentos y en la labor del arquitecto como artifíce del ensamblaje a gran escala."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.306

36. *"Hablamos de una arquitectura ambientalmente integrada, pero reconocible como pertenciente a su momento histórico; esforzada en establecer continuidades entre lo nuevo y lo viejo mediante una investigación particularizada del lugar. No es antitipologic, pero responde a impulsos culturales superadores de la pequeña cultura local; no es antihistoricista, pero evita reproducir la historia; no representa una simple mimesis, aunque pueda favorecer los nexos figurativos con el entorno. Se apoya siempre en una reflexión intelectual y en la observación de las leyes de formación de la ciudad."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.310

37. *"La intervención como operación estética es la propuesta imaginativa, arbitraria y libre por a que se intenta no sólo reconocer las estructuras significativas del material histórico existente, sino también utilizarlas como pauta analógica del nuevo artefacto edificado."* SOLÀ- MORALES, "Del contraste a la analogía" in *Intervenciones*, 2006, p.50

Consideramos, em conjunto com o afirmado por Rafael Moneo em *"Remarks on 21 works"* numa reflexão teórica em relação à intervenção do Thyssen-Bornemisza Museum em Madrid, Espanha (1989-1992), que:

> *"Hoje é quase axiomático que a invenção seja a primeira preocupação de um arquiteto e a única forma de expressar criatividade. Contudo, este não é sempre o caso. Existem projetos no qual o arquiteto rende-se à atração da invenção, mas há outros em que é o prazer de usar as ferramentas da troca arquitetónica que inspira a obra. Um arquiteto, armado, com o conhecimento da disciplina, segue um caminho baseado numa cuidadosa aplicação de princípios arquitetónicos estabelecidos."*[38]

A consciencialização da abordagem temporal a este tema de intervir em edifícios existentes permitiu-nos concluir que devemos reconhecer que todo o lugar que está sujeito a ações construtivas é singular [39] e, nesse sentido, a nova intervenção deve reconhecer as especificidades de cada caso para, a partir dele, conformar-se livre, criativo, transformar-se, desprender-se, metamorfosear-se através das relações entre tempos.

Uma intervenção não se deve prender ao carácter histórico de uma arquitetura, porém também não pode ignorar os seus sinais. É o equilíbrio entre os tempos, a constante presença do antigo e do novo no desenho de um projeto de arquitetura, que pode salvar certas características de um tempo que pertence à sociedade, ao mesmo tempo que responde às necessidades e exigências da sociedade presente.

Neste sentido, consideramos imperativo olhar para a Quinta do Tanque numa reflexão retrospetiva sobre as estruturas pré-existentes, num sentido de descobrir e verificar os sinais do passado que conferem uma importância significativa no entendimento do objeto de estudo e na ressalva de elementos representativos de uma época (ou de uma memória familiar) para um bem estar coletivo - sublinhando no nosso propósito a significativa importância de um repensar a propriedade num imprescendível ponto de vista da vida futura.

---

38. *"Today it is almost axiomatic that invention be the primary concern of an architect and the only means of expressing creativity. But this is not always the case. There are projects in which the architect yelds to the lure of invention, but there are others where it is the pleasure of using the tools of the architectural trade that inspire work. The architect armed, with the knowledge of the discipline, pursues a design based on a careful application of established architectural principles."* MONEO, Rafael, *Remarks on 21 works*, New York : The Monacelli Press, 2010, p.313

39. *"Todo lugar hecho presencia merced a la acción constructiva es singular. De ahí que la nueva intervención modificadora deba reconocer la categoría de unicum que cualquier marco espacial merece. (…) Si, como se ha dicho, intervenir es modificar, la incidencia de cada intervención habrá de valorarse desde una inicial crítica metodológica, ya que la adopción de un criterio racional (método) en la práctica del proyecto es condición necesaria pero no suficiente. De hecho, la selección del criterio determina el alcance mismo de la modificación. Se puede argüir, por tanto, que hay tantos menús de problemas de intervención en centros históricos cuantos niveles metodológicos puedan definirse."* GRACIA, *Construir en lo construido*, 2001, p.177

Tomando como últimas as palavras de Ignasi de Solà-Morales para corroborar a validade da nossa decisão em analisarmos as pré-existências e investigarmos as premissas do passado, citamos:

> *"Parece-me que, se se deve formular hoje alguma orientação em relação ao tema da intervenção, dever-se-ia fazê-lo com base em duas coordenadas. Por um lado, reconhecendo que os problemas da intervenção na arquitectura histórica são, primeira e fundamentalmente, problemas de arquitectura e, neste sentido, a lição da arquitectura do passado é um diálogo com a arquitectura do presente e não de posturas defensivas, preservativas, etc. A segunda lição seria a do positivismo "post-hegeliano": consistiria em entender que o edifício tem capacidade de se expressar e que os problemas da intervenção na arquitectura histórica não são problemas abstratos, nem problemas que podem ser formulados de uma só vez, se não que se traçam como problemas concretos sobre estruturas concretas. Talvez, deixar falar o edifício é hoje a primeira atitude responsável e lúcida perante um problema de"*[40] *construir no construído.*

40. *"Me parece que si debe formularse hoy alguna orientación en el tema de la intervención convendría hacerlo bajo estas dos coordenadas. Por un lado, reconociendo que los problemas de intervención en la arquitectura histórica son, primera y fundamentalmente, problemas de arquitectura y en este sentido la lección de la arquitectura del pasado es un diálogo desde la arquitectura del presente y no desde posturas defensivas, preservativas, etc. La segunda lección sería la del positivismo post-hegeliano: consistiría en entender que el edificio tiene una capacidad para expresarse y que los problemas de intervención en la arquitectura histórica no son problemas abstractos ni problemas que puedan ser formulados de una vez por todas, sino que se plantean como problemas concretos sobre estructuras concretas. Quizás por ello, dejar hablar al edificio es aún hoy la primera actitud responsable y lúcida ante un problema de restauración."* SOLÀ- MORALES, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, 2006. p.32

III. (De)Composição do problema: premissas, princípios, programa

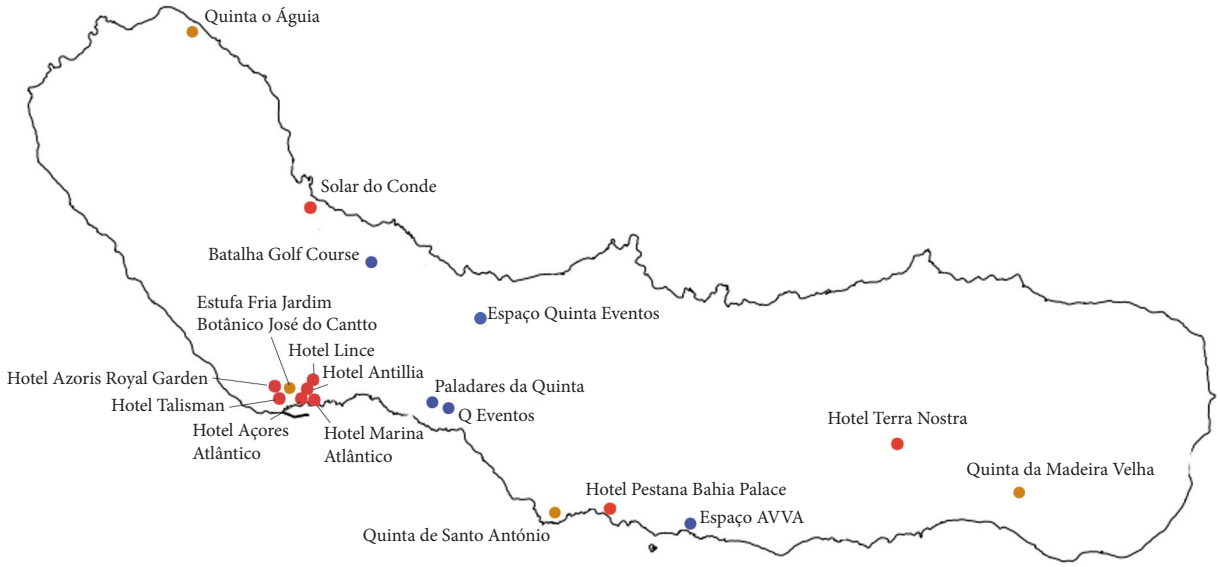
01. Construção do problema

01.1. Reconhecimento dos gestos percursores de projeto

01.2. Atribuir função aos gestos: O uso - proposição do programa

III.01.2 Texto V. O Uso: Análises informativas na proposição do programa

02. Aproximação à proposta



		Localização	Nº de convidados		Espaços						Serviço
			sentados	em pé	nº de salas	área ajardinada	capela	cozinha	estaciona-mento	aloja-mento	catering
Quintas ●	Jardim José do Canto	Ponta Delgada	120	20 a 200	1	●	●	●	●	●	●
	Quinta o Águia	Bretanha	200	50 a 400	1	●		●	●		●
	Quinta da Madeira Velha	Povoação	-	100 a 320	1	●		●	●		●
	Quinta de Santo António	Caloura	100	-	1	●		●	●		●
Espaços ●	Campo de Golf da Batalha	Fenais da Luz	-	80 a 210	1	●		●	●		●
	Q Eventos	Lagoa	200	500	2	●		●	●		● *
	Paladares da Quinta	Lagoa	110	-	1	●		●	●		●
	Espaço AVVA	Vila Franca do Campo	150	-	1			●	●		●
	Espaço Quinta Eventos	Ribeira Grande	500	800	2	●		●	●		●
Hotéis ●	Solar do Conde	Capelas	120	300	1	●	●	●	●	●	●
	Hotel Pestana Bahia Palace	Vila Franca do Campo	250	300	4	●		●	●	●	
	Hotel Terra Nostra	Furnas	230	300	7	●		●	●	●	●
	Hotel Lince	Ponta Delgada	220	250	4			●	●	●	●
	Hotel Antillia	Ponta Delgada	150	-	2	●		●	●	●	●
	Hotel Marina Atlântico	Ponta Delgada	136	200	3			●	●	●	●
	Hotel Açores Atlântico	Ponta Delgada	120	250	6			●	●	●	● *
	Hotel Talisman	Ponta Delgada	-	65 a 100	1	●		●	●	●	●
	Hotel Royal Garden	Ponta Delgada	220	400	6	●	●	●	●	●	●

Nota: Dados retirados da informação disponibilizada na divulgação dos espaços.
Nos casos com mais que uma sala disponível foi considerada e identificada aquela com maior capacidade.
Nesta análise admitimos em particular dois números: a capacidade de pessoas em modo cocktail, que será a forma em que a sala deterá maior capacidade por haver uma maior área útil, e o em modo banquete, que será a forma menos rentável do espaço pela existência dos objetos necessários (mesas, cadeiras, faixas de circulação, banquetes) que ocupam o espaço.
A falta de informação por vezes verificada no número de convidados deve-se à inexistência de informação.
* catering próprio, mas não obrigatório

Texto V
O uso: Análises informativas na proposição do programa

Como forma de compreender e reconhecer a relevância e pertinência da proposição do específico novo uso definido e justificado no volume I - a atribuição à Quinta do Tanque de um programa que receba reniões-actividades sociais/festivas esporádicas -, procedemos à análise de dois aspetos: num primeiro momento, propusemo-nos a reconhecer a oferta existente na Ilha de São Miguel; e num segundo momento, procedemos à análise mais detalhada de duas obras de arquitetura.

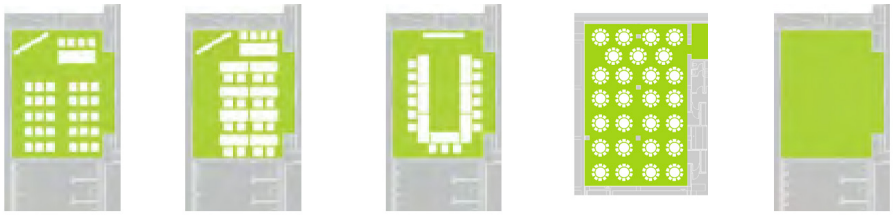
Relativamente ao primeiro momento - o reconhecimento realizado da oferta existente na Ilha de São Miguel - verificamos que são essencialmente três as estruturas que dão lugar a ocorrências sociais - que na sua génese acarretam diferentes características no serviço que promovem – estes são: quintas, espaços polivalentes e hotéis.

Verificamos, desde logo, no panorama geral da ilha, que o núcleo com maior oferta se concentra no centro da cidade de Ponta Delgada – onde se localiza o nosso objeto de estudo. Contudo, esta oferta é proporcionada maioritariamente por unidades hoteleiras, com a presença apenas de um espaço de quinta como equipamento diferenciador. Neste sentido, procedemos à análise destes equipamentos existentes - baseando-nos nos parâmetros divulgados na divulgação comercial dos espaços - de forma a identificarmos os primeiros e principais requisitos a integrar na nossa proposta e, em paralelo, definirmos uma estratégia que colmate as carências presentes no mercado, para que o nosso projeto se possa destacar.

Neste sentido, em relação aos espaços integrantes do programa, constatamos, primeiramente, que a existência de uma área de estacionamento e a presença de um compartimento de cozinha – espaço que reponde diretamente à condicionante de serventia inerente às ocorrências sociais com um serviço de catering, próprio ou exterior - são dois pontos transversais a todos os equipamentos e imperativos de integrar um programa desta natureza.

De seguida, verificamos que uma das maiores diferenças que distingue as estruturas, no geral, prende-se com a existência de um possível alojamento, que apenas é integralmente cumprido nas unidades hoteleiras e possível em apenas uma quinta – inexistente nos espaços polivalentes. Em contrapartida, a existência de áreas ajardinadas é integralmente cumprida nas quintas e mais variável nos espaços polivalentes e hotéis. Em relação ao espaço mais particular de capela são poucas as estruturas que o detêm. Contudo, os equipamentos apresentam alternativas formulando espaços que recebam cerimónias civis, quer em salas interiores, quer nas áreas exteriores de jardim.

Relativamente à polivalência inerente aos espaços, podemos concluir que os hotéis detêm maior versatilidade quanto à diversidade de circunstâncias sociais e aglomerados que podem albergar, principalmente porque detêm um maior número de salas, com diferentes dimensões, o que permite uma maior adaptação do espaço à circunstância pretendida pelo cliente. A falta desta versatilidade verifica-se nas quintas e



48. Esquemas de layout de organização do espaço que apresentam a versatilidade de uso de uma mesma sala. Reconhecimento de que estas cinco formas de organizar o espaço se verificam recorrentes na divulgação comercial dos espaços que promovem este específico uso, como forma de apresentar a versatilidade e a capacidade conforme a disposição. Em particular, os esquemas apresentados vêm expostos na divulgação dos espaços do Centro Cultural de Belém em Lisboa, para uma melhor compreensão do descrito.



49. Tenda de 500m2 montada na área ajardinada da habitação do século XX na Quinta do Tanque, objeto de estudo. MB0715

nos espaços polivalentes que detêm maioritariamente um só espaço interior – máximo dois.

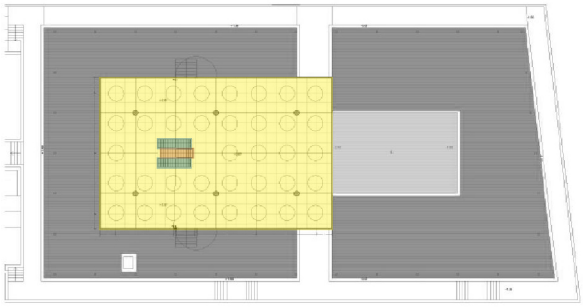
Na verdade, as diferentes dimensões associadas à diversidade de espaços estão diretamente relacionadas com o número de convidados, isto é: quanto maior a área, maior o número de pessoas que acolhe. Contudo, verificamos que esta capacidade descrita também depende da ocorrência social prentendida, sendo que constatamos que a divulgação comercial dos espaços tem em atenção a capacidade de pessoas por área consoante o formato de cinco diferentes disposições de organização do espaço: *layout* plateia, *layout* escola, *layout* mesa em "U", *layout* banquete e *layout* cocktail. Cada uma destas disposições oferece versatilidade de uso da mesma sala, o que confere diferentes lotações a ter em conta.

Assim, numa breve reflexão à análise realizada dos equipamentos, num ponto de vista das suas características, podemos concluir que, a principal diferença notória entre os dispositivos hoteleiros e as quintas – salvaguardando a preferência por um ou por outro – se centra no número de salas e na oferta de alojamento. Assim, será precisamente aqui que a proposta da Quinta do Tanque poderá destacar-se.

Em relação ao caso particular da Estufa Fria do Jardim Botânico José do Canto – única quinta existente na área de Ponta Delgada a disponibilizar este serviço – consideramos que a sua maior limitação se encontra na capacidade de pessoas que alberga, que se verifica baixa para uma versatilidade de reuniões sociais - e também por deter obrigatoriedade de catering próprio. Contudo, este espaço tem a versatilidade de ser alugado com o intuito de albergar uma tenda provisória de forma a receber eventos de maior ordem e, em relação a esta vertente, gostaríamos de ressalvar que é comum no mercado da Ilha de São Miguel o recorrer a esta solução de aluguer de uma tenda que se possa implantar provisoriamente em propriedades particulares. Na Quinta do Tanque, inclusive, já se recorreu a esta modalidade, onde se montou provisoriamente uma tenda junto à habitação de vivência permanente do século XX, para dar lugar a uma celebração[1].

Na verdade, cada vez menos a população alvo recorre a este modelo de serviço, uma vez que implica ser o próprio requerente a pensar toda a organização, dinâmicas e estruturas de serventia, o que acarreta um trabalho acrescido. Contudo, dada a falta de oportunidades de espaços fixos que permitam aglomerados de grande ordem - sendo a única expeção o Espaço Quinta Eventos na Ribeira Grande, que corrobora esta carência pela sua elevada procura - esta continua a ser a única opção que permite uma celebração de maior ordem, tendo em conta a dimensão de um espaço de 500m2. É neste sentido que consideramos que, em particular, uma das formas de nos destacarmos do existente no mercado, passaria por o nosso programa oferecer um

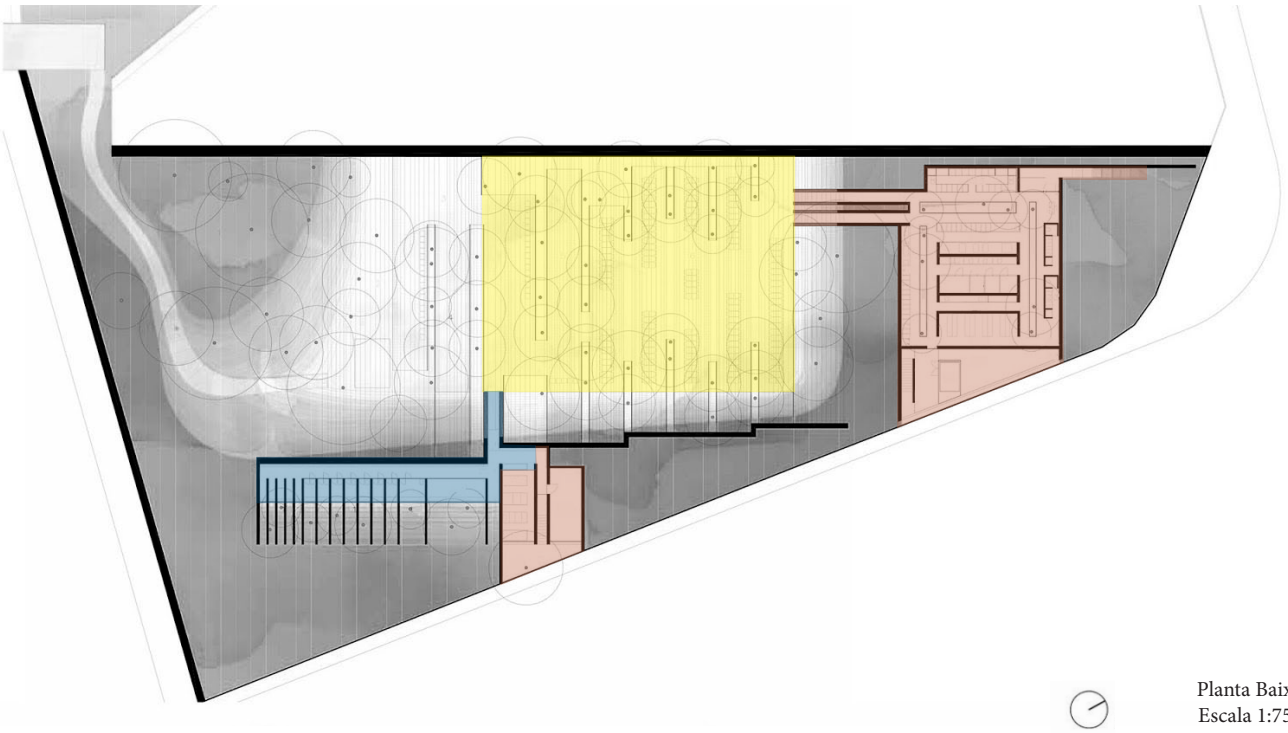
1. Evento que albergou 150 pessoas em formato banquete. Neste espaço distribuíram-se 15 mesas de 10 pessoas, um espaço para banda e pista de dança, um espaço para bancadas de buffet, tendo em conta que existia algum espaço inutilizado interno à tenda com as árvores pertencentes ao jardim.





Quinta do Eirado (medidas aproximadas): salão de eventos - 330m2; i.s. convidados - 25m2; cozinha - 45m2; área staff (i.s. + sala) - 15m2.

Planta Piso 0 e -1
Escala 1:750



Planta Baixa
Escala 1:750

Banqueting Pavilion Les Cols (medidas aproximadas): salão de eventos - 700m2; i.s. convidados - 85m2; cozinha - 250 m2; área staff (i.s. + sala) - 45m2.

Área comum - Salão principal
Área de serviço pública
Área de serviço restrita

50. Análise programática e de circulações e agrupamento de funções em dois projetos de refe-referência: a Quinta do Eirado de Álvaro Leite Siza (mais à esquerda) e Banqueting Pavilion, Restaurant Les Cols de RCR Arquitectes (ao centro).

serviço de tal ordem, que configure um aspeto diferenciador e inexistente no núcleo de Ponta Delgada.

Em suma, da análise realizada consideramos que a nossa proposta, à partida, deve considerar a integração de: estacionamento, cozinha[2], alojamento, versatilidade no número de salas, sendo que uma destas detenha uma dimensão de grande ordem como forma de oferecer um serviço diferenciador e competitivo no mercado onde se insere.

Num segundo momento, tendo noção do mercado existente na ilha e dos primeiros elementos integrantes do programa, propusemo-nos a olhar para fora e explorar que mais atributos poderíamos integrar na nossa proposta, assim como compreender o funcionamento e dinâmicas inerentes à organização deste tipo de programa arquitetónico. Para esta procura destacamos duas referências: a Quinta do Eirado de Álvaro Leite Siza (1998) e o Banqueting Pavilion, Restaurant Les Cols de RCR Arquitectes (2007-11).

Ambos os projetos se apresentam em contextos díspares, tanto pela sua localização geográfica, como pelo cenário à priori que alegam. Contudo, de momento, interessa-nos uma análise do ponto de vista programático e funcional, e não do resultado arquitetónico e análise crítica à obra.

Assim, constatamos, desde logo, que as duas obras detêm um só espaço interior que acolhe a circunstância social e que, por sua vez, sendo este de diferentes ordens, verificamos que as condicionantes programáticas de serventia ao espaço em cada projeto denotam diferentes complexidades.

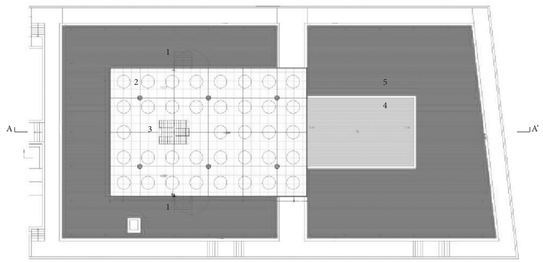
Primeiramente, num paralelo entre as duas referências, verificamos que existem três grupos que conformam o programa: o salão principal – que recebe o evento; uma área de serviço pública – que se destina aos convidados; e uma área de serviço restrita – onde se reúne a área de funcionários e de serventia à ocorrência social.

Neste sentido, e especificando, consideramos a área de serviço pública a que se destina às instalações sanitárias para os convidados, sendo que em Les Cols existe ainda um espaço reservado a bengaleiro. A área de serviço restrita, destinada aos funcionários, detém a cozinha – com dimensões e grau de desenvolvimento diferentes -, instalações sanitárias para os funcionários, sendo que em Les Cols, se apresenta também uma área de lavandaria e armazém.

Será também de destacar que ambos os projetos apresentam uma entrada principal destinada aos convidados e uma entrada de serviços para os funcionários, com inclusive acesso para cargas e descargas, sendo que os percursos não se cruzam.

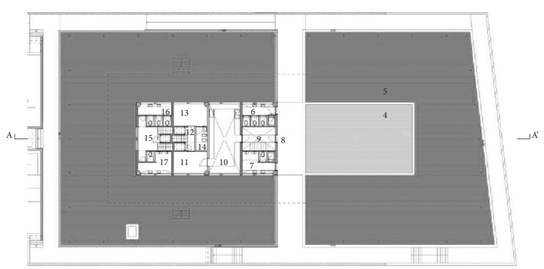
Neste sentido, as duas referências desenvolvem-se de duas diferentes formas. A Quinta do Eirado, organiza-se em dois níveis – dois pisos – o que formula que o

2. Que permite um serviço de catering próprio e um exterior para maior versatilidade do serviço oferecido.



Planta Piso 0
Escala 1:500

1. Entrada na sala 2. Salão de festas 3. Acesso vertical serviços 4. Piscina 5. Área ajardinada

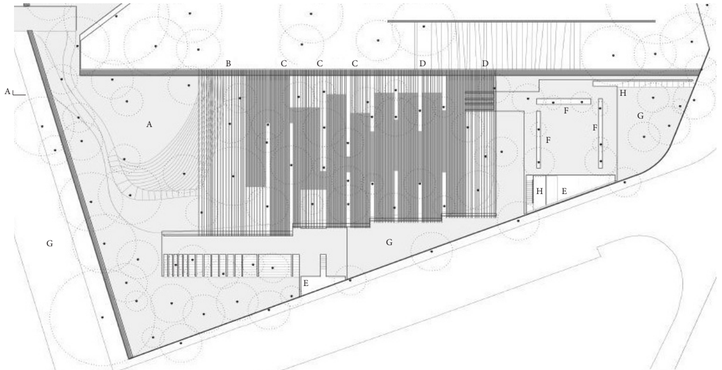


Planta Piso -1
Escala 1:500

4. Piscina 5. Área ajardinada 6. Baneários femininos (serviço à piscina) 7. Balneários masculinos (serviço à piscina) 8. Entrada de Serviços 9. Átrio de distribuição com armazenamento 10. Cozinha 11. Copa serviços 12. Átrio serviços 13. Sala Staff 14. Instalações sanitárias staff 15. Átrio de acesso às instalações sanitárias dos convidados 16.Instalações sanitárias femininas 17. Instalações sanitárias masculinas

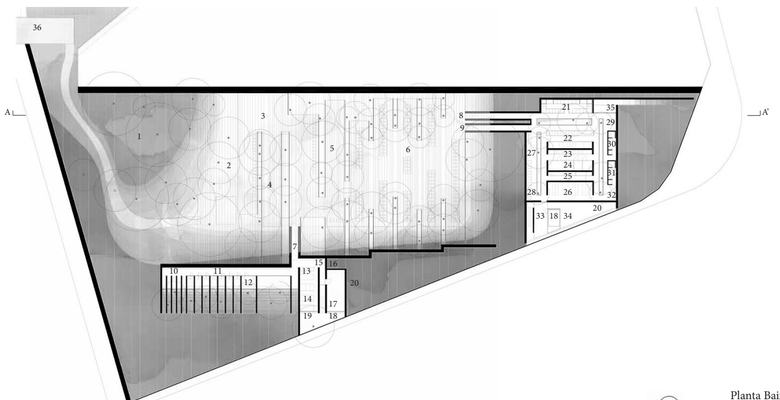


Corte AA'
Escala 1:500



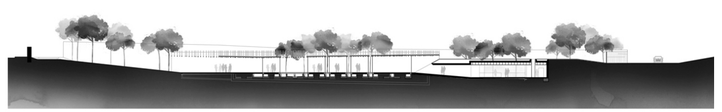
Planta Implantação
Escala 1:750

A. Espaço de Acesso B. Exterior filtrado C. Exterior coberto D. Exterior climatizado E. Exterior de serviço F. Pátios G. Jardim H. Entrada da cozinha (serviços)

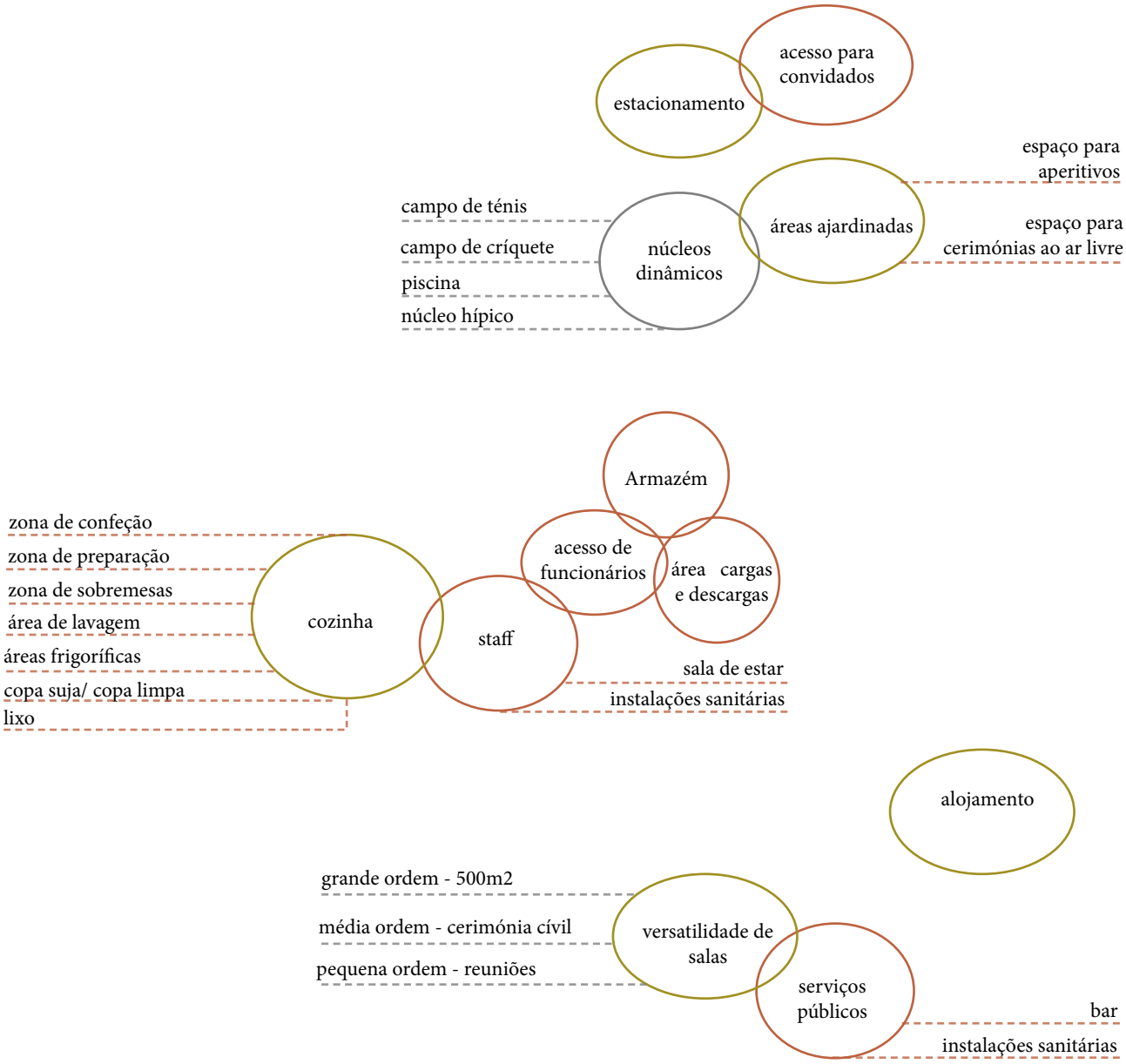


Planta Baixa
Escala 1:750

1. Rampa exterior de acesso 2. Espaço exterior 3. Espaço de aperitivo 4. Espaço de cerimónia 5. Espaço de dança 6. Salão 7. Entrada área serviços (convidados) 8. Entrada cozinha 9. Saída cozinha - zona limpa 10. Instalações sanitárias 11. Instalações sanitárias 12. Instalação sanitária acessível 13. Bengaleiro 14. Lavandaria 15. Saída de serviços 16. Sala de caldeiras 17. Armazém 18. Monta-cargas 19. Pátio exterior de serviços 20. Área técnica 21. Zona de limpeza e armazenamento 22. Zona de preparação e confecção 23. Zona de limpeza de produtos 24. Preserva de alimentos - árcas frigoríficas 25. Zona de sobremesas 26. Armazém cozinha 27. Área de cafetaria 28. Frigorífico de bebidas 29. Receção 30. Vestiário (duche e i.s.) 31. Vestiário (duche e i.s.) 32. Escritório 33. Entrada de serviços 34. Contentores de lixo 35. Entrada Staff 36. Entrada Principal



Corte AA'
Escala 1:750



Legenda:

Requisitos identificados na análise do mercado.

Aspetos analisados nos dois projetos arquitetónicos que vêm completar os requisitos identificados.

Aspetos particulares: atividades inerentes ao objeto de estudo/ abordagem pessoal enquanto cliente de aspetos importantes a integrar o programa.

51. Início de proposição do progama e estudo de relações. Reunião de informação e aprofundamento do programa: análise realizada da oferta de mercado em São Miguel, análise realizada às obras arquitetónicas, as condicionantes inerentes ao nosso objeto de estudo e aspetos por nós considerados imperativos integrar o programa enquanto clientes. MB0220

piso superior se destine à sala principal e o piso inferior resolva as condicionantes de serventia ao espaço. Contudo, não é descurada a autonomização da zona de serviços que serve os convidados e a utilizada pelos funcionários. Através da colocação de duas escadas com sentidos ascendentes contrários num mesmo ponto de distribuição, consegue-se que os percursos não se cruzem e, assim, responder a esta condicionante de funcionamento.

Contrariamente, em Les Cols, a estratégia é díspar, visto que a obra se desenvolve numa só cota. Neste sentido, para resolver as dinâmicas de serventia adota-se uma estratégia da integração de dois núcleos separados, adjacentes à sala principal em diferentes pontos, em que um serve a área restrita e o outro a área pública de serviços. Sendo o programa em Les Cols mais complexo, tanto pela dimensão da sala que serve, como por se tratar de um restaurante, há um cuidado em que a relação da cozinha com a sala se realize através de uma copa suja e uma copa limpa e, inclusive, há uma maior consideração de parâmetros como espaço de receção, espaço para contentores de lixo e área técnica.

Assim, é com base no cruzamento destes dois momentos de análise que procedemos à proposição do nosso programa em particular: começamos com os requisitos que reconhecemos na análise realizada ao mercado existente na Ilha; completamos com as especificidades que consideramos pertinentes na análise às obras referenciadas; e, por fim, acrescentamos um fator de visão pessoal - de um cliente heterogéneo intermediário das gerações - que se coloca numa posição crítica de optar por uma específica abordagem ao programa, juntamente com o entendimento do espaço inerente ao objeto de estudo que pretende tirar partido das suas particularidades.

Formulamos assim: uma consciencialização do programa e das relações de funcionamento e dinâmicas; adaptamos as áreas estudadas nas obras de referência às nossas condicionantes; estudamos as capacidades inerentes às áreas pensadas, como forma de compreender e definir com segurança as áreas das salas definidas; e, assim, chegamos ao que acreditamos ser um compromisso equilibrado na proposição do nosso programa em particular, apresentado no volume I.

IV. Projeto: desígnio de uma intervenção próxima

01. Intervenção

Esquemas de organização: layouts e capacidades : sala norte, sul e poente

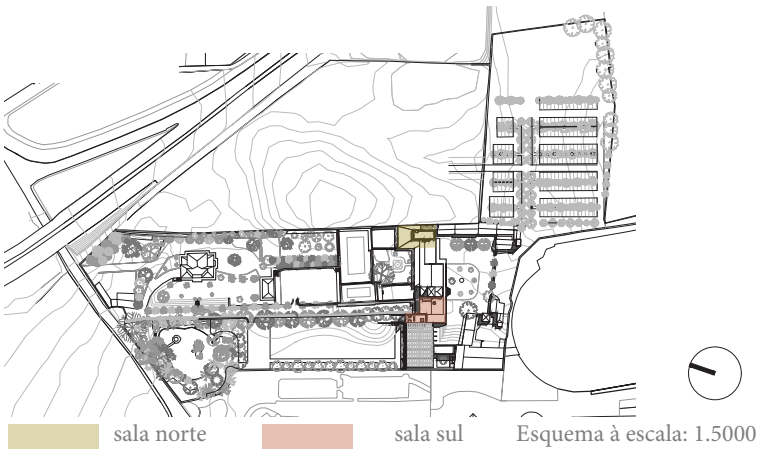
02. Faseamento

Esquemas de organização: layouts e capacidades das salas: norte, sul e poente

No decorrer da análise realizada para a proposição do programa que nos permitiu sugerir um uso com relevância para o contexto real, constatamos - como já referido - que a divulgação comercial dos espaços semelhantes ao que propusemos têm em atenção a capacidade de pessoas por área consoante o formato de cinco diferentes *layouts* de organização do espaço - sendo que cada uma destas disposições oferece versatilidade de uso da mesma sala, o que confere diferentes lotações a ter em conta.

Neste sentido, procedemos a um estudo aproximado na integração destas organizações nos espaços inerentes à nossa proposta, como forma de promover e reforçar a pretensão de versatilidade de uso e de definir as capacidades aproximadas consoante as condicionantes consideradas.

Ressalvamos que se procede a um estudo aproximado, com condicionantes por nós pensadas e definidas que pretendem sugerir o bom funcionamento das diversas possibilidades de reuniões, atividades, encontros e celebrações, sejam festivas, sociais ou de trabalho.

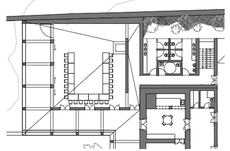


Sala Norte



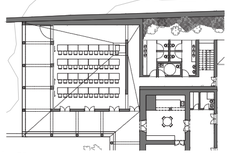
layout
plateia

capacidade: 100 pessoas



layout
mesa
em "U"

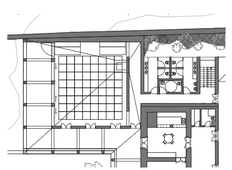
capacidade: 26 pessoas



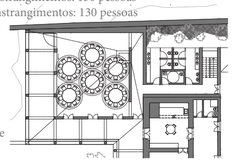
layout
escola

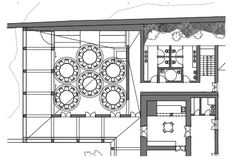
capacidade: 50 pessoas





layout
cocktail
capacidade:
sem constrangimentos: 150 pessoas
com constrangimentos: 130 pessoas

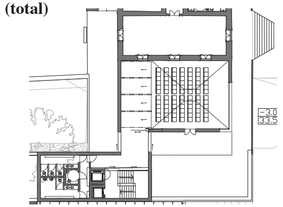




layout
banquete

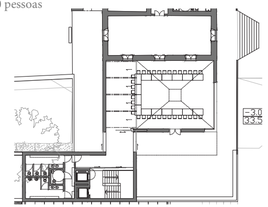
capacidade: 60 pessoas

Sala Sul (total)



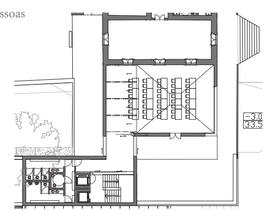
layout
plateia

capacidade: 110 pessoas



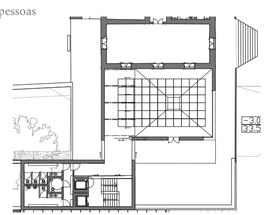
layout
mesa
em "U"

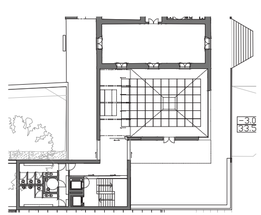
capacidade: 34 pessoas



layout
escola

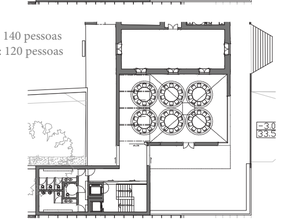
capacidade: 40 pessoas

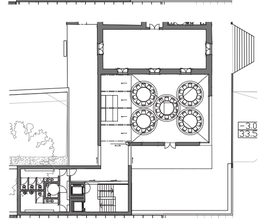




layout
cocktail

capacidade:
sem constrangimentos: 140 pessoas
com constrangimentos: 120 pessoas





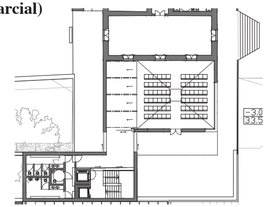
layout
banquete

capacidade:
sem constrangimentos: 60 pessoas
com constrangimentos: 50 pessoas

layout
banquete

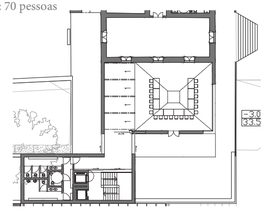
sem viabilidade

Sala Sul (parcial)



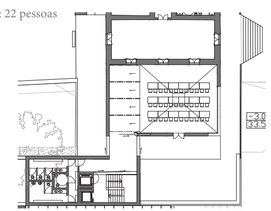
layout
plateia

capacidade: 70 pessoas



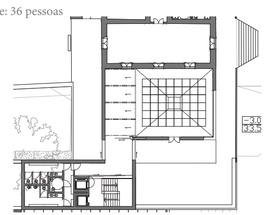
layout
mesa
em "U"

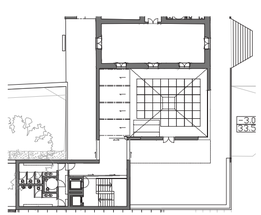
capacidade: 22 pessoas



layout
escola

capacidade: 36 pessoas





layout
cocktail

capacidade:
sem constrangimentos: 96 pessoas
com constrangimentos: 90 pessoas

LEGENDA

layout plateia

Consideramos:
zona de palco e circulações bem definidas;
- circulações: largura 1.20m mínimo
- cadeiras de plateia 0.55mx0.60m + espaço de 0.40m



layout mesa em "U"

Consideramos:
zona de palco e circulações bem definidas;
- circulações: largura 1.20m mínimo
- cadeiras e mesas – mesa para duas pessoas 1.30mx0.8m



layout escola

Consideramos:
zona de palco e circulações bem definidas;
- circulações: largura 1.20m mínimo
- cadeiras de plateia 0.55mx0.60m + espaço de 0.40m



layout cocktail

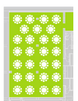
Consideramos espaço pode conter ou não:
- pista de dança
- bancadas para buffet.
- espaço livre, sem assentos: 2 pessoas por metro quadrado



layout banquete

Consideramos que o espaço pode conter ou não:
- circulações mínimo: largura de 0.90m
- mesas com diâmetro de 1.80m – com capacidade de sentar 10 pessoas
- área de deslocação e rotação das cadeiras 0.60m
- entre mesas e cadeiras – 0.40m de espaço de circulação

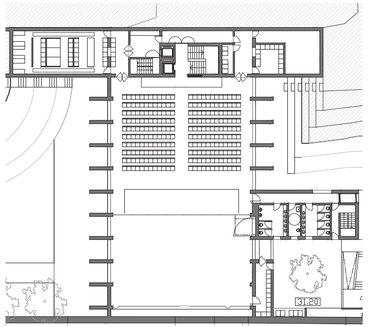
Extra: bancadas de 3,5mx0.6m com espaço para se servirem de 0.90m e distanciamento para circularem
Pista de dança: zona de banda ou dj – 5m x3m – zona de dança 5mx4m



DESENHO
ESQUEMAS DE ORGANIZAÇÃO
LAYOUTS E CAPACIDADES
SALA NORTE E SALA SUL

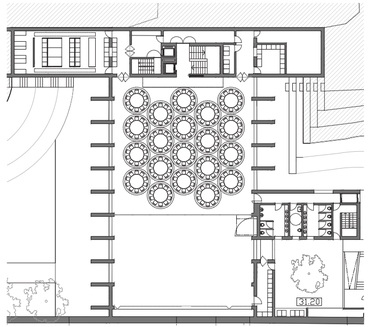
ESCALA 1/500

Nº 52

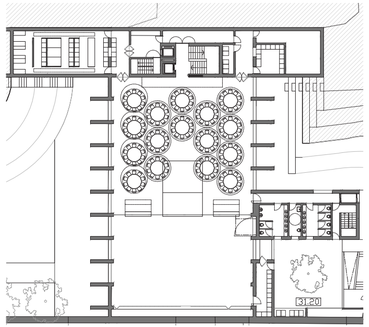


layout plateia

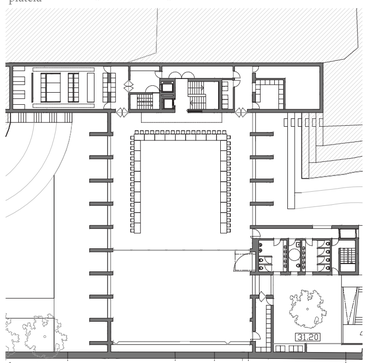
capacidade: 240 pessoas



layout banquete

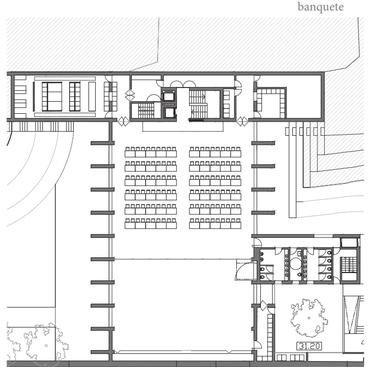


capacidade:
sem constrangimentos: 200 pessoas
com constrangimentos: 160 pessoas



layout mesa em "U"

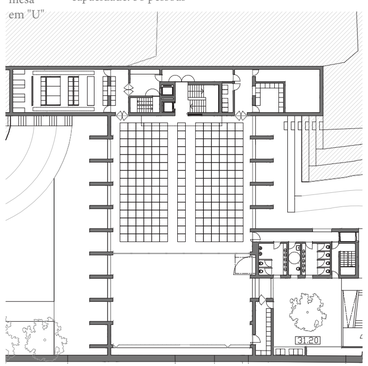
capacidade: 56 pessoas

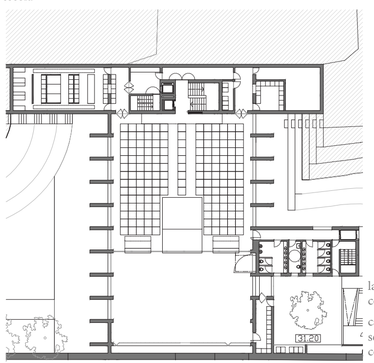


layout escola

capacidade: 120 pessoas

Sala Poente (parcial)



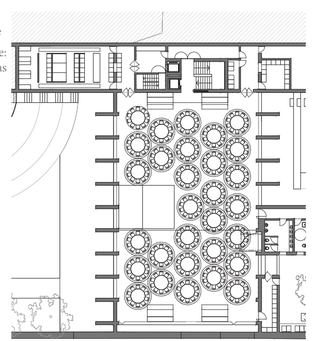


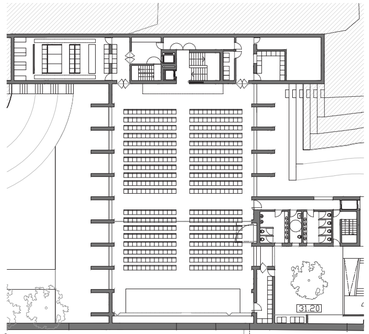
layout cocktail

capacidade:
sem constrangimentos: 390 pessoas
com constrangimentos: 330 pessoas

layout banquete

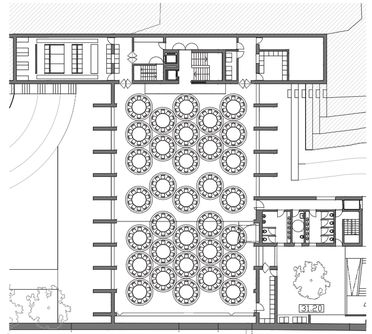
capacidade:
com constrangimentos: 300 pessoas





layout plateia

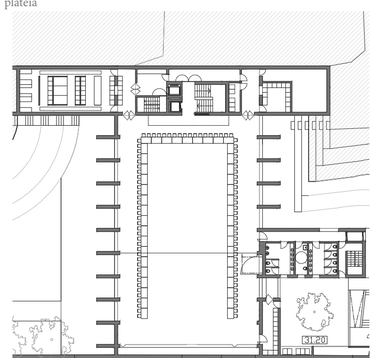
capacidade: 456 pessoas



layout banquete

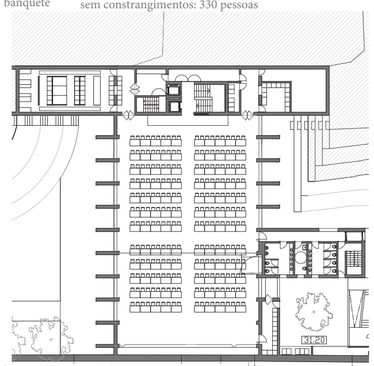
capacidade:
sem constrangimentos: 330 pessoas

Sala Poente (total)



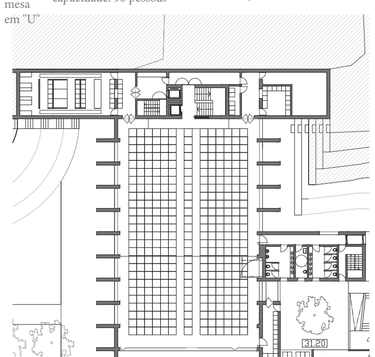
layout mesa em "U"

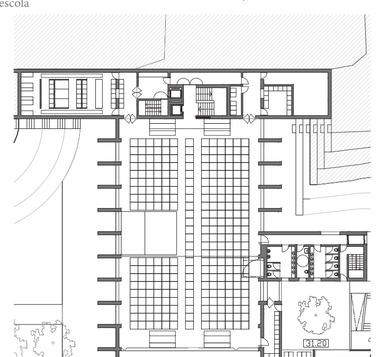
capacidade: 90 pessoas



layout escola

capacidade: 240 pessoas





layout cocktail

capacidade:
sem constrangimentos: 700 pessoas
com constrangimentos: 550 pessoas

layout plateia

Consideramos:
zona de palco e circulações bem definidas;
- circulações: largura 1.20m mínimo
- cadeiras de plateia 0.55mx0.60m + espaço de 0.40m



layout mesa em "U"

Consideramos:
zona de palco e circulações bem definidas;
- circulações: largura 1.20m mínimo
- cadeiras e mesas – mesa para duas pessoas 1.30mx0.8m



layout escola

Consideramos:
zona de palco e circulações bem definidas;
- circulações: largura 1.20m mínimo
- cadeiras de plateia 0.55mx0.60m + espaço de 0.40m



layout cocktail

Consideramos espaço pode conter ou não:
- pista de dança
- bancadas para buffet.
- espaço livre, sem assentos: 2 pessoas por metro quadrado



layout banquete

Consideramos que o espaço pode conter ou não:
- circulações mínimo: largura de 0.90m
- mesas com diâmetro de 1.80m – com capacidade de sentar 10 pessoas
- área de deslocação e rotação das cadeiras 0.60m
- entre mesas e cadeiras – 0.40m de espaço de circulação

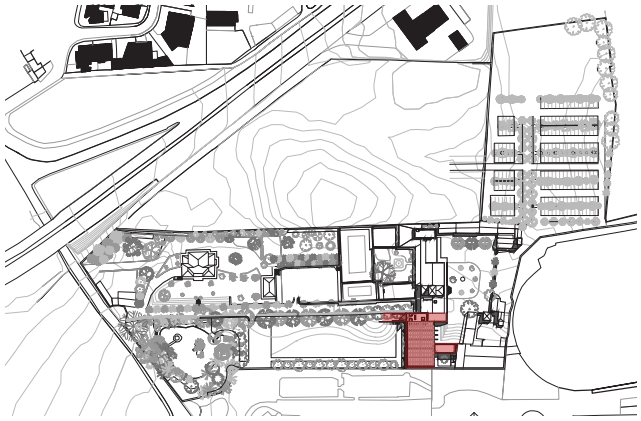


Extra: bancadas de 3,5mx0.6m com espaço para se servirem de 0.90m e distanciamento para circularem
Pista de dança: zona de banda ou dj – 5m x3m – zona de dança 5mx4m

DESENHO
ESQUEMAS DE ORGANIZAÇÃO
LAYOUTS E CAPACIDADES
SALA POENTE

ESCALA 1/500

Nº 53



sala poente

Esquema à escala: 1.5000

ANEXOS

- O *Memorial* de 1973: "Casa das Laranjeiras"

- Excertos das actas de arrematação existentes no arquivo privado da família Soares de Albergaria que permitiram a definição cronológica da evolução da propriedade:

Documentos de: - 1835
- 1869
- 1874
- 1880
- 1920

Memorial de 1973: "Casa das Laranjeiras"

CASA DAS LARANJEIRAS

MEMORIAL

Em 28 de Agosto de 1850 o Morgado Laureano Francisco da Camara Falcão mandou executar em Inglaterra o projecto de uma casa conforme as suas indicações.

Homem vaidoso e faustoso, desejando ofuscar os seus vizinhos : os Viscondes das Laranjeiras, fazemos nós ideia quais teriam sido essas suas indicações pelos resultados dos planos que temos em nosso poder.

A obra começou desde logo para parar inacabada em data que não podemos precisar.

A segunda esposa do Morgado, logo depois da morte do marido, retalhou o prédio e foi vendendo a vários compradores tendo sido a casa e algum terreno ao Senhor José de Ataide Corte Real da Silveira Estrela. Foi então a este Senhor que meu Avô, o Senhor Antonio José de Vasconcellos, comprou o lote que possuia e foi comprado a outros, tentando reconstituir o primitivo prédio o que não conseguiu na totalidade.

Meu Avô tomou posse da casa inacabada como estava e usava-a para passar alguns meses de verão.

Avêsso a Obras de qualquer especie nada lhe fez para a tornar equilibrada contentando-se em adaptar-se dentro do que existia o melhor que pôde sem alterar a disposição interior dos aposentos.

Deste são critério resultou a casa chegar até nós exactamente conforme com os primitivos planos que possuimos.

Depois daquela longinqua data do século 19, o Mundo deu muitas voltas, as exigencias são outras, a situação económica variou e parece ter chegado o momento de retomar os primitivos planos.

Como a obra é de vulto, teremos que abordar por fazes.

Segue a 1ª faze:

1ª FAZE

Quem se debruçar sobre a planta geral da casa tal como foi concebida em Inglaterra e delimitar nela a parte que hoje existe

e que ficou quando foram suspenssas as obras, reconhece á primeira vista não existir nela nenhum apartamento condigno para sala de jantar. Esta é a primeira lacuna que tem de ser preenchida.

Como na parte central da casa não se póde nem se deve mexer teremos de lançar mão do pavilhão direito primitivamente destinado á cozinha e outras dependencias.

Este pavilhão completamente esvaziado do seu conteudo méde $11^{m},95$ de comprimento por $4^{m},95$ de largura desde a porta de entrada até aos arcos da chaminé completamente tapados a pedra e cal. Veja planta Nº II.

Fica assim uma sala sensivelmente igual á que para esse fim era primitivamente destinada, pois que esta méde $13^{m},20$ por $4^{m},85$ dando uma area util aproximadamente igual. Teremos então sómente de deslocar a cozinha para outro sitio.

Respeitado assim o alçado sul primitivo da casa, teremos de a construir do lado Norte onde não falta espaço e varias possibilidades. Para esse fim veja-se a planta Nº I.

Nesta planta vão desenhados os varios anexos posteriormente construidos.

Como as plantas inglezas são em escala petipés e palmos, tivemos que substitui-la pelo sistema métrico. Esse trabalho feito pelo Jacinto e por mim, deu-nos $0^{m},93$ para 1 metro mas não é exactamente certo. Por isto as medições apresentadas são as verdadeiras tiradas nos locaes.

Como se vê da planta Nº I há varias hipoteses, digo, possibilidades, sendo a que me parece a mim mais interessante o local da Cisterna e da casa contigua ~~que antigamente servia de cisterna~~. Fica proximo da porta da actual cozinha e proximo tambem de uma porta que terá de se abrir para dar entrada para o vão da chaminé e piais que possivelmente poderão vir a servir no caso de dificuldades de abastecimentos obrigando a retomar a feitoria de enchidos ou mesmo como dispensa á prova de rato.

Qualquer outra ideia que tenham, logo que seja planeada e construida do Lado Norte, onde há largo espaço sobre o galinhei-

Veja-se planta N III

ro, é boa, não desfeia o Alçado Norte da casa pois que o Alçado Sul é de facto a frente da casa, onde nada realmente poderá e deverá ser construido.

Termino aqui o que se me oferece dizer sobre a 1ª Faze e passo á 2ª Faze.

2ª FAZE

Esta 2ª Faze trata exclusivamente do Pavilhão Poente, da casa que falta construir na totalidade e no qual está colocada a Sala e quarto da orquestra.

Os materiais de que actualmente dispomos e a técnica moderna, facilitam enormemente a sua execução, que para o tempo se apresentava arrojada e dispendiosa, não sendo caso para se relegar para a classe dos impossiveis.

Sôbre êle se falará exaustivamente em tempo oportuno.

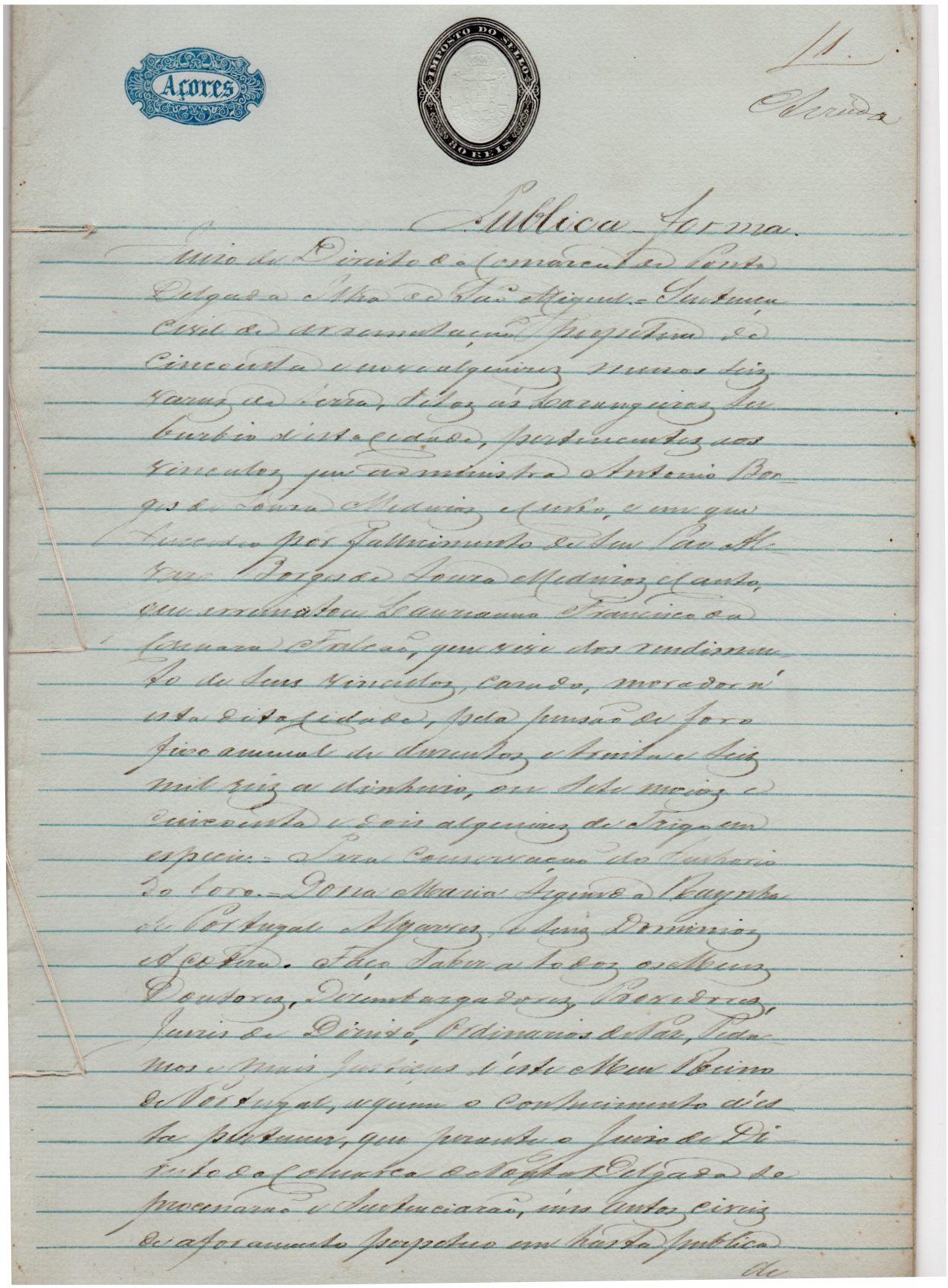
Não devemos perder de vista nem a vastidão do plano concebido pelo Morgado e muito menos deteriorá-lo, nem o espirito para a qual ela foi concebida, de Mansão destinada a Festas espetaculares que aqui talvez se darão concluida que esteja a casa ou pela minha geração, ou pela tua, ou pelas que se forem seguindo.

Compete porem, a estas, seguir as pisadas do Morgado, pioneiro da dita Grande Geração que nos precedeu e ir preparando para outras que seguirão aquilo a que hoje se chama as Infraestruturas para fechar com uma palavra da mais palpitante actualidade.

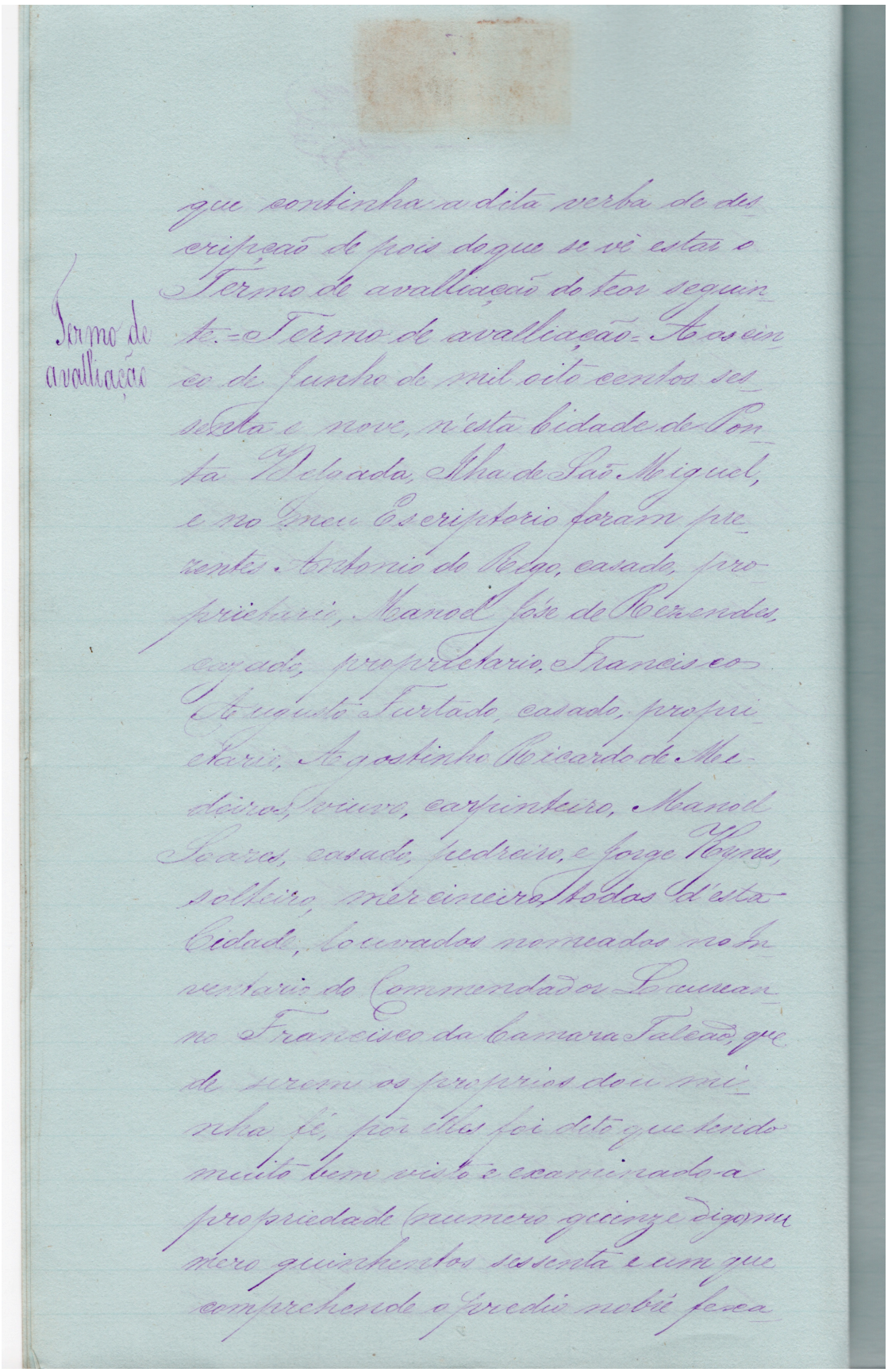
Quinta do Tanque

28 de Março de 1973.

Excerto das actas de arrematação da propriedade: 1835

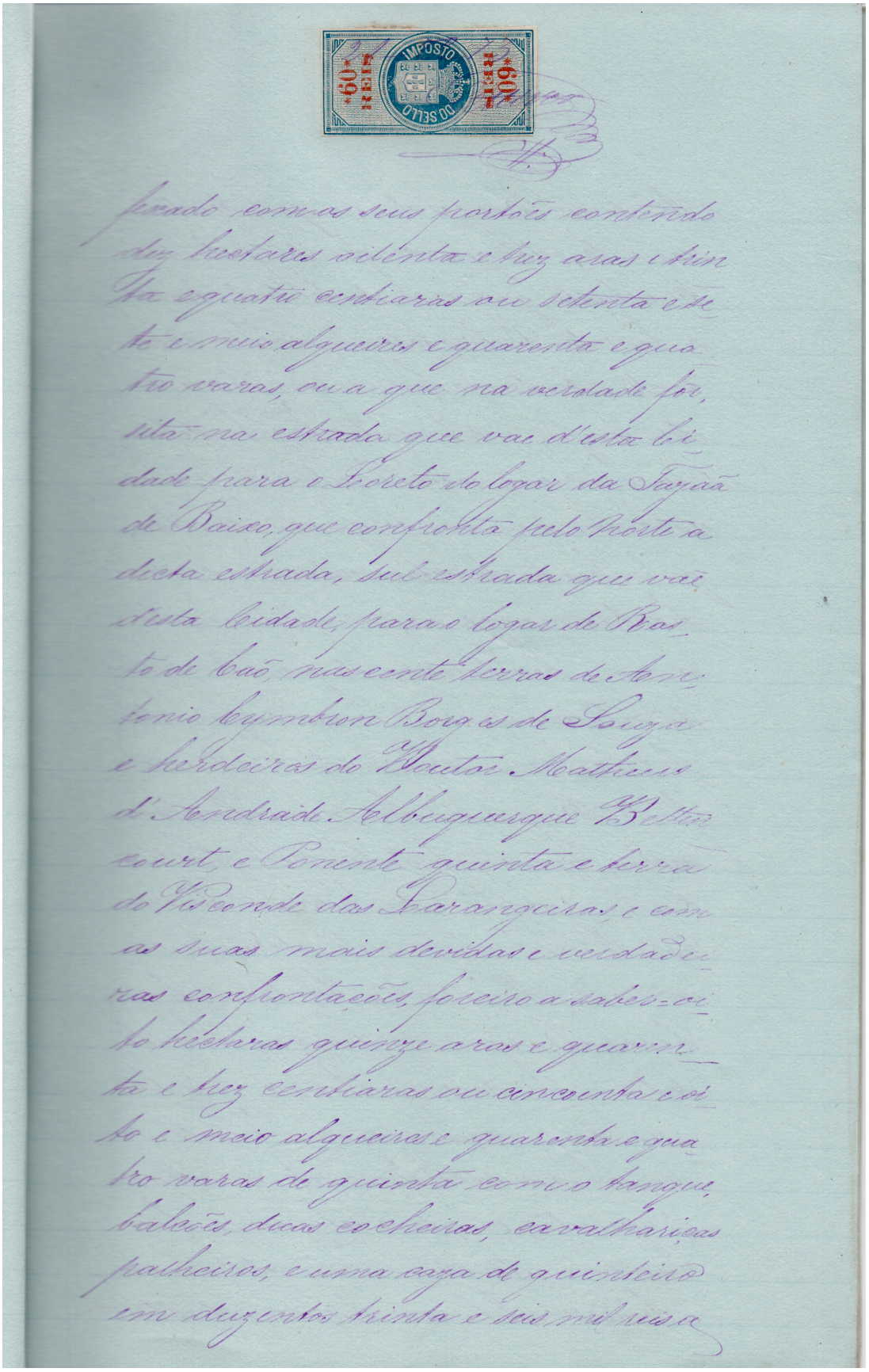


Excerto das actas de inventário da propriedade - termo de avaliação: 1869



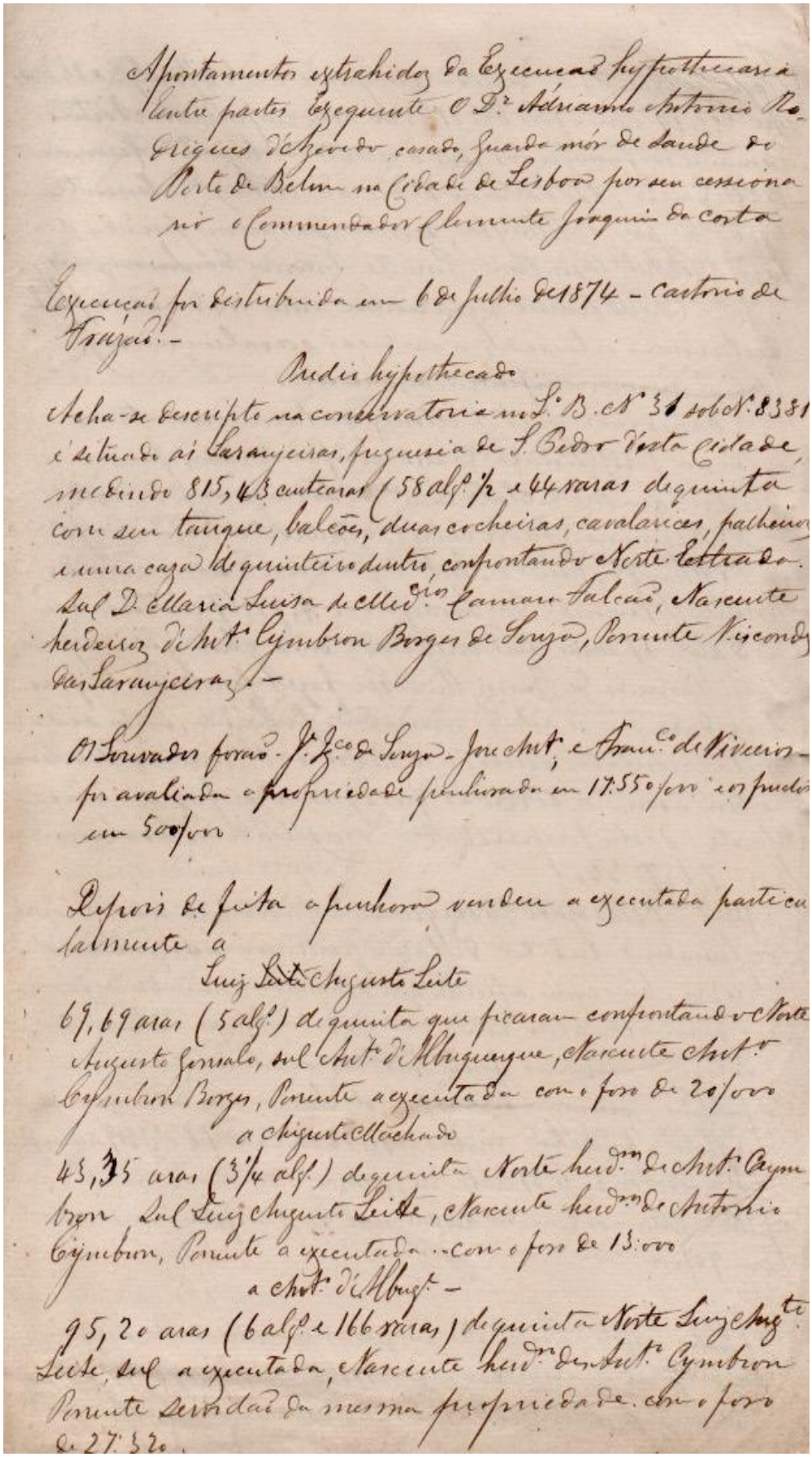
que continha a dita verba de des
cripção de pois do que se vê estar o
Termo de avalliação do teor seguin
te. = Termo de avalliação = Aos cin
co de Junho de mil oito centos ses
senta e nove, n'esta Cidade de Pon
ta Delgada, Ilha de São Miguel,
e no meu Escriptorio foram pre
zentes Antonio do Rego, casado, pro
prietario, Manoel José de Rezendes,
cazado, proprietario, Francisco
Augusto Furtado, casado, propri
etario, Agostinho Ricardo de Me
deiros, viuvo, carpinteiro, Manoel
Soares, casado, pedreiro, e Jorge Reynes,
solteiro, mercineiro, todos d'esta
Cidade, louvados nomeados no In
ventario do Commendador Laurean
no Francisco da Camara Falcão, que
de serem os proprios dou mi
nha fé, por elles foi dito que tendo
muito bem visto e examinado a
propriedade (numero quinze digo nu
mero quinhentos sessenta e um que
comprehende o predio nobre fexa

Termo de avalliação



fexado com os seus portões contendo
dez hectares oitenta e trez aras e trin
ta e quatro centiaras ou setenta e se
te e meio alqueires e quarenta e qua
tro varas, ou a que na verdade for,
sita na estrada que vae d'esta Ci
dade para o Loreto do logar da Tajaã
de Baixo, que confronta pelo Norte a
dicta estrada, sul estrada que vae
d'esta Cidade, para o logar de Ras
to de Caõ, nascente terras de An
tonio Cymbron Borges de Souza
e herdeiros do Doutor Matheus
d'Andrade Albuquerque Betten
court, e Ponente quinta e terra
do Visconde das Laranjeiras, e com
as suas mais devidas e verdadei
ras confrontações, foreiro a saber = oi
to hectaras quinze aras e quaren
ta e trez centiaras ou cincoenta e oi
to e meio alqueires e quarenta e qua
tro varas de quinta com o tanque,
balcões, duas cocheiras, cavalhariças
palheiros, e uma caza de quinteiro
em duzentos trinta e seis mil reis a

Apontamentos extraídos da execução hipotecária: 1874



Apontamentos extrahidos da Execução hypothecaria
Entre partes Exequente O Dr. Adriano Antonio Ro-
drigues d'Azevedo casado, Guarda mór de Saude do
Porto de Belem na Cidade de Lisboa por seu cessiona-
rio o Commendador Clemente Joaquim da Costa

Execução foi distribuida em 6 de Julho de 1874 – Cartorio de
Frazão. –

Predio hypothecado

Acha-se descripto na conservatoria no L.º B. N.º 31 sob N.º 8381
é situado ás Laranjeiras, freguesia de S. Pedro d'esta Cidade,
medindo 815,43 centeiras (58 alq.s ½ e 44 varas de quinta
com seu tanque, balcões, duas cocheiras, cavalarices, palheiros
e uma caza de quinteiro dentro, confrontando Norte Estrada.
Sul D. Maria Luisa de Med.ros Camara Falcão, Nascente
herdeiros d'Ant.º Cymbron Borges de Souza, Poente Visconde
das Laranjeiras. –

Os Lavrados forão – J.º Ig.co de Souza – José Ant.º e Fran.co de Viveiros –
foi avaliada a propriedade penhorada em 17:550/000 e os predios
em 500/000

Depois de feita a penhora vendeu a executada particu-
larmente a

Luiz ~~Leite~~ Augusto Leite

69,69 aras (5 alq.s) de quinta que ficaram confrontando Norte
Augusto Gonsalo, sul Ant.º d'Albuquerque, Nascente Ant.º
Cymbron Borges, Poente a executada com o foro de 20/000

a Augusto Machado

43,35 aras (3¼ alq.s) de quinta Norte herd.ros de Ant.º Cym-
bron Sul Luiz Augusto Leite, Nascente herd.ros de Antonio
Cymbron, Poente a executada – com o foro de 13:000

a Ant.º d'Albuq.e –

95,20 aras (6 alq.s e 166 varas) de quinta Norte Luiz Aug.to
Leite, sul a executada, Nascente herd.ro de Ant.º Cymbron
Poente servidão da mesma propriedade. com o foro
de 27:320.

Ficou a executada ainda na posse de 43 1/2 alq.s e 28 varas ou 607,19 com o foro de 176320 reis confrontando Norte caminho das Laranjeiras, sul a executada hoje Dr. Hermano de Medeiros, Dr. Caetano d'Andrade Albuq.e, Nascente herd.ros de Jose d'Athayde, servidão do mesmo predio e herd.ros de Ant.o Cymbron, Ponente Visconde das Laranjeiras

D'este terreno requereu-se nova medição e a f. 169 declararam os louvados a medição e avaliação seg.te ~~com as mesmas confrontações acima~~.

O medidor Jac.t J. Moniz declarou encontrar medir a propriedade de suas confrontações para dentro que são do Norte cam.o das Laranjeiras, do sul Dr. Hermano, Andre cabral, Nascente herd.ros de Jose d'Athayde, herd.ros d'Ant.o Cymbron e servidão e do Ponente Visconde das Laranjeiras 4,99,67 centeiras ou 35 alq.s 17 varas não medindo uma gleba que o depositario Bernardo de Barros lhe disse fazer parte d'esta propriedade por se achar murada e fechada, tendo sido pela executada vendida a Pedro d'Alcantara Severim e bem assim a servidão por ignorar se faz ou não parte d'esta propriedade os avaliadores avaliaram em 7157:340

a f. 171 v.o O Advogado do exequente respondendo á declaração dos louvados e medidor declarou pertencer a servidão ao predio - bem como a parte que se achava murada e que se dizia ter sido vendida ao dito Pedro d'Alcantara Severim e requereu fossem medidas e avaliadas

a f. 175 ~~fizeram os louvados~~ declarou o medidor que a gleba fechada media 91,92 centeiras (6 alq.s 119 varas) e a servidão 6,87 cent. ou 99 varas

a f. 180 deram os louvados a avaliação de 1:800$000 e a servidão em 90$000

a f. 207 existe um termo em que os louvados declararam não ter incluido na avaliação 10,45 aras (3/4) de terra que confronta Norte o Dr. Caetano, sul caminho publico, Nas.te

Nascente Arão Bem Saude e outros e poente canada de Servidão, livre, que se acha tapada e murada em separado da outra propriedade que avaliaram e que é a foreira a Barão da Saude

Foi annunciada para a praça como medindo 42 as 35 varas inclusive uma servidão com o foro de 176:320

Foi arrematada com a mesma medida e foro e com as seg.tes confrontações

os 4,99,67 ou 35 alq.s e 17 varas

Norte caminho dos Laranjeiros
Sul D.r Hermano e Andre Cabral
Nascente herd.ro de J.e d'Athayde e Ant.o Cymbron e servidão
Poente Visconde dos Laranjeiros

os 91,92 aras (6 alq.s 119 varas

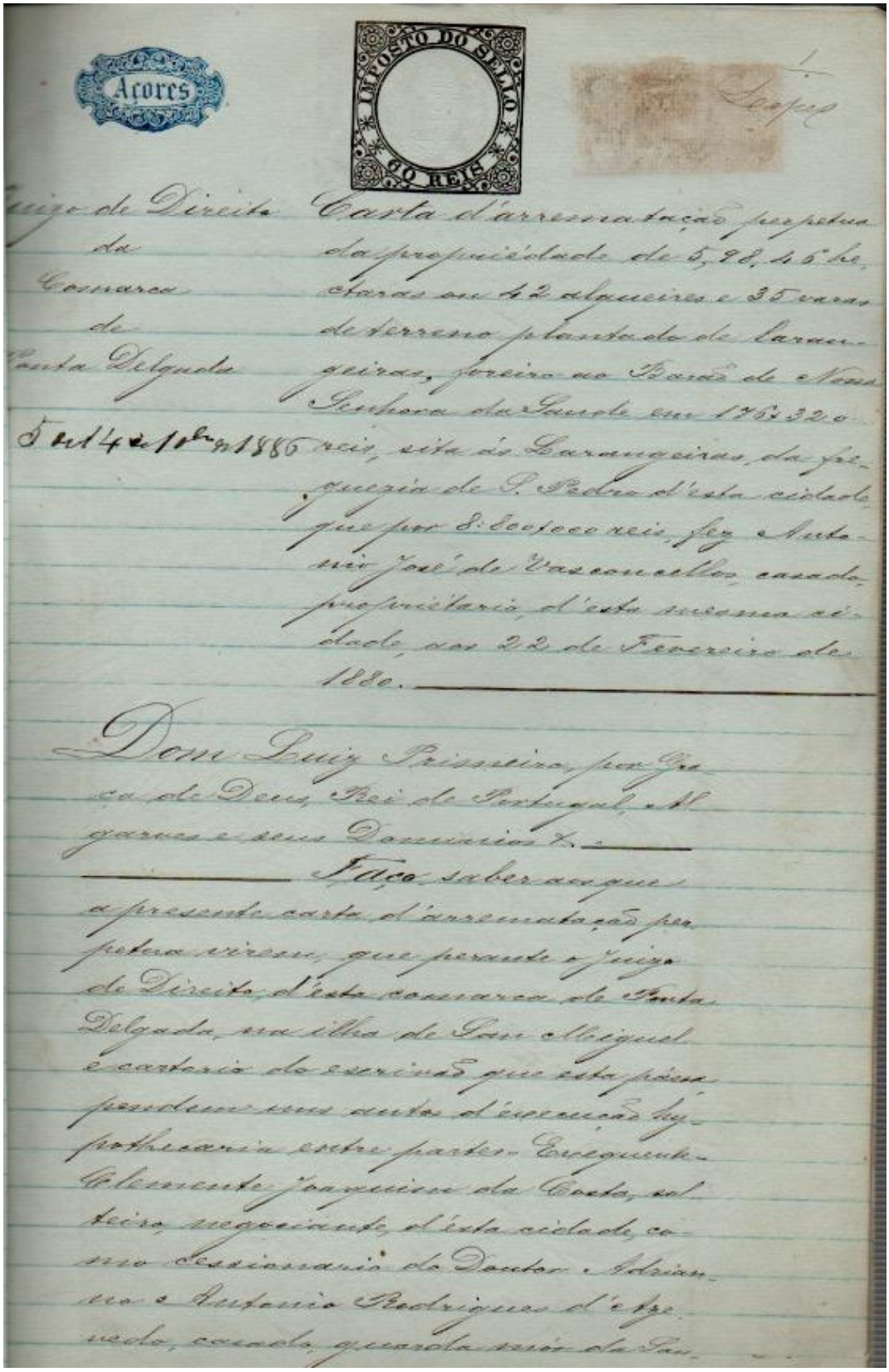
Norte Visconde dos Laranjeiros
Sul com a Estufas da Sociedade exportadora
Nascente herd.ro de Ant.o Cymbron
Poente servidão

os restantes 6,87 (99 varas) servidão

Norte a executada D. Maria Luiza
Sul Estrada da Pranchinha
Nascente a gleba supra e outros
Poente a executada

tudo foreira em 176:320 reis ao Barão da Saude

Excerto das actas de arrematação da propriedade: 1880



Açores

IMPOSTO DO SELLO 60 REIS

Juizo de Direito da Comarca de Ponta Delgada

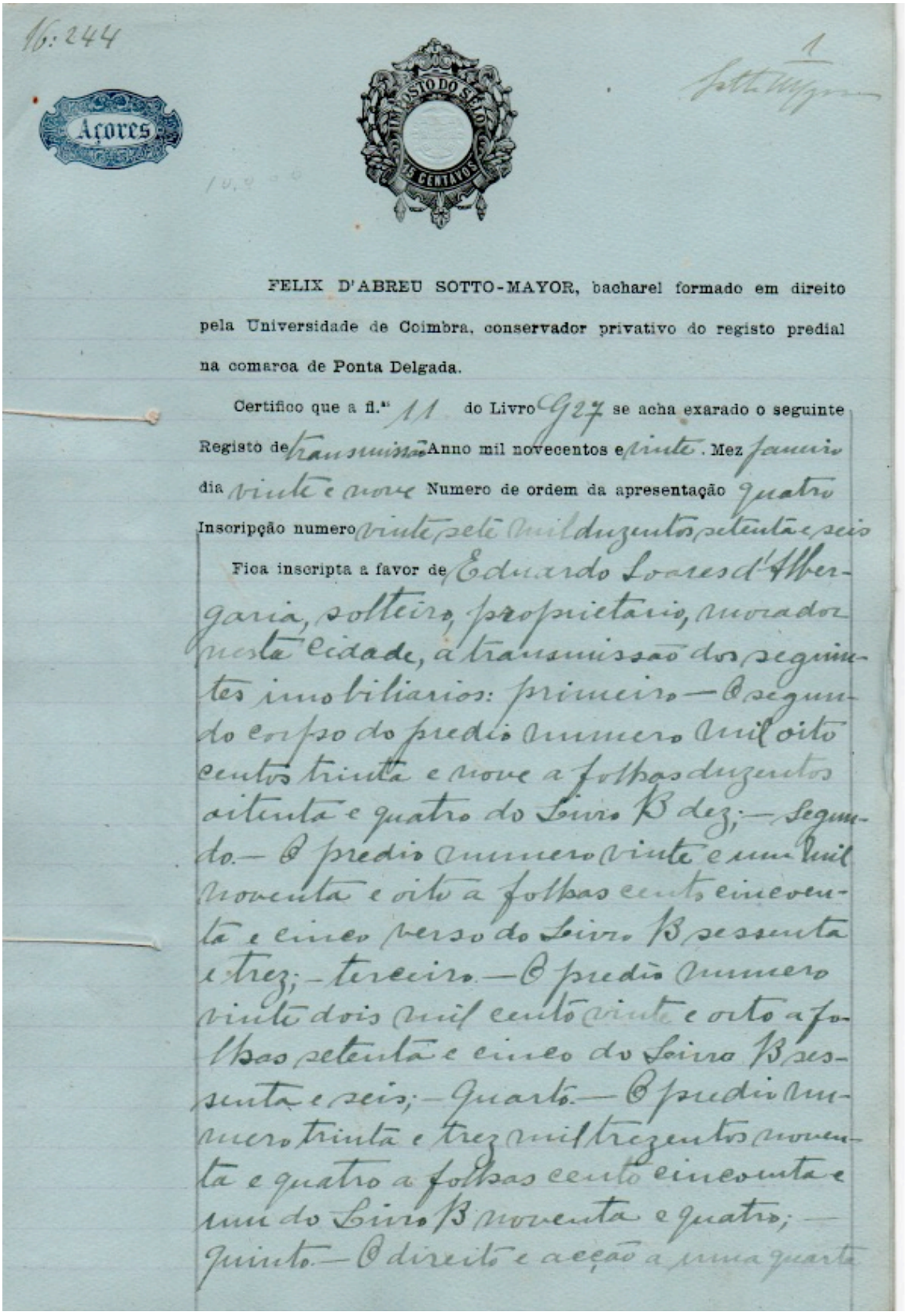
5 de 14 de 10bro de 1886

Carta d'arrematação perpetua da propriedade de 5,98,46 hectares ou 42 alqueires e 35 varas de terreno plantado de laranjeiras, foreiro ao Barão de Nossa Senhora da Saude em 176$320 reis, sita ás Laranjeiras, da freguezia de S. Pedro d'esta cidade que por 8:800$000 reis, fez Antonio José de Vasconcellos, casado, proprietario, d'esta mesma cidade, aos 22 de Fevereiro de 1880.

Dom Luiz Primeiro, por Graça de Deus, Rei de Portugal, Algarves e seus Dominios &.

Faço saber aos que a presente carta d'arrematação perpetua virem, que perante o Juizo de Direito, d'esta comarca de Ponta Delgada, na ilha de San Miguel e cartorio do escrivão que esta páesa pendem uns autos d'execução hypothecaria entre partes. Exequente Clemente Joaquim da Costa, solteiro, negociante, d'esta cidade, como cessionario do Doutor Adrianno Antonio Rodrigues d'Azevedo, casado, guarda mór da Sau-

Excerto das actas de arrematação da propriedade: 1920



16:244

Açores

IMPOSTO DO SELO 15 CENTAVOS

1

FELIX D'ABREU SOTTO-MAYOR, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, conservador privativo do registo predial na comarca de Ponta Delgada.

Certifico que a fl.ª 11 do Livro G27 se acha exarado o seguinte Registo de transmissão Anno mil novecentos e vinte. Mez janeiro dia vinte e nove Numero de ordem da apresentação quatro Inscripção numero vinte sete mil duzentos setenta e seis

Fica inscripta a favor de Eduardo Soares d'Albergaria, solteiro, proprietario, morador nesta cidade, a transmissão dos seguintes immobiliarios: primeiro — O segundo corpo do predio numero mil oitocentos trinta e nove a folhas duzentos oitenta e quatro do Livro B dez; — segundo — O predio numero vinte e um mil novecentos e oito a folhas cento cincoenta e cinco verso do Livro B sessenta e trez; — terceiro — O predio numero vinte dois mil cento vinte e oito a folhas setenta e cinco do Livro B sessenta e seis; — quarto — O predio numero trinta e trez mil trezentos noventa e quatro a folhas cento cincoenta e um do Livro B noventa e quatro; — quinto — O direito e acção a uma quarta

Referências Bibliográficas

ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000.

ALMEIDA E SOUSA, Albano, in *Revista Imobiliária n.82*, Especial Dossier Açores.

ARÍS, Carlos Martí, "Prólogo" in *Las formas de la residência en la ciudad moderna : vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, 2ª ed . Barcelona : Ed. UPC, 2000.

AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses : introdução ao estudo da Casa Nobre*. Lisboa : Horizonte, 1969.

BORGES, Pedro Maurício, *O desenho do território e a construção da paisagem na Ilha de S. Miguel, Açores, na segunda metade do século XIX, através de um dos seus protagonistas,* Coimbra, 2007.

BOWE, Patrick, *Jardins de Portugal*. Lisboa : Quetzal, 1989

BUSCH, Akiko, *Geography of home : writings on where we live*, New York : PAP, 1999. p.35

DIAS, Fátima Sequeira, "A importância da "economia da laranja" no Arquipélago dos Açores durante o séc. XIX". Sep. da revista *Arquipélago-história*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1955, vol. II.

FERNANDES, José Manuel, *Cidades e casas da Macaronésia : evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*, 2ª ed . Porto : Faup Publicações, 1996.

FONTE, Barroso da, *Pousada de Santa Marinha da Costa*. Lisboa : ELO, 1995.

FRANÇOISE, Choay, *As questões do património, antologia para um combate*, Lisboa, Edições 70, 2011.

GODMAN, Frederick du Cane, *Natural History of the Azores or Western Islands*. London, John Van Voorst, 1870.

GOMES, Tiago, *Betões leves estruturais produzidos com escória proveniente da Ilha de São Miguel*, Lisboa: Técnico, 2014, p.22

GRACIA, Francisco de, *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, 3ª ed. rev. . Madrid : Nerea, 2001.

LEITE, Antonieta Reis, *Açores, cidade e território. Quatro vilas estruturantes*. Coimbra : [s.n.], 2012. Tese de doutoramento.

LUCAN, Jacques, *Composition, non composition : architecture and theory in the nineteenth and twentieth centuries*, Oxford: Routledge, 2012.

MENDES, Manuel, "Terra quanto a vejas, casa quanto baste", in *Só nós e Santa Tecla,* Porto: Dafne Editora, 2008.

MONEO, Rafael, "La vida de los edifícios. Las ampliaciones de la Mezquita de Córdoba" in *Arquitectura, no256*, Madrid, Septembro- Outubro 1985.

MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporâneos*, Barcelona : Actar, 2004.

MONEO, Rafael, *Remarks on 21 works*, New York : The Monacelli Press, 2010.

MONTEYS, Xavier, *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona : GG, cop. 2001.

MOURA, Gustavo, "Recordar Eduardo Soares de Albergaria quando desaparece a Lacticínios Loreto", in *Correio dos Açores*, 10 Out. 2002.

NYE, Eliza Williams, "Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro "Slyph", em Julho de 1847", in *Insulana XXIX-XXX (1973-1974)*.

REBELO, António Pedro Santana, *Do contraste à analogia : intervenção numa ruína em Mondrões*. Porto : Faup, 2016. Ano lectivo 2015/2016.

RIEGL, Alois, *El culto moderno de los monumentos, su carácter y sus origenes*. Sevilha : Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2007

RYBCZYNSKI, Witold, *La casa : história de una idea*. Madrid : Nerea, [D.L.1989]

SANTA-MARIA, Luis Martinez, *"Intersecciones"*, Madrid: Rueda, 2004.

SIZA, Álvaro, *"Megazine de Arquitectura e Decoração: Álvaro Siza"* (Álvaro Siza entrevistado por Manuel Graça Dias), in Arquivos RTP, Junho de 1993, (acedido em Abril de 2020 em https://arquivos.rtp.pt/conteudos/escola-superior-de-educacao-de-setubal/)

SIZA, Álvaro, *Archinews nº 38*, Outubro/Novembro/Dezembro 2016.

SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa : Edições 70, 2000.

SIZA, Álvaro, "Prefácio" in *01 Textos*, Civilização Editora, Porto, 2009.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de, *Inscripciones*. Barcelona : Gustavo Gili, 2003.

SOLÀ- MORALES, Ignasi de, "Del contraste a la analogía. Transformaciones en la intervención arquitectónica." in *Intervenciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

SOLÀ-MORALES, Ignasi, "Teorías de la intervención arquitectónica" in *Intervenciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

SOUSA, Nestor de, *A Arquitectura de Ponta Delgada dos séculos XVI a XVIII*. Ponta Delgada: Porto Editora, Lda. (16ª ed.), 1992.

TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do corpo e da imaginação : teoria, fragmentos e imagens,* Alfragide : Editorial Caminho, 2013.

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes, *Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica : descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX,* Porto : FAUP, 2004.

VASCONCELOS, José Leite de; PAVÃO JÚNIOR, José de, *Mês de sonho,* 2ªed. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1992.

WALKER, Walter Frederick, *The Azores or Western Islands: a political comercial and geographical account...having special reference to the Eastern Group consisting of st. Michael and st. Mary, The Formigas and Dollabaret Rocks*. London: Trubner & Co., 1886.

WALLACE, Peter, "The Gardens and Orange-grounds of St. Michael's in the Azores: Its Climate and Peculiarities" in *Journal of the Horticultural Society of London*. London, 1852, vol. VII, p. 236-251

Créditos de Imagens

1. Planta em formato digital da área de estudo no estado atual. Integração do levantamento topográfico realizado por André Cymbron do terreno nascente adjacente à Quinta do Tanque. Escala 1:5000.

2. Excerto de uma planta cartográfica existente em anexo no levantamento topográfico realizado por André Cymbron. Escala 1:5000

3. Desenhos da proposta original: planta e alçado sul. Sem autor, sem data, adquiridos através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

4. Levantamento: Planta Coberturas, Piso 1 e Torreão. Escala 1.500. MB0319.

5. Levantamento: Planta Piso 0 e Corte FF'. Escala 1.500. MB0319.

6. Levantamento: Planta Piso -1 e Corte GG'. Escala 1.500. MB0319.

7. Levantamento: Cortes AA', BB', CC', DD' e EE'. Escala 1.500. MB0319

8. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do recinto do tanque à escala 1:500. MB0119

9. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação da área da habitação do século XX à escala 1:500. MB0119

10. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do miolo da propriedade, dependências da habitação do século XX, o pomar, a alameda à escala 1:500. MB0119

11. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação da habitação do século XIX e núcleos dinâmicos à escala 1:500. MB0119

12. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação da habitação do século XIX e recinto fronteiro à fachada sul à escala 1:500. MB0119

13. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do núcleo hípico e casa do caserio. Piso 0 à escala 1:500. MB0119

14. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do núcleo hípico e casa do caserio. Piso -1 à escala 1:500. MB0119

15. Levantamento fotográfico com respetiva localização. Ampliação do pasto tardoz à escala 1:500. MB0119

16. Localização das quintas no território na sequência da análise à bibliografia de Isabel Soares de Albergaria: *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Escala 20000. MB0712

17. Quadro de Jorge Colaço que retrata a movimentação no porto de Ponta Delgada no negócio da exportação da laranja. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000, p.49

18. Vista do mar da cidade de Ponta Delgada. Autor anónimo desenhada em finais de setecentos. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000, p.8

19. Fotografia aérea do Solar de Santa Catarina. GeoPortal de Ponta Delgada disponível em: http://sigweb.mpdelgada.pt/GeoPortal/MapViewerCMPD.aspx [consultado em 16/05/2020]

20. Fotografia exterior do Solar de Santa Catarina. Disponível no website da câ-

mara municipal de Ponta Delgada: https://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2552 [consultado em 16/05/2020]

21. Fotografia aérea da Quinta das Necessidades. GeoPortal de Ponta Delgada disponível em: http://sigweb.mpdelgada.pt/GeoPortal/MapViewerCMPD.aspx [consultado em 16/05/2020]

22. Fotografia exterior da Quinta das Necessidades do ponto de vista do jardim fronteiro à fachada principal e de um ponto de vista mais longíquo, da envolvente. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000, p.30 e 33

23. Fotografia aérea da Quinta das Laranjeiras. GeoPortal de Ponta Delgada disponível em: http://sigweb.mpdelgada.pt/GeoPortal/MapViewerCMPD.aspx [consultado em 16/05/2020]

24. Gravura de 1869. Já a Rua das Laranjeiras teria sido modificada conferindo um alargamento de jardim em frente à habitação. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000, p.73

25. O Tanque, elemento arquitetural de embelezamento de jardins. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000, p.43

26. Gravura publicada num relato de viagens em 1845, constitui o único registo iconográfico da casa de campo que teria sido construído no vale das furnas em finais de setecentos. ALBERGARIA, Isabel Soares de, *Quintas, jardins e parques da ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal, 2000, p. 38

27. Esquema cronológico de representação evolutiva da propriedade ao longo dos anos e transformações. Escala 7500. MB0712

28. Planta da Cidade de Ponta Delgada, levantada e desenhada em 1831 por António Ferreira Garcia de Andrade, existente na Biblioteca Pública do Arquivo de Ponta Delgada.

29. Planta da Cidade de Ponta Delgada, com data e autor desconhecido, existente na Biblioteca Pública do Arquivo de Ponta Delgada.

30. Planta de Levantamento do Recinto do Tanque em 1850 por José de Torres, disponibilizada pelo atual proprietário.

31. Desenhos do Projeto Original para a habitação na Quinta do Tanque, sem autor, sem data, acedido através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

32. Desenho que propõe um projeto paisagista para o espaço fronteiro à fachada norte da habitação que incentiva o percurso e a permeabilidade exterior. Sem data, nem autor, acedido através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

33. Esquema à mão levantada da propriedade e seus terrenos adjacentes com a descrição dos seus proprietários que nos ajudou a compreender os autos prediais e localizá-los no contexto. Sem data, nem autor, acedido através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

34. Desenho de levantamento da propriedade aquando a compra de António José de Vasconcelos em 1887, acedido através do arquivo privado da família Soares de Albergaria.

35. Registos cartográficos que denotam uma evolução e desenvolvimento no desenho da propriedade e sua evolvente. Desenhos existentes no Arquivo da Biblioteca Pública de Ponta Delgada, sem data, nem autor.

36. Fotografia de 1981 aquando a construção da piscina na propriedade. Disponibilizada pelo atual proprietário.

37. Fotografia de 1984 aquando da propriedade servir para dar início à Associação Equestre Micaelense. Disponibilizada pelo atual proprietário.

38. Fotografia de 1986. Parte da propriedade expropriada para dar lugar à Escola Secundária da Laranjeiras. Disponibilizada pelo atual proprietário.

39. Fotografia anterior a 1991. A Rua das Laranjeiras anterior à construção do viaduto que suporta a via rápida. Disponibilizada pelo atual proprietário.

40. Fotografia de 1991-1992. A Rua das Laranjeiras modificada com a constução do viaduto. Parte da propriedade doi expropriada para dar lugar a esta construção. Disponibilizada pelo atual proprietário.

41. Fotografias de 1991-92. A habitação do século XIX, três pontos de vista. Disponibilizada pelo atual proprietário.

42. Fotografia anterior a 1996. Espaço de pasto que vai dar lugar à segunda habitação de estadia permanente. Disponibilizada pelo atual proprietário.

43. Fotografia de 1996. Contrução da segunda habitação de vivência permanente e novas relações exteriores priveligiadas. Disponibilizada pelo atual proprietário.

44. Fotografia de 1996. Construção definitiva do alpendre frontiro à fachada norte da habitação do século XIX. Disponibilizada pelo atual proprietário.

45. Fotografia de 1999. Construção definitiva do picadeiro. Disponibilizada pelo atual proprietário.

46. Capas das obras bibliográficas com leitura integral. Ignasi Solà-Morales: *"Intervenciones*"; Francisco de Gracia: *"Construir en lo construído: la arquitectura como modificación"*; Rafael Moneo: *"Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporâneos"*; Rafael Moneo: *"Remarks on 21 works"*.

47. Quadro de análise relativo ao mercado existente na Ilha de São Miguel quanto a espaços que albergam ocorrências sociais esporádicas. MB0220. Informação baseada e disponível em: https://www.casamentos.pt/espacos-casamentos/sao-miguel [consultado em 22/05/2020]

48. Esquemas de layout de organização do espaço que apresentam a versatilidade de uso de uma mesma sala. Esquemas apresentados vêm expostos na divulgação dos espaços do Centro Cultural de Belém em Lisboa, disponível em: https://www.ccb.pt/Default/pt/AluguerDeEspacos/Espacos/SalaEAuditorios [consultado em 22/05/2020]

49. Tenda de 500m2 montada na área ajardinada da habitação do século XX na

Quinta do Tanque, objeto de estudo. MB0715

50. Análise programática e de circulações e agrupamento de funções em dois projetos de refereferência. A Quinta do Eirado de Álvaro Leite Siza disponível em: http://www.alvaroleitesiza.com/quinta-eirado/ [consultado em 16/05/2020]. O Banqueting Pavilion, Restaurant Les Cols de RCR Arquitectes, disponível em: https://arqa.com/arquitectura/carpa-en-el-restaurante-les-cols-en-olot-girona.html [consultado em 22/05/2020]

51. Início de proposição do progama e estudo de relações. Reunião de informação e aprofundamento do programa: análise realizada da oferta de mercado em S.Miguel, análise realizada às obras arquitetónicas, as condicionantes inerentes ao nosso objeto de estudo e aspetos por nós considerados imperativos integrar o programa enquanto clientes. MB0220

52. Esquemas de organização. Layouts e capacidades: Sala Norte e Sul. Escala 1:500. MB0320

53. Esquemas de organização. Layouts e capacidades: Sala Poente. Escala 1:500. MB0320